



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Matheus Tostes Furtado

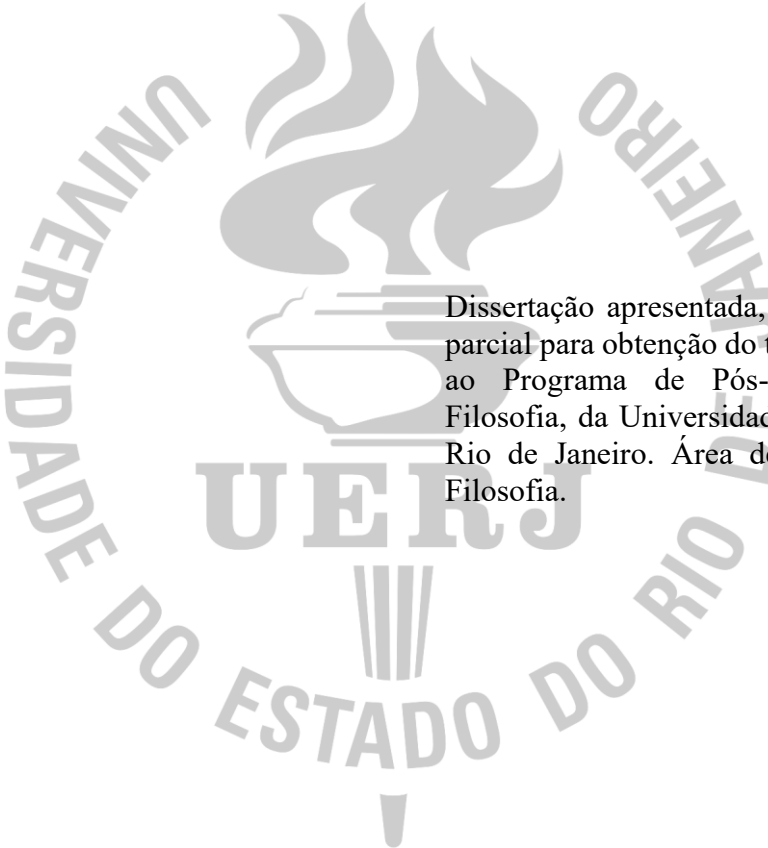
**Da práxis ao conhecimento: um diálogo entre Quine e Wittgenstein
acerca do lugar do conhecimento na linguagem**

Rio de Janeiro

2025

Matheus Tostes Furtado

**Da práxis ao conhecimento: um diálogo entre Quine e Wittgenstein acerca do lugar
do conhecimento na linguagem**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Dra Camila Rodrigues Jourdan

Rio de Janeiro

2025

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

F992 Furtado, Matheus Tostes.
Da práxis ao conhecimento: um diálogo entre Quine e Wittgenstein acerca do
lugar do conhecimento na linguagem / Matheus Tostes Furtado. – 2025.
159 f.

Orientadora: Camila Rodrigues Jourdan.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Institu
to de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Teoria do conhecimento - Teses. 2. Linguagem e línguas - Filosofia - Teses.
3. Quine, W. V. (Willard Van Orman), 1908-2000 - Teses. 4. Wittgenstein,
Ludwig, 1889-1951 - Teses. I. Jourdan, Camila Rodrigues. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 165

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Matheus Tostes Furtado

**Da práxis ao conhecimento: um diálogo entre Quine e Wittgenstein acerca do lugar
do conhecimento na linguagem**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia.

Aprovada em 14 de outubro de 2025.

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Camila Rodrigues Jourdan (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof^o Dr^o Dirk Greimann
Universidade Federal Fluminense

Prof^o Dr^o Diogo Gurgel França
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro
2025

DEDICATÓRIA

A meus pais, Izabel e João, que calçaram o meu caminho até aqui.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar expressando meu profundo agradecimento a todos que contribuíram, seja de maneira pontual ou recorrente, em muitas etapas ou poucas, pois cada auxílio foi essencial para a produção desta dissertação. Sem o apoio de vocês, esta verdadeira jornada não teria sido possível.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Professora Camila Jourdan, pelas imprescindíveis orientações e pelas questões propostas, que sempre estimularam versões melhores deste trabalho. Meus agradecimentos também ao Departamento de Filosofia como um todo, com um reconhecimento especial aos professores Antônio Augusto e Marcos Rosa, cujas aulas e conversas forneceram insights fundamentais para moldar toda a pesquisa.

À banca examinadora, composta pelos professores Dirk Greimann e Diogo Gurgel, agradeço pelas considerações durante a pré-defesa, que foram vitais para o desenvolvimento e aprimoramento do texto. À Cleide Oliveira, meu reconhecimento pela valiosa revisão gramatical e de formatação. Igualmente, agradeço aos amigos de curso pelas significantes contribuições, e à CAPES pelo apoio financeiro, que permitiu uma investigação mais aprofundada, a participação em congressos e, conseqüentemente, um resultado mais rico.

Por fim, mas não menos importante, aos meus pais, Izabel e João, pelo apoio incondicional desde minha decisão de ingressar na graduação até este momento — pelo carinho e incentivo que abriram caminho para tudo, desde os primeiros livros e histórias até esta dissertação. À minha namorada, Manuella Palucci, cuja ajuda foi inestimável tanto no âmbito acadêmico — ao solucionar dúvidas e fornecer exemplos (especialmente quando recorri à biologia como cenário) — quanto em todos os outros aspectos da vida que transcendem estas páginas. Se a linguagem é, fundamentalmente, uma prática, a única que cultivamos nestes anos foi a do amor, e isso é inestimável.

Por tudo, reitero minha gratidão a cada um. Todo mérito que esta dissertação eventualmente tenha é, igualmente, de vocês.

(...) o alcance de um homem deve exceder seu entendimento,
Ou para que serve o Paraíso?

Robert Browning

RESUMO

FURTADO, Matheus Tostes. **Da práxis ao conhecimento:** um diálogo entre Quine e Wittgenstein acerca do lugar do conhecimento na linguagem. 2025. 159 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

A questão epistemológica essencialmente busca não somente da certeza, mas igualmente do desejo de objetividade. O conceito de conhecimento, então, gira em torno de produzir saber que seja o máximo possível, para se utilizar de Descartes, claro e distinto, mas também obedecendo certos critérios que minimizem as chances de erro e que ao serem seguidos tragam o máximo de objetividade possível. As discussões acerca do conceito, porém, tem sido guiadas, em sua maioria, a partir da tripartite, que compõe a definição clássica de conhecimento: Crença, Verdade e Justificação. A tripartite já se apresentava como núcleo de discussão epistemológica, que se intensifica após: *Is justified true belief knowledge?* de Gettier que levaria a revisões e recusas diretas da definição ou uma das suas partes. Esta dissertação não terá por propósito uma análise dos problemas concernentes a tripartite e seus desmembramentos ou em nos cenários epistêmicos associados a tripartite, que se caracterizam, em geral, com aquisições e percepções cognitivas. O objetivo será de buscar uma mudança de perspectiva, entendendo conhecimento como sendo uma prática humana e, portanto, construído e desenvolvido igualmente na prática. Para tanto, busca-se reencontrar as raízes do conceito do início: entendendo de que maneira a prática da linguagem se estabelece e de que maneira se distingue um discurso ordinário de um discurso epistêmico, através da investigação da obra de Quine, que já tem por uma das preocupações centrais “do estímulo a teoria” e da obra de Wittgenstein – mais precisamente no segundo Wittgenstein – e no seu estudo dos jogos de linguagem e da distinção entre saber e certeza.

Palavras-chave: conhecimento; Quine; Wittgenstein; linguagem; epistemologia.

ABSTRACT

FURTADO, Matheus Tostes. **From praxis to knowledge:** a dialogue between Quine and Wittgenstein on the place of knowledge in language. 2025. 159 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

The epistemological question essentially seeks not only certainty, but also the desire for objectivity. The concept of knowledge, then, revolves around producing knowledge that is as clear and distinct as possible, to use Descartes, but also obeys certain criteria that minimize the chances of error and that, when followed, bring the maximum possible objectivity. Discussions about the concept, however, have been guided, for the most part, by the tripartite, which makes up the classic definition of knowledge: Belief, Truth and Justification. The tripartite was already presented as the core of epistemological discussion, which intensified after Gettier's: *Is justified true belief knowledge?* which would lead to revisions and direct rejections of the definition or one of its parts. This dissertation will not aim to analyze the problems concerning the tripartite and its dismemberments or the epistemic scenarios associated with the tripartite, which are generally characterized by cognitive acquisitions and perceptions. The objective will be to seek a change of perspective, understanding knowledge as a human practice and, therefore, constructed and developed equally in practice. To this end, we seek to rediscover the roots of the concept from the beginning: understanding how the practice of language is established and how an ordinary discourse is distinguished from an epistemic discourse, through the investigation of Quine's work, which already has as one of its central concerns "from the stimulus to theory" and of Wittgenstein's work - more precisely the second Wittgenstein - and his study of language games and the distinction between knowledge and certainty.

Keywords: knowledge; Quine; Wittgenstein; language; epistemology.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	NATURALISMO OU VIVER DOS PRÓPRIOS MEIOS: O	
	MODELO DE QUINE.....	19
1.1	Naturalismo e holismo enraizado em uma visão naturalizada de	
	linguagem.....	19
1.2	Aquisição e caracterização da linguagem.....	27
1.3	Do cotidiano à ciência.....	35
1.3.1	<u>As sentenças científicas: teoria de mundo x sistema de mundo.....</u>	35
1.3.2	<u>O discurso epistêmico é sobre o mundo e ontologicamente</u>	
	<u>comprometido.....</u>	39
1.3.3	<u>O critério epistêmico e verificação holística.....</u>	43
1.3.4	<u>Conhecimento e estrutura.....</u>	48
2	LINGUAGEM E PRAXIS: O MODELO DE WITTGENSTEIN	54
2.1	Crítica à unidimensionalidade da linguagem.....	54
2.1.1	<u>Do eixo Socrático ao gramatical.....</u>	54
2.1.2	<u>Caracterização da concepção Socrática-Agostiniana.....</u>	55
2.1.3	<u>De unidimensional para multidimensional.....</u>	59
2.2	O jogo, a regra e o partilhado.....	60
2.2.1	<u>Pluralidade e jogos.....</u>	61
2.2.2	<u>Do completo simples ao hiper complexo.....</u>	64
2.2.3	<u>Jogos e regras.....</u>	71
2.3	Sobre certezas e imagens.....	79
2.3.1	<u>O que pertence ao saber, o que pertence à certeza.....</u>	80
2.3.2	<u>Regras, imagens, dobradiças.....</u>	85
3	ENTRE JOGOS E ESTÍMULOS: COMPLEMENTOS,	
	CONFLITOS E APONTAMENTOS.....	89
3.1	No que se refere à linguagem e a sua prática.....	89
3.2	Normatividade e naturalismo.....	95
3.2.1	<u>Normatividade em contextos, jogos não epistêmicos e epistêmicos...</u>	95
3.2.2	<u>Naturalismo e papel filosófico.....</u>	110

3.3	Da práxis ao conhecimento.....	125
3.3.1	<u>O cotidiano e o científico, o centro e o subúrbio.....</u>	125
3.3.2	<u>O lugar do conhecimento na cidade.....</u>	133
3.3.3	<u>Jogos de linguagem epistêmicos: os jogos dos objetos.....</u>	145
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
	REFERÊNCIAS.....	154

INTRODUÇÃO

A epistemologia, como área geral, tem por discussão o conceito de conhecimento e certas relações que ele estabelece, com, por exemplo, justificação. O que é necessário para dizer que algo é justificado, a relação entre justificação e conhecimento, como conhecemos – de maneira justificada, possivelmente –, como aumentamos o conhecimento sobre o mundo e como aplicamos ele e, é claro: se tudo isso é possível, o antigo questionamento cético. A tripartite composta por crença, verdade e justificação vem da tradicional definição de conhecimento por crença verdadeira justificada e as discussões tendem a girar em tornos desses três conceitos, seja afirmando ou revisando um desses três pontos centrais ou descartando um desses três conceitos como relevante para atribuição de conhecimento de algo. No influente *Is justified true belief knowledge?* de Gettier, há a defesa de que a tripartite é insuficiente para determinar conhecimento, há modelos predicados em retirar a justificação como processo necessário – já considerando Gettier – como *A causal theory of knowing* de Goldman, *Belief, truth and knowledge* de Armstrong e *Philosophical explanations* de Nozick. Há também respostas sobre a impossibilidade de solucionar o problema de Gettier, como *The inescapability of gettier problems* de Zagzebski. As soluções que também buscam contornar por completo a tripartite, como *Knowledge and its limits* de Williamson, *Knowledge and the state of nature* e *Knowledge and its place in nature* de Kornblith. Há algo comum nesses modelos, eles se centralizam em discussões que tem o cenário: “S conhece P” ou “S acredita em P”. Sendo ‘S’ um sujeito e ‘P’ uma proposição que seria uma crença de ‘S’. Esse tipo de formulação, por exemplo, não está diretamente citado em *Knowledge and its place in nature* de Kornblith, mas está implicitamente presente. Há em comum nesses modelos a defesa de que conhecimento pode/é algo mental e individual de um sujeito. Os problemas epistemológicos não seriam exatamente problemas de articulação tanto da aquisição dessas crenças, mas de verificação, justificação delas.

O objetivo dessa dissertação é buscar uma mudança de panorama dessa leitura tradicional da epistemologia. Compreende-se aqui que a maneira que se adquire uma crença individual ou, o modo de verificação de uma crença pessoal, não é fator determinante em uma escala geral na validação, por exemplo, de uma teoria científica. Em um último caso de regresso, é possível a discussão se nós, como espécie, somos capazes de produzir um grande número de crenças confiáveis e a partir disso construir uma teoria descritiva do mundo, que é o caso, por exemplo, do modelo epistêmico do confiabilismo. Contudo, aquilo que

determinamos como conhecimento, antecipando Wittgenstein, gramaticalmente falando, é coletivo, tem – em um primeiro momento – um apelo a ideia de produção, esforço coletivo de uma ou mais comunidades na produção de uma descrição de como o mundo funciona e não se a crença de um indivíduo é verdadeira e justificada. Portanto, a nossa busca aqui é compreender o conceito por onde é construído, isto é, na linguagem e na sua prática e, para tanto, é necessário compreender o fenômeno da linguagem natural para entender como as pretensões epistemológicas surgem e/ou podem surgir.

Para atingir o propósito definido, essa dissertação terá como eixo o pensamento e diálogo de dois autores: Quine e Wittgenstein. Aquele tem um projeto definido pela busca das conexões que levaram e levam a humanidade do estágio dos estímulos para as teorias, que deu título ao seu livro introdutório [*From stimulus to Science*], o que já apresenta uma ligação direta com o objetivo dessa investigação. Quine reconhece a linguagem como arte social, sendo assim definida por ele tanto em *Ontological relativity*, quanto em *Word and object* e, ainda mais importante, faz a defesa de uma linguagem pública, retratada no famoso argumento do mito de museu. Essa defesa também se faz clara em *Speaking of objects*, como:

Nós somos forçados a uma conformidade externa com um padrão externo; e é assim que quando correlaciono suas sentenças com as minhas, pela simples regra da correspondência fonética, descubro que as circunstâncias públicas de suas afirmações e negações concordam muito bem com as minhas [...] O caso do linguista e de seu recém descoberto pagão, finalmente, difere simplesmente porque o linguista tem que tatear em busca de uma correlação geral frase a frase que fará com as circunstâncias públicas das afirmações e negações dos pagãos correspondam toleravelmente com as circunstâncias do próprio linguista¹ (Quine, 1969a, p.5).

Passagens como essa também aparecem em *Naturalism: Or, Living Within One's Means* de maneira mais direta e sistemática com o seu pensamento:

Qualquer uma de uma gama de ingestões razoavelmente perceptualmente similares pode incitar o assentimento do sujeito a qualquer uma de uma gama de sentenças semanticamente aparentadas. Mas em contraste com a privacidade das ingestões neurais e a privacidade de sua similaridade perceptual, as sentenças de observação e sua semântica são uma questão pública, uma vez que a criança tem que aprender isso dos mais velhos. Seu aprendizado então depende de fato tanto da moeda pública das sentenças de observação quanto de uma harmonia

¹ Tradução a partir de: “We have been beaten into an outward conformity to an outward standard; and thus it is that when I correlate your sentences with mine by the simple rule of phonetic correspondence, I find that the public circumstances of your affirmations and denials agree pretty well with those of my own. [...] The case of the linguist and his newly discovered heathen, finally, differs simply in that the linguist has to grope for a general sentence-to-sentence correlation that will make the public circumstances of the heathen's affirmations and denials match up tolerably with the circumstances of the linguist's own.”

preestabelecida das escalas privadas de similaridade perceptual das pessoas² (Quine, 2004d, p.277).

Apesar do posicionamento de Quine em relação ao estatuto da linguagem já envolver considerável proximidade com o que buscamos, por isso sua escolha, isto não quer dizer que não seja necessário ajustes e pontos a se considerar, tanto de objetivo quanto técnico. Por um lado, apesar da extensa discussão acerca da linguagem e sua aquisição, Quine parece ter como principal preocupação o estatuto e compromisso ontológico das teorias e de que maneira essa ontologia já se manifesta na linguagem ordinária e no seu curso aquisitivo. Por outro lado, há o aspecto conceitual, técnico. O conceito central desse projeto (conhecimento) é amplamente citado, mas com nenhum uso em especificado, variando ora como referência geral ao conjunto de crenças humanas e/ou científicas - “Em qualquer evento, e por qualquer bem que possa nos fazer, o método hipotético-dedutivo está entregando conhecimento rapidamente e em grande quantidade. Ele está facilitando a predição”³ (Quine, 2004f, p.292) – ora fazendo um paralelo entre indivíduo e ciência, como em *Word and object*:

O insight motivador, a saber, que podemos conhecer coisas externas somente por meio de impactos em nossas terminações nervosas, é ele próprio baseado em nosso conhecimento geral dos caminhos dos objetos físicos — mesas iluminadas, luz refletida, retinas ativadas. Não é de se admirar que a busca por dados sensoriais deva ser guiada pelo mesmo tipo de conhecimento que a incita⁴ (Quine, 1980, p.2).

Também se utilizando do conceito referido a crenças individuais ou formadas por um indivíduo: “Nós deveríamos estar levando as coisas a termos de disposições para comportamento. Em que disposição comportamental, então, consiste o conhecimento de um homem sobre as condições de verdade da sentença ‘Isto é vermelho?’”⁵ (Quine, 2004g,

² Tradução a partir de: “Any one of a range of perceptually fairly similar intakes may prompt the subject's assent to any one of a range of semantically kindred sentences. But in contrast to the privacy of neural intakes, and the privacy of their perceptual similarity, observation sentences and their semantics are a public matter, since the child has to learn these from her elders. Her learning then depends indeed both on the public currency of the observation sentences and on a preestablished harmony of people's private scales of perceptual similarity.”

³ Tradução a partir de: “In any event, and for whatever good it may do us, the hypothetico-deductive method is delivering knowledge hand over fist. It is facilitating prediction.”

⁴ Tradução a partir de: “The motivating insight, viz. that we can know external things only through impacts at our nerve endings, is itself based on our general knowledge of the ways of physical objects — illuminated desks, reflected light, activated retinas. Small wonder that the quest for sense data should be guided by the same sort of knowledge that prompts it.”

⁵ Tradução a partir de: “We were supposed to be getting things down to terms of dispositions to behaviour. In what behavioural disposition then does a man's knowledge of the truth conditions of the sentence ‘This is red’ consist?”

p.318). Passagens se referindo a conhecimento/crença individual também ocorrem em *Speaking of objects*:

Concedido que um conhecimento das condições estimulatórias apropriadas de uma frase não estabelece como construir a frase em termos de existência de objetos. Ainda assim, ele tende a estabelecer o que deve ser considerado evidência empírica a favor ou contra a verdade da frase.⁶ (Quine, 1969a, p.11).

Nesses casos, o conceito de conhecimento não tem qualquer pretensão a um uso específico e técnico, estando abarcado dentro da ciência.

Embora Quine apresente termos que ele utiliza de maneira técnica - a diferenciar o uso cotidiano da linguagem para o uso com pretensões epistemológicas, como ciência, teoria e teoria de mundo - ainda há considerável ambiguidade e dificuldade de discernir o que propriamente esses conceitos iriam se referir. Ciência, por exemplo, pode ser caracterizada por ele como: “não um substituto para o senso comum, mas uma extensão dele.”⁷ (Quine, 2004b, p.194) essa extensão sendo vista, seja como senso comum autoconsciente (Quine, 1960) ou como sofisticação ontológica (Quine, 2004e), mas não há uma definição, tampouco uma diferenciação entre senso comum e ciência em grandes detalhes, além disso, somente é utilizada como sinônimo de ciências específicas, sobretudo a física.

No que se refere a teoria, a extensão do conceito se torna menos clara, pode-se dizer de três usos distintos de teoria: teoria como teoria científica; teoria como modelo e teoria como visão de mundo. Teoria científica é o caso mais claro: se referindo a hipóteses confirmadas pelo método científico, ou seja, pertencendo ao conjunto de proposições científicas e se afastando do senso comum, podendo ir de descrições até o que é denominado de corpo teórico ou corpo da teoria científica, isto é, conglomerados ou teorias menores sistematicamente conectadas (Quine, 1966a, 1966b, 1980, 2004b, 2004f). Contudo, teoria também se refere a modelo, como havendo teorias de classes distintas e Quine as diferencia em seus artigos especificando sua classe: teoria científica, teoria lógica, matemática e, indiretamente, filosófica (Quine, 1980, 1969a, 2004b). Além de pertencerem a classes distintas, não é certo se diferenciam-se pelo tipo de investigação e objeto investigado ou se têm propriedades epistêmicas distintas, esse ponto terá de ser mais profundamente examinado ao longo da dissertação.

⁶ Tradução a partir de: “Grant that a knowledge of the appropriate stimulatory conditions of a sentence does not settle how to construe the sentence in terms of existence of objects. Still, it does tend to settle what is to count as empirical evidence for or against the truth of the sentence.”

⁷ Tradução a partir de: “not a substitute for common sense, but an extension of it.”

Há também um terceiro uso de teoria, mais afastado da ciência e do uso epistêmico e mais próximo do senso comum, que Quine denomina de Teoria de Mundo⁸. Nesse cenário, o papel é invertido, se a ciência é o senso comum autoconsciente e a diferença da atividade científica é um maior cuidado com o que é utilizado como evidência (Quine, 2004b), esse terceiro tipo será não consciente (ou ao menos, não tão consciente) e não tão cuidadoso. Referente a crenças, descrições da vida cotidiana, que nos são básicas, como discutidas em *The scope and language of science* e *Things and their place in theories*, por exemplo. Esse terceiro uso de teoria também não é amplamente desenvolvido.

Por fim, há teoria de mundo, um conceito técnico, mas que apesar disso é costumeiramente ambíguo e com diversas nomeações, ora como teoria de mundo [*Theory of the world*], ora como *World Theory*, ora *Picture of the world*, *World Picture* e ora *system of the world*. Esses cinco léxicos distintos apontam para um conceito que se desmembra em três. No já explorado conceito ciência, Quine argumenta, seguindo seu holismo de significado, que é uma continuidade do senso comum, portanto isso se estende à teoria de mundo, como a somatória das teorias, tanto as básicas, referentes ao cotidiano da linguagem e seus pressupostos descuidados, como as científicas. Isso é relativamente explorado, ainda que ambíguo, podendo se referir tanto mais à parte epistêmica, quanto natural, cotidiana, como em: “Primitivamente a associação era por condicionamento. Outras associações são forjadas na plenitude do tempo pela retroação da teoria do mundo em desenvolvimento de alguém”⁹ (Quine, 2004a, p.63). Em outros momentos, claramente se referindo à parte natural somente, como em: “A verdade como objetivo continua sendo o uso estabelecido do termo, e eu concordo com ele como apenas uma metáfora vívida para o nosso ajuste contínuo da nossa imagem do mundo à nossa ingestão neural”¹⁰ (Quine, 2004d, p.286) e “O filósofo naturalista inicia seu raciocínio dentro da teoria de mundo herdada como uma preocupação constante”¹¹ (Quine, 2004f, p.306). Ainda há a forma mais epistêmica, sempre em contraste, seja reconstruindo a teoria de mundo usual, ou seja, a expandindo: “Cientistas e filósofos

⁸ O desenvolvimento desse conceito e a solução da ambiguidade citada mais à frente na introdução será realizada em 1.3.1.

⁹ Tradução a partir de: “Primitively the association was by conditioning. Further associations are forged in the fullness of time by retroaction from one's developing theory of the world.”

¹⁰ Tradução a partir de: “Truth as goal remains the established usage of the term, and I acquiesce in it as just a vivid metaphor for our continued adjustment of our world picture to our neural intake”

¹¹ Tradução a partir de: “The naturalistic philosopher begins his reasoning within the inherited world theory as a going concern”

buscam um sistema abrangente do mundo, que seja orientado para fazer referência de forma ainda mais direta e completa do que a linguagem comum”¹² (Quine, 2004c, p.236). O uso distinto dessas formas inclusive ocorre dentro do mesmo artigo, alterando de Sistema de mundo [*System of the world*] para Teoria de mundo [*Theory of the world*]: “Mas toda atribuição de realidade deve vir de dentro da teoria do mundo; caso contrário, é incoerente”¹³ (Quine, 2004c, p.246). Todavia, há uma regularidade em Sistema de mundo como englobando a utilização da teoria epistêmica e a restante, mais próxima de uma visão natural. Discernir essas noções de maneira mais clara será um dos aspectos a ser desenvolvido na dissertação.

Wittgenstein, por sua vez, não demonstra um interesse direto nessa passagem do uso, digamos, primário da linguagem para o seu uso epistêmico, posto que o autor austríaco sequer veria que essa distinção existe. Contudo, seu movimento de “regressar a terra” (LA, 2008, p.21) transforma o eixo investigativo da linguagem de ser um meio de se expor realidades, para um estudo da linguagem como fenômeno, em que não só há uma postura de não se utilizar de conceitos ou proposições mentalistas por falta de critérios de verificação, tal como Quine o faz, mas de que sequer considerar estes como necessários ao entendimento da linguagem ou como realidades ontológicas. Em um nível mais básico em que se estipule algo como uma linguagem própria de um indivíduo:

Uma pessoa pode encorajar a si mesmo, ordenar a si mesma, obedecer, censurar, punir, apresentar uma questão e respondê-la. Assim, poderíamos também imaginar pessoas que falassem apenas por meio de monólogos. Que fizessem suas atividades serem acompanhadas por conversas consigo mesmas. – Um pesquisador que as observasse e espreitasse suas conversas poderia chegar a traduzir sua linguagem para a nossa. (Ele estaria, assim, em condições de prever corretamente as ações desse povo, pois os ouve fazendo planos e tomando decisões) (IF, §243).

Igualmente se aplicaria aos cenários de “realidades” privadas, que traduziriam emoções, sensações que não seriam de livre acesso.

Como palavras se referem a sensações? – Não parece haver nenhum problema aí; pois acaso não falamos diariamente acerca de sensações, e as nomeamos? Mas como é que a conexão entre o nome e o nomeado é produzida? A pergunta é a mesma que esta: Como uma pessoa aprende o significado dos nomes das sensações? Por exemplo, da palavra “dor”. Eis uma possibilidade: Palavras são conectadas à expressão originária, natural, da sensação, e postas em seu lugar. Uma criança se machuca e grita; e então os adultos falam com ela e lhe ensinam

¹² Tradução a partir de: “Scientists and philosophers seek a comprehensive system of the world, and one that is oriented to reference even more squarely and utterly than ordinary language.”

¹³ Tradução a partir de: “But all ascription of reality must come rather from within one's theory of the world; it is incoherent otherwise.”

exclamações e, mais tarde, frases. Eles ensinam à criança um novo comportamento de dor (IF, §244).

Considerar a possibilidade de uma linguagem que traduza sentimentos privados ou considerar a sua impossibilidade é não considerar que a realidade de linguagens é a sua própria estipulação prática e interativa que lhe é característica, a linguagem se caracteriza por sua publicidade. Assim, a expressão de “dor” ou qualquer outro conceito que seria uma “tradução” de algo privado, na realidade é um conceito de uma linguagem pública, que tem o seu uso definido e estabelecido na interação entre os falantes e não na referência a algo privado.

O modelo de Wittgenstein então está diretamente alinhado às intenções já em seu primeiro estágio: como a linguagem se estrutura em seu uso ordinário, de que maneira o significado carrega uma herança do aprendizado? O que será entendido é trazer conceitos já apresentados nas *Investigações filosóficas*, como jogo de linguagem e gramática¹⁴, mas também se utilizar das considerações epistemológicas discutidas em *Da Certeza*, como o conceito que fornece título ao livro, mas também a noção de imagem de mundo.

Os jogos de linguagem enraízam a força motriz da linguagem em sua práxis e traz uma naturalidade descritiva que embarca uma quantidade maior de fenômenos, o que pode constituir uma perda de poder explicativo comparada aos modelos estritamente referencialistas¹⁵, mas ganha em correspondência à verossimilhança das práticas linguísticas, o que é o nosso foco central aqui. Jogos de linguagens são atividades normativas, com o significado de seus “lances” definidos na gramática da linguagem, o que já é apontado por Wittgenstein como uma maneira de solucionar o problema do regresso ao infinito de explicações para o uso de um conceito.

Ademais, há uma “ponte” direta entre o objetivo dessa dissertação e o trabalho de Wittgenstein, especificamente, em *Da certeza*, que ao buscar discutir a defesa do senso comum de Moore, desenvolve uma linha de pensamento, se não propriamente

¹⁴ Há de fato um uso técnico por parte de Wittgenstein dos conceitos apresentados, porém em sua grande maioria não são definidos, até por uma questão filosófica, de que as definições socráticas são insuficientes, no caso por exemplo de Jogo de linguagem, para abarcar tudo aquilo que funciona como práxis do jogo. Contudo, a nomenclatura por conceito me parece ser bem utilizada.

¹⁵ A noção de referencialismo a ser utilizada aqui e no restante da dissertação é alinhada a definição de Fogelin: de que o papel das palavras é presumidamente representar ou se referir a coisas e o papel presumido das sentenças é de ilustrar ou representar como as coisas interagem umas com as outras. Presumido, uma vez que seria difícil, para Fogelin, alguém que adotaria a posição de que todas as sentenças e palavras teriam essa função (1996, p.37).

epistemológica, então pelo menos fecunda para nós. A distinção entre saber e certeza, por exemplo, de maneira imprecisa, nos traz uma concepção de que há crenças básicas que servem de pano de fundo ao jogo de linguagem e formam uma imagem de mundo (outro conceito apresentado no mesmo livro), o que seria do campo da certeza, enquanto ao saber, haveria então a possibilidade de se estabelecer funções vero funcionais e justificações. Wittgenstein também desenvolve, a partir disso, uma distinção entre proposições gramaticais e empíricas, em que essas discursam sobre o mundo e aquelas são as certezas, regras subjacentes. Contudo, ser imutáveis ou *a priori*, já que é possível uma flutuação em que ora algumas proposições empíricas se tornam gramaticais e gramaticais, empíricas. Isso não se limita ao jogo cotidiano, mas também ao uso epistêmico e científico, como Wittgenstein aponta:

Pensemos nas investigações da química. Lavoisier faz experiências com substâncias no seu laboratório e então conclui que isto e aquilo ocorrem quando há combustão. Ele não diz que noutra ocasião talvez possa acontecer algo diferente. Ele agarra-se a uma determinada imagem de mundo que ele, naturalmente, não inventou, mas aprendeu quando criança. Eu digo imagem de mundo e não hipótese, porque ela é base auto-evidente da sua pesquisa e como tal também não é proferida (DC §167).

Aqui também se faz evidente a razão pela escolha desses dois autores, que apresentam pontos em comum. Ambos identificam o uso como primor do significado, ambos defendem, em nomenclatura quineana um holismo de significado, em que “compreender uma frase significa compreender uma linguagem” (Wittgenstein, 2008, p.27); a passagem de Lavoisier apresenta uma visão relativamente mais radical da Tese de Duhem-Quine, apesar do meu entendimento de que não haveria oposições de Quine em relação a isso, ambos apresentam também uma visão crítica ao mentalismo e compartilham, ainda que não evidente, uma crítica ao modelo literalista. O que não impede de que haja divergências consideráveis, a começar por Quine defender o referencialismo, isto é, que a função da linguagem é realizar referências a elementos fora desta, o que, apesar de moderado, ainda é antagônico à oposição de Wittgenstein¹⁶; ambos têm uma visão extremamente distinta de gramática, já que Quine defende que a gramática define o que existe e isso é uma tarefa da ciência (2004b), enquanto que para Wittgenstein a gramática estabelece uma normatividade,

¹⁶ Esse ponto é mais complicado do que parece, Quine tenta desenvolver um modo de salvaguardar a referência pela sua importância à ciência e com isso também desenvolve uma tese realista forte, mas também tem em seu referencialismo uma forte carga de convencionalismo, talvez não em sentido estrito, mas certamente presente. Enquanto Wittgenstein diria que a referência não é fundamental à linguagem, mas também não diria que ela simplesmente não existe. É possível imaginar algum tipo de compatibilidade, porém ela não é nítida e inicialmente não tem.

que guia a atividade linguística, ainda que inerente à própria atividade. Há outros exemplos, o que deve se manter em foco, porém, é que a conciliação completa dificilmente seria possível e também não se faz intendida.

A conjunção parcial desses modelos deve ser entendida como complementação, avaliando em que medida isso é possível. Quine apresenta uma estrutura, em que se busca o entendimento entre o uso cotidiano e o interesse epistêmico, no desenvolvimento de teorias e uso científico. Há a adoção de uma postura naturalista em relação à filosofia e à epistemologia, que será igualmente adotada aqui¹⁷. Já Wittgenstein traz uma compreensão mais detalhada da utilização e estruturação da linguagem prática, sem a preocupação com a fundamentação, revisão e/ou justificação.

Para tanto, essa dissertação será dividida em três capítulos: o primeiro e segundo para a tarefa exegética e crítica dos trabalhos, respectivamente, de Quine e Wittgenstein. O terceiro será para interligar os pontos e construir as conclusões.

¹⁷ O que propriamente seria uma posição naturalista no que se refere a epistemologia é amplamente discutido e pouco claro, já que as posições variam. Goldman em *Naturalistic epistemology and reliabilism* categoriza as posições acerca disso. Epistemologia naturalizada se tornou uma expressão no artigo de Quine de mesmo nome, apesar de, curiosamente, a posição de Quine em tal artigo ser mais radical do que aparece na maior de seu trabalho (isso será desenvolvido no capítulo sobre Quine) e não é adotada por mim nessa dissertação. A posição aqui será de um naturalismo leve ou, nos termos de Goldman, metodológico, em que não há filosofia primeira e que, portanto, deve haver uma relação de cooperação entre filosofia e ciência, o que não necessariamente envolve a adoção de um “método” científico por parte da filosofia.

1 NATURALISMO OU VIVER DOS PRÓPRIOS MEIOS: O MODELO DE QUINE

1.1 Naturalismo e holismo enraizado em uma visão naturalizada de linguagem

A produção quineana é vasta, se estendendo da década de 30 até a década de 90, em sua grande maioria publicação de artigos, mas também de obras. Essa vastidão de pesquisa é concentrada em conhecimento humano e ontologia, com nenhuma ou quase nenhuma exceção (Hylton, 2007, p.7), que também se caracteriza pela sua sistematicidade, o que nos permite falar de uma continuidade de pensamento que se entrelaça com os diferentes pontos da sua filosofia - holismo semântico, holismo verificacional, crítica à distinção analítico/sintético, sua concepção de linguagem natural etc. - mas também retira, ou torna menos claro, uma linearidade do pensamento. Linearidade essa que também não parece ser uma preocupação para o autor, apesar da crítica à circularidade de seu sistema, pois dada a posição naturalista de Quine, a crítica de circularidade seria em si também uma circularidade¹⁸. Portanto, uma análise do seu modelo filosófico envolve uma certa arbitrariedade na sua forma de apresentação.

A estratégia que utilizaremos na dissertação é a de apresentar o seu naturalismo, que perpassa toda a sua filosofia determinando o modo de abordar as questões, para então migrarmos para a crítica da distinção entre analítico/sintético¹⁹, e então analisarmos as consequências para um modelo de linguagem e por fim as discussões centradas no cenário epistêmico. Curiosamente, a estratégia aqui é quase inversa à apresentação de Quine em *Five milestones to empiricism*, que se inicia com mudanças do panorama da linguagem e conclui no naturalismo. Contudo, as considerações acerca da linguagem de Quine já são profundamente influenciadas pela abordagem naturalista e não por uma lógica causal, o que reforça esse caráter sistemático de que falávamos antes.

O que constituiria uma posição naturalista em si é algo debatido²⁰, seja em relação ao momento em que deu início ou às teses centrais e sua relação com a epistemologia

¹⁸ Ao discutirmos a noção de naturalismo que Quine defende isso se tornará mais claro, mas como toda discussão teórica advém de uma teoria de mundo estabelecida, i.e, de uma concepção de fatos e critérios estabelecidos, não haveria uma posição filosófica que pudesse, digamos, justificar o conhecimento científico sem apelar para o mesmo, então usar o conhecimento científico não seria circularidade, pois não é possível fazer o contrário.

¹⁹ Esse dois pontos são os pontos a se tratar nessa seção.

²⁰ Ver Crumley, 2009; Fumerton 2014; Kitcher 1992; Rysiew, 2017 e Goldman, 1994.

tradicional e as ciências. Já no caso de Quine, há, por exemplo, a leitura de Haack em *The Two faces of Quine's naturalism*, onde defende que haveria duas posições naturalistas coexistentes dentro da filosofia quineana, uma que ela chama de naturalismo modesto, de caráter reformista em relação à postura filosófica clássica, caracterizada por um afastamento da filosofia como produtora de conhecimento de um local distinto; essa também estaria embarcada na teoria de mundo²¹ com as demais ciências e demais produtores de conhecimento, vide:

O naturalismo traz uma ténuidade salutar de tais fronteiras. A filosofia naturalista é contínua com as ciências naturais. Compromete-se a esclarecer, organizar e simplificar os conceitos mais amplos e básicos, e a analisar métodos e evidências científicas no âmbito da própria ciência. A fronteira entre a filosofia naturalista e o resto da ciência é apenas uma vaga questão de grau.²² (Quine, 2004d, p.281).

Em outras passagens apresenta um naturalismo que busca uma modificação profunda no projeto epistemológico e filosófico como um todo, com as questões epistemológicas sendo absorvidas pela ciência, mais especificamente pela psicologia, e a ontologia sendo absorvida pela física, o que Haack chama de Naturalismo científico:

O Naturalismo não repudia a epistemologia, mas a assimila à psicologia empírica. A própria ciência diz-nos que a nossa informação sobre o mundo está limitada às irritações das nossas superfícies, e então a questão epistemológica é, por sua vez, uma questão de dentro da ciência: a questão de como nós, animais humanos, conseguimos chegar à ciência a partir de informações tão limitadas. O nosso epistemólogo científico prossegue esta investigação e apresenta uma explicação que tem muito a ver com a aprendizagem da linguagem e com a neurologia da percepção. Ele fala de como os homens postulam corpos e partículas hipotéticas, mas não pretende sugerir que as coisas assim postuladas não existam. A evolução e a seleção natural irão sem dúvida figurar nesta explicação, e ele se sentirá livre para aplicar a física se encontrar uma solução.²³ (Quine, 2004f, pp.305-306).

²¹ Esse conceito será mais amplamente discutido em 1.3.1. Aqui é utilizado como o conjunto de crenças, seja de um indivíduo, seja da linguagem que ele pertence ou a ambos.

²² Tradução a partir de: "Naturalism brings a salutary blurring of such boundaries. Naturalistic philosophy is continuous with natural science. It undertakes to clarify, organize, and simplify the broadest and most basic concepts, and to analyze scientific method and evidence within the framework of science itself. The boundary between naturalistic philosophy and the rest of science is just a vague matter of degree."

²³ Tradução a partir de: "Naturalism does not repudiate epistemology, but assimilates it to empirical psychology. Science itself tells us that our information about the world is limited to irritations of our surfaces, and then the epistemological question is in turn a question within science: the question how we human animals can have managed to arrive at science from such limited information. Our scientific epistemologist pursues this inquiry and comes out with an account that has a good deal to do with the learning of language and with the neurology of perception. He talks of how men posit bodies and hypothetical particles, but he does not mean to suggest that the things thus posited do not exist. Evolution and natural selection will doubtless figure in this account, and he will feel free to apply physics if he sees a way."

O nosso objetivo não é demarcar assim o naturalismo, mas caracterizá-lo²⁴. Sua tese naturalista, por exemplo, aparece como uma solução prescritiva, como um modo de abordagem que se demonstra mais eficiente que as demais²⁵, em que o naturalismo se apresenta como solução ao complexo realismo proposto por ele, mas também, aparece como consequência necessária ao abandono de certas teses tradicionais da filosofia, mais especificamente, da epistemologia. Nesse sentido, a distinção de Haack nos dá dois panoramas, um de uma abordagem filosófica semelhante a filosofia moderna, de reforma de um projeto filosófico para a manutenção de certas discussões; outro de profunda mudança, em que certas proposições e questões filosóficas são assimiladas pelo campo científico. Contudo, para caracterizarmos melhor a posição filosófica, consideremos a seguinte passagem:

A tarefa do filósofo difere das dos outros, pois, em pormenor, mas não de um modo tão drástico como supõe quem atribui ao filósofo um ponto de vista privilegiado, fora do esquema conceitual de que se ocupa. Não há exílio cósmico. O filósofo não pode estudar nem rever o esquema conceitual fundamental da ciência e do senso comum sem ter algum esquema conceitual, seja o mesmo ou outro, que não carecerá menos de escrutínio filosófico, no qual possa trabalhar. Pode escrutinar e melhorar o sistema a partir do seu interior, apelando a coerência e estabilidade, mas este é o método do teórico em geral (Quine, 2010, pp.342-343).

Filosofia, física ou qualquer outra ciência está inserida e realiza suas teorias na linguagem, e não existe linguagem em isolamento. Essa linguagem, como veremos, é a mesma e não se diferencia em natureza, portanto, toda teoria é parte de uma linguagem que é “uma arte social” (1960, p. IX), uma prática coletiva, o que implica na posição coerentista do barco de Neurath, em que o nosso campo teórico e avaliativo deve ser construído e revisado dentro da própria prática que o afirma, sem a possibilidade de uma linguagem externa, um campo teórico externo, geralmente associado à filosofia (2004f, p.306).

Aplicando isso ao entendimento da linguagem, em *Dois dogmas do empirismo* (DDE), há uma crítica à distinção analítico/sintético, através de uma abordagem

²⁴ Inclusive, essa distinção entre essas posições naturalistas será dissolvida no terceiro capítulo quando discutirmos o papel filosófico e seus limites. Antecipando, se adotarmos as considerações do que Haack denominou por naturalismo modesto, em conjunto com as suas considerações acerca da analiticidade, por exemplo, não haveria espaço para uma filosofia que produz teoria em isolamento, por consequência, digamos, estudos sobre cognição, fazem mais sentido estarem sendo desenvolvidos por um campo científico com mais equipamento, métodos mais claros e com resultados palpáveis.

²⁵ Ver 1969c; 2004c; 2004d e 2004e.

naturalista²⁶, que leva a uma defesa de uma visão holística em relação a semântica²⁷. O artigo segue com o conceito de significado sendo reduzido a uma relação de equivalência ou sinonímia; sinonímias, por sua vez, expressam uma relação de tradução entre termos conhecidos e definições à tradução de um termo para outros mais simples ou mais conhecidos. Em um cenário como esse a distinção entre analítico e sintético não seria mais sustentável, uma vez entendido significado como sendo dado pelo uso, não haveria sentenças analíticas. Sendo assim, o fim de um dos dois dogmas referenciados no título. Sem a distinção de analítico/sintético, ou melhor, da analiticidade, a semântica passaria a ser definida holisticamente. Da mesma maneira, o segundo dogma (o reducionismo) - em que, seguindo o pensamento empirista moderno, conceitos e sentenças podem ser reduzidas a seus dados empíricos - também perderia sua sustentabilidade, já que são dependentes da analiticidade e, mais do que isso, de uma visão literalista do significado e em última instância, referencialista.

Como foi dito, em DDE, a defesa de um holismo semântico vem através da crítica da distinção entre sentenças analíticas e sintéticas, mais especificamente, na afirmação de que sentenças analíticas seriam equitativamente sintéticas, isto é, baseadas na experiência. A analiticidade seria uma categoria ou conceito provido pela obscuridade de outro conceito, significado, a qual não foi dada a devida atenção.

Significado como conceito seria obscuro, indiscernível. Não pode ser confundido com nomeação ou com a extensão de um conceito. Nomear, como defende a tradição analítica, vide Frege, apresenta um sentido ou modo de apresentação, seguindo o exemplo de *Sobre sentido e referência*, a “Estrela da manhã” e “Estrela da tarde” são modos de apresentação, nomeiam, um mesmo objeto: Vênus (que é em si mais uma nomeação), mas não tem o mesmo significado (1978, p.62). Tampouco, pode ser confundido com a extensão do conceito e por extensão se diz, “Enquanto um termo singular pretende nomear uma entidade, abstrata ou concreta, um termo geral, não; mas um termo geral é verdadeiro a

²⁶ Não é algo expressamente dito por Quine, mas parece ser o caso. A crítica ao conceito de ‘significado’ entra para um grupo de conceitos, entre eles ‘conhecimento’, que apesar de ter um uso na linguagem, eles não são bem definíveis (não são bem definidos e traçar uma definição é ainda mais obscuro) e portanto o seu uso epistêmico é questionável, essa crítica em si não necessariamente é naturalista, mas as críticas sobre analiticidade serem estar sempre sobre o enquadramento de que não há linguagem isolada da prática, é definitivamente dentro da abordagem de ‘conhecimento pelos próprios meios’ do naturalismo quineano.

²⁷ O segundo dogma é o reducionismo, posição filosófica de que toda proposição deve ser redutível a verificação empírica para poder ter valor epistêmico e/ou de verdade. Isso será explorado mais adiante, em 1.3.3

respeito de uma entidade, ou de cada uma de muitas, ou de nenhuma. A classe de todas as entidades de que um termo geral é verdadeiro é chamada de extensão do termo.” (Quine, 2011, p.39). Então “Animais com fígado” e “Animais com coração” podem ter a mesma extensão, mas não o mesmo significado. Com essas possibilidades excluídas, uma teoria do significado seria reduzida ao estudo de sinonímias ou expressão sinônimas ou da analiticidade. Algo como a compreensão do significado como entidade poderia ser simplesmente abandonado (2011, p.40).

No que se refere ao segundo caso, da analiticidade, esta pode se apresentar como: decorrência lógica; analiticidade por definição e por intersubstitubilidade. No que se refere à decorrência lógica, há casos como: “Nenhum candidato inelegível é elegível”, sentenças como essa, apesar de Quine defender como um tipo de sentença analítica, não obedecem à definição de “significado contido no conceito”, mas negar a veracidade de uma sentença como essa é uma contradição, já que a sua veracidade é de ordem lógica, já que o prefixo “in” exprime negação.

Outro tipo analítico seria, por definição, o facilmente reconhecido exemplo do: “Solteiro é homem não-casado”, no que Quine defende que seria uma espécie de substituição sinonímica de uma forma lógica, para então gerar o efeito de predicado contido no sujeito, se “Solteiro” é sinônimo de “não-casado” então sua definição seria analítica. Contudo, aqui se ingressa em outro momento socrático de “O que é x?” mas, mais importante, a pergunta regressa ao porquê essa equivalência, como se chega ao resultado “Solteiro = não-casado”? De que maneira adquirimos ou nos é dada as definições? Seja pelo dicionário, produzido por um lexicógrafo ou um processo mais técnico, seja pelo Filósofo, por um cientista ou outra forma acadêmica, o que há é um processo de tradução sinonímica, em que um termo (ou mais, no nosso exemplo é um só) é equiparado a outros, uma espécie de tradução de um termo por outros que já lhe são mais conhecidos.

As pessoas persistem em falar assim de conhecer o significado, e de dar o significado, e de uniformidade de significado, onde poderiam omitir a menção do significado e meramente falar de compreender uma expressão ou falar da equivalência de expressões e da paráfrase de expressões. Elas fazem isso porque a noção de significado é sentida de alguma forma para explicar a compreensão e a equivalência das expressões.²⁸ (Quine, 2004g, p.316).

²⁸ Tradução a partir de: “People persist in talking thus of knowing the meaning, and of giving the meaning, and of sameness of meaning, where they could omit mention of meaning and merely talk of understanding an expression or talk of the equivalence of expressions and the paraphrasing of expressions. They do so because the notion of meaning is felt somehow to explain the understanding and equivalence of expressions.”

Intersubstitubidade consiste em sinonímias que, a despeito de qualquer contexto, podem ser comutáveis, sem alteração de seu valor de verdade, porém não é suficiente para salvaguardar a analiticidade. Em um cenário como esse, haveria um ponto cego que seriam as polissemias, o léxico é o mesmo, mas adquire seu significado contextualmente. Quine segue com o exemplo de *Bachelor*, que significa, em inglês, tanto solteiro quanto bacharel, então não seria possível a substituição de *Bachelor* por ‘não casado’ em qualquer e todo cenário. Algo como ‘tênis’ e ‘manga’ em português, que podem ser tanto o calçado quanto o esporte e tanto a fruta quanto a parte de uma camisa, respectivamente. Essa questão, não referente à polissemia, mas a referências a múltiplos termos, já foi apontado por Frege:

A conexão regular entre o sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que a uma referência (a um objeto) não deve pertencer a um único sinal. [...] as linguagens naturais não satisfazem a esta exigência e deve-se ficar satisfeito se a mesma palavra tiver sempre o mesmo sentido num mesmo contexto. [...] Portanto, entender-se um sentido nunca assegura sua referência. (Frege, 1978, p.63).

Então, apesar de ser intersubstituível “Vênus é a estrela da manhã” por “Vênus é a estrela da tarde”, contextualmente elas não o são: tem o mesmo valor de verdade, mas significados diferentes. É caracteristicamente sintético, então, mesmo sentenças como “Solteiro é homem não casado”; a diferença é ainda essencialmente aprendida, fora que contextualmente dependente, em inglês, por exemplo, *Bachelor* pode ser tanto solteiro como bacharel.

A crítica de Quine é melhor entendida como uma crítica ao modelo literalista, em que as palavras e conceitos detêm um significado primário, e todo sentido novo significado para além deste, sendo accidental, contingente. De maneira concisa, há um significado que independe de qualquer tipo de contexto e todo o demais é derivado, a analiticidade²⁹ depende desse modelo, pois necessita de definições que não sejam contextualmente dependentes, seja pela empiria, seja pelo aprendizado e apreensão de conceitos. O literalismo precede o dogma da analiticidade, todo significado é dependente do uso e do contexto, não só do uso, mas da maneira que tal expressão foi adquirida e na linguagem que ela pertence.

O que não ocasiona que não haja certos graus de certeza, em que certas sentenças detenham menos revisibilidade do que outras, sobretudo aquelas que seguem certas formas lógicas (2004a, p.59). O que não há, algo que a analiticidade essencialmente necessita, é que

²⁹ Aqui se referindo a concepção clássica de analiticidade a priori. No terceiro capítulo comparativo, haverá a discussão de uma leitura de um analítico a posteriori, baseado na interpretação das certezas em Wittgenstein.

essas sentenças tenham o seu valor de verdade dado inteiramente pela sua própria composição e que a certeza que elas exprimem não reflitam uma composição constituída e construída na linguagem. “Solteiro é homem não casado” exprime uma certeza na sua utilidade e de maneira improvável sofrerá algum tipo de revisão, contudo não decorre que o seu significado tenha sido dado a despeito de contexto. Em suma, a analiticidade tem uma utilização no seu uso prático, mas enquanto aplicação epistemológica é insignificante (2004a, p.61).

Há um aspecto prático de uma analiticidade no que se refere à revisão de regras, partes lógicas e sentenças em geral e outras, em que é racional assumi-las como verdadeiras, mais do que isso, é irracional duvidá-las³⁰. O que não implica que sua veracidade ser dada de maneira *a priori*, só que a sua utilização é irrevogável. (Putnam, 1996, pp.90-91).

Dessa maneira, quando um lexicografo publica um dicionário ou um acadêmico publica um livro didático definindo algum conceito prático isso não constitui um erro. O ponto crítico aqui é sobre definições serem dadas e não igualmente aprendidas através de uma interação com outros indivíduos e contextos. A linguagem é social e como a analiticidade é linguisticamente estabelecida, também é. Se todos concordarem que o valor de verdade de uma sentença, então poderia afirmá-la como analítica, contudo, isso não teria o mesmo valor epistêmico atribuído à analiticidade aqui, estaria se referindo a uma uniformidade social (1990, p.79). Não há falta de significado ou de que tenha uma aplicação prática, como Grice e Strawson parecem sugerir:

Podemos apelar, isto é, ao fato de aqueles que usam os termos “analítico” e “sintético” concordarem em grande medida nas aplicações que deles fazem. Eles aplicam o termo “analítico” a mais ou menos os mesmos casos, os omitem a mais ou menos os mesmos casos e hesitam em mais ou menos os mesmos casos. Este acordo se estende não apenas aos casos que foram ensinados a caracterizar, mas também aos novos casos. Em suma, “analítico” e “sintético” têm um uso filosófico mais ou menos estabelecido; e isto parece sugerir que é absurdo, até mesmo sem sentido, dizer que não existe tal distinção. Pois, em geral, se um par de expressões contrastantes é habitual e geralmente usado na aplicação aos mesmos casos, quando esses casos não formam uma lista fechada, esta é uma condição suficiente para dizer que existem tipos de casos para os quais as expressões aplicar; e nada mais é necessário para que eles marquem uma distinção.³¹ (Grice; Strawson, 1991c, p.198)

³⁰ A utilização do termo dúvida e o questionamento da racionalidade de seu questionamento não uma noção utilizada por Quine, mas por Putnam na sua análise de Dois Dogmas, o que já pontua um ponto em comum a ser desenvolvido entre essa leitura e Wittgenstein, que traz esse tipo de consideração.

³¹ Tradução a partir de: “We can appeal, that is, to the fact that those who use the terms “analytic” and “synthetic” do to a very considerable extent agree in the applications they make of them. They apply the term “analytic” to more or less the same cases, withhold it from more or less the same cases, and hesitate over more or less the same cases. This agreement extends not only to cases which they have been *taught* so to characterize, but to new cases. In short, “analytic” and “synthetic” have a more or less established

O apontamento de Grice e Strawson aqui se estende também à possibilidade de derivar novas distinções a partir de casos novos, a distinção seria necessária, caso contrário isso não seria possível, porém aqui se parte do pressuposto que o aprendizado seria meramente derivar de uma tabela pré-definida e jamais capaz de aplicar a casos similares; seria imaginar uma linguagem em que o falante só seria capaz de repetir as sentenças que aprendeu e que para derivar novas sentenças elas já deveriam estar pré-concebidas. Outra crítica dos autores é que, ao adotar significado como tradução, seria impossível compreender o significado de certas proposições na linguagem ou seriam impraticáveis em termos quineanos, pois a clareza desses conceitos seria dependente de um processo de definição formal prévio.

Pareceria claramente irracional insistir, em geral, que a disponibilidade de uma explicação satisfatória no sentido esboçado acima é uma condição necessária para que uma expressão faça sentido. Talvez seja duvidoso que tais explicações possam algum dia ser dadas. (A esperança de que possam ser é, ou era, a esperança da análise redutiva em geral.) Mesmo que tais explicações possam ser dadas em alguns casos, seria geralmente aceita que há outros casos em que não podem. Poderíamos pensar, por exemplo, no grupo de expressões que inclui “moralmente errado”, “culpável”, “quebra de regras morais”, etc.; ou do grupo que inclui os conectivos proposicionais e as palavras “verdadeiro” e “falso”, “afirmação”, “fato”, “negação”, “afirmação”. Poucas pessoas quereriam dizer que as expressões pertencentes a qualquer um destes grupos não têm sentido, pelo fato de não terem sido formalmente definidas (ou mesmo pelo fato de ser impossível defini-las formalmente), exceto em termos de membros do mesmo grupo.³² (Grice; Strawson, 1991c, p.203)

Sem adotar uma posição literalista, as palavras podem manter um significado mais próximo de uma adaptação contextual, mais próxima do uso, ou melhor, um holismo semântico, em que o significado seja dado sistematicamente na linguagem, compreendendo que entender uma sentença ou um termo é estar inserido naquela linguagem como um todo

philosophical *use*; and this seems to suggest that it is absurd, even senseless, to say that there is no such distinction. For, in general, if a pair of contrasting expressions are habitually and generally used in application to the same cases, *where these cases do not form a closed list*, this is a sufficient condition for saying that there are *kinds* of cases to which the expressions apply; and nothing more is needed for them to mark a distinction.”

³² Tradução a partir de: “It would seem fairly clearly unreasonable to insist *in general* that the availability of a satisfactory explanation in the sense sketched above is a necessary condition of an expression’s making sense. It is perhaps dubious whether *any* such explanations can *ever* be given. (The hope that they can be is, or was, the hope of reductive analysis in general.) Even if such explanations can be given in some cases, it would be pretty generally agreed that there are other cases in which they cannot. One might think, for example, of the group of expressions which includes “morally wrong,” “blameworthy,” “breach of moral rules,” etc.; or of the group which includes the propositional connectives and the words “true” and “false,” “statement,” “fact,” “denial,” “assertion.” Few people would want to say that the expressions belonging to either of these groups were senseless on the ground that they have not been formally defined (or even on the ground that it was impossible formally to define them) except in terms of members of the same group.”

e lhe ser fluente. Assim o grupo de expressões citadas por Grice e Strawson permanecem como compreendidas, desde que o seu uso seja aquele dentro das condições previstas naquela linguagem; apesar de não formalizada podem ser sim materiais para definição e/ou tradução de outras, mesmo elas mesmas não estando definidas, e manter seu caráter significativo.

Portanto, o processo pela qual a linguagem é adquirida passa a ser essencial na compreensão da estrutura não só da linguagem e do significado, mas no estabelecimento da maneira como as próprias teorias se estruturam, já que se perde a analiticidade e o literalismo.

1.2 Aquisição e caracterização da linguagem

O aspecto naturalista da filosofia de Quine não só busca um vínculo entre a filosofia e as demais ciências, mas também lhe impõe suas limitações, então a abordagem de aprendizado se distancia de uma análise mentalista, entendendo que “[...] Conhecimento, mente e significado fazem parte do mesmo mundo com o qual têm a ver e devem ser estudados no mesmo espírito empírico que anima as ciências naturais.”³³ (Quine, 1969b, p.26). O que significa que mais do que compreender que a linguagem deve ser estudada através de seus aspectos empíricos, significa também que ela é essencialmente pública, uma atividade social, no caso de seu modelo, atividade essa enraizada no comportamento linguístico. Significado não deve ser confundido com representações mentais, não só no que refere a conceitos que representariam aspectos mentais, mas também aos se referem a objetos concretos.

Há um ponto muito importante a se salientar na análise de linguagem de Quine. Wittgenstein especifica que quando investiga o cenário do aprendiz, a sua intenção não é de determinar origem ou criar um cenário verossimilhante para a ciência (Z, §412), mas sim porque o processo de ensino nos revela algo sobre o significado. Quine segue uma linha relativamente próxima, apesar de ter uma pretensão de montar um modelo de aquisição de linguagem, essa aquisição parece ser fortemente relacionada ao cenário epistêmico da

³³ Tradução a partir de: “[...] Knowledge, mind and meaning are part of the same world that they have to do with, and that they are to be studied in the same empirical spirit that animates natural science.”

linguagem, ou melhor, a sua parte que é raiz daquilo que chamaremos de discurso epistêmico.

Quando cito previsões como os pontos de verificação da ciência [...] vejo isso como definidor de um jogo de linguagem específico, na frase de Wittgenstein: o jogo de linguagem da ciência, em contraste com outros bons jogos de linguagem, como ficção e poesia. A reivindicação de uma frase ao status científico baseia-se no que ela contribui para uma teoria cujos pontos de verificação estão na previsão.³⁴ (Quine, 1996, p.20)

O ponto que queremos tirar dessa citação de Quine é o de que o seu interesse no aprendizado é restrito ao “jogo da linguagem da ciência” em contraposição a todos os outros, então esse seria o enquadramento de Quine para a sua leitura do processo de aquisição de linguagem. O que tem duas consequências diretas, sobretudo quando consideramos a nossa comparação com Wittgenstein futuramente: a primeira é de Quine baseia a base da linguagem como uma interação de estímulos com comportamento linguístico, ajustado de maneira behaviorista, inspirado pelos modelos de Dewey e Skinner. Apesar de não ser explicitamente dito por Quine, essa abordagem em relação a linguagem é para defender a postura naturalista, utilizando o método científico disponível para as investigações³⁵. O segundo ponto, e mais importante, Quine nesse paralelo estaria reduzindo toda a linguagem a uma só raiz funcional, que é estabelecer essa relação causal entre estímulo e comportamento e, mais do que isso, os demais ‘jogos de linguagem’ não exerceriam nenhuma diferença de função ou comportamento, do que uso atrelado a reagir de certa maneira a certos estímulos³⁶.

Quine se utiliza do conceito de ciência de maneira abrangente³⁷ e apesar da sua predileção pela física nas discussões como exemplo de uso da ciência pela filosofia (2004f, pp.305-306; 2004b, p.194), é também incluída psicologia, economia, sociologia e história (1995, p.49), contudo a aplicação dessas demais ciências é diminuta na concepção da linguagem ou transformação dessa mesma.

³⁴ Tradução a partir de: when I cite predictions as the checkpoints of science [...] I see it as defining a particular language game, in Wittgenstein's phrase: the language game of science, in contrast to other good language games such as fiction and poetry. A sentence's claim to scientific status rests on what it contributes to a theory whose checkpoints are in prediction.

³⁵ Tem outra razão, trabalhar com estímulos e comportamento linguístico, iria retirar a relação referencial da base da linguagem. Veremos isso adiante.

³⁶ Esse aspecto será mais discutido no terceiro capítulo.

³⁷ Veremos isso mais adiante, mas é sobretudo pela relação entre ciência e senso comum, que na visão quineana é uma diferença de grau, objetivo e não de linguagem ou tipo [*kind*].

Algo notável na discussão acerca da analiticidade que retorna aqui é o critério de utilização de termos, o abandono do termo ‘significado’ ou que termos que se refiram ao que chamamos de mental como ‘entendimento’ não tenham nenhum tipo de aplicabilidade semântica, mas sim de que são termos vagos que não detêm publicidade para a revisão desses termos, portanto não tem aplicação técnica aqui. Ainda que haja na linguagem conceitos que falem de processos e estados mentais e o seu uso e sua utilidade se encontrem na única via possível de ser feita: palavras. A linguagem se inicia e se encerra na publicidade do comportamento, “a semântica acrítica é o mito de um museu em que as exposições são significados e as palavras são rótulos. Mudar de idioma é mudar os rótulos.”³⁸ (Quine, 1969b, p.27).

A utilização de uma linguagem significa compreender essa linguagem, compreender uma palavra ou uma sentença significa saber o seu uso em todos os contextos admissíveis (2004g, p.317). A arte social da linguagem como parte introdutiva a esses usos e contextos é através das sentenças observacionais, que expressam a forma mais simples da linguagem. Se trata de forma mais simples, pois Quine defende que o conhecimento do mundo vem através de estímulos em contato com nossas capacidades receptivas, como retinas, nervos, pulsos elétricos de neurônios (2004b, p.193). As sentenças observacionais expressam uma sentença completa, como “Mãe”, “Rex” ou “chuva” e o seu valor de verdade pode ser determinado somente pela relação do estímulo da ocasião.

O estabelecimento dessas sentenças ocasionais é por uma relação causal que se estabelece por uma relação de assentimento e correção behaviorista, isto é, se é um comportamento adequado para o determinado evento naquele presente momento e somente naquele momento. Não há continuidade temporal a se adequar aqui.

Esse método ostensivo primeiro se propõe a tarefas simples, sentenças ocasionais, sentenças que não garantem uma relação de verossimilhança temporal, isto é, que possam ser atestadas, para além da ocasião em que ela é proferida, dentro do contexto em que ela foi aprendida. Por exemplo, digamos que uma criança aprenda “chuva” e “está chovendo” ostensivamente e repita em outro momento, atestar a veracidade dessa sentença somente implica a sua verdade no momento do proferimento, configurando assim uma sentença de ocasião. Isso não implica, para Quine, que se trate de uma relação referencial, apesar do

³⁸ Tradução a partir de: “uncritical semantics is the myth of a museum in which the exhibits are meanings and the words are labels. To switch languages is to change the labels.”

termo “Rex”, por exemplo, ter uma complexidade semântica e referencial da língua e da teoria de mundo em que ele está sendo inserido, a criança na fase das sentenças ocasionais não realiza referência, é mero adestramento, tal como um cachorro de Pavlov. O que há aqui é associação de comportamento a estímulo e não a nomeação, referência.

O que significa dizer que frases de observação são de fato sentenças e não termos referenciais? Em parte, significa que uma sentença de observação é completa: por si só, tal como está, deve ser avaliada como correta ou incorreta, verdadeira ou falsa. Um termo referencial, por outro lado, seleciona um objeto ou um tipo de objeto para dizer algo sobre ele. (Hylton, 2004, p.120)³⁹

A noção de verdade aqui não é uma noção tradicional de correspondência porque não há denotação, mas ação correta perante um cenário específico de estímulos, isto é, correto condicionamento. Por exemplo, uma palavra só como “Rex” pode em diferentes contextos ter diferentes significados de aplicação, “É o Rex” quando ele aparece ou quando (aqui talvez já um pouco mais complexo do que essa etapa) ao ver uma imagem de cachorro ou no cenário de só expressar contentamento em ver o cachorro. Todos esses cenários entram no cenário holístico de uma semântica que não se decompõe, portanto “Rex” não é uma referência, mas ela funciona como toda a sentença, digamos “É o Rex” e não há denotação, só correlação entre estímulo e comportamento; verdade aqui é se houve uma disposição, um comportamento linguístico corretamente executado⁴⁰.

Esse condicionamento revela uma certa necessidade de que haja a capacidade de reconhecer semelhanças, não só do aprendiz como daquele que ensina. Aqui então há a noção que Quine defenderá como similaridade perceptual, um elemento cognitivo que seria embasado pela evidência comportamental não só de seres humanos, mas também de outros animais.

Os padrões inatos de similaridade de um animal são um instrumento rudimentar para predição, e a aprendizagem é um refinamento progressivo desse instrumento, tornando a predição mais confiável. No homem, e de forma mais notável nos últimos séculos, esse refinamento consistiu no desenvolvimento de um vasto e desconcertante aparato conceitual ou linguístico, toda a ciência natural. Biologicamente, ainda, é como a aprendizagem do animal sobre gatos e corujas; é

³⁹ Tradução a partir de: What does it mean to say that observation sentences are indeed sentences and not referring terms? In part it means that an observation sentence is complete: All by itself, as it stands, it is to be assessed as correct or incorrect, true or false. A referring term, by contrast, picks out an object or a kind of object in order to say something about it.

⁴⁰ A questão da verdade no modelo de Quine tem consideráveis desdobramentos. Eles serão apresentados na subseção seguinte e no terceiro capítulo terá mais discussões acerca tanto desse modelo behaviorista, quanto do seguinte, estruturalista.

um aprimoramento aprendido em relação à simples indução por padrões inatos de similaridade. Isso permite mais e melhores predições.⁴¹ (Quine, 2004d, p.291)

A similaridade na percepção permite consideráveis maiores chances de sobrevivência: reconhecer diferentes tipos de frutos, frutos estragados ou reconhecer predadores. Uma gama de animais tem mecanismos visíveis em seus corpos para enganar predadores, curiosamente, por exemplo, o tigre tem em sua nuca pelos que formam olhos para predadores, tais como o próprio tigre, que tem como estratégia não ser visto, ou como Víbora-Rabo-de-Aranha que, como o nome indica, tem uma parte do corpo que se assemelha a uma aranha, atraindo os seus predadores naturais como pequenos roedores e aves para então atacá-las. A coral falsa é bem semelhante a coral verdadeira, mas não é venenosa, o que afasta os possíveis predadores⁴². Nos casos dos seres humanos, por exemplo, há cenários mais de condicionamento cognitivo a comportamento. Na hipótese do Vale da Estranheza, a razão pela qual seres humanos demonstraram desconforto e estranhezas a robôs ou bonecos realistas é um indicador evolutivo do desconforto em relação ao parecido, mas não idêntico; a funcionalidade seria afastar cadáveres ou pessoas com sinais visíveis de adoecimento, que poderia trazer doenças a elas mesmas⁴³. Outro indicador por exemplo é, na construção do paladar, a importância da introdução do amargo no período jovem de vida pela rejeição inicial do corpo humano a esse sabor, que é, em geral, associado a venenos ou substâncias tóxicas, com o consumo constante essa associação pode ser desfeita. A seleção natural, sobreviver ou ser extinto, dependeria da capacidade de reter eficazmente similaridades perceptuais (1969d, p.123).

A similaridade perceptual então permite uma certa uniformidade dos estímulos, em um sentido muito vago e impreciso, mas esse seria um ponto inicial para o processo de semelhança e familiaridade, o suficiente para ser reconhecido como pertencente a mesma

⁴¹ Tradução a partir de: An animal's innate similarity standards are a rudimentary instrument for prediction, and then learning is a progressive refinement of that instrument, making for more dependable prediction. In man, and most conspicuously in recent centuries, this refinement has consisted in the development of a vast and bewildering growth of conceptual or linguistic apparatus, the whole of natural science. Biologically, still, it is like the animal's learning about cats and owls; it is a learned improvement over simple induction by innate similarity standards. It makes for more and better prediction.

⁴² Mimetismo é o nome dado a esse mecanismo de se parecer com outro, há diversos outros animais que se utilizam do mesmo mecanismo. O Louva-deus orquídea, por exemplo, pousa em orquídeas, pois se parece com a flor dessas plantas, o que permite tanto não ser reconhecido por predadores, mas também para caçar escondido. Todo o gênero *Myrmarchne*, que são aranhas saltadoras que são parecidas com formigas.

⁴³ Há questões com o vale da estranheza, já que nos testes as gerações mais velhas tiveram consideráveis mais reações negativas do que os mais jovens do teste, o que pode ser uma questão de reação a tecnologia. Contudo, também pode ser de adequação a tecnologia.

classe (1969d, p.117). Dessa maneira, a linguagem funciona como um aprimoramento e intensificação desse aparato perceptual, enquanto a ciência, ou melhor, as teorias, se assentam nas construções linguísticas do cotidiano (levando em conta a interconexão entre as duas partes) e aprimora potencialmente essa criando novas demarcações para corpos, objetos em geral. “Nós persistimos em decompor a realidade de alguma forma numa multiplicidade de objetos identificáveis e discrimináveis, a serem referidos por termos singulares e gerais.”⁴⁴ (Quine, 1969a, p.1).

Todavia, no cenário inicial das sentenças observacionais é a exploração da associação entre essas similaridades perceptuais e as capacidades linguísticas e não referência e construção de objetos. Capacidade referencial envolve consideravelmente mais sofisticação e a linguagem também realiza consideravelmente mais do que isso. Por exemplo, o que conta como um cachorro ou conta como dois? Qual é o critério que temos para saber se, digamos, é o mesmo cão que atravessou a sala agora é o mesmo de antes? Referência é mais do que reação a estímulos e nesse momento é questionável se a criança pode formular questões como essa. Mesmo para termos únicos como dei o exemplo de ‘chuva’ ou ‘Rex’. Tais nomes e termos expressam uma condição de verdade referencial, mas que ainda não demonstra competência em estabelecer essa referência em uma relação espaço-temporal, ou ainda, ontológica, o que não significa que seja incompetência, somente que a competência não é verificável. O tutor ou o ouvinte não tem condições de saber se o aprendiz reconhece a mesma pessoa pelo ‘Rex’ ou se ele acredita que o termo se referencie a uma propriedade ou se ele acredite que isso se refere à algo completamente novo. Porém, termos que se referem a classes como “cão” tem um grau de complexidade maior, “Para dominar “cão” ou “cadeira”, por outro lado, não basta ser capaz de julgar de cada ponto visível se ele está em um cachorro ou em uma cadeira; temos também que aprender onde um cachorro ou cadeira termina e outro entra.”⁴⁵ (Quine, 2004c, p.231).

O próximo passo é através da realidade holística da linguagem, “este progresso não é uma derivação contínua que, se retrocedida, nos permitiria reduzir a teoria científica à mera observação. É um progresso, antes, por pequenos saltos de analogia.” (Quine, 2004d,

⁴⁴ Tradução a partir de: “We persist in breaking reality down somehow into a multiplicity of identifiable and discriminable objects, to be referred to by singular and general terms.”

⁴⁵ Tradução a partir de: “To master 'dog' or 'chair', on the other hand, it is not enough to be able to judge of each visible point whether it is on a dog or chair; we have also to learn where one dog or chair leaves off and another sets in.”

p.297)⁴⁶. A utilização comparativa a outros contextos, por exemplo, pode levar a percepção de que ‘cão’ funciona em um número maior de contextos do que “Rex”. Quando então o aluno consegue dominar a interação desses conceitos e os articular em sentenças tais como “Rex é um cão”, ou seja, dominar a predicação em uma forma mais simples, há o domínio de uma forma mais complexa da linguagem; enquanto sentenças como “o mar é azul” expressam o reconhecimento de um estímulo que se repete. Quando se vê o mar ou há um direcionamento ostensivo a ele, a cor correspondente é azul. Contudo, quando nos utilizamos de “Rex é um cão” há mais variáveis em jogo, pois “cão” engloba a “Rex” como um objeto inteiro, por exemplo, ao apontar para Rex e dizer a frase, porém qualquer parte menor de Rex não configura um cão.

Assim, pode-se sentir que a referência surgiu quando passamos a predicar termos individuativos, como em “Fido é um cachorro”. ‘Cachorro’ passa então a ser qualificado como um termo geral que denota cada cão e, então, graças novamente à predicação ‘Fido é um cachorro’, a palavra ‘Fido’ passa finalmente a ser qualificada como um termo singular que nomeia um cachorro. Tendo em vista então a analogia de “O leite é branco” com “Fido é um cachorro”, torna-se natural ver a palavra “leite” da mesma forma como um termo singular que nomeia algo, desta vez não um corpo, mas uma substância.⁴⁷ (Quine, 2004c, p.232)

O desenvolvimento das predicções permite, por analogia e com o uso dos demais, chegar nas orações relativas, que estabelecem a relação holística entre termos individuativos, classes e pronomes.

A criança poderia aprender orações relativas em uma posição padrão: posição predicativa. Ela aprende como eliminá-las, nessa posição, pela transformação de substituição. [...] Mas então, tendo aprendido isso, ela se depara com uma analogia entre orações relativas e predicados simples comuns ou termos gerais; pois estes também aparecem em posição predicativa. Assim, prosseguindo com a analogia, ela aplica orações relativas em outras posições onde termos gerais têm aparecido notavelmente na construção categórica universal. Ou, se a criança não aplicar essa analogia por conta própria, ela estará, de qualquer forma, bem preparada para compreender o uso adulto e segui-lo à luz da analogia. (Quine, 2004d, p.296)

A analogia também não só na relação de termos, mas também nas formas gramaticais, através do uso análogo e sua aplicabilidade⁴⁸. “Rex caça o próprio rabo” e “Rex é algo que

⁴⁶ Tradução a partir de: Thi□ progress is not a continuous derivation, which, followed backward would enable us to reduce scientific theory to sheer observation. It is a progress rather by short leaps of analogy.

⁴⁷ Tradução a partir de: “Thus reference may be felt to have emerged when we take to predicating individuating terms, as in ‘Fido is a dog.’ ‘Dog’ then comes to qualify as a general term denoting each dog, and thereupon, thanks again to the predication ‘Fido is a dog,’ the word ‘Fido’ comes at last to qualify as a singular term naming one dog. In view then of the analogy of ‘Milk is white’ to ‘Fido is a dog,’ it becomes natural to view the word ‘milk’ likewise as a singular term naming something, this time not a body but a substance.”

⁴⁸ O modelo behaviorista aqui traz questões acerca da correção e das relações qualitativas ao invés de referenciais. Tudo isso será discutido no terceiro capítulo.

caça o próprio rabo”. A utilização em inglês expressa uma *relative clause*, “*Rex chases his own tail*” é uma sentença “*something that chases its own tail*” é uma *relative clause*, então “*Rex is something that chases its own tail*” é o mesmo significado, mas há uma nova forma gramatical a ser utilizada. Um dos aspectos que as *relative clauses* permitem é a introdução de pronomes relativos, o que leva a um considerável ganho das possibilidades de uso da linguagem. Por exemplo: “O Monte Everest é mais alto que a Cordilheira dos Andes, mas a Cordilheira é mais comprida.”⁴⁹ Com a aquisição de pronomes: “qual”, “este”, “aquele”, “quem” “qual”⁵⁰, o que se ganha é a capacidade de substituir uma classe ou termo específico por outros que não tem nenhuma especificação, a não ser quando contextualizados, gerando uma estrutura para novas sentenças, sem ficar dependente de sentenças observacionais ou de outros termos já conhecidos. “X é Pxy Y, mas Y é Pyx X”, formalizando nosso exemplo anterior, temos pronomes que já são variáveis e podem criar estruturas como essa, sendo X um objeto e Pxy uma propriedade, no exemplo sendo “mais alto que” e o mesmo vale para Y e Pyx, como “mais comprido que”.

Regimentados na lógica simbólica, esses pronomes dão lugar a variáveis vinculadas de quantificação. As variáveis abrangem, como dizemos, todos os objetos; eles admitem todos os objetos como valores. Assumir objetos de algum tipo é contar objetos desse tipo entre os valores de nossas variáveis⁵¹ (Quine, 2004c, p.235).

Cria-se assim uma articulação de partes da linguagem, reforçando o seu aspecto holístico, mas também eliminando a dependência de estímulos diretos e método ostensivo, ainda que os estímulos do passado ecoem diretamente nos pronunciamentos no presente, os relacionando e os reforçando. “Avalie a linguagem atual de um homem pelas suas disposições atuais em responder verbalmente à estimulação presente e você automaticamente fará referência a toda estimulação passada à fase de aprendizado” (Quine, 2010, p.52).

A linguagem serve como um aparato transmissor não só de léxicos e usos, mas também de uma herança de tradições e conhecimento, tanto em uma dimensão maior como idioma, quanto em uma dimensão menor no que refere ao tipo de tradição de uma região

⁴⁹ Esse exemplo que estou dando não é com a aplicação de relative clauses, é uma sentença comparativa. Contudo, há a exploração dos pronomes e uso de orações subordinadas, o que permite ter o mesmo efeito.

⁵⁰ Who, Whom, What, Whose são todos pronomes relativos que servem o mesmo propósito.

⁵¹ Tradução a partir de: “Regimented in symbolic logic, these pronouns give way to bound variables of quantification. The variables range, as we say, over all objects; they admit all objects as values. To assume objects of some sort is to reckon objects of that sort among the values of our variables”

específica e seus modos distinto de ensino; tudo isso é impactado e definido através do aprendizado e no seu uso fluente depois, em que se herda e se reforça. Compreendendo a linguagem como um organismo que herda e passa adiante as crenças coletivas, ou melhor, a teoria de mundo daquele idioma⁵².

1.3 Do cotidiano à ciência

Permanece importante entender, dada a estrutura da linguagem natural, o desenvolvimento do discurso epistêmico. O seu lugar na linguagem, a sistematicidade das suas crenças e sua relação com as crenças do cotidiano. Também será necessário estabelecer o discurso sobre o mundo, já que esta é uma das pretensões científicas e os critérios epistemológicos que envolvem esse tipo de discurso. Em suma, a passagem que dá nome a seção.

1.3.1 As sentenças científicas: teoria de mundo x sistema de mundo

O desenvolvimento da predicação e da capacidade de formar sentenças novas sem precisar de um condicionamento novo para tanto expressa grandes capacidades de comunicação sem pretensões referenciais. Contudo, há uma considerável consequência desse modelo para o desenvolvimento teórico, no estabelecimento da linguagem em sua prática é definido um critério de verdade para aplicação dessas sentenças através do condicionamento das sentenças observacionais. Sentenças essas que não são referenciais, então “a aceitação de sentenças é anterior à referência, e a verdade é anterior à existência” (Hylton, 2004, p.122).

O objetivo da ciência, porém, não é ficar restrita aos casos simples de linguagem, mas sim ao desenvolvimento teórico e desenvolvimento de métodos de verificação⁵³. Se a

⁵² Importante frisar que essa herança de tradições parece estar restritamente ligada ao epistemológico ou pelo menos é essa tradição que serve de pano de fundo para o desenvolvimento da ciência e futuramente ampliado.

⁵³ O holismo de verificação já é defendido em TDE, sendo o reducionismo o segundo dogma a ser abandonado, o que consequentemente levaria a adoção da posição holística igualmente ao processo de verificação de teorias. Contudo, optei por desenvolver isso nessa seção, uma vez compreendido o processo de aquisição da linguagem, junto a rejeição da analiticidade. O holismo verificacionista se torna mais claro e

linguagem fosse composta somente por sentenças ocasionais aliada a predicacões e outros fenômenos gramaticais mais complexos, ainda seria insuficiente para englobar todos os usos da linguagem e as pretensões científicas subsequentes. Há certas sentenças cujo valor de verdade é consideravelmente mais duradouro do que a associação referencial direta e que se perderia no tempo, mantendo é claro a possibilidade de se alterar. Constituindo assim as sentenças perduráveis⁵⁴.

Em que disposição comportamental consiste, então, o conhecimento que um homem tem das condições de verdade da frase “Isto é vermelho”? Não, certamente, disposto a afirmar a sentença em todas as ocasiões em que se observa um objeto vermelho, e a negá-la em todas as outras ocasiões; é a disposição de concordar ou discordar quando questionado na presença ou ausência do vermelho. [...] Pois a disposição para concordar ou discordar da frase “isto é vermelho” é marcada por uma correlação entre assentimento e a presença do vermelho, e entre a dissidência e a ausência do vermelho, nas ocasiões em que a frase é questionada. sentença permanente, cujo valor de verdade permanece fixo durante longos períodos, não oferece nenhuma correlação significativa desse tipo.⁵⁵ (Quine, 2004g, p.316)

As pretensões científicas, porém, são mais ambiciosas do que criar sentenças perduráveis, que apesar de duradouras, ainda são sujeitas a serem atestadas dependendo do cenário, além de não formarem uma generalidade e estarem subordinadas a contextos empíricos (como dependente de asserção a algum estímulo).

[...] “Havia cobre nela”, verdadeira para cada uma de várias ocasiões experimentais, e frases eternas como “óxido de cobre é verde”, verdadeira sempre. A frase de ocasião é expressa pelo químico praticante de tempos em tempos. A frase eterna pode muito bem ser expressa por ele apenas uma vez, em sua juventude, quando incitado pelo examinador da universidade. As eternas tendem, em sua maioria, a desaparecer sob a transitividade do condicionamento, não deixando qualquer traço a não ser implicitamente na modelação do condicionamento de frases residuais. (Quine, 2010, p.34)

mais consequencial ao invés de uma alternativa à rejeição de uma ideia anterior, o que não é exatamente o que ocorre em TDE, já que se relaciona com a crítica ao dogma da analiticidade, mas definitivamente ganha mais força quando contextualizado ao esquema da linguagem como um todo.

⁵⁴ A expressão utilizada por Quine é *Standing sentence* e a tradução comum é por “sentença permanente”, optei por perdurável, pois ‘permanente’ apresenta força consideravelmente maior do que *standing*, ainda quando se considera as sentenças eternas, que de fato são permanentes. Perdurável, é mais próximo do que Quine propõe, como algo que perdura no tempo, mas não é eterno, ainda permanece passível de revisão, ainda que improvável.

⁵⁵ Tradução a partir de: “In what behavioural disposition then does a man's knowledge of the truth conditions of the sentence 'This is red' consist? Not, certainly, in a disposition to affirm the sentence on every occasion of observing a red object, and to deny it on all other occasions; it is the disposition to assent or dissent when asked in the presence or absence of red. [...] For the disposition to assent to or dissent from the sentence 'this is red' is marked by a correlation between assent and the presence of red, and between dissent and the absence of red, on occasions where the sentence is queried. A standing sentence, whose truth value remains fixed over long periods, offers no significant correlation of the kind.”

A ciência encontra o seu objetivo nas sentenças eternas, ainda que nem as teorias como um todo sejam compostas inteiramente por elas. Com a adoção do holismo semântico, a posição de um reducionismo radical ou qualquer tipo de reducionismo se torna supérfluo, uma vez que esse se estabelece através da analiticidade, mas também de defender uma posição verificacionista, em que a verdade é atestada através da verificação entre o elemento factual, empírico com o componente linguístico que representaria o elemento factual, amparado pelas sentenças analíticas auto evidentes.

Em um modelo holístico, o elemento analítico é descartado, com o significado sendo definido através do uso e a constituição da representação sendo moldada através do aprendizado, assim tornando impraticável e desnecessária a verificação individual de termos ou sentenças como um todo. “O dogma do reducionismo sobrevive na suposição de que cada enunciado, tomado isoladamente de seus pares, pode, de qualquer forma, admitir confirmação ou invalidação. [...] Nossos enunciados [...] enfrentam o tribunal da experiência sensível [...] apenas como um corpo organizado.” (Quine, 2011, p.65). Isso cria duas vantagens para a ciência, a primeira retira a necessidade irreal de verificação unitária de suas partes, o que possibilita formas gerais e abstratas, sem a necessidade de se recorrer a ferramentas estritamente metafísicas, privadas, inverificáveis, como argumentos de bases *a priori* e sem renunciar à revisibilidade empírica. A segunda vantagem é a contribuição para uma ciência integral e sistemática, que promove uma teoria de mundo unificada.

Deveríamos notar que as ciências se ligam de forma mais sistemática do que as pessoas que se esquecem da lógica e da matemática estão aptas a perceber; pois a lógica é compartilhada por todos os ramos da ciência, e grande parte da matemática é compartilhada por muitos. As pessoas tendem indevidamente a ver os componentes lógicos e matemáticos da ciência como diferentes do resto e, portanto, não conseguem ver esses componentes como algo comum a todos os ramos.⁵⁶ (Quine, 1975, p.314)

A integralidade entre partes factuais e sua composição linguística se estende para além da verificação empírica, mas também ao uso cotidiano sem tais pretensões. Uma teoria do conhecimento então é intimamente relacionada a uma teoria da linguagem, visto que as teorias se expressam e igualmente se verificam em uma expressão linguística (2004e, p.294) e estas recuam até a utilização da linguagem em seu estado ordinário, atribuindo

⁵⁶ Tradução a partir de: “We should note that the sciences do link up more systematically than people are apt to realize who forget about logic and mathematics; for logic is shared by all branches of science, and much of mathematics is shared by many. People tend unduly to see the logical and mathematical components of science as different in kind from the rest, and hence fail to see these components as something common to all the branches.”

continuidade com esta. Ciência, então, não é uma categoria isolada, mas uma extensão do senso comum, que se empossa desse conhecimento de maneira a expandi-lo e sofisticá-lo, passando-o através do aprendizado da língua e no cotidiano (2004b, p.194). Esse empossamento não é de via única, mas ambivalente, pois a extensão e aprofundamento da realidade que a ciência promove se confunde com a própria história da humanidade.

O propósito da ciência deve ser buscado antes na curiosidade intelectual e na tecnologia. No entanto, nos nossos primórdios pré-históricos, o objetivo dos primeiros vislumbres da teoria científica era presumivelmente uma previsão, na medida em que o objetivo pode ser desespirtualizado em seleção natural e valor de sobrevivência. Isto nos leva de volta ao nosso sentido ou padrão inato de similaridade perceptual, e à expectativa inata de que semelhantes terão sequelas mutuamente semelhantes. Em suma, indução primitiva.⁵⁷ (Quine, 2004d, p.280).

Conhecimento, enquanto conceito, cai na categoria de impreciso, de uso útil e inquestionável, porém é vago demais para ter uma fronteira clara entre o que pode ser parte e o que não é parte (1984, p.295). Ciência, por outro lado, mais costumeiramente utilizado, ganha contornos consideravelmente maiores do que o uso despretensioso do termo. Seja no período paleolítico, desenvolvendo armas para sua sobrevivência, passando pelo desenvolvimento da agricultura, seja agora com desenvolvimento tecnológico visando a aprimoração da qualidade de vida, lucratividade ou mera curiosidade, todo o trabalho técnico visando a uma utilidade - algo similar a *techné* para os gregos - adentra a extensão do conceito de ciência, ainda que extremamente abrangente. Essa relação, então, não somente se manifesta em continuidade, mas em comunhão, em teorias desenvolvidas e passadas às novas gerações, essas novas gerando as suas por sua vez, que se baseiam nas anteriores, o que forma tanto uma Teoria de Mundo quanto um Sistema de Mundo.

Há um uso técnico desses dois conceitos que, no caso de Teoria de Mundo, apresenta uma certa ambiguidade e mais de uma forma lexical, ora como Teoria de mundo [*Theory of the world*], ora como Teoria do Mundo [*World Theory*], ora Imagem de Mundo [*Picture of the world*], Imagem do Mundo [*World Picture*]. Todos esses usos se referem tanto ao uso cotidiano, que já reflete a influência das gerações passadas e da ciência passada e atual, quanto a possibilidade de uso consciente na forma de desenvolver algo, como em: “Primitivamente a associação era por condicionamento. Outras associações são forjadas com

⁵⁷ Tradução a partir de: “The purpose of science is to be sought rather in intellectual curiosity and technology. In our prehistoric beginnings, however, the purpose of the first glimmerings of scientific theory was presumably prediction, insofar as purpose can be despiritualized into natural selection and survival value. This takes us back to our innate sense or standard of perceptual similarity, and the innate expectation that similars will have mutually similar sequels. In short, primitive induction.”

o passar do tempo, pela retroação da teoria do mundo em desenvolvimento.”⁵⁸ (Quine, 2004a, p.63). Ou em outros momentos, como em: “A verdade como objetivo continua a ser o uso estabelecido do termo, e eu concordo com ele como apenas uma metáfora vívida para o nosso ajuste contínuo da nossa imagem do mundo à nossa ingestão neural.”⁵⁹ (Quine, 2004d, p.286) e também “O filósofo naturalista começa o seu raciocínio de dentro da teoria de mundo como uma preocupação constante.”⁶⁰ (Quine, 2004f, p.306).

Sistema de Mundo⁶¹, porém, é a forma mais epistêmica, sempre em contraste, seja reconstruindo a teoria de mundo usual, ou seja, a expandindo, já que criar um Sistema de Mundo é a finalidade da ciência e do filósofo: “Cientistas e filósofos buscam um sistema de mundo abrangente e que seja orientada para fazer referência de forma ainda mais direta e completa do que a linguagem comum.”⁶² (Quine, 2004c, p.236). O Sistema de Mundo busca não só desenvolver a Teoria de Mundo, mas unificá-la e torná-la uníssona, ainda que de forma não monolítica: “Mas toda atribuição da realidade deve vir antes de dentro da teoria do mundo de alguém; caso contrário é incoerente.”⁶³ (Quine, 2004c, p.246). Assim o Sistema de Mundo e a ciência tem suas raízes na Teoria de Mundo e vice-versa, reforçando o caráter holístico da linguagem e do conhecimento.

1.3.2 O discurso epistêmico é sobre o mundo e ontologicamente comprometido

Para realizar, então, um discurso teórico sobre o mundo, o sistema de mundo/ciência deve buscar as suas origens na teoria de mundo⁶⁴. Voltemos ao ponto inicial da subseção de

⁵⁸ Tradução a partir de: “Primitively the association was by conditioning. Further associations are forged in the fullness of time by retroaction from one's developing theory of the world.”

⁵⁹ Tradução a partir de: “Truth as goal remains the established usage of the term, and I acquiesce in it as just a vivid metaphor for our continued adjustment of our world picture to our neural intake”

⁶⁰ Tradução a partir de: “The naturalistic philosopher begins his reasoning within the inherited world theory as a going concern”

⁶¹ É notável também que no artigo *On empirically equivalent systems of the world*, Quine tem como problema central sobre qual de duas teorias seriam a mais adequada se ambas são empiricamente equivalentes, aqui Sistema de Mundo se refere a todo momento ao conjunto científico, a visão de mundo científica e ele sempre utiliza, inclusive no título, Systems of the the World.

⁶² Tradução a partir de: “Scientists and philosophers seek a comprehensive system of the world, and one that is oriented to reference even more squarely and utterly than ordinary language.”

⁶³ Tradução a partir de: “But all ascription of reality must come rather from within one's theory of the world; it is incoherent otherwise.”

⁶⁴ Não em sentido cronológico atual até porque seria absurdo, mas de estrutura de linguagem.

que sentenças verdadeiras são anteriores à existência; para um corpo teórico ser verdadeiro, então, os objetos assumidos por essa teoria devem existir. Isso estabelece o compromisso ontológico para o modelo quineano. Consideremos o famoso silogismo aristotélico:

Todo homem é mortal.

Sócrates é homem.

Sócrates é mortal.

Com o desenvolvimento da gramática⁶⁵ podemos falar ‘x é homem’ ‘x é mortal’ e ‘Se X é homem, então x é mortal’. No caso da utilização da linguagem naturalmente isso permite a construção e expansão de usos distintos, mas no caso teórico implica possibilidade de estabelecer e implicar objetos através dessas variáveis, ou melhor, quando Quine diz que “ser é ser o valor de uma variável” (2011, p.30), o seu estabelecimento enquanto referência é ocupar essa posição dentro de uma sentença aberta, enquanto quantificador existencial. Assim sendo, para todo corpo teórico que contenha teorias com sentenças construídas de maneira a assumir a veracidade de sentenças acerca de objetos, esses objetos precisam existir, as teorias se comprometem ontologicamente com eles. Então, ao proferir ‘Sócrates é mortal’, algo desprezioso na linguagem natural, ontologicamente vago, em um cenário epistêmico da ciência, há o comprometimento de que Sócrates exista ou existiu⁶⁶. Consequentemente, “uma teoria está comprometida com aquelas, e somente aquelas, entidades a que as variáveis ligadas da teoria devem ser capazes de se referir para que as afirmações feitas na teoria sejam verdadeiras” (Quine, 2011, p.27).

Considerando que a linguagem se estabelece como não-referencial e o desenvolvimento da linguagem é fortemente ligado ao papel das analogias tanto semânticas quanto sintáticas, é um passo incorreto afirmar que há uma ontologia presente na linguagem do falante do cotidiano (2004c, p.235). Podemos afirmar algo como corpos como sendo

⁶⁵ Importante frisar que o mais importante no desenvolvimento da aquisição da gramática não é a competência na formulação, mas no uso. De outra maneira, o uso gramatical incorreto não necessariamente implica que o condicionamento também esteja.

⁶⁶ Eu estabeleci uma relação de existência em relação ao tempo aqui, mas poderia se argumentar acerca, digamos, de nomes sem referência. Hylton (2004, p.125) usa Vulcan – o planeta que supostamente existiria para explicar fenômenos astronômicos – como exemplo. O planeta nunca existiu e futuramente esse modelo foi substituído pela revisão do funcionamento da gravidade em relação a massa, peso e o próprio espaço no modelo da relatividade geral de Einstein; então, ao utilizar Vulcan, estaria se referindo à nada. Problemas referentes a isso ou sentenças ambíguas que poderia ser entendida como referências a propriedades, por exemplo, podem ser reescritas usando a teoria das descrições de Russell (Quine, 2011, p.20).

assumidos, quando se referem a “Rex” e a “mãe” nos exemplos anteriores e podemos dizer que há, por analogia gramatical, um ímpeto por equiparar os termos singulares a termos gerais (2004c, p.235).

Corpos são assumidos [...] Além deles, há uma sucessão de analogias decrescentes. Devemos reconhecer essa classificação pelo que ela é e reconhecer que uma ontologia delimitada simplesmente não está implícita na linguagem comum. A ideia de uma fronteira entre ser e não ser é uma ideia filosófica, uma ideia da ciência técnica em sentido amplo. Cientistas e filósofos buscam um sistema abrangente do mundo, orientado para uma referência ainda mais direta e completa do que a linguagem comum. A preocupação ontológica não é uma correção de um pensamento e prática leigos; é estranha à cultura leiga, embora seja um desdobramento dela.⁶⁷ (Quine, 2004c, p.236).

Portanto, todo discurso referencial que busque rigorosidade e definições precisas e claras acerca do objeto designado terá de aceitar que está operando uma definição de objeto, em uma alguma medida, arbitrária. Ainda que consideremos, por exemplos, os cenários que trouxemos dos corpos, o objeto paradigmático, ainda haveria uma séria limitação se restringirmos a capacidade de se referir atribuir existência e veracidade à teoria em analogia a esses casos. Teorias se referem a substâncias, a partes de substâncias, a objetos microscópicos e macroscópicos, e com avanço técnico científico há a necessidade de se desenvolver aparatos conceituais novos que consigam de maneira adequada se referir à tais entidades presumidas, “Uma ontologia finita e listada não é uma ontologia” (Quine, 2004c, p.234).

Quine então defende uma categoria que ele denomina de “objeto físico” que permite não só a entrada de todos esses objetos listados, mas atrela a eles um quadridimensionalismo⁶⁸. Tratando objetos de forma tridimensional, em que eles detenham as três dimensões espaciais, o tempo se mantém como uma dimensão distinta que afeta o objeto, dessa maneira gerando problemas como o homem e o rio perdendo sua identidade na passagem de Heráclito, mas que permaneceriam com o mesmo termo ou o problema de como definir a identidade do barco de Teseu. No quadridimensionalismo, o tempo também constitui uma das dimensões do objeto, que passa a ter um conjunto dimensional e um

⁶⁷ Tradução a partir de: Bodies are assumed [...] Beyond them there is a succession of dwindling analogies. We must recognize this grading off for what it is, and recognize that a fenced ontology is just not implicit in ordinary language. The idea of a boundary between being and non being is a philosophical idea, an idea of technical science in a broad sense. Scientists and philosophers seek a comprehensive system of the world, and one that is oriented to reference even more squarely and utterly than ordinary language. Ontological concern is not a correction of a lay thought and practice; it is foreign to the lay culture, though an outgrowth of it.

⁶⁸ Ver Sider, 1997; Rea, 2003.

temporal, assim mesmo sendo atravessado pelo tempo. O objeto retém a sua identidade através da demarcação, ainda que arbitrária, da linguagem, que determina a sua continuidade através do recorte escolhido desses conjuntos. O barco de Teseu, assim, mantém sua identidade, pois o tempo é sua parte constituinte; mesmo que sua continuidade espacial seja descontínua, sua parte temporal é íntegra, unificando os elementos espaciais contínuos com a sua dimensão temporal.

O que também incluiria os objetos paradigmáticos, corpos, mas também o ingresso em larga escala a criar uma ontologia mais enxuta e que dê a ciência uma referência empírica mais ampla, como titulações, e nos casos mais controversos teríamos o Papa e o Presidente dos Estados Unidos (2004c, p.239). Nesse cenário, haveria uma considerável expansão do que é possível estabelecer como uma variável de uma sentença a ser verificada.

Para aqueles que reclamam que as ideias de Quine sobre ontologia distorcem o senso comum, sua resposta é que qualquer tentativa de ontologia está fadada a fazê-lo, pois o senso comum não contém uma resposta para a questão ontológica, nem mesmo implicitamente. Para aqueles que reclamam da artificialidade, a resposta é que a própria questão é produto de artifício, assim como todos os avanços em nosso conhecimento.⁶⁹ (Hylton, 2004, p.128).

A artificialidade que surge do desenvolvimento teórico acerca do que assumimos como existente e possivelmente efetivada como parte integral do nosso sistema de mundo é uma realidade da empreitada pelo conhecimento que permite o seu próprio avanço. Ir além do cenário da sobrevivência darwiniana. Esse avanço contém, porém, uma integral relatividade do valor de verdade, ainda que não retire sua objetividade. Uma vez que uma linguagem é desenvolvida e o seu valor de verdade passa estar atrelado ao mesmo compromisso ontológico que as teorias dessa linguagem e entendamos que os limites e definições desses objetos são construídos nessa mesma linguagem, o valor de verdade de uma linguagem X que define o objeto Y não terá, necessariamente, os mesmos critérios e, portanto, o mesmo valor de verdade que uma linguagem W que define o objeto Y, com recortes diferentes. Digamos, a mesma coordenada espacial, mas em tempos diferentes.

Não há relatividade em relação a verdade, porém, pela caracterização da linguagem no modelo quineano. Apesar de um certo grau de artificialidade das linguagens epistemicamente comprometidas, elas ainda são uma linguagem pública, ainda há

⁶⁹ Tradução a partir de: To those who complain that Quine's ideas about ontology distort common sense, his answer is that any attempt at ontology is bound to do so, for common sense does not contain an answer to the ontological question, not even implicitly. To those who complain of artificiality, the answer is that the very question is a product of artifice, as are all advances in our knowledge.

enraizamento dessas linguagens nas linguagens ordinárias e no seu enraizamento prático e holístico.

Sou um objeto físico situado em um mundo físico. Algumas das forças deste mundo físico incidem sobre minha superfície. Raios de luz atingem minhas retinas; moléculas bombardeiam meus tímpanos e pontas dos dedos. Eu revido, emanando ondas de ar concêntricas. Essas ondas assumem a forma de uma torrente de discursos sobre mesas, pessoas, moléculas, raios de luz, raios, ondas de ar, números primos, classes infinitas, alegria e tristeza, bem e mal.⁷⁰ (Quine, 2004b, p.193).

1.3.3 O critério epistêmico e verificação holística

A abertura de *The scope and language of science*, em clara analogia a Descartes nas *Meditações*, serve não só de delimitação para o que podemos desenvolver teoricamente - na visão naturalista de que “[...] a pergunta “como conhecimento é possível? Deveria ser vista com uma abreviação para a pergunta “como conhecimento é possível para seres como nós em um mundo como nosso?””⁷¹ (Pacherie, 2002, p.306) - mas também conclui que todo arcabouço teórico não é isolado, “não há exílio cósmico”, e sim um esforço humano, a partir das suas percepções fisiológicas e capacidades linguísticas. Assim sendo, a iniciativa científica é de expansão e sofisticação, não de substituição. A ciência herda uma tradição geracional de desenvolvimento técnico (2004b, p.194). Das percepções similares se extrai uma primitiva capacidade de prever resultados – indução – e com isso como se comporta em relação a esses cenários (2004e, p.290), que progride historicamente para questões além de sobrevivência, mas por curiosidade e engenho humanos, com avanço também de método para o hipotético-dedutivo (2004d, p.280; 2004e, p.292).

Essa tradição não se restringe ao epistêmico, mas transforma a teoria de mundo e a linguagem natural da qual ela partiu, “quando a criança é capaz de sustentar uma conversa rudimentar em sua estreita comunidade, seu conhecimento da linguagem e seu conhecimento

⁷⁰ Tradução a partir de: “I am a physical object sitting in a physical world. Some of the forces of

this physical world impinge on my surface. Light rays strike my retinas; molecules bombard my eardrums and fingertips. I strike back, emanating concentric air waves. These waves take the form of a torrent of discourse about tables, people, molecules, light rays, retinas, air waves, prime numbers, infinite classes, joy and sorrow, good and evil”.

⁷¹ Tradução a partir de: “How is knowledge possible?” should be seen as an abbreviation for the question “How is knowledge possible for beings like us in the world as it is?”.

do mundo são uma massa unitária”⁷² (Quine, 2004b, p.196). Não há uma diferença de tipo entre o conteúdo empírico e a evidência entre um cientista e um homem comum (2004b, p.197), ambos são “um objeto físico situado em um mundo físico”. A diferença é o objetivo dessas diferentes linguagens, a tarefa geral que a ciência “se propõe é a de especificar como a realidade "realmente" é: a tarefa de delinear a estrutura da realidade como distinta da estrutura de uma ou outra linguagem tradicional (exceto, é claro, quando a ciência acontece de ser a própria gramática)”⁷³ (Quine, 2004b, p.197).

O corpo teórico é desenvolvido com atenção, não somente na revisão dos critérios de evidência, mas na coleta sistemática daquilo que pode ser para todos aceito como evidência (2004b, p.197). Isso é um reflexo do caráter sistemático da ciência, guiado também pela simplicidade e o princípio de não-mutilação.

“Simplicidade não é fácil de definir. Porém, pode ser esperado, seja o que for, que seja relativo à textura do esquema conceitual.”⁷⁴ (Quine, 1966b, p.242), conseqüentemente a simplicidade não pode ser reduzida a navalha de Ockham. Entre duas teorias equivalentes, uma pode fornecer maior economia ontológica, o que acarreta um grau de sofisticação e maior facilidade de verificação. O que em um primeiro momento, tornaria essa teoria mais atraente, contudo, dependendo do volume de ganhos para o Sistema de mundo, pode ser mais atrativo à adoção da segunda teoria. Simplicidade não é meramente continência, mas algo próximo a um cálculo entre economia ontológica e ganhos epistêmicos/científicos (Quine, 1996, p.15).

A máxima de não-mutilação é a aplicada na revisionabilidade científica, seja pela necessidade da substituição de uma ou um conjunto de teorias, haja vista novas evidências, observações ou pela formulação de uma nova teoria que seja mais eficiente em sua capacidade preditiva ou explicatória. Por isso, a máxima de não-mutilação tem de visar a otimização do progresso futuro em consideração ao seu impacto no Sistema de mundo como um todo, a ciência precisa de uma solidez fundamental: “Se uma das sentenças for puramente matemática, não optaremos por revogá-la; tal movimento repercutiria excessivamente no

⁷² Tradução a partir de: “by the time the child is able to sustain rudimentary conversation in his narrow community, his knowledge of language and his knowledge of the world are a unitary mass”.

⁷³ Tradução a partir de: The general task which science sets itself is that of specifying how reality "really" is: the task of delineating the structure of reality as distinct from the structure of one or another traditional language (except, of course, when the science happens to be grammar itself).

⁷⁴ Tradução a partir de: “Simplicity is not easy to define. But it may be expected, whatever it is, to be relative to the texture of a conceptual scheme.”

resto da ciência.”⁷⁵ (Quine, 2004a, p.59). Portanto, considerando o projeto da ciência moderna de criar um Sistema de mundo capaz de descrever e prever com sucesso a natureza, a revisão de teorias é uma tarefa essencial para maximizar as previsões no futuro sem sacrificar; contudo, o sistema construído até aqui, a máxima de não-mutilação, tal como a simplicidade, é um cálculo entre preservar a integridade do nosso Sistema de mundo sem incorrer em um dogmatismo que busca conservar aquilo que se tornou obsoleto.

A construção de uma sentença observacional em uma perdurável, explica essa sofisticação do qual falamos:

A frase de observação “Chuva” ou “Está chovendo” não servirá; devemos colocar a informação numa frase permanente: 'Chuva em Heathrow 1600 G.M.T. 23 de fevereiro de 1974.' Este relatório está pronto para ser arquivado nos arquivos da ciência. Ainda relata uma observação, mas é um relatório permanente e não uma sentença ocasional.⁷⁶ (Quine, 2004e, p.297).

“Chuva em Heathrow 1600 G.M.T. 23 de fevereiro de 1974” se distingue de “Estava chovendo em Heathrow” de duas maneiras, o que lhe torna objetiva, ou melhor, lhe atribui cientificidade. Primeiramente, da sua própria constituição que retira a interferência subjetiva, o que retira o caráter ocasional da sentença, mas a mantém como observacional. A segunda maneira é que, ao retirar a ocasionalidade da sentença, se inseriu elementos que a elevam a um registro histórico, determinando localização e data. É igualmente não ocasional, pois se utiliza de critérios epistemológicos bem definidos, que têm sua convencionalidade predicada de teorias científicas, como G.M.T da sentença ou o seu sucessor, o U.T.C [Coordinated Universal Time], de que dependem, sendo predicado do conhecimento geológico, geográfico dos continentes e da rotação terrestre para determinar o horário. A data, por outro lado, é derivada parcialmente do conhecimento da órbita terrestre. Sendo, assim, uma sentença perdurável, o seu valor de verdade não é determinado por correspondência a um estímulo ocasional, mas já está atrelado ao nosso sistema de mundo.

Por isso, ambos holismos são articulados pela ciência, estações do ano nem sempre tiveram suas causas conhecidas, mas no presente momento é improvável que o seu significado não esteja atrelado à relação de distância da Terra para o Sol. As sentenças

⁷⁵ Tradução a partir de: “If one of the sentences is purely mathematical, we will not choose to revoke it; such a move would reverberate excessively through the rest of Science”

⁷⁶ Tradução a partir de: “The observation sentence 'Rain' or 'It is raining' will not do; we must put the information into a standing sentence: 'Rain at Heathrow 1600 G.M.T. 23 February 1974.' This report is ready for filing in the archives of science. It still reports an observation, but it is a standing report rather than an occasion sentence.”

perduráveis, eternas ou teorias científicas como um todo, tem suas raízes em no que um dia foi uma sentença ocasional, porém o próprio significado dessas sentenças ocasionais será alterado, em algum nível pragmático, por essas teorias. A relação entre o material, o linguístico desprezioso e as teorias científicas não é somente estreito, mas se misturam por completo. As demarcações ontológicas naturais da linguagem cotidiana são modificadas pelas teorias que se desenvolvem a partir dela e as novas formas de perceber⁷⁷ o mundo são alteradas por essas construções linguísticas. Essa complexidade é exemplificada no próprio campo da ciência efetiva, como pode ser visto nessa passagem:

Nos primórdios da física das camadas atômicas, tínhamos que confiar exclusivamente em imagens intuitivas, extraídas do arsenal da física clássica. O princípio de correspondência, de Bohr, ressaltava a aplicabilidade desses modelos, por mais limitada que fosse. Mas a descrição matemática do que acontece dentro das camadas atômicas era muito mais abstrata do que as imagens. Na verdade, é possível atribuir imagens muito diferentes e mutuamente contraditórias, com as de partícula e de onda, por exemplo, a um mesmo processo real. Na física das partículas elementares, entretanto, essas imagens não têm nenhuma utilidade prática, pois esse ramo da ciência é ainda mais abstrato. Se quisermos formular as leis físicas desse campo, teremos de nos basear nas propriedades de simetria que na própria natureza se tornar reais, ou, dito de outra maneira, nas operações de simetria (por exemplo, deslocamentos e rotações) que estendem o espaço da natureza. Ora, isso nos obriga a perguntar por que existem essas operações e não outras. Penso que o conceito de divisão ou duplicação irá mostrar-se particularmente útil nesse ponto, porque ele ajuda a ampliar a natureza de um modo que não parece ser forçado. Com isso, pode introduzir novas simetrias. Na situação ideal, poderíamos imaginar que todas as simetrias reais da natureza surgiram em decorrência desse tipo de divisão (Heisenberg, 2016, p.269).

É possível notar na passagem que observação, hipótese, testagem e consolidação teórica são consideravelmente mais complicadas do que um processo linear entre esses conceitos e que determinar o que de fato está sendo observado envolve já arcabouço teórico para gerar as demarcações linguísticas/ontológicas. Entretanto, há de se considerar, outros fatores unificadores presentes, as teorias em sua própria construção enquanto linguagem, a saber, a lógica e a matemática que é compartilhada entre diversos ou quase todos os ramos da ciência. A visão pragmática na atividade científica de que esses fatores são epistemicamente neutros, como uma ferramenta, gera uma unificação ainda que não explícita entre as teorias, as integrando (1975, p.314).

A noção de uma realidade independente da linguagem deriva das primeiras impressões. [...] a intersubjetividade, tão essencial à aprendizagem da linguagem [...] é vital não apenas para a linguagem, mas igualmente para o empreendimento posterior, também social, da ciência. Todos os homens se qualificam como testemunhas dos dados da ciência, e as verdades da ciência devem ser verdadeiras, independentemente de quem as profere. [...] A ciência, embora busque traços da

⁷⁷ Em referência à similaridade perceptual.

realidade independentes da linguagem, não pode sobreviver sem a linguagem nem aspirar à neutralidade linguística.⁷⁸ (Quine, 2004b, pp.198-199).

A ciência, nas linguagens e corpos teóricos, advém de uma teoria de mundo e de um sistema de mundo de constante transformação ao longo do tempo, que determinam os padrões epistêmicos de avaliação e correção. A sofisticação, passando pela noção de sistematicidade, simplicidade, não-mutilação e a construção de sentenças perduráveis e eternas, é uma postura científica em relação à linguagem e a como operar com ela. Essa relação entre ciência e linguagem ordinária se naturaliza na aquisição de linguagem como “massa unitária” que distorce a própria noção da sua historicidade e sua característica processual.

[...] a tarefa menor de delimitar o negócio da química. Tendo nos aprofundado na química, podemos descrevê-la, ex post facto, como o estudo da combinação de átomos em moléculas. Mas nenhuma delimitação tão precisa do negócio da química foi possível até que este já estivesse, em grande medida, concluído ⁷⁹ (Quine, 2004b, p.199).

A noção geral do projeto de uma linguagem científica, aqui a química, é largamente entendida já no seu estabelecimento no atual momento, evidenciando a expansão teórico-ontológica que Quine atribui à ciência. A química, como linguagem científica, já teve não só distintos compromissos ontológicos, mas também critérios de revisão, correção e até outros nomes (se entendermos que há relação entre a alquimia e a química). Portanto, a “criação” de linguagens e seu atestado como epistemologicamente válida é derivativa da teoria e sistema de mundo, igualmente se aplicando, é claro, ao critério de verdade dessas linguagens.

Diminuímos, até aqui, nossa ambição, de forma a nos conformamos com uma doutrina relativista que defende a estimativa de verdade de enunciados de cada teoria como os verdadeiros para teoria, sem tolerar crítica mais elevada? Não. A consideração salvadora é a de que nós continuamos levando a sério nosso próprio agregado particular de ciência, nossa própria teoria de mundo particular ou a frouxa trama total de quase-teorias, seja o que ela for. Ao contrário de Descartes, nós possuímos e usamos nossas crenças do momento, mesmo em meio ao

⁷⁸ Tradução a partir de: The notion of a reality independent of language is derived from earliest impressions. [...] intersubjectivity which is so essential to the learning of language [...] is vital not only to language but equally to the further enterprise, likewise a social one, of science. All men are to qualify as witnesses to the data of science, and the truths of science are to be true no matter who pronounces them. [...] Science, though it seeks traits of reality independent of language, can neither get on without language nor aspire to linguistic neutrality.

⁷⁹ Tradução a partir de: [...] the smaller task of staking out the business of chemistry. Having got on with chemistry, we can describe it ex post facto as the study of the combining of atoms in molecules. But no such clean-cut delimitation of the business of chemistry was possible until that business was already in large measure done.

filosofar, até que, por meio do que é vagamente chamado de método científico, nós as mudamos aqui e acolá para melhor (Quine, 2010, p.49)

1.3.4 Conhecimento e estrutura

A linguagem, a teoria, é relativa a todo esse escopo definido por nós até aqui e a aceitação da verdade das teorias é sempre relativa à linguagem e aos critérios estabelecidos porque é o único local possível, retornando a metáfora do barco de Neurath; se altera o corpo teórico dentro do próprio corpo teórico, não no exílio cósmico. A teoria é verdadeira, até eventualmente ser substituída por uma melhor, “e ao aceitar uma teoria, também adotamos uma linguagem: a escolha da linguagem não é mais relativa do que a escolha da teoria dentro de uma linguagem.”⁸⁰ (Hylton, 2004, p.133).

Essa relatividade que se aplica à verdade em referência à linguagem, por consequência, se estende à ontologia. Contudo, essa relatividade ontológica permanecerá até no cenário de uma definição clara do critério de verdade. Isso ocorre, pois o conteúdo empírico, digamos, de uma sentença observacional, é o mesmo para dois cientistas, tal como na passagem do homem comum e o cientista. Todavia, esses dois cientistas podem discordar acerca de que tal conteúdo empírico é válido como evidência. Voltando ao exemplo do cobre, ‘há algo esverdeado aqui’, ‘óxido de cobre é verde’, logo, ‘Tem cobre aqui’. Esse conjunto de sentenças não tem seu significado estipulado somente pela invocação direta do estímulo, do condicionamento da sentença observacional ‘há algo esverdeado aqui.’

A teoria interveniente é composta por frases associadas umas às outras de maneiras de variadas, não facilmente reconstruíveis, mesmo conjuntamente. Existem as pretensas conexões lógicas, e existem as pretensas conexões causais; porém quaisquer tais interconexões de frases são, em última instância, devidas ao condicionamento de frases como respostas a frases como estímulos. Se algumas das conexões são consideradas, mais particularmente, como lógicas ou como causais, elas assim o fazem somente como referência a pretensas leis lógicas ou causais, que, por sua vez, são frases dentro de uma teoria. A teoria como um todo – neste caso, um capítulo de química, mais adjuntos relevantes a lógica e de outros lugares – é uma trama de frases associadas de formas variadas umas às outras e a estímulos não verbais pelo mecanismo de resposta condicionada (Quine, 2010, p.33).

⁸⁰ Tradução a partir de: And in accepting a theory, we also adopt a language: Choice of language is no more relative than is choice of theory within a language.

As conexões entre sentenças observacionais e outras não-observacionais não são diretas, a começar pela holisticidade da linguagem, que, como sistema, compõe parte do significado dessas sentenças direta ou indiretamente. A implicação disso é que o significado de sentenças não se estabelece estritamente pela conexão direta ou, digamos, indireta, mas com os links causais, pois elas são somente significativas porque estão inseridas no contexto maior da linguagem de que elas fazem parte, diretamente ligadas ou não. Digamos, em um cenário ficcional, um número x de sentenças, observacionais ou não, sejam completamente esquecidas. O resultado seria um número imprevisível de outras sentenças que perderiam o seu significado, não seriam entendidas mesmo não estando conectadas a elas direta ou indiretamente, mas perderiam o sentido porque essas outras sentenças faziam parte do sistema de linguagem e contribuíam para a teoria ou sistema de mundo que permite que as outras sentenças que ainda permaneceram sejam compreendidas. Para Quine, é a tentativa de reconstruir esses links para saber exatamente a ligação entre elas se não impossível, seria impraticável, difícil. Não é restrito também ao conteúdo semântico, mas também pela forma.

Uma conexão lógica pode ser considerada como a soma de infinitos fatos da seguinte forma: Sempre que for apropriado afirmar aquela frase, também será apropriado afirmar esta. Mas não poderíamos aprender todos esses fatos um por um. O que aprendemos – implicitamente a princípio, explicitamente em livros de lógica – é que sempre que for apropriado afirmar uma frase desta forma, também será apropriado afirmar uma frase correspondente daquela forma. Mas isso requer que atribuamos formas às frases, isto é, que as vejamos como compostas de partes constituintes e padrões que são significativos e se repetem em outras frases⁸¹ (Hylton, 2004, p.137).

Essa passagem diretamente se conecta com as funções linguísticas adquiridas por analogia, discutidas na subseção anterior. No processo de aquisição da linguagem é necessário o condicionamento, que pode levar a uma versão primitiva da forma lógica ‘Se p então q ’ tem a sua formulação mais simples estabelecida pelo condicionamento, se o estímulo ‘ x ’ ocorre, então o comportamento linguístico possível, dentro de determinado contexto é definido. Eventualmente, por analogia, haverá formas gramaticais mais complexas e eventualmente a capacidade de lidar com variáveis linguísticas, como pronomes. Para o uso ocorrer, há uma atribuição semântica a essas partes constituintes de uma sentença, termos, por exemplo. A única maneira de se estabelecer o condicionamento e

⁸¹ Tradução a partir de: A logical connection may be thought of as summing up infinitely many facts of the following form: Whenever it is appropriate to assert that sentence, it is also appropriate to assert this one. But we could not learn all of these facts one by one. What we learn – implicitly at first, explicitly from logic books – is that whenever it is appropriate to assert a sentence of this form, it is appropriate also to assert a corresponding sentence of that form. But this requires that we attribute forms to sentences, that is, see them as made up of constituent parts and patterns that are significant and recur in other sentences.

ir para além dele é estabelecendo essas relações análogas e atribuindo valor semântica às partes constituintes, não só ao todo das sentenças. Contudo, há inúmeras maneiras, dentro do que já entendemos como modelo de linguagem para Quine, de estabelecer um valor semântico para tais partes, mas não há como de fato atribuir um método de análise para tanto, pois evidência é através das sentenças, do corpo teórico e não partes constituintes delas.

A consequência dessas considerações é a impossibilidade de dissociar e isolar objetos, o conflito entre os cientistas não pode ser entre o ponto de referência, mas sim acerca da linguagem e aos critérios que estão sendo utilizados.

Referência e ontologia recuam, assim, ao status de meros auxiliares. Frases verdadeiras, observacionais e teóricas, são o alfa e o ômega do empreendimento científico. Elas são relacionadas por estrutura, e os objetos figuram como meros nós dessa estrutura. A existência de objetos particulares é indiferente à verdade das frases observacionais, indiferente ao suporte que elas conferem às frases teóricas, indiferente ao sucesso da teoria em suas previsões⁸² (Quine, 1996, p.31).

Quine então reduz o papel e função dos objetos físicos a um papel secundário. A verdade das sentenças e essas conexões sistemáticas ocupam a primazia do sistema de mundo. Nesse sentido, a estrutura é maior e mais significativa do que as referências.

Há ainda a possibilidade de uma disputa semântica ou relatividade semântica em relação ao compromisso ontológico de teorias. Se determinamos que termos têm o seu significado definido dentro de uma linguagem, mas com a possibilidade de variação de linguagem e estrutura, então, logo, pode haver uma variação acerca do que quer se expressar, caso se comprometa com esses termos, mesmo que em um nível de estrutura eles sejam neutros ou determinados. Em um cenário, mais improvável, de referências quadridimensionais distintas:

Pois, considere "gavagai". Quem sabe se os objetos aos quais esse termo se aplica afinal não são coelhos, mas meros estágios, de breves segmentos temporais, de coelhos? Em qualquer evento, as situações de estimulação que incitam assentimento a "Gavagai" seriam as mesmas que para "Coelho". Ou, que sabe os objetos aos quais "gavagai" se aplica são a totalidade das partes não destacadas de coelhos; novamente o significado por estímulo não registraria diferença. Quando, da igualdade de significado por estímulo de "Gavagai" e "Coelho", o linguista salta à conclusão de que um gavagai é um coelho inteiro contínuo, ele está apenas dando por certo que o nativo é suficientemente parecido a nós a ponto de ter um termo geral breve para coelhos e não um termo geral breve para estágios de coelhos ou partes (Quine, 2010, p.80).

⁸² Tradução a partir de: Reference and ontology recede thus to the status of mere auxiliaries. True sentences, observational and theoretical, are the alpha and omega of the scientific enterprise. They are related by structure, and objects figure as mere nodes of the structure. What particular objects there may be is indifferent to the truth of observation sentences, indifferent to the support they lend to the theoretical sentences, indifferent to the success of the theory in its predictions.

Cenários como esse ou, por exemplo, de compatibilidade teórica entre uma teoria desenvolvida em mandarim e outra em espanhol, a tradução pode levar à incompatibilidades se pensarmos em nível referencial, ainda que estruturalmente permaneçam compatíveis. Quine então se utiliza de funções proxy [*proxy functions*], reinterpretando os novos objetos em termos de antigos afim de preservar um conjunto de objetos, reduzindo as variáveis possíveis.

Tudo o que é necessário em ambos os casos, claramente, é uma regra pela qual um objeto único do tipo supostamente novo seja atribuído a cada um dos objetos antigos. Eu chamo essa regra de função proxy. Então, em vez de predicar um termo geral 'P' de um objeto antigo x, dizendo que é um P, reinterpretamos x como um novo objeto e dizemos que é o f de um P, onde 'f' expressa a função proxy. Em vez de dizer que x é um cachorro, dizemos que x é o filamento vitalício do espaço-tempo ocupado por um cachorro. Ou, na verdade, apenas aderimos ao antigo termo "P", "cachorro", e o reinterpretamos como "de um P", "lugar-tempo de um cachorro". Esta é a estratégia que vimos em vários exemplos⁸³ (Quine, 2004c, p.244).

Isso permite a manutenção da primazia do valor de verdade, pois com as funções proxy novamente se reduz o compromisso ontológico nas sentenças observacionais, que por sua vez, são comprometidas ontologicamente com os objetos assumidos dentro do escopo de uma teoria e suas sentenças integradas.

A questão é que se transformarmos a gama de objetos da nossa ciência de uma forma um-para-um, reinterpretando os nossos termos e predicados como aplicáveis aos novos objetos em vez dos antigos, todo o suporte probatório da nossa ciência permanecerá imperturbável. A razão é dupla. Primeiro, a implicação depende apenas da estrutura lógica e é independente de quais possam ser os objetos, os valores das variáveis. Em segundo lugar, a associação de sentenças de observação com faixas de estímulos neurais é holofrástica. É independente de reificações, independente de quaisquer objetos aos quais as sentenças de observação ou suas partes possam ser consideradas como termos⁸⁴ (Quine, 1992, p.244).

Essas reinterpretações devem chegar a um fim. Não há possibilidade de regresso ao infinito e tampouco a ideia de uma linguagem privada que associe de maneira imediata o

⁸³ Tradução a partir de: "All that is needed in either case, clearly, is a rule whereby a unique object of the supposedly new sort is assigned to each of the old objects. I call such a rule a proxy function. Then, instead of predicating a general term 'P' of an old object x, saying that is a P, we reinterpret x as a new object and say that it is the f of a P, where 'f' expresses the proxy function. Instead of saying that x is a dog, we say that x is the lifelong filament of space-time taken up by a dog. Or, really, we just adhere to the old term 'P, 'dog,' and reinterpret it as 'f of a P, 'place-time of a dog.' This is the strategy that we have seen in various examples."

⁸⁴ Tradução a partir de: "The point is that if we transform the range of objects of our science in any one-to-one fashion, by reinterpreting our terms and predicates as applying to the new objects instead of the old ones, the entire evidential support of our science will remain undisturbed. The reason is twofold. First, implication hinges only on logical structure and is independent of what the objects, the values of the variables, may be. Second, the association of observation sentences with ranges of neural input is holophrastic. It is independent of reifications, independent of whatever objects the observation sentences or their parts may be taken to refer to as terms."

estímulo aos termos, uma vez que a linguagem é uma arte social, pública: “[...] na prática, encerramos a regressão das línguas de fundo, em discussões de referência, ao aceitar nossa língua materna e tomando as palavras pelo seu significado aparente”⁸⁵ (Quine, 1969b, p.49). É somente no cenário específico de traduções que o problema emerge, até lá, o que temos é uma aceitação da sua prática e que se obedeça aos padrões epistemicos da linguagem⁸⁶.

“Na língua materna, a referência é melhor vista [...] como não problemática, mas trivial, a par do paradigma da verdade de Tarski. Assim, "Londres" denota Londres (seja lá o que isso for) e "coelho" denota coelhos (sejam eles o que forem)”⁸⁷ (Quine, 1998b, p.461). Na linguagem natural, entender uma sentença é estabelecer, através de seus usos linguísticos, uma resposta apropriada, dentro do esperado, no contexto daquela teoria de mundo, daquele contexto. Talvez pela própria estrutura da linguagem e do seu aprendizado, se crie a noção de que haja algo em absoluto, o objeto como ele é verdadeiramente a despeito da linguagem e que há a possibilidade de determinar de maneira clara e distinta o que ele é. A resposta quineana é que a ontologia é sempre relativa a sua teoria, ou melhor, o objeto é somente o papel que ele desempenha em uma teoria, “o que é empiricamente significativo em uma ontologia é apenas a sua contribuição de nós neutros para a estrutura da teoria” (Quine, 1996, p.33).

O que temos então é uma forma de estruturalismo (Hylton, 2004, p.143), por um lado, temos a verdade dos corpos como objetiva, emergente da teoria de mundo e do seu desenvolvimento teórico. Por outro lado, os objetos com os quais a teoria está comprometida têm a sua existência dentro daquela estrutura: “o que faz sentido não é dizer quais são os objetos de uma teoria, absolutamente falando, mas como uma teoria de objetos é interpretável ou reinterpretável em outra” (Quine, 1969b, p.50).

Devemos entender, então, a passagem do universo do discurso da linguagem natural para o epistemológico e científico, para Quine, como uma mudança de objetivo e estrutura, mas não de tipo ou com recursos alheios às próprias práticas humanas, pois ela é igualmente

⁸⁵ Tradução a partir de: in practice we end the regress of background languages, in discussions of reference, by acquiescing in our mother tongue and taking its words at face value. Optei pela tradução de ‘face value’ por ‘significado aparente’ para manter mais próximo, dentro do meu entendimento, ao que Quine quis dizer com a expressão, ao invés de ‘valor nominal’ que seria o significado mais literal da expressão.

⁸⁶ Explicações em algum momento chegam a um fim na prática e de que algum momento a justificação termina em aceitação tem paralelos direto a Wittgenstein. Esses paralelos serão feitos no terceiro capítulo.

⁸⁷ Tradução a partir de: Within the home language, reference is best seen [...] as unproblematic but trivial, on a par with Tarski’s truth paradigm. Thus ‘London’ denotes London (whatever *that* is) and ‘rabbit’ denotes rabbits (whatever *they* are).

uma prática humana. Uma prática que busca dentro de estruturas de linguagens trazer um melhor entendimento, mais claro, preciso e cuidadoso sobre como relações causais do mundo e de como podemos, devemos entendê-lo, não de maneira absoluta, mas de maneira contínua, em constante revisão e expansão. De forma concisa: “A ciência arrisca a sua resposta provisória em conceitos criados pelo homem, forçosamente expressos numa linguagem feita pelo homem, mas não podemos perguntar melhor. A própria noção de objeto, ou de um e muitos, é de fato tão paroquialmente humana quanto as classes gramaticais [...]”⁸⁸ (Quine, 1992, p.9).

⁸⁸ Tradução a partir de: “Science ventures its tentative answer in man-made concepts, perforce, couched in man-made language, but we can ask no better. The very notion of object, or of one and many, is indeed as parochially human as the parts of speech [...]”

2 LINGUAGEM E PRAXIS: O MODELO DE WITTGENSTEIN

Neste capítulo iremos desenvolver uma apresentação analítica do modelo de Wittgenstein, dividido em quatro seções. A primeira será para apresentar a abordagem, o método de investigação gramatical e de que maneira ele serve de crítica ao modelo referencialista e a todo e qualquer modelo que reduza a linguagem a um papel único. A segunda seção terá por foco o entendimento geral do modelo dos jogos de linguagem e sua operação por regras. Já na terceira seção será para a discussão da relação entre saber e certeza, o que dialoga diretamente com a temática da dissertação, ou seja, o estudo daquilo que está no âmbito do conhecer e daquilo que é o dado - a partir, é claro, do que Wittgenstein chama de dado - daquilo que é vero funcional e daquilo que é semântico.

2.1 Crítica a unidimensionalidade da linguagem

Nessa seção trataremos de três conjuntos de críticas de Wittgenstein a determinados modos de conceber a funcionalidade e caracterização da linguagem, a saber, crítica ao modelo naturalista; crítica ao referencialismo, em que a linguagem opera exclusivamente através de referências, isto é, a linguagem como uma ferramenta que opera somente por denotação; e, por fim, a crítica a qualquer interpretação de linguagem que a reduza somente a um tipo específico de função.

2.1.1 Do eixo Socrático ao gramatical

‘O que é ‘x’?’ é a expressão lógica dos diálogos platônicos para expressar a temática a ser debatida, por exemplo, virtude correspondendo ao ‘x’ em *Menon*. O questionamento socrático, porém, expressa algo fundamentalmente mais importante: uma forma de compreender como a linguagem funciona e o que é significado, em que há uma objetificação da variável ‘x’, que deve representar um objeto externo à própria linguagem.

A tradição socrática compreende a linguagem exclusivamente como representativa e referencial. O ‘x’ pode ser um substantivo, mas também pode ser a forma substancializada, por exemplo, de um adjetivo, que por sua vez gera uma série de problemas filosóficos, pois

“Um substantivo faz-nos procurar uma coisa que lhe corresponda” (LA, p.21). Wittgenstein, ou melhor, seu modelo, é uma proposta de alteração desse eixo socrático para um gramatical. Denomino assim como a investigação gramatical, método Wittgensteiniano que consiste em compreender o significado não pela forma substancializada de termos isolados, mas através de seu uso. Seguindo o exemplo dado por ele em *O livro azul*, devemos entender o significado de “comprimento” através da pergunta ‘como podemos medir um comprimento?’ ao invés de ‘o que é comprimento?’, o que seria um regresso à explicação, ao ato de explicar o que certa palavra ou expressão significa.

Disto resultaria um ato de ‘regressar a terra’, em que para entender o significado de ‘x’ deve-se compreender a sua explicação, a sua aplicação. “Estudando a gramática da expressão “explicação do sentido” irá ensiná-lo algo sobre a gramática da palavra “significado” e irá curá-lo da tentação de olhar ao redor para algum objeto pelo qual você poderia chamar de “o significado””⁸⁹ (BB, 1965, p.1)⁹⁰. A investigação gramatical da explicação, contudo, é insuficiente como explicação do significado e do fundamento da linguagem como um todo, vide que o resultado seria de regresso ao infinito de explicações e eventualmente essas explicações têm um fim (IF, §326; Z, §315; DC, §192). Esse fim seria uma práxis.⁹¹

A substituição da abordagem socrática pela gramatical não é somente o enraizamento da linguagem em sua prática, mas também a superação da unidimensionalidade e insuficiência do modelo referencial, no caso socrático, e de qualquer outro modelo que resuma a linguagem à uma função e operação única.

2.1.2 Caracterização da concepção Socrática-Agostiniana

Sócrates a Teeteto: “E quem tem uma ideia, não deverá ter uma ideia de alguma coisa?” – Teeteto: “necessariamente.” – Sócrates: “E quem tem uma ideia de alguma coisa, não terá de algo real?” – Teeteto: “Parece que sim”. Se, neste argumento, pusermos a palavra “matar” no lugar de, por exemplo, “ter uma ideia

⁸⁹ O ato de procurar (to look, no original) por algo que o significado seja é ainda mais simbólico no idioma materno de Wittgenstein, o alemão, em que ‘significado’ [*Bedeutung*] deriva de apontar [*deuten*], algo frisado pelo próprio Wittgenstein em *Gramática filosófica* (§19).

⁹⁰ Tradução livre de: Studying the grammar of the expression “explanation of meaning” will teach you something about the grammar of the word “meaning” and will cure you of the temptation to look about you for some object which you might call “the meaning”.

⁹¹ O modelo de Wittgenstein, que inclui a crítica ao método ostensivo serão discutidas em 2.2.1

de”, então existe uma regra para o uso desta palavra: não faz sentido dizer “estou a matar algo que não existe”. Posso imaginar, um veado que não está neste prado, mas não posso matar um que não esteja lá. E “imaginar um veado neste prado” significa imaginar que um veado está lá. Mas matar um veado não significa matar que... Mas se alguém disser “Para eu conseguir imaginar um veado, ele afinal tem de existir num certo sentido” – a resposta é: não, não tem de existir num certo sentido. E se se obtivesse a resposta: “Mas de qualquer maneira a cor castanha tem de existir, para que eu possa ter uma ideia dela” – então, podemos dizer que: “A cor castanha existe” não tem significado algum; exceto que existe aqui ou ali uma cor de objeto; e isto não me é necessário para poder imaginar um veado castanho. (Z, §69)

Wittgenstein faz uma série de observações, segundo a investigação gramatical, que demonstram certos equívocos e, de algum modo, pressuposições relacionadas à posição referencialista, isto é, a partir do momento em que há um termo – ideia presente na passagem – necessariamente deve ter uma referência, privilegiando um certo uso. Similarmente, veja-se a imagem agostiniana que abre as *Investigações filosóficas*:

Procurava guardar na memória os nomes que ouvia darem às coisas; e vendo que as pessoas, conforme esta ou aquela palavra, se dirigiam para este ou aquele objeto, eu observava e lembrava que a esse objeto correspondia ao som que produzia quando queriam mostrar esse objeto. Então eu compreendia o que os outros queriam pelos movimentos do corpo, linguagem por assim dizer natural, comum a todos os povos e que se manifesta pela expressão do rosto, pelos movimentos dos olhos, pelos gestos dos demais membros e pela entonação da voz, indicadores dos estados de espírito, quando alguém pede determinada coisa ou quer possuí-la, quando a rejeita ou quer evitá-la (Agostinho, 1997, p.29-30).

Aqui Agostinho adota uma posição radical do método ostensivo, em que nem há o apontamento, mas associação direta de objeto à linguagem através da mera observação do uso pelos adultos. Em Agostinho, aprender uma linguagem significa que há uma correlação referencial para os termos da linguagem, que se faz por intermédio da mente, inclusive aqueles que seriam da ordem privada, como sentimentos⁹². O que nos traz a três características centrais do referencialismo, tanto agostiniano quanto socrático, que reflete essa tradição em geral: todo léxico tem significado; o significado corresponde a um léxico; o significado é objeto denotado pelo léxico.

Além disso, a concepção socrático-agostiniana (juntando as duas concepções) compartilham elementos em comum: essa correspondência de um léxico a um objeto é representacional, característico da posição referencial, mas também de dar importância a um mentalismo que opera como pano de fundo à linguagem, conectando os termos ao mundo.

A definição ostensiva, mais radical na versão de Agostinho, seria o ponto final do regresso da ordem das razões, isto é, de que as explicações verbais regredem a um ponto em

⁹² O que nos remete a discussão do mito de museu do capítulo anterior.

que a referência direta seria necessária, que culminaria na ostensão. Assim, seria através da definição ostensiva que a relação referencial ocorreria, ou seja, definindo um significado literal através dessa ação, além de definir a relação denotativa e representacional. Outra função da ostensão seria a fundamentação da linguagem, esse tipo de definição expressaria um significado imediato para o ‘entendimento’, fornecendo a ligação direta entre objeto e representação mental. O significado expresso ali também está ligado a outras definições que também são ostensivas em regresso último. Em última instância, toda linguagem teria um sistema de definições ostensivas por detrás. Por fim, como previamente dito, a definição ostensiva sempre será acompanhada de uma posição literalista, isto é, há um significado primário, invariável, independente de contexto e igualmente atemporal que surge a partir do momento em que houve a correlação entre palavra e objeto. O significado não se altera, por estar enraizado na ligação direta entre mundo, e permanece o mesmo a despeito de qualquer variação⁹³ de estímulo ou contexto, todos os demais são derivados desse literal.

Esses aspectos considerados em conjunto implicam que a definição ostensiva aliada as demais características da posição socrática-agostiniana deveriam ser o suficiente para explicar o funcionamento da linguagem, caso contrário, as definições ostensivas não poderiam servir de fundamento ou precisariam de complementação. Qualquer que seja o caso, a alteração afetaria o modelo por completo. Por exemplo, na concepção de Quine, já discutida, as definições ostensivas necessitam de complementação, seu modelo assume uma posição quadridimensionalista. Apesar de haver dependência de contextos, ainda se trata de um modelo referencialista, mas a referência é definida no uso.

Por consequência, no geral, tais modelos tem dependência de que: a) o significado seja compreendido de maneira completa e imediata nos casos ostensivos, i.e, o elo entre objeto, léxico e representação; b) a definição ostensiva seja tomada como fundamento da linguagem e sua suficiência tanto para o ensino quanto para a fluência; c) somente o objeto seja denotado como o significado de um termo, todos demais usos são irrelevantes ou não compõem o significado. A dependência se faz, pois, qualquer nível de interferência contextual resultaria na hipótese do conhecimento mútuo. Essa hipótese seria referente à

⁹³ Caso contrário ocorreria o problema discutido no capítulo anterior sobre Quine, de como ser possível reconhecer o mesmo objeto ou outros que correspondem ao mesmo termo se o estímulo não vale para todos os casos, em todos os tempos. No modelo de Wittgenstein, isso não seria sequer uma questão, no que se refere a nomes, há uma diferença entre o portador de um nome e o seu significado e nos casos gerais, todo uso é contextualmente definido através da sua utilização articulada por regras. Tudo isso será mais desenvolvido ao longo do capítulo.

necessidade de que os estados mentais de dois falantes sejam mutuamente conhecidos para a comunicação ser bem-sucedida. Se o contexto mental for parte integral da linguagem, isso cria uma série de variáveis atribuídas aos termos:

Um contexto nesse sentido não é limitado a informação sobre o ambiente físico imediato ou os proferimentos imediatamente precedidos: expectativas sobre o futuro, hipóteses científicas ou crenças religiosas, memórias anedotas, pressupostos culturais em geral, crenças sobre o estado mental do falante podem exercer um papel na interpretação”⁹⁴ (Sperber & Wilson, 1986, pp.15-16).

Dessa maneira, para determinar se dois falantes dividem o mesmo contexto e têm uma comunicação funcional, haveria de ser possível a descrição verbal das pressuposições e significados, o que já geraria um regresso ao infinito, ou melhor, a cadeia de razões chegaria a um fim. Outra possibilidade seria de que conheçam o contexto mental do outro, o que seria impossível. A terceira possibilidade seria a exclusão daquilo que é irrelevante à comunicação, pois

Não dá nenhuma indicação de como certas crenças mútuas são ativadas ou de outro modo escolhidas como relevantes, muito menos como a comunicação correta é feita. Mas naquele caso, a adoção da hipótese do conhecimento-mútuo é só um assobio no escuro. Até nós soubermos algo sobre como contextos são de fato escolhidos e usados na interpretação de proferimentos, a crença de que eles devem ser restritos a conhecimento mútuo não tem justificação [...] ⁹⁵ (Sperber & Wilson, 1986, p.20).

A manutenção da linguagem como operando sobre léxicos que estabelecem uma conexão entre objeto e sua representação mental é assumir uma hipótese altamente implausível, até insuficiente, para cobrir todos os usos e capacidades da linguagem natural. Assim, é necessário um modelo que seja capaz de abarcar todas as funcionalidades da linguagem, que não esteja comprometida com a hipótese do conhecimento mútuo ou qualquer pressuposto que alie a linguagem a representações mentais.

⁹⁴ Tradução livre de: A context in this sense is not limited to information about the immediate physical environment or the immediately preceding utterances: expectations about the future, scientific hypotheses or religious beliefs, anecdotal memories, general cultural assumptions, beliefs about the mental state of the speaker, may all play a role in interpretation.

⁹⁵ Tradução livre de: It gives no indication of how certain mutual beliefs are activated or otherwise picked out as relevant, much less how the correct identification is made.' But in that case, the adoption of the mutual-knowledge hypothesis is just whistling in the dark. Until we know something about how contexts are actually selected and used in utterance interpretation, the belief that they must be restricted to mutual knowledge has no justification [...]

2.1.3 De unidimensional para multidimensional

Agostinho não fala a respeito de uma diferença entre os tipos de palavras. Quem descreve dessa maneira a aprendizagem da linguagem, assim quero crer, pensa primeiramente em substantivos, como “mesa”, “cadeira”, “pão” e nos nomes de pessoas; somente em segundo lugar nos nomes de certas atividades e propriedades, e nos demais tipos de palavras como algo que acabará por se acomodar (IF, §1).

No ponto de abertura das *Investigações* é referenciada uma passagem de *Confissões*, de Agostinho, em que ele cria uma imagem de quando criança aprendendo a linguagem⁹⁶. Essa passagem servirá de ponto de diálogo ao modelo referencialista, mas, mais do que isso, a restrição da linguagem a uma função unidimensional, invariavelmente descritiva, de nomeação, além da insuficiência dessa visão, tanto pela questão da infinitude de explicações, quanto para abarcar os usos da linguagem que não tem função descritiva e/ou representacional. Não que na linguagem não exista a possibilidade de exercer descrição, mas somente de que isso representaria uma parte pequena e não tão usual do uso da linguagem (IF, §3). Por exemplo, imagine o seguinte cenário de três amigos: João, Zeca e José. João quer ser cantor e chama os outros dois para ir a um bar que ele foi convidado a tocar; no dia seguinte Zeca se encontra com José e lhe pergunta como foi o show, já que ele não foi e José sim. José lhe responde: ‘João fez uns barulhos lá que ele chamou de *let it be*’. Há a possibilidade de que Zeca intérprete como humor ácido a ironia da resposta, que fique ofendido se achar que há um deboche pela performance do amigo ou até mesmo não entender a formulação. Todas essas possibilidades não seriam possíveis pela redução da linguagem por descrição. É possível imaginar certos cenários em que seja parte do contexto não ser claro ou falar o oposto do que seria denotado, por exemplo, na ironia ou na situação de um réu em um interrogatório.

Paul Grice, por exemplo, sugere que há um significado de segunda ordem, que difere do que foi dito, e os léxicos servem de ferramenta para o ouvinte inferir as intenções do falante (1991b), o que ele chama de implicaturas. Tais implicaturas seguiriam um princípio de cooperação, em que os interlocutores buscam compreender uns aos outros e uma série de máximas para estabelecer a boa comunicação e possibilitar as implicaturas (1991a). As implicaturas, inclusive, podem desrespeitar tais regras para gerar efeitos contextuais, como no exemplo da conversa de Zeca e José, que feriria a máxima da clareza para atingir o efeito desejado de dizer que João cantou mal. Nesse caso, o modelo de Grice permite um

⁹⁶ A passagem de Agostinho foi citada aqui em p.41.

grande caso de usos contextuais, mas o que permite todos eles funcionar é que existe um significado de primeira ordem bem definido, não-contextual, analítico.

Além de tais usos metafóricos, indiretos, há toda uma gama de expressões físicas que também impactam em como uma expressão será entendida, como a tonalidade da voz e as expressões faciais e corporais, que podem alterar uma sentença que poderia ser entendida como descritiva para performativa, por exemplo.

(...) quando eu disse isso, apenas queria dar uma indicação” – Como eu posso saber que o que disse apenas para dar uma indicação? Bem, as palavras “quando o disse, etc.” descrevem uma situação inteligível específica. Como é essa situação? Para a descrever tenho de descrever um contexto”” (Z, §17)

Como é que ele entra nos seguintes processos:

Eu piquei-o,
Falei com ele,
Chamei-o,
Falei dele,
Imaginei-o
Estimei-o?” (Z, §18)

A linguagem não pode ser reduzida a uma atividade essencial, como representação, descrição pela sua diversidade contextual, de usos que são consideravelmente distintos. É possível imaginar uma linguagem que seja somente referencial: ela seria completa semanticamente falando, mas restrita a um uso que delimita uma parte muito ínfima do que se faz com linguagem, seria uma linguagem primitiva (IF, §2)

2.2 O jogo, a regra e o partilhado

A mudança do eixo socrático para um gramatical, em conjunto com a insuficiência do modelo referencial, representado por Agostinho, tem por decorrência a necessidade de um novo modelo. Nessa seção, será discutida a proposta de Wittgenstein sobre como a linguagem deve ser compreendida. Mais especificamente, essa seção será dividida em três subseções: a primeira caracterizará o seu modelo, centrado nos jogos de linguagem; a segunda buscará demonstrar como o modelo wittgensteiniano abandona a unidade significativa por uma inexorável complexidade, o que se associa a sua defesa da noção de semelhança de família; e a terceira e última com objetivo de compreender o que seria dominar a técnica da linguagem e qual a função das regras.

2.2.1 Pluralidade e jogos

Retornando a linguagem primitiva completa, do restrito ao referencial, “é como se alguém explicasse: “jogar consiste em empurrar coisas sobre uma superfície de acordo com certas regras...” – e nós lhe respondêssemos: Parece que você está pensando nos jogos de tabuleiro; mas esses não são todos os jogos” (IF, §3), i.e, corresponde a uma parte existente, mas menor da linguagem.

Já que no que se refere às definições ostensivas, que serviriam de fundação à linguagem, estas também não estariam imunes a efeitos contextuais, ou melhor, a serem contextuais. Tais definições, em geral, servem inicialmente como nomeação, demarcando a denotação no aprendizado, por uma palavra em conjunto com um apontamento: ‘Bola’, ou uma frase completa, ‘isso é uma bola’. Contudo, nomear não constitui uma atividade linguística significativa⁹⁷, não constitui um aprendizado completo, tal como não configura um jogo de xadrez colocar as peças sobre o tabuleiro ou mesmo dar o nome de ‘peão’ e em seguida colocá-la no tabuleiro (IF, §49). O que o ato de nomear representa é uma representação da gramática, de traduzir um gesto ou comportamento (GF, §45; Z, §537-545), em um “batismo” que estabelece um link para aplicação de um uso, mas isso não se distingue de qualquer outra regra de uso,

Tendemos a fazer uma distinção entre regras da gramática que estabelecem “uma ligação entre a linguagem e a realidade e as que não o fazem. Uma regra do primeiro tipo é “essa cor é chamada ‘vermelho’”; uma regra do segundo tipo é “~ ~ p = p”. No que diz respeito a essa distinção, há um erro comum; a linguagem não é algo que primeiro receba uma estrutura e depois se ajuste à realidade (GF, §46).

Logo, não há algo que torne uma regra distinta de outra, seja por simplicidade ou por ser ausente de contexto, pois a definição ostensiva já pressupõe uma interpretação (IF, §28). Seguindo o exemplo do vermelho da citação, no momento da definição, ao apontar para uma cesta de morangos, isso poderia ser interpretado como o nome da fruta, o nome da cor vermelha ou das sépalas do morango. Há um conjunto de interpretações erradas porque, ao apontar ou ao definir, já é pressuposto um certo uso e um lugar que a palavra tem na linguagem: “a definição ostensiva explica o uso – significado – da palavra quando já está claro qual papel a palavra deve desempenhar na linguagem” (IF, §30). Isto é, não há o

⁹⁷ Wittgenstein diz que não configura um lance no jogo de linguagem, como o conceito ainda não foi apresentado aqui, optei por utilizar atividade linguística significativa para representar o que seria um lance no jogo.

estabelecimento de uma conexão única palavra-objeto, mas um sentido que só existe dentro de um sistema, que não somente tem léxico introduzido e uso, mas também um conjunto de outros (GF, §34).

Esse “batismo” a que nos referimos é uma amostra que servirá de introdução àquele léxico, ao seu uso, que será aplicado de diversas maneiras, em diversos contextos. A amostra não denota um objeto, somente um uso inicial, que poderia ser outro, como ponto de partida (BB, 1965, p.175). Logo, aquilo que seria reconhecido como o denotado em uma definição ostensiva é somente estar sendo inserido nessa linguagem, “como reconheço que essa cor é o vermelho? – Uma resposta seria: Eu aprendi português” (IF, §381) e apresenta uma inerente ambiguidade – relatividade – em relação ao contexto que essa ‘definição’ foi dada e, mais do que isso, pressupõem um conhecimento de uma língua para entendê-las (GF, §24).

A ostensão de fato ocorreria, só não seria uma definição nem tampouco uma explicação, mas um ensino ostensivo ocorre. Uma criança não pode pedir pelo nome das coisas inicialmente, já que está muito crua na capacidade vocabular ou linguística no geral, então há nesse momento um treinamento, em que a nomeação dita uma regra de uso e não cabe a explicação verbal, o equivalente a seguir uma ordem (IF, §206) em que não há espaço para perguntas e/ou questionamentos, pois ainda não há conhecimento, introdução na linguagem para isso; i.e, antecipando a analogia com o jogo, o lance da dúvida, da pergunta sequer foi introduzido, para fazer a pergunta: “o que significa ‘x’?” ou “como assim ‘x’?” todo um treinamento já foi realizado, uma técnica já é conhecida. O treinamento envolve uma inerente confiança do aprendiz naquele que ensina (DC, §34), caso o contrário não haveria como ele ser introduzido (isso não impede que partes dessa introdução não possa ser questionada depois⁹⁸).

O ensino ostensivo não precisa envolver sequer uma função descritiva, a linguagem não tem uma única função essencial e sim tem multifuncionalidades que não se resumem umas às outras, seguindo os exemplos de Wittgenstein: ordenar e executar ordens; descrever um objeto; produzir um desenho a partir de uma descrição; fazer um relato; criar hipóteses a partir de um relato; produzir um artigo científico; inventar uma história; criar piadas; contar piadas; traduzir um texto; etc (IF, §23). Algumas dessas ferramentas, para utilizar o mesmo

⁹⁸ A questão do treinamento é ligada tanto a questão do seguir regras, que será discutida na seção 2.2.3, quanto a distinção entre saber e certeza, que será discutida na próxima seção. Portanto, ficará certas lacunas a serem preenchidas. O treinamento foi trazido para discussão para deixar claro o lugar do ensino ostensivo na linguagem.

termo de Wittgenstein, podem ser atividades similares, contínuas, mas de fato não são redutíveis umas às outras, ou ao menos não por necessidade e não a qualquer momento, já que não há uma fundação da qual todas elas se derivem. O contexto dita o que os termos significam, sobre qual uso se aplica a eles. “Pare e escute” pode ser parte de uma música, pode ser uma ordem ou pode ser um comentário sarcástico. Dessa maneira, o que resume essas diversas ferramentas da linguagem são que elas são aprendidas e funcionam numa atividade, numa práxis, através do seu uso. Um termo pode ter seu ponto de partida de utilização em um contexto que nem envolva descrição.

Contudo, não é o objetivo de Wittgenstein estabelecer uma origem do significado, mas sim demonstrar que ao investigar o aprendido, se aprende sobre o significado (Z, §412). Seja, por um lado, a questão do treinamento, seja, por outro lado, para o estabelecer o caráter inexorável da linguagem a sua prática: “O que é falado na linguagem só pode ser explicado na linguagem e, portanto, nesse sentido, a própria linguagem não pode ser explicada. A linguagem deve falar por si mesma.” (GF, §2). O contexto do aprendizado não é sobre como é aprendido, mas sobre o que se aprende.

O que auxilia a entender a dinâmica dessas articulações de usos e funções é de que elas funcionam como um jogo, nesse caso, um jogo de linguagem. Tal como em um jogo, certas regras básicas⁹⁹ são estabelecidas de antemão para o jogo poder começar e as demais regras se aprendem diretamente na execução, na prática do jogo, “conforme fomos jogando eu explico o resto”, por exemplo. Todas as funções exemplares que demos, mais os outros exemplos dados por Wittgenstein, configuram jogos de linguagem, pois detêm através da sua lógica interna um uso específico (determinado, mas não rígido) configurado pelas regras características daquele jogo. Tal como em jogos, as suas partes constituintes têm o seu significado e/ou sentido dentro do contexto do jogo, dada as funções e regras. Seguindo a analogia, uma moeda de real pode ser dinheiro ou uma peça de um jogo de dama, ou ainda, uma determinada peça ganha significado e nome, por exemplo, ‘Bispo’, como uma peça que move e captura outras peças em diagonal, mas também pode assumir novas funções, por exemplo, uma versão grande da mesma peça pode ser utilizada como suporte de livro.

⁹⁹ Importante ressaltar que essas regras não funcionam como um axioma matemático – o que é uma das razões pela qual Wittgenstein abandona a analogia da linguagem como cálculo pela do jogo – em que funciona como fundamento inflexível ou que tais regras são sistematizadas e categorizadas. Isso será mais profundamente explorado em 2.2.3, mas também em 2.3.1 e 2.3.2 quando será discutido a distinção entre saber e certeza.

Entretanto, não há total equivalência na analogia, por exemplo, uma parte dos jogos envolve uma competição em que há vencedores, na linguagem isso não ocorre. Não é que não haja a possibilidade de jogos de linguagem que envolvam competição, por exemplo, um tribunal ou uma disputa pelo significado de um termo por dois grupos. A questão é que a linguagem não é competitiva por excelência, não havendo uma relação de igualdade onde jogo = linguagem, afinal nem todas as características de jogos estarão presentes em todos os jogos de linguagem¹⁰⁰. Outra distinção importante: jogos não se interseccionem, pois ou se joga futebol ou se joga handball; já em relação aos jogos de linguagem, muitos são sistematicamente conectados ou se complementam, por exemplo, os jogos já citados aqui: o de ordenar e o de executar ordens.

Em suma, a linguagem opera analogicamente a jogos como um sistema orgânico em que o seu sentido é ditado por regras aprendidas na execução do próprio jogo.

2.2.2 Do completo simples ao hiper complexo

A definição ostensiva se mostrou um ensino e também que a linguagem seria uma série de ferramentas chamadas jogos de linguagem. A ostensão também se demonstra insuficiente para abarcar todas as funcionalidades, ao menos como fundamento, há léxicos, talvez todos, que executam múltiplas funções, além de que “o problema é de que as palavras em nossa linguagem nem sempre contém marcadores explícitos indicando diferenças no uso. É certo que parte dessas diferenças são refletidas na superfície da gramática através do estado de espírito, inflexões, pontuações etc” (Fogelin, 1995, p.113). Isto é, há uma parte considerável do significado que não está presente no aspecto simbólico, lexical, mas na performance de seu uso. Isso traz uma complexidade maior e mais variantes, o que pode resultar em mais erros, desentendimentos, falhas comunicativas, daí a pergunta pela explicação mais comum também, como o que significa tal palavra, o que quis ser dito por tal fala, o que não é incomum na própria prática do cotidiano.

O ponto é retornar a ideia de que “toda a explicação tem o seu fundamento no treino.” (Z, §419) e que esse treino não define um *token* de significado, em que tudo se deriva dele. Há uma interrelação, que pode ter ficado implícita na subseção anterior, entre o uso – que é

¹⁰⁰ Isso antecipa a noção de semelhança de família, que será discutida em 2.2.2.

o significado – e o que rege o uso: as suas regras, o seu lugar na gramática. É uma interrelação na medida em que a regra se estabelece através do seu uso: “Para estabelecer uma prática, não bastam regras; são necessários também exemplos. Nossas regras deixam abertas as portas dos fundos e a prática precisa falar por si própria” (DC, §139). Nesse cenário não há um literal, um analítico *a priori*¹⁰¹, em isolamento. O treinamento pode ser entendido como um ponto de partida, uma introdução a um jogo de linguagem, em que a regra é somente assumida, sem questionamento (IF, §219). A partir dessa introdução, dessa amostra, pode haver uma série de outras sentenças em que o mesmo termo aparece, funcionando do mesmo jeito e/ou posteriormente de outra e, nesse caso, já seria possível a correção do uso incorreto e a pergunta pelo significado desse novo uso.

De qualquer modo, todo uso, portanto, todo significado é adquirido e dado dentro de um contexto prático, ou melhor, de um jogo de linguagem. “Então é o jogo de linguagem inteiro que constitui a relação nome-objeto e não uma regra particular ou critério”¹⁰²(Hintikka & Hintikka, 1986, p.90). Como consequência, há um abandono da concepção de simples, tanto quanto um elemento associado a um literal que serve de contexto nulo, por exemplo, a distinção entre significado e significado, entre o literal e implicaturas de Grice não existiria. O exemplo dado dos três amigos seria somente um jogo de linguagem em que essas regras se aplicam e qualquer falha comunicacional seria por estarem ‘jogando’ jogos diferentes. O que também se perderia ao abandonar o simples seria o abandono de essências de conceitos, de que há um elemento comum a todos que correspondem ao mesmo termo¹⁰³; se por um lado o portador de um nome é diferente do significado do nome, logo, um nome não é simples, já que um termo pode ser nome de vários portadores, por outro, substantivos, classes seria diferente, contudo

Mas quais são as partes constituintes simples a partir das quais a realidade se compõe? – Quais são as partes constituintes simples de uma poltrona? – os pedaços de maneira a partir dos quais ela é construída? Ou as moléculas ou os átomos? – “Simples” significa: não composto. E o que importa, aqui, é o seguinte: ‘composto em que sentido? Não faz sentido falar, sem maiores considerações, das ‘partes constituintes simples da poltrona’.

¹⁰¹ Em I, 104, 105 de *Remarks on the foundations of mathematics* iria sugerir algo como analítico *a posteriori* (Ver: Benardete, 1958), o que estou chamando aqui de analítico seria a concepção clássica, já apresentada no capítulo anterior sobre Quine. Acerca dessa nova formulação, ela será discutida no próximo capítulo.

¹⁰² Tradução a partir de: “So it is the entire language-game that constitutes the name-object relation, not a particular rule or criterion.”

¹⁰³ O que dialoga diretamente com a temática do eixo socrático, discutida em 2.1.1. Wittgenstein inclusive cita Platão diretamente ao discutir esse ponto em §46 de IF.

Ou a minha imagem visual dessa árvore, dessa poltrona, consiste de partes? E quais são suas partes constituintes simples? Ter muitas cores é *um* tipo de composicionalidade [...]

Mas acaso um tabuleiro de xadrez, por exemplo, não é evidentemente composto, sem maiores considerações? – Você está claramente pensando na composição em 32 quadrados brancos e 32 quadrados pretos. Mas será que também não poderíamos dizer, por exemplo, que ele é composto das cores branca e preta e do esquema quadriculado? E, se há aqui modos de ver completamente diferente, será então que você ainda irá dizer, sem maiores considerações, que o tabuleiro é ‘composto’? – *Fora* de um jogo específico, pergunta “Esse objeto é composto?” é semelhante ao que certa vez fez um rapazinho que deveria dizer se os verbos em certos exemplos de frase estavam sendo usados na voz ativa ou passiva, e então quebrou a cabeça pensando se o verbo “dormir”, por exemplo, significava algo ativo ou passivo (IF, §47).

Wittgenstein, quando propõe o abandono do simples, não implica que não exista partes significativas mais simples em um todo maior mais complexo, mas sim de que há simples do qual todo complexo é composto. A questão é de que os conceitos ‘todo’ e ‘composto’ ainda recaem sobre a lógica do jogo de linguagem e, portanto, seu significado é ditado pelo uso contextual, e contextualmente é possível ter todos que não são compostos de simples ou que isso sequer faça sentido, vide o exemplo de §47. O que permite, então, uma série de objetos terem o mesmo nome? O que permite a Ménon dizer que as virtudes do homem, as da mulher e as da criança tem algo em comum para todas serem chamadas pelo mesmo termo?

A razão da linguagem ser compreendida de tal maneira – para além da herança socrática – seria o que Wittgenstein denomina de “ânsia de generalidade”¹⁰⁴, que geraria essa necessidade de se buscar algo em comum a todos os usos e funções de um termo, seja um nome, substantivo ou adjetivo, de forma a legitimar esse uso. Tal ‘ânsia de generalidade’ geraria confusões acerca da linguagem que seria a identificações de pseudoproblemas filosóficos.

Em *O livro azul*, Wittgenstein enumera quatro dessas confusões. A primeira se refere ao problema que acabamos de discutir, à tendência de procurar algo em comum que atenda a um termo geral – no nosso caso, qualquer termo – para legitimar o seu uso: “É comparável a ideia de que propriedades são ingredientes das coisas que tem propriedades, por exemplo, que beleza é o ingrediente de todas as coisas belas como o álcool é da cerveja e do vinho e que nós portanto poderíamos ter uma beleza pura, não adulterada por qualquer coisa que é

¹⁰⁴ Não que a linguagem não possa realizar generalizações, mas a pressuposição de algo similar a todos os usos de um termo que corresponderia a ânsia de generalidade, o que geralmente seria a postura filosófica.

bela.”¹⁰⁵ (BB, 1965, p.17). Essa confusão surgiria não só desse erro gramatical, mas de que para compreender a associação esse puro deveria ser conhecido, o típico problema platônico.

A segunda confusão seria originada do problema, já discutido por Berkeley sob o termo de ideia geral abstrata, de que termos gerais como “folha” e “triângulo”, que se aplicam a todos os casos particulares, guardam as características essenciais e os particulares trazem as características contingentes ou então que seria pela abstração das características particulares que se chega a um geral aplicável a todos os casos. As respostas de Berkeley e Wittgenstein, inclusive, são relativamente complementares, já que o filósofo escocês descarta ambas as possibilidades ao ressaltar que a função da linguagem, o local em que estas discussões são feitas e que sem ela a noção de abstração nem existiria, não tem a função primária de representar ideias ou objetos e, portanto, o uso desses termos não precisa envolver qualquer tipo de distinção entre particular e geral. A crítica de Wittgenstein, além da associação de que todos esses usos pertencem a um jogo e seu conjunto de regras, aponta que

Isso novamente é conectado com a ideia de que o significado de uma palavra é uma imagem ou uma coisa correlacionada com o mundo. (Isso grosseiramente significa, nós estamos olhando para as palavras como se fossem todas elas nomes próprios e então confundimos o portador de um nome com o significado do nome)¹⁰⁶ (BB, 1965, p.18).

Isso se conecta diretamente com a terceira confusão, que consiste em afirmar que esses conceitos gerais são relacionados a um mecanismo mental de representação sendo que esse mecanismo refletiria um estado de consciência, ou seja, a linguagem funcionaria com uma ponte entre representação mental e representação de objetos. A última fonte da ânsia de generalidade seria a preocupação com a ciência¹⁰⁷: “[...] o método de reduzir a explicação do fenômeno natural ao menor número possível de leis naturais primitivas; e, em matemática, de unir o tratamento de diferentes tópicos ao utilizar uma generalização”¹⁰⁸ (BB, 1965, p.18).

¹⁰⁵ Tradução a partir de: It is comparable to the idea that properties are ingredients of the things which have the properties; e.g. that beauty is an ingredient of all beautiful things as alcohol is of beer and wine, and that we therefore could have pure beauty, unadulterated by anything that is beautiful.

¹⁰⁶ Tradução a partir de: “This again is connected with the idea that the meaning of a word is an image, or a thing correlated to the word. (This roughly means, we are looking at words as though they all were proper names, and we then confuse the bearer of a name with the meaning of the name.”

¹⁰⁷ Isso se conecta diretamente com a preocupação central da dissertação e com problemas identificados no modelo quineano.

¹⁰⁸ Tradução a partir de: “the method of reducing the explanation of natural phenomena to the smallest possible number of primitive natural laws; and, in mathematics, of unifying the treatment of different topics by using a generalization.”

O problema não é o método da ciência em si, mas aplicá-lo em toda parte na linguagem, pois ao se fazer isso recai-se em confusões - é “pensar em questões tais como “Existe *sense data*?” e perguntar: Qual método é utilizado em determinar isso? Introspecção?”¹⁰⁹ (BB, 1965, p.18) - as questões filosóficas desse tipo e diversas outras não cabem no método científico, logo, pouco sentido faz tentar aplicá-lo.

Essas quatro confusões geradas pela ânsia de generalidade - Wittgenstein diz que também poderia ser chamada de ‘atitude de desprezo direcionada ao caso particular’ - podem ser mais bem entendidas como: para o significado ser possível de ser múltiplo sob um único termo, ele necessita de um denominador em comum. O que se estende à questão do simples. Eis então que não há necessidade de um denominador em comum para todos os casos, pois considerando a sistematicidade das regras e dos jogos que se aplicam, eles não precisam estar conectados diretamente um com os outros.

Nós somos inclinados a pensar que deve haver algo em comum a todos os jogos e, digamos, que essa propriedade em comum é a justificativa para aplicar o termo geral “jogo” para vários jogos; enquanto jogos formam uma *família* de membros em que tem semelhança de família ¹¹⁰ (BB, 1965, p.17).

Essa semelhança ou parentesco é o que explica a aplicação de um mesmo termo a diversos objetos diferentes, mas também o que explica a própria ideia de “a linguagem”, o que haveria de comum a todos os jogos de linguagem para serem todos linguagem, também seguiria a lógica da semelhança de família (IF, §65). Imagine quatro objetos distintos: X; Y; Z e W. Esses quatro objetos correspondem a um mesmo termo geral, digamos, são quatro jogos distintos e cada um deles tem um conjunto de características:

X: {A; B; C; D}

Y: {D; E; F; G}

Z: {G; H; I; J}

W: {J; K; L; M}

¹⁰⁹ Tradução a partir de: “Think of such questions as “Are there sense data?” and ask: What method is there of determining this? Introspection?” Optei por não traduzir *sense data*, pois, no que se refere as traduções de Quine, geralmente não é traduzido, como esses dois autores estarão em diálogo é mais interessante manter as expressões idênticas.

¹¹⁰ Tradução a partir de: “We are inclined to think that there must be something in common to all games, say, and that this common property is the justification for applying the general term “game” to the various games; whereas games form a *family* the members of which have family likenesses”

Não há uma característica que seja comum a todos eles, contudo todas elas são conectadas entre elas. W não tem nada de incomum com X, mas tem uma semelhança, W compartilha a característica J com Z que compartilha G com Y e Y tem D com X. Entretanto, não precisa ser tão extremo quanto esse exemplo. Outra organização poderia ser:

X: {A; B; C; D}

Y: {A; B; C; E}

Z: {E; D; F; G}

W: {C; D; F; G}

Nesse exemplo há um compartilhamento maior de características entre os quatro objetos, X e Y dividiriam um parentesco quase de “irmãos”, enquanto Z e W seriam “primos”.

Não posso caracterizar essas semelhanças de modo melhor do que por meio da expressão “semelhanças de família”; pois assim se sobrepõem e se entrecruzam as diferentes semelhanças que há entre membros de uma família: estatura, traços faciais, cor dos olhos, jeito de andar, temperamento etc. etc. – E direi: os ‘jogos’ formam uma família (IF, §67).

Isso também implica e explica casos mais severos, imaginemos um caso mais extremo em que há três jogos: Truco, Banco Imobiliário e GTA. Um seria comumente definido por um jogo de baralho e os outros dois como um jogo de tabuleiro e um videogame, respectivamente. Uma linha de “parentesco” pode ser traçada de maneira a estipular uma relação indireta, mas o que a semelhança de família implica em última instância, é de que não há qualquer semelhança entre esses três jogos além do fato de que são jogos. Eles não têm nenhuma característica em comum além dessa.

[...] Jogos não tem nada em comum exceto que são jogos e coisas vermelhas não tem nada em comum exceto de que são vermelhas, irmãos não tem nada em comum exceto que eles são irmãos. É verdade que os irmãos têm em comum o fato de serem irmãos do sexo masculino, mas o fato de terem em comum o fato de serem irmãos do sexo masculino é o fato de terem em comum o fato de serem irmãos, e não o fato de terem algo em comum além de serem irmãos. Até mesmo o conceito em que pode ser explicado em termos de condições suficientes e necessárias não pode ser, em última medida, ser explicada em tais termos. Para satisfazer a ânsia por uma definitiva explicação de “irmão” em tais termos seria necessário definir “masculino” e “irmãos”¹¹¹ e as palavras em que “masculino” e

¹¹¹ Há uma limitação de tradução aqui, em inglês, Bambrough usa “simblings” nesse momento ao invés de “brothers”, “simblings” seria forma neutra de se referir tanto a irmãos quanto irmãs, enquanto no português “irmãos”, o equivalente a “brothers” faria essa função. O que faz a passagem parecer redundante, por isso a contextualização.

“irmãos” foram definidas e assim *ad infinitum* e *ad impossibile* ¹¹² (Bambrough, 1961, p.214).

Ao nomear um jogo como jogo ou ao introduzir um jogo, se estabelece uma regra de aplicação do termo, a extensão dessa aplicação aumenta conforme novos jogos forem introduzidos. Se for introduzido ao xadrez e posteriormente ao Shogi, haverá uma série de similares e diferenças, contudo, conforme novos jogos forem introduzidos, só restará de semelhança entre eles a regra de aplicação, que todos correspondem a jogos. Retornando ao que chamei de Eixo Socrático, as definições que trazem a superfície o comum entre todos os usos e objetos denotados, se torna imediatamente impossível no cenário da semelhança de família, a mudança de eixo não implica somente o que tratamos até de um retorno a prática da linguagem, mas também no modo como ela funciona. A adoção do simples ou no elemento em comum para atender a ânsia de generalidade, tanto para ter mais clareza e precisão no uso ou para refletir e entender o método como construímos teorias não é uma necessidade no eixo gramatical, pois não reflete a ocorrência prática da linguagem e não é um valor a ser assegurado. Fogelin diferencia os conceitos éticos e estéticos como

(...) uma característica distintiva desses conceitos, no entanto, é de que eles são radicalmente politípicos, i.e, eles especificam classes contendo subclasses de vastamente diferentes tipos sem qualquer relação clara entre eles. [...] Wittgenstein está dizendo que é a hiper-complexidade – ao invés do completo simples – dessas noções que as fazem ser incapazes de definição”¹¹³ (Fogelin, 2002, p.137).

Todavia, é bem possível que todos os conceitos participem na hipercomplexidade. Por um lado, definições rígidas são incapazes para qualquer termo. Definições poderiam realçar a regra de uso ou selecionar as características mais relevantes para aquele contexto. Se estou apresentando o jogo Buraco para alguém que nunca jogou um jogo na vida, não faria sentido definir jogo trazendo características como “mover uma peça no tabuleiro”, apesar de haver diversos jogos com tabuleiro. Por outro lado, o que seria de fato mais

¹¹² Tradução a partir de: “[...] games have nothing in common except that they are games, and red things have nothing in common except that they are red, brothers have nothing in common except that they are brothers. It is true that brothers have in common that they are male siblings, but their having in common that they are male siblings is their having in common that they are brothers, and not their having in common something in addition to their being brothers. Even a concept which can be explained in terms of necessary and sufficient conditions cannot be ultimately explained in such terms. To satisfy the craving for an ultimate explanation of " brother" in such terms it would be necessary to define "male" and "sibling", and the words in which " male " and " sibling" were defined, and so on ad infinitum and ad impossibile.”

¹¹³ Tradução a partir de: “A distinctive feature of these concepts, however, is that they are radically polytypic, i.e., they specify classes containing subclasses of wildly divergent kinds with no clear relationships between them. [...] Wittgenstein is saying that it is the hyper-complexity — rather than the utter simplicity — of these notions that makes them incapable of definition.”

chamativo na diferença dos tipos de conceitos seria a característica que haveria diversas subclasses e que essas subclasses não têm nada de claro na relação entre elas. É possível estender isso a conceitos diversos, como no nosso exemplo de jogos. A subclasses de jogos que não tem nada em comum entre elas, além do fato de que são chamadas de jogos. Tal como uma série de subclasses éticas ou estéticas, que não tem nada em comum entre elas para além do fato que as suas ações são classificadas dentro de um conceito moralmente ou esteticamente carregado. A diferença permanece, sugestivamente, em que em ambos os casos há uma carga normativa, ao contrário dos outros conceitos. É consideravelmente mais comum o debate se tal ação é moral ou não, se faz parte ou não das ações morais ou se é belo ou não, do que se tal jogo pode ser considerado um jogo ou, digamos, se faz parte do grupo do jogo de tabuleiro ou não.

De qualquer maneira, há uma complexidade inerente aos conceitos que não podem ser reduzidos a um simples. A relação entre seus usos é definida por uma semelhança, parentesco, mas também por algo que constantemente falamos aqui, regra.

2.2.3 Jogos e regras

Estabelecemos que aquilo que comumente chamamos de linguagem obedeceria também à semelhança de linguagem e que pelo laço de parentesco entre os diversos jogos de linguagem, temos algo que chamamos de a linguagem. Estabelecemos também que, tal como aos jogos, o que rege a linguagem, sua utilização e significado são as regras. As regras são inicialmente estabelecidas por um treinamento – às vezes também traduzido por adestramento – que permite o funcionamento do jogo. O treinamento não estabelece regras alheias ao jogo, não são regras especiais. Todavia, algo não ainda foi esclarecido: o que são as regras? Como essas regras são seguidas? Como elas se caracterizam?

As regras, primeiramente, não podem ser reduzidas ao papel de estabelecer uma relação palavra e objeto, pois, por um lado, já estabelecemos que “[...] é o jogo de linguagem que constitui a relação nome-objeto e não uma regra particular ou critério”¹¹⁴(Hintikka & Hintikka, 1986, p.90) e que isso seria reduzir o papel das regras, e consequentemente da

¹¹⁴ Tradução a partir de: “[...] it is the entire language-game that constitutes the name-object relation, not a particular rule ou criterion.”

linguagem, vide que nem todo jogo tem função representacional e nem todo jogo é referencial.

Regras são inegavelmente normativas, seguindo a caracterização de Baker e Hacker (2009, pp.50-51) elas podem ter, entre outros, seis aspectos. Instrucional: característico do ensino, do treinamento. Sentenças são formuladas de maneira a definir um uso. Algo como: “isso é uma bola”, “não faça isso”, “Se você chutar e a bola entrar é gol”. Nem todo ensino envolve esse aspecto e o aspecto instrucional pode aparecer mais tarde em outros jogos, de maneira a elucidar qual jogo está sendo jogado ou se a comunicação tem problemas, pode ser utilizada para esclarecer o uso que está sendo utilizado ao usar uma palavra, sentença ou noção geral.

Outro aspecto seria o definidor em que a regra define uma ação: “[...] gera formas de descrição e determina a aplicabilidade ou inaplicabilidade de correspondentes (normativo) caracterizações de comportamento [...]”¹¹⁵ (Baker & Hacker, 2009, p.50) como; em vários jogos, seguir uma regra é diretamente uma ação do jogo e descumprir a regra significa deixar de jogar o jogo. “Ele anotou um *home-run*” no baseball, “ele realizou um roque” no xadrez, “marcado o impedimento” no futebol, isso poderia, inclusive, ser reduzido a formas mais simples como, por exemplo, explicar o que seria o *home-run* de antemão e quando acontecesse somente falar *home-run*.

O terceiro aspecto é explicativo, de maneira a descrever ou para elucidar ações ou falar, esclarecendo o comportamento comum àquele jogo para aqueles que já o jogam, mesmo que seja inconsciente. Como dizer “O carro parou porque o sinal está vermelho”; “Ele está saindo de campo porque foi substituído”; “Ele saiu da rodada porque sua mão estava ruim”. Note-se que, nesses exemplos, a proposição não tem relação causal, somente teleológica, que fará sentido para quem conhece futebol, regras de trânsito ou poker.

O aspecto preditivo é a capacidade de prever resultados a partir da regra estabelecida. Ao aprender uma técnica – como é a linguagem, como são as regras¹¹⁶ – seria possível uma ação que determina um resultado. Se chutar assim, a bola irá fazer esse trajeto. Se você começar o jogo de xadrez com uma entrada italiana, é esperado que você permita liberdade ao bispo e a possibilidade de fazer o roque.

¹¹⁵ Tradução livre a partir de “[...] generates forms of description and determine the applicability or inapplicability of corresponding (normative) characterizations of behaviour [...]”

¹¹⁶ Essa relação será estabelecida em breve, nessa mesma subseção.

[...] um homem irá ter esse resultado quando ele segue esta regra ao fazer uma transformação – mas de que ele irá ter esse resultado, quando nós dissermos que ele está seguindo a regra. [...] ‘ $25 \times 25 = 625$ ’ por isso iria significar que homens, se julgarmos que eles obedecem às regras de multiplicação, irão chegar ao resultado 625 quando eles multiplicarem 25 x 25. Que esta é uma previsão correta está além de qualquer dúvida razoável; e também que o cálculo se baseia essencialmente em tais previsões. [...] isso realmente significa: calcular é uma técnica (RFM, II-67, §66).

A regra define a relação de causa e efeito, portanto, gera a relação de previsibilidade. O quinto aspecto pode ser de justificação. Seja para justificar uma ação prevista no jogo - “eu parei, pois a preferência era de quem já está na via” - nesse caso bem similar ao aspecto explicativo, mas também pode ser mais reativa a outras regras - como “eu movi o bispo, pois não posso deixar o rei em xeque” -, mas também uma justificativa crítica - “Eu disse o que disse, pois também tenho direito a opiniões”; “Eu tenho direito à moradia e não irei me mudar”.

Por fim, aspecto avaliativo. Regras aqui significam definir o uso correto ou incorreto, ação errada ou não com base no jogo jogado. Isso implica em uma série de variações: pode ser legal ou ilegal; com sentido ou sem sentido; válido ou inválido, entre outros. É importante ressaltar, porém, que a regra não é o que é medido, mas sim a medida. Ao pensar em um ensino ostensiva como regra, ela não é a aplicação da regra. Tal como no caso da nomeação, o jogo não é jogado, é preparação para o jogo.

Há dois pontos para serem retirados dos aspectos das regras, o primeiro ponto é, tal como outros conceitos, a ideia de “as regras” ou “a regra” também é por semelhança de família. Não há traço em comum, além da normatividade – o que é geral demais e não esclarece muito – apesar de certas regras terem particularidades com outras. Tal como jogos de linguagem são diversos e por semelhança de família correspondem ao mesmo conceito, logicamente o mesmo ocorre com as regras que regem tais jogos, o que pode inclusive confundir um pelo outro (GF, §73).

O segundo ponto é a distinção de que a linguagem é uma atividade que envolve regras ao invés de acordo com regras; isso quer dizer que parte daquilo que gramaticalmente chamamos de compreender uma regra, ou melhor, dominar uma técnica, saber fazer algo dentro de um jogo de linguagem (IF, §150; §151) já envolve conhecer a regra, mas não necessariamente explicita, dita, pois ela já está inserida no próprio processo de compreensão daquele jogo de linguagem, subjazida. Por exemplo, se eu colocar a seguinte sequência:

0,1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55...

e pedir para alguém continuar, é bem possível que a pessoa identifique a regra e continue, sem sequer mencionar que se trata da sequência Fibonacci, em que a partir do terceiro termo, o termo subsequente é a soma dos dois anteriores ou que pode ser expressa através de $u(n+1) = u(n-1) + u(n)$ sendo $(n \geq 2)$. Ou, seguindo o exemplo de Wittgenstein (BB, 1965, p.13), imagine que um professor escreva a sequência de números: 1 2 3 4 e peça a um aluno para elevar ao quadrado e o aluno escreva: 1 4 9 16. O que

[...] está de acordo com regra geral de elevação ao quadrado; mas é obviamente de acordo com qualquer número de outras regras e entre essas não é mais de acordo com essa do que outra. No sentido de que antes quando nós falamos sobre uma regra ser envolvida em um processo, nenhuma regra estava envolvida aqui (1965, p.13).

Wright (2008, p.124) levanta dois pontos: o primeiro é de que a linguagem é uma atividade em que se segue regras, então essas devem ter o papel de liderança. Se há o papel de liderança, elas devem definir os seus critérios de maneira independente e antecipadamente a nós, i.e, devem ser autônomas. No sentido da liderança, a expressão ‘seguir regras’ não pode ser tomada literalmente, como se tivesse se referindo a uma pessoa. Seguir as regras se refere diretamente a essa diferença entre envolver regras ao invés de acordo. As regras definem o uso e consequentemente qual jogo que está sendo jogado, mas não definem cada lance dado e não estão ativas a cada lance, uma vez que, como em vários jogos, a regra é proferida, o jogo paralisa para explicar, rever, entender o que se fazer. Isso não tem direta relação com liderança no papel de comando direto. Além disso, lideranças podem ser questionadas, o papel das regras em Wittgenstein é de normatividade, não há como não seguir regras.

A regra pode ser auxílio no ensino do jogo. Ela é comunicada àquele que está aprendendo, e sua aplicação é exercitada. – Ou ela é uma ferramenta do próprio jogo. – Ou: uma regra não encontra emprego nem no ensino nem no jogo ele próprio; tampouco está registrada em uma lista de regras. Aprende-se o jogo ao se observar como outras pessoas o jogam. Nós dizemos, porém, que ele é jogado segundo tais e tais regras porque um observador pode extrair essas regras da prática do jogo, - como uma lei natural que as ações do jogo seguem (IF, §54).

As regras podem ser aprendidas por observação e inferidas a partir da prática. Portanto, mesmo que toda atividade linguística envolva regras e que essas sejam parte integral da constituição do uso e, por consequência, do significado, a única relação com liderança é no papel de guia e essa guia é por imanência e não necessariamente explícita e ativa. O modelo de Wittgenstein, não é sobre conhecer as regras como em um conjunto de axiomas matemáticos, mas sim sobre o domínio de uma técnica, essa pode ser acompanhado

de explicações, treinamentos, mas é sobre a execução correta ou incorreta, válida ou inválida. De fato, as regras são autônomas, mas não pelo seu aspecto de “liderança” ou por ser antecedentes àquele que aprende as regras, mas, primeiro pelo regresso de razões, há de ter um fim e na medida em que elas não respondem a um processo de justificação, já que elas não possuem valor de verdade: “entender uma frase significa entender uma linguagem. Entender uma linguagem significa dominar uma técnica” (IF, §199). O domínio de uma técnica não tem função verdadeira funcional, mas sim de prática, correspondendo aos valores que já determinamos, como, por exemplo, válido ou inválido. Portanto, dessa maneira, são autônomas na medida que não são justificadas por mais razões ou critérios avaliativos da verossimilhança de relações entre regra x mundo ou quaisquer outros tipos. É igualmente importante ressaltar que se trata sempre de uma determinação coletiva, ninguém nunca seguiu uma regra somente uma vez (IF, §199) e que o estabelecimento funciona a partir da interação entre pessoas e o uso contínuo, costumes, tradições, instituições, assim sendo, é claro que as regras são anteriores a indivíduos, mas, é claro, não existiriam sem indivíduos.

À maneira que as regras se envolvem na atividade linguística, a distinção entre sintática e semântica se dissipam, uma vez que tanto a dinâmica dos jogos quanto a das regras articulam ambas ao mesmo tempo. A distinção perde sentido, traz uma artificialidade ao processo de uso. O exemplo de Chomsky de: “Ideias verdes incolores dormem furiosamente” é tão incoerente quanto uma sentença do tipo: “não amanhã abdul padaria”, ambas seriam de imediato rejeitadas em um jogo de linguagem. A gramática filosófica exploraria a gramática usual, igualmente com o semântico dos termos os articulando.

Se “entender uma frase significa entender uma linguagem. Entender uma linguagem significa dominar uma técnica” (IF, §199), o que seria o domínio dessa técnica? Wittgenstein fornece uma série de demonstrações, cenários sobre o envolvimento da técnica:

De usar uma palavra: “Começar por ensinar a alguém “Isto parece vermelho” não tem sentido. Tem de o dizer espontaneamente quando tiver aprendido o que significa “vermelho”, isto é, quando tiver aprendido a técnica de utilizar a palavra” (Z, §418).

Sobre representar:

Seria possível descobrir uma nova cor? (Pois o daltônico está, naturalmente, na mesma situação que nós; suas cores formam um sistema tão completo quanto o nosso; ele não vê as lacunas onde se encaixariam as cores restantes.)
[...]

O que caracteriza proposições da forma “Isto/esta/este é...” é somente o fato de que a realidade fora do chamado sistema de signos entra de certa maneira no símbolo (OF, §95).

Sobre comparação:

A palavra “precisão é uma dessas expressões dúbias. Na linguagem cotidiana, refere-se a uma comparação e, então, é inteiramente inteligível. Onde está presente certo grau de imprecisão, a precisão perfeita também é possível. Mas o que significa dizer que nunca posso ver um círculo preciso e estou usando essa palavra não relativamente, mas absolutamente?

As palavras “Eu vejo” em “Eu vejo uma mancha” e “Eu vejo uma linha” têm, portanto, significados diferentes.

Suponhamos que eu tenha de dizer “Nunca vejo uma linha perfeitamente nítida”. Tenho, então, de perguntar “Uma linha nítida é concebível?” Se é certo, dizer “não vejo uma linha nítida”, então uma linha nítida é concebível. Se tem sentido dizer “nunca vejo um círculo perfeito”, isso então implica: um círculo perfeito é concebível no espaço visual (OF, §213).

Sobre medida:

A respeito de uma coisa não se pode enunciar nem que tem 1m de comprimento nem que não tem 1m de comprimento, e essa coisa é o metro-padrão de Paris. – Com isso, porém, nós evidentemente não estamos conferindo a ele alguma propriedade notável, mas apenas assinalando seu papel peculiar no jogo de medições com o metro. – Imaginemos que, assim como acontece com o metro-padrão, também as cores fossem preservadas em Paris. Definimos assim: chamamos de “sépia” a cor da padrão-sépie que ali está preservado, sob vácuo. Então não terá nenhum sentido dizer, a respeito dessa amostra, nem que ela tem essa cor, nem que não tem. [...] É um paradigma no nosso jogo; algo com o qual as comparações são feitas (IF, §50)

Sobre calcular:

A profecia não diz que um homem obterá este resultado quando seguir esta regra ao fazer uma transformação - mas que ele obterá este resultado quando dissermos que ele está seguindo a regra. E se disséssemos que as proposições matemáticas eram profecias neste sentido: elas predizem que resultado os membros de uma sociedade, que aprenderam esta técnica, obterão de acordo com outros membros da sociedade? “ $25 \times 25 = 625$ ” significaria, portanto, que os homens, se os julgarmos que obedecem às regras da multiplicação, alcançarão o resultado 625 quando multiplicarem 25×25 . — Não há dúvida de que esta é uma previsão correta; e também que o cálculo se baseia essencialmente em tais previsões. Isto é, não deveríamos chamar algo de “cálculo” se não pudéssemos fazer tal profecia com certeza. Isso realmente significa: calcular é uma técnica. E o que dissemos diz respeito à essência de uma técnica (RFM, II-67, §66).

E, é claro, sobre jogar um jogo:

Este consenso pertence à essência do cálculo, esse tanto é certo. Isto é: esse consenso faz parte do fenômeno do nosso cálculo.

Em uma técnica de calcular de profecias deve ser possível. E isso torna a técnica de cálculo semelhante à técnica de um jogo, como o xadrez (RFM, II-67, §67).

Assim como um lance de xadrez não consiste somente no fato de que uma peça é movida de tal ou qual maneira sobre o tabuleiro, - e tampouco nos pensamentos e sentimentos que acompanham o lance, enquanto o jogador move a peça; mas nas circunstâncias a que chamamos: “jogar uma partida de xadrez”, “resolver um problema de xadrez” e outras como essas (IF, §33).

Essas passagens, em conjunto com o restante da discussão, devem chamar a atenção para que o fato que o domínio da técnica ou sua execução nunca estão relacionados a meramente conhecer a regra, nem tampouco em uma relação de correspondência entre a execução e o que seria denotado (o que ocorre no sistema quineano, por exemplo). O critério corresponde a uma práxis, a execução correta, não acerca de valores de verdade, mas gramaticais, estabelecidos pela ordem social, coletiva, desde as suas comunidades menores a uma escala maior (Z, §387). Essa práxis não se distingue como uma parte da linguagem para outra maior, mas essas práticas linguísticas já são o sentido e o significado. Falar um idioma, medir algo, jogar um jogo, calcular a área de um lugar, fazer uma lista de compras, contar uma história são jogos de linguagem, mas são também, em uma última medida, práticas sociais, ou melhor, uma prática, pois “não é possível que uma regra seja seguida por somente uma pessoa uma única vez.” (IF, §199); todas as práticas são definidas, performadas e mantidas dentro uma sociedade, comunidade, cultura, logo, toda prática é social.

Em decorrência disso, o uso de uma palavra – ou qualquer outra forma de expressão – em sua prática é o significado (BB, 1965, p.69), não a sua definição, não os seus usos descritos em um dicionário, mas somente enquanto práxis e somente lá. Uma palavra ou expressão só ganham significado quando devidamente iniciadas em um jogo, em um sistema linguístico funcional, com suas regras de uso ou, mais radicalmente, só é uma palavra, e não uma coletânea de letras, porque tem seu uso.

John Austin em *How to do things with words* (Como fazer coisas com palavras) denomina de ato de fala performativo aquele ato de fala que é uma ação e que não representa ou denota, mas é propriamente uma ação, tal como um juiz que diz: “Declaro essa sessão encerrada”. Práticas humanas, jogos de linguagem têm uma dimensão significativa para além do dito: participar de uma missa, fazer terapia, cantar ao vivo em um bar, dançar em uma festa junina não são atos de fala performativos pelo critério de Austin, mas todos envolvem uma dimensão emocional, moral, avaliativa maior do que é o “dito” e no que não foi dito – no caso da dança nem sequer teve dito; e na terapia o silêncio também tem significado, às vezes maior do que dizer - e isso ocorre porque estar inserido em uma linguagem já implica que palavras são atos (IF, §546; GF, §131).

O que significa dominar uma técnica nesse cenário? Pode-se dizer que é estar inserido e saber agir (o que já é circular, saber agir já é saber uma técnica) em um jogo, um

contexto.¹¹⁷ Definições não têm lugar aqui, por semelhança de família nem todos os jogos requerem características em comum para definir o que significa dominar a técnica para jogá-los. Contudo, Wittgenstein fala sobre características no uso de regras e prática de uma técnica.

Regularidade do uso correto, tal como apareceu no modelo de Quine, também parece o caso. Dominar uma técnica requer a capacidade de reproduzir corretamente e isso está presente em uma série de jogos de linguagem, como no da matemática, na maior parte dos esportes, no artesanato etc (IF, §208); a regularidade só é possível quando há técnica envolvida, mesmo que não tenha sido aprendida com as regras explícitas (RFM, VI, §1), contudo, tal como no restante do modelo, há uma certa vagueza também. Ser regular não implica que não há irregularidade ou variação, mas a capacidade de reproduzir a prática de forma geral regular, mas também reconhecer a uniformidade que a regularidade cria, o que está diretamente relacionado à ideia de previsibilidade que as regras criam (RFM, VI, §44).

Essa regularidade, é claro, irá criar uma regularidade de ação e comportamento como consequência. A regra, é claro, deve ser objetiva, primeiramente por uma questão lógica do treinamento, mas posteriormente também para ser possível, uma regra deve ser coletivamente definida e seguida, caso o contrário não é regra, não tem significado: a prática precisa que seja coletiva (RFM, VI, §41).

A normatividade envolvida parece envolver uma arbitrariedade e invariabilidade¹¹⁸, no que se refere à arbitrariedade, de certa maneira, pode haver. Por toda prática humana ser uma atividade que envolve regras, o que é o “dado” profundamente se mistura com o “construído”. O que define se é por regra ou se é o caso? Ou se é ambos? É necessário investigar a própria gramática de arbitrário (Z, §358). Se por um lado, as regras da gramática não têm valor de verdade, pois são práticas, ou seja, corretas ou incorretas, válidas ou inválidas, não podem ser justificadas. A tentativa de justificar as regras seria circularmente afirmar as regras do jogo de linguagem epistemológico (Z, §331), algo como “A é verdadeiro, porque as regras do jogo definem que há um A possível de ser verdadeiro”. Por

¹¹⁷ Aqui a investigação da técnica sobre a ótica do *know-how* pode ser interessante. Por um lado, a distinção *know-how/know-that* não faz sentido para Wittgenstein, pois uma teoria ou corpo teórico é igualmente um jogo de linguagem, igualmente uma técnica aprendida. Por outro, Wittgenstein já comparou técnica com *know-how* – ele usa a expressão *knowing-how* (Z, §190) – e essa expressão essencialmente seria o conhecimento técnico que, em última instância, seria todo conhecimento. O que haveria de interessante nessa investigação é que *know-how* tem amplos estudos na história da filosofia, que podem elucidar, ampliar o entendimento sobre a investigação da linguagem.

¹¹⁸ A questão da invariabilidade será tratada na próxima seção.

outro lado, arbitrariedade envolve o fato de ser uma decisão, um modo de agir sem justificativa, definido por motivo alheio àquele que executa, mas

Por que não chamamos as regras de culinária de arbitrárias e por que somos tentados a chamar as regras de gramática de arbitrárias? Porque penso no conceito “culinária” tal como definido pelo fim da culinária, e não penso no conceito “linguagem” definido pelo fim da linguagem. Você cozinha mal se é guiado na culinária por outras regras que não as certas; mas se você segue outras regras que não as do xadrez você está jogando outro jogo; e se você segue outras regras gramaticais que não tais e tais isso não significa que você diz algo errado; não, você está falando de outra coisa (GF, §133).

As regras da linguagem não envolvem uma finalidade que alheia à própria linguagem, apesar de certos jogos poderem ter. Certos jogos epistemológicos têm pretensão de criar descrição de mundo e de estabelecer um elo mundo-linguagem, portanto há uma relação de verdadeiro x falso, em que aquilo que é falso é eliminado do sistema de descrições. As regras gramaticais, porém, não são eliminadas e não tem justificção, errá-las significa não jogar o jogo ou jogar outro jogo ou simplesmente não fazer sentido.

O que significa conhecer algo nesse contexto? Há diferenças diversas entre jogos epistemológicos e outros jogos? Há condições semânticas anteriores que até aqui não discutimos? Mudemos então a perspectiva em direção a aspectos epistemológicos da linguagem, acerca da sua possibilidade semântica e de construção epistêmica.

2.3 Sobre certezas e imagens

Em *Uma defesa do senso comum* Moore busca responder aos questionamentos céticos a partir da perspectiva do senso comum, i.e, dos costumes. Entre os seus pontos há uma lista de truísmos, em que Moore afirma que “cada um dos quais (em minha opinião) *sei*, com certeza, ser verdadeiro” (Moore, 1980, p.81). Três desses truísmos são: (1) Existe um corpo humano e este é o meu corpo. Ele existiu no passado e continua a existir apesar das mudanças e tal como esse corpo existem outras coisas com três dimensões e em uma relação espacial com ele, seja de distância ou de proximidade, como usar um lápis; (2) Existem outros seres humanos e eles continuaram a existir após o nascimento; (3) As coisas estiveram em contato com a Terra ou próximo dela e ela existiu por muitos anos e durante esses anos existiram seres humanos. Muitos desses seres humanos morreram e outros nasceram antes do meu próprio nascimento.

A leitura de Wittgenstein em relação aos truísmos e a posição de Moore é de que ele não sabe essas coisas, mas tem certeza delas. São categorias distintas. Essa seção explorará essa distinção e as decorrências para o modelo wittgensteiniano de linguagem.

2.3.1 O que pertence ao saber, o que pertence à certeza

Expressões como “Eu acredito que X” sendo ‘X’ qualquer variação de uma crença verdadeira ou falsa, como “Eu acredito que o Rio de Janeiro fica no Brasil” ou “Eu acredito que o papai noel exista” tem uma localização gramatical subjetiva. Crenças podem ser pessoais e sem qualquer tipo de pretensão epistemológica, científica ou universal. Já o conhecimento, o saber algo, por outro lado, envolve mais do que uma crença pessoal, envolve objetividade. Deve obedecer a critérios públicos, definidos por uma comunidade (ou universais, a depender do modelo) e mais importante, deve ser justificado.

Sentenças que professam conhecimento de algo: “Eu sei que x” assumem certas condições:

(A) Conhecer algo envolve ser capaz de dar razões, justificativas para isso. Wittgenstein (IF, §150) traça um paralelo entre a gramática de ‘saber’ e ‘entender’ e com isso dominar uma técnica. Para dominar uma técnica deve-se saber ao menos explicá-la ou como a aprendeu. Proposições epistemológicas também fazem parte de um jogo de linguagem e, portanto, também envolvem o domínio de uma técnica. Juntamente, deve-se seguir as diretrizes institucionais e sociais do que é considerado boas formulações teóricas, condições para ser considerado verdadeiro ou justificações aceitáveis para as formulações produzidas.

O emprego correto da expressão “Eu sei”. Alguém de vista fraca me pergunta: “Você acredita que aquilo que vemos ali é uma árvore?” – Eu respondo: Eu sei isso; eu a vejo precisamente e a conheço bem”. – A: “Será que N.N está em casa?”. – Eu: “Acredito que sim”. – A: “Será que ontem ele estava em casa?” – Eu: “Ontem ele estava em casa, isso eu sei, eu falei com ele.” – A: “Será que você sabe ou apenas acredita que essa parte da casa foi construída recentemente?” – Eu: “Eu sei isso; eu me informei a esse respeito com.. (DC, §483).

Nesses diálogos hipotéticos de Wittgenstein, o “Eu” para se utilizar de “Eu sei” – de maneira correta – deve ser capaz de fornecer uma razão, uma justificação, ou melhor, um fundamento (DC, §484). O que então distingue conhecer de uma crença.

(B) Saber envolve eu ser capaz de verificar a proposição. Parte da tarefa de justificar uma certa posição epistêmica é a capacidade de verificar a sua veracidade, a sua correspondência com o que se quis dizer ou referenciar.

Se eu não sei se alguém tem duas mãos (por exemplo, se lhes foram amputadas ou não), então acreditarei na sua asseveração de que tem duas mãos, caso ele seja confiável. E, caso ele diga que sabe isso, então para mim isso só pode significar, que ele já pôde se certificar disso; que, portanto, seus braços não estão, por exemplo, ocultos por bandagens e curativos etc. etc. Que eu acredite aqui na pessoa confiável segue-se do fato de que eu concedo a essa pessoa a possibilidade de se certificar. Quem diz, porém, que (talvez) não haja objetos físicos não faz isso (DC, §23).

Wittgenstein fala mais de uma vez na confiabilidade do interlocutor – o que é interessante considerando o papel da confiança na constituição das certezas – pois é ele que verifica ou é capaz de verificar e atestar se tem duas mãos ou não. Aqui é uma situação simples de meramente olhar ou atestar, o que ele pode não ser capaz de fazer no momento, mas a possibilidade é sempre possível, o que não seria o caso se fosse com objetos físicos. A evidência ou comprovação da existência do mundo externo e, conseqüentemente, dos objetos físicos, nunca é sobre atestar por verificar a sua existência, mas sobre algo distinto, o que por consequência traz a evidência dos objetos, vide a prova de Descartes que seria através da comprovação da existência de Deus.

(C) Saber envolve ser capaz da possibilidade do erro e sua possível correção. Além de ser capaz de justificar a minha posição de saber algo ou não, tem de haver a possibilidade do contrário da expressão, a possibilidade do erro.

“Eu sei que sou um ser humano.” Para que vejamos quão pouco claro é o sentido dessa proposição, considere sua negação. No melhor dos casos, poderíamos compreendê-la assim: “Eu sei que possuo órgãos humanos”. (Por exemplo, um cérebro, o qual, ninguém ainda viu.) Mas o que se passa com uma proposição como: “Eu sei que tenho um cérebro”? Posso duvidar dela? Para duvidar, faltam-me razões! ‘tudo fala a favor e nada contra’. No entanto, pode-se imaginar que, durante uma operação, meu crânio se mostre vazio (DC, §4).

Nas passagens citadas anteriormente, parte dos exemplos podem ser imaginados como enganos, tal como o que ele julgava ser N.N, na verdade ser um irmão gêmeo de N.N se passando por ele ou que quem informou a ele estava enganado ou não seria uma boa fonte. Na passagem que citamos sobre verificação, Wittgenstein estabelece que dependendo da confiabilidade do interlocutor, podemos aceitar sua posição de que sabe ou não se tem duas mãos, mas, de qualquer maneira, a possibilidade do erro está pressuposta a todo momento. O que não acontece ao final da passagem, se o cenário fosse acerca de objetos físicos.

(D) Saber está envolvido em certos jogos, então a pronunciar “Eu sei que x” só se faz relevante nesses contextos.

[...] alegar saber o que é óbvio não é um lance – não importa o quão pragmaticamente inapropriado – dentro de um jogo com “saber”. Manter isso seria, em sua opinião, aniquilar a distinção entre usos significados e não significativos desse verbo. Para dar uma informação relevante, na visão de Wittgenstein, não é uma máxima da lógica conversacional (*pace* Grice). Melhor dizendo, não pertence à pragmática da linguagem. Pelo contrário, é uma exigência da gramática do nosso jogo de linguagem com o “saber” (Coliva, 2010, p.70)¹¹⁹.

Voltando à analogia com Grice, que já fizemos aqui, não haveria a quebra de uma regra para atingir ou não algum ganho contextual ao utilizar “eu sei que...” em algum contexto em que isso não seja relevante, mas isso não seria sequer reconhecido como um lance dentro desse jogo, vide:

[...] Quando o guarda-florestal entra na floresta com seus subordinados e então diz “Esta árvore deve ser derrubada, e esta e esta” ___ e se, nesse momento, ele fizer a observação “Eu sei que isto é uma árvore”? – Será, porém, que eu não poderia dizer, a respeito do guarda-florestal, “Ele sabe que isso é uma árvore, ele não investiga tal coisa, nem ordena a seu pessoal que o faça”? (DC, §353).

A afirmação de que “eu sei que isto é uma árvore” seria irrelevante tanto para o guarda-florestal quanto para quem trabalha com ele, visto que isso não é um lance no jogo, mas um pressuposto para ele ocorrer. Você assume árvores quando aprende algum jogo que as envolva, digamos que uma criança esteja com um brinquedo composto de placas de papelão com imagens de objetos e ele passa essas placas dizendo o nome do que está impresso nelas, ao dizer ‘árvore’ ao passar uma delas seu pai diz, brincando: “isso não é árvore não, hein” e ele respondesse: “eu sei que isso é uma árvore”. Nesse cenário, apesar da possibilidade dele ter comparado o que ele conhece por árvore com a imagem e estar querendo dizer: “eu sei que é uma árvore porque tem as características do que eu conheço” é mais provável que seja a fronteira nebulosa entre “eu sei” e “tenho certeza” e que, na verdade, ele quer dizer que não há possibilidade de estar enganado.

É da gramática de “Eu sei” ou do saber/conhecer que essas características estejam envolvidas. Capitulando, o saber envolve ser capaz de determinar valor de verdade às suas proposições, sendo capaz de justificar, dar razões e verificar a sua validade. Contudo, assim

¹¹⁹ Tradução a partir de: “[...] the claim to know what is obvious *isn't* a move – no matter how pragmatically improper – within the language game with ‘to know’. To hold otherwise would, in his opinion, annihilate the distinction between meaningful and meaningless uses of that verb. For, in Wittgenstein’s view, to give a relevant piece of information *isn't* a maxim of the logic of conversation (*pace* Grice). That is to say, it doesn’t pertain to the *pragmatic* of language. Rather, it is a requirement of the *grammar* of our language game with ‘to know’.”

como as explicações chegam a um fim, que é o treinamento, as justificações igualmente devem chegar a um fim. As explicações verbais têm o seu final em uma prática que estabelece usos primários, em que não há espaço para perguntas, pois não há conhecimento o suficiente do jogo de linguagem para tanto. No caso das justificações, elas devem recuar a algo que não necessite de justificativa, que é dado como certo. Em algum ponto, a dúvida deixará de fazer sentido (DC, §56), questionar a veracidade de algo não entrará com um lance epistêmico de justificar a posição ou trazer a evidência, mas sim como sem sentido ou como alguém que não está mentalmente bem (DC, §155).

Toda expressão e termo tem o seu lugar na gramática, em seus jogos. Isso inclui aquilo que é evidência e aquilo que é verificável (DC, §196; Z, 259), e pela mesma medida inclui aquilo que não é evidência e inverificável. Contudo, o inverificável – que apareceu com certa constância no modelo quineano como justificativa para o abandono do mentalismo – implica ao mesmo tempo que a sua verificabilidade é/foi determinada e que, portanto, dependendo, digamos, de tecnologia, isso pode mudar. A certeza se distingue daquilo que pode ser conhecido por essa maneira, aquilo pelo qual temos certeza é aquilo em que o erro não é uma possibilidade, não porque podemos verificar, justificar, mas porque essas categorias e valores, o que inclui a própria dúvida, não estão em questão, não há disputa conceitual ou interpretativa em relação a isso. Aquilo que é certeza é a condição semântica para questões epistemológicas se darem, descreve a situação conceitual na qual é possível o teórico e o questionável (DC, §51).

O exemplo dado da criança com as imagens pode ser interpretado dizendo que ele sabe que é uma árvore porque há característica do uso que ele adquiriu, portanto pode dar razões do porque é uma árvore, mas pode ser também certeza, na medida em que quer dizer: não há possibilidade de eu ter cometido um erro. Um outro cenário em que “eu sei” e “tenho certeza” se confundem na forma que são expressas é no tribunal, quando uma testemunha afirmar “eu sei que foi ele que eu vi no dia do assalto” significa que há certeza e que não há possibilidade de estar errada quanto a isso.

Os truísmos de Moore não expressam algo que é sabido por ele ou por qualquer outro que compartilhe dos mesmos jogos de linguagem que ele¹²⁰, mas sim algo que se tem certeza. Por exemplo, Eratóstenes produziu um experimento com obeliscos em diferentes latitudes e

¹²⁰ A formulação correta seria imagem de mundo, contudo, como esse conceito não foi ainda apresentado, optei por manter jogos de linguagem em comum.

observou a sombra que esses obeliscos produziam em diferentes momentos do dia e pôde constatar que a Terra é redonda, porém dificilmente alguém no século XX ou XXI proferiu: “ah, agora sei que a Terra é redonda!” ou “Eu tinha dúvidas acerca disto, mas agora eu sei que é redonda” depois de repetir ou descobrir o experimento. Da mesma maneira, pode ser dito sobre corpos e objetos físicos, como poderia se justificar ou evidenciar a sua existência? Considerando o caráter sistemáticos dos jogos de linguagem - e consequentemente das certezas, que são condições semânticas, portanto, dos jogos - de que maneira a existência de tais corpos e objetos físicos não está pressuposta no que é utilizado como justificação, evidência e o que podemos considerar como checagem? Ou como checagem suficiente? (DC, §110). Deus garantiria a existência do mundo externo no modelo cartesiano, mas também poderia garantir a existência de outros objetos, como um reino de ideias, de números etc., porém nesse caso a recepção poderia pedir, não pela evidência de Deus ou de como ele garante esses reinos, mas pela própria existência desses reinos, mas não do mundo externo, porque ao contrário daquilo que se conhece, do mundo externo se tem certeza. Seguindo o exemplo de Coliva, posso questionar se estou vendo a cor correta do objeto, mas não que ele exista (2010, p.57) ou nas palavras do próprio Wittgenstein:

[...] Como, porém, um jogo de linguagem é algo que consiste em repetidas jogadas ao longo do tempo, então parece que não poderíamos dizer, em nenhum caso particular, que tal e tal coisa precisa estar fora da dúvida para que possa haver um jogo de linguagem, mas sim que, por via de regra, algum juízo empírico precisa estar fora de dúvida (DC, §519).

As certezas aparecem então como condição semântica para os jogos e, por decorrência, do saber e do conhecimento, como além do justificado ou injustificado, pois é através delas que as condições para tanto se estabelecem (DC, §359). Questionar um fato construído por via vero-funcionais requer evidenciação, justificação e possivelmente a demonstração. O erro é possível e denominado falso, não atende às condições de verdade. Se me utilizo de saber algo como técnica e não a executo conforme as regras estou errado. Questionar as certezas não faz parte do jogo de linguagem como lance possível. Se alguém questionar a existência da Terra antes do nascimento dos pais não é uma questão de verdadeiro ou falso ou sequer correto ou incorreto é simplesmente uma constatação absurda. O oposto das certezas não é falso ou incorreto, é incompreensível, portanto, absurdo, só seria compreensível – em alguns casos – em um cenário especificamente ficcional ou filosófico, em que não há a pretensão à dúvida, mas sim à especulação com uma outra finalidade.

2.3.2 Regras, imagens, dobradiças

Retornando a temática do treinamento na linguagem, foi estabelecido que nessa fase há um uso primário de expressões – o significado – e as regras envolvidas naquele uso, mas as regras não são simplesmente descritas, seja por ostensão ou por uma formulação normativa, mas pela prática, por exemplos; as regras podem elucidar, mas a prática se estabelece por si mesma (DC, §139). Se a prática envolve um uso correto/incorreto, válido/inválido, há implicitamente uma regra envolvida na prática, que nem sempre se faz explicitamente seguida ou explicitamente conhecida (tal como no exemplo da sequência Fibonacci), porque, afinal, se a prática fala por si mesma, se aprende a fazer contas, não a regra (DC, §44), apesar de regras estarem envolvidas.

Quando a criança se introduz na prática da linguagem, dizemos que não há espaço para impedir por explicações ou questionar uma utilização, mas mais do que isso é porque igualmente não se faz necessário, pois a criança, ou posteriormente já um aluno em um colégio acredita, confia em quem lhe ensina (DC, §263); para ser possível se estabelecer uma prática inicial é preciso confiar em quem já está inserido. Ainda que haja a possibilidade de engano e erro, digamos dos dados dos sentidos, essa possibilidade é parte inserida ao jogo e igualmente não implica que fora desses casos a desconfiança permaneça (DC, §34). Além disso, não somente aquilo de que é possível ou não duvidar e quando, mas se aprende algo implicitamente ao aprender certos usos. Não é necessário e nem se faz o ensino de que exista objetos físicos, não se aprende que há livros e poltronas, mas sim que se lê livros e se senta em poltronas, que se busca uma chave e não que elas existam (DC, §476).

Contam-me, por exemplo, que há muitos anos alguém escalou esta montanha. Será então que sempre investigo se quem conta a história é confiável e se essa montanha existe há anos? Uma criança aprende que há contadores confiáveis e outros não confiáveis muito mais tarde do que aprende os fatos que lhe são contados. Ela não aprende *de modo algum* que aquela montanha existe há muito tempo, ou seja, a pergunta a respeito disso ser assim não ocorre de modo algum. Ela engole, por assim dizer, essa consequência junto com *aquilo* que ela aprende (DC, §143).

Há em conjunto com o que se ensina, se prática uma série de assunções implícitas que desde criança aprendemos a confiar e acreditar. A veracidade dessas crenças não está em disputa, se trata de certezas e não defendemos (nem se faz preciso) ou atestamos isso por investigações. Ninguém que compartilha da nossa cultura iria questionar que a Terra existiu desde 1900, mas não é por fotos, relatos, família ou registros, em isolamento, a dúvida poderia existir, pois essas coisas estão submetidas a erros, mas porque confiamos, acreditamos no

sistema de proposições que essas e outras evidências formam. Seja explicitamente, como nas proposições empíricas – proposições dos jogos –, ou gramaticais – proposições de regras ou implicitamente nessas proposições (DC, §138, 141, 274).

Esse sistema de proposições é herdado através do aprendizado e reforçado pela prática dos jogos que assentam nas certezas, essas proposições formam uma imagem de mundo, “contra o qual distingo o verdadeiro do falso” (DC, §94). Imagem de mundo e não sistema ou *framework*, visto que essas regras não precisam ser anunciadas e podem ser puramente práticas, Wittgenstein sugere que a imagem de mundo pertence a uma espécie de mitologia (DC, §95), os mitos têm um evento, uma narrativa, mas em conjunto há a constituição de valores e costumeiramente tem – igualmente nas fábulas – a ideia de uma moral da história. A história de Noé não é uma sobre uma família que constrói uma arca, mas a importância da fé e temor a Deus, que não necessariamente estão lá como norma, regra. Narrativa, fato, valor não estão descritos, organizados e devidamente separados em mitos, há a formação de um todo. A imagem de mundo, analogamente, funciona da mesma maneira, ao sermos ingressados em jogos de linguagem se carrega uma narrativa daquela comunidade em que estamos sendo inseridos e com ela os seus costumes, valores, tradições e a métrica do que é possível ser verdadeiro/falso. Estar em uma linguagem é herdar a imagem de mundo que essa linguagem carrega.

Imagine que o aluno chegasse ao ponto de perguntar: “E será que a mesa ainda está lá quando me viro; e mesmo quando ninguém a vê?”. Será que nesse caso o professor deveria tranquilizá-lo? E dizer “É claro que ela está lá!”. – Talvez o professor fique um pouco impaciente, mas imagine que o aluno logo irá abandonar tais perguntas (DC, §314).

O professor já herdou a imagem de mundo e entende – inconscientemente – que conforme gradativamente o aluno a herdar também será claro que a mesa estará lá, pois não há possibilidade do contrário, pois isso seria sem sentido, absurdo. A imagem de mundo, porém, não é fixa e dialoga com o próprio sistema de proposições empíricas, incluindo as epistemológicas. Wittgenstein diz que é uma certeza que nunca houve alguém que pisou na lua (DC, §108), porque além de ser um fato empírico, não há nas proposições da física da época a possibilidade de suporte para tal crença (não havia tecnologia para propulsionar um objeto físico que suportasse um homem para além da atmosfera), por outro lado, a certeza hoje é oposta, já houve pessoas que andaram na lua. Temos a certeza e julgaríamos absurda alguém que clame que já andou em Marte, mas daqui a 100 anos pode não ser o caso. Por outro lado, uma imagem de mundo é capaz de suportar certezas que não tem evidência empírica nenhuma e que entre em contradição com a maioria dos jogos de linguagem: um

católico dificilmente aceitaria a sugestão de um objeto pode ser duas coisas ao mesmo tempo ou se transformar por completo, mas no caso da comunhão o vinho se transforma/é indiscutivelmente o sangue de Jesus¹²¹.

Em DC §92, há imagem de um rei que acredita que a Terra nasceu junto com ele, ele aprendeu isso durante a infância e esse conhecimento foi garantido por outros. Como então argumentar com ele que não é o caso? Qual tipo de evidência seria aceitável? Wittgenstein aponta que somente uma conversão de imagem de mundo seria possível para mudar essa crença. Da mesma maneira que acreditamos que a Terra seja redonda muito antes de vermos uma prova e que fósseis existem a milhares de anos antes de ter datação de carbono. Essas crenças são certezas e acreditamos nelas, aquilo que é evidência de sua veracidade já está na imagem de mundo como possibilidade de evidência.

Nenhuma suposição me parece mais natural do que a de não existir no cérebro um processo relacionado com o associar ou o pensar; de forma de que seria impossível recolher os processos do pensamento a partir dos processos do cérebro. Quero dizer: se falo ou escrevo, presumo que há um sistema de impulsos que saem do meu cérebro e estão relacionados com os meus pensamentos falados ou escritos. Mas por que deveria o sistema continuar na direção do centro? Por que não poderia esta ordem provir, por assim dizer, do caos? O caso seria como o seguinte – algumas espécies de plantas reproduzem-se por sementes, de modo que uma semente produz sempre uma planta da mesma espécie daquela a partir da qual foi produzida – mas nada na semente corresponde à planta, que é resultado dela; pelo que é impossível deduzir as propriedades ou a estrutura da planta a partir das da semente que dela sai – isto pode apenas ser feito a partir da história da semente. Portanto, um organismo poderia nascer mesmo de algo completamente amorfo, por assim dizer, sem causa; e não há razão por que isto não seja assim em relação aos nossos pensamentos e, portanto, em relação a nossa fala ou escrita (Z, §608).

A razão da associação da linguagem com a mente, e da mente com o cérebro é parte da nossa imagem de mundo, como sabemos dessa relação? Porque acreditamos. Acreditamos na imagem de Agostinho nas *Confissões* e não por razões empíricas. O esquilo não precisa de indução para fazer provisões, tanto quanto nós não precisamos de indução para justificar ações e previsões (DC, §287). Em *Novum Organum*, Francis Bacon defende a indução como método para a produção do conhecimento, em contraposição ao silogismo¹²² (XIV), aos

¹²¹ Segui o exemplo de Wittgenstein em DC §239, ritos como a comunhão católica e outros há consideráveis diferenças para os casos empíricos. Se, de maneira sádica, alguém trocasse o vinho por sangue haveria uma reação de anormalidade e absurdo, pois, em momento algum há a expectativa literal de transformação. A transformação é imagética, simbólica. No nível da imagem de mundo, não há a necessidade do simbólico ter uma representação física, apesar de todos os presentes saberem que fisicamente é vinho, *semanticamente* é o sangue de Jesus.

¹²² Silogismo em si não entra em contradição ao método indutivo, Bacon se refere ao silogismo sem observação, através da análise de conceitos.

falsos poderes da mente (IX) e da dialética (XX); para tanto a indução não deve ser contestada, não os resultados, não como método, mas de maneira que, se na prática algo se repete, então deve se repetir no futuro; ou ainda, se A então B inúmeras vezes então deve haver uma relação causal entre elas.

Isso não implica em uma ingenuidade, que meramente se acredita na indução e em outras crenças, mas como jogos de linguagens são práticas, repetidas ao longo do tempo, que envolvem regras, é igualmente por via de regra que certas proposições precisam estar fora de dúvida, para as restantes estarem passíveis de dúvidas. (DC, §519). O que não deixa de incluir os jogos epistemológicos

[...] Pense em pesquisas químicas. Lavoisier faz experimentos com substâncias em seu laboratório e então conclui que, na combustão, tal e tal coisa acontece. Ele não diz que, numa outra vez, isso bem poderia se passar de outra maneira. Ele adere a determinada imagem de mundo, a qual naturalmente não inventou, mas aprendeu quando criança. Eu digo imagem de mundo e não hipótese, porque ela constitui o fundamento evidente de sua pesquisa e, como tal, nem mesmo chega a ser anunciada (DC, §167)

Seja em jogos de linguagem cotidianos, seja em jogos com pretensões epistemológicas, para algo ser móvel, como as teorias, algo tem de permanecer fixo (DC, §341). Retornando ao exemplo do homem na lua, assim como antigas certezas podem ser abandonadas, novas podem se tornar certezas – postulados – aquilo que é do campo epistemológico pode se tornar tão certo, que o que antes era do teórico se torna prática comum. Dificilmente alguém pensaria em ferver um alimento para torná-lo mais seguro para consumo antes do experimento de Pasteur, mas dificilmente pensa em Pasteur ao fazer isso, pois o ato se tornou prática comum de quem compartilha essa imagem de mundo. “A mitologia pode novamente se tornar fluida como um rio; o leito do rio dos pensamentos pode se deslocar. Mas eu distingo entre o movimento da água no leito do rio e o deslocamento desse último; embora não exista uma separação nítida entre os dois.” (DC, §97). O discurso ganha sentido em nossa coleção de práticas, que é uma imagem de mundo e partes dessa têm de permanecer estáticas como condição de sentido para as outras se moverem.

3 ENTRE JOGOS E ESTÍMULOS: COMPLEMENTOS, CONFLITOS E APONTAMENTOS

Nesse capítulo final iremos então colocar em contraponto os dois autores discutidos nos dois capítulos anteriores, determinando o que seria ponto em comum ou próximo o suficiente para estabelecer um paralelo para a nossa discussão, aquilo que é contrastante entre os autores e qual modelo é mais interessante ou se alguma problemática permanece. Para tanto, esse capítulo será dividido em três seções. A primeira referente à concepção da linguagem: sobre a sua aquisição, a constituição do significado e as consequências da adoção de certas posições e suas relações com o mundo e entre os seus fluentes. A segunda seção será especificamente para o papel da normatividade, que exerce dupla função: no campo da linguagem, no modelo wittgensteiniano, a sua utilização é normativa por excelência, uma vez entendido que a linguagem é uma atividade que envolve regras¹²³, e no campo epistemológico, por outro lado, é lugar comum de que seja igualmente normativo, tem força de norma. O modelo quineano, por outro lado, costumeiramente é associado como descritivo ou causal-monológico sem apresentação de uma normatividade, seja na atividade linguística seja como pretensão epistemológica. Também será nessa seção que será discutido o estatuto da posição naturalista e se é possível uma extensão dessa posição à Wittgenstein. A terceira e última seção será, com base nessas discussões anteriores, dedicada a traçar o que significa produzir conhecimento.

3.1 No que se refere à linguagem e à sua prática

Como estabelecido brevemente na abertura do capítulo, essa seção irá se dedicar à linguagem natural/cotidiana, deixando de lado as utilizações e implicações dos usos epistêmicos para as seções seguintes. Comparativamente, é possível, antes de tudo, determinar que há três níveis de correspondência entre os autores acerca do funcionamento da linguagem, no geral e no seu cotidiano: um primeiro de convergência – por exemplo, sobre a publicidade da linguagem –; outro, de aparente convergência, em que as posições são parecidas, mas há diferenças acerca de como o que é falado se estabelece ou nas

¹²³ 2.2.3 para o detalhamento do papel normativo na linguagem para Wittgenstein.

decorrências – por exemplo, o papel da verdadeira funcionalidade na linguagem – ; por fim, há cenários de discordância, o mais nítido deles, o do papel da normatividade.

Na posição de Quine, a normatividade não está em questão na linguagem natural, não executa uma função. Enquanto a normatividade estabelece, digamos, o contexto do uso, i.e, qual jogo está sendo jogado e localiza a gramática do jogo, para Quine toda a linguagem se inicia em sentenças observacionais e o que estabelece o uso correto de uma sentença é se a sua condição de verdade for satisfeita, condição essa – como já vimos – de um comportamento linguístico adequado ao estímulo, que pode ser corrigido ou assentido. Há um papel verofuncional na linguagem para Wittgenstein, mas como para o autor austríaco não há uma estrutura hierárquica na linguagem, jogos de linguagens diferentes podem ser pontos de partidas diferentes para um aprendiz e isso irá ter diferentes funções e diferentes maneiras para haver uma correção ou assentimento. Por exemplo, a sentença ‘Marque aquela pessoa’ no jogo de linguagem de uma peça de teatro, pode significar pintar uma pessoa com uma cor ou colocar um adesivo nela ou coisas similares, já no jogo de linguagem do futebol significa jogar defensivamente contra aquela pessoa, roubando a bola, impedindo a bola de chegar ao gol, no geral, tentar impedir o outro jogador de participar positivamente para o seu time. Para Wittgenstein, o que vai determinar o entendimento de uma frase como essa é exatamente a normatividade do jogo. Para determinar o jogo é necessário um trabalho de analogia, por semelhança de família, mas também por indicação, por exemplo, “hoje te levarei pra jogar uma partida”, “Teremos aula de teatro” seguido de explicações sobre o que é¹²⁴. A verdade varia conforme a normatividade do jogo exige.

Em estrutura, porém, tanto Quine (1969b, p.26) quanto Wittgenstein (IF, §23) defendem a linguagem como uma atividade desenvolvida e definida na prática em que ela se estabelece. Como consequência, ou como determinado por isso, a linguagem se caracteriza como sistemática ou holística. Quine apresenta dois tipos de holismo: um semântico¹²⁵ e um de verificação¹²⁶.

O semântico, como enquadramos no capítulo sobre Quine, é decorrente do entendimento da linguagem como arte social, portanto, por estrutura, não se compreende uma linguagem por termos, mas por sentenças, pela superação do significado unitário de

¹²⁴ O papel das analogias e semelhança são explícitos na obra de Wittgenstein, a ideia de uma indicação verbal do jogo é uma adição, mas simples o suficiente para não precisar justificar como possível.

¹²⁵ Rever 1.1 para a discussão sobre holismo semântico no modelo quineano.

¹²⁶ Rever 1.3.3 para a discussão sobre holismo de verificação no modelo quineano.

uma palavra para um de definições contextuais, algo que ele credita a Bentham (2004f, p.302). O que se estende a teorias ou conglomerados de proposições que se relacionam – digamos, por exemplo, jogos de linguagem – melhor entendidos como um todo. De maneira sistemática, o significado dos termos às proposições e das proposições às teorias só pode compreendido quando se compreende esse todo (2004, p.304).

Frases teóricas, tais como “Neutrinos não têm massa”, ou a lei da entropia, ou a constância da velocidade da luz, estão no outro extremo. São tais frases acima de tudo para as quais vigora a máxima de Wittgenstein “Compreender uma sentença significa compreender uma linguagem” (Quine, 2010, p.110).

Quine entende que a rejeição de Wittgenstein da possibilidade de uma linguagem privada (OR, p.27) constitui diretamente a uma visão de linguagem essencialmente prática e, portanto, não há como o significado estar fora dessa própria atividade, inclusive em sua possível mudança (2010, p.25). A posição holística quineana pode ser facilmente estendida a Wittgenstein, ao menos nos termos em que Quine faz o paralelo. A raiz da linguagem ser uma arte social – para me utilizar da expressão de Quine – que se faz compreendida através da interação entre os participantes e tem seu significado estabelecido no seu uso, corresponde aos jogos de linguagem. A introdução aos jogos são através de uma atividade interativa entre o aluno/criança e a utilização das ferramentas desses jogos (DC, §139) e o seu instrutor (IF, §54), há ainda uma sistematicidade envolta das ferramentas dentro de um só jogo e na interação com outros, através da normatividade das regras envolvidas que conduzem e compelem o uso de uma determinada maneira, então, de fato, a posição semântica é, na prática, holística (sintaxe e semântica é uma linha que Wittgenstein apaga a favor de uma pragmática, mas o argumento se mantém entendendo semântica como parte significativa). Todavia, apesar de ambos defenderem a linguagem como uma práxis e o significado como seu uso, o que é efetivamente essa práxis e o papel do uso são consideravelmente distintos.

Quine, em um dos momentos de qualificar significado como uso, aponta Wittgenstein diretamente como representação da sua posição:

Wittgenstein enfatizou que o significado de uma palavra deve ser buscado em seu uso. É para lá que o semanticista empírico olha: para o comportamento verbal. John Dewey já defendia esse ponto em 1925. “Significado”, escreveu ele (p. 179), “... é primariamente uma propriedade do comportamento”. E qual propriedade do comportamento poderia ser então o significado? Bem, podemos pegar o comportamento, o uso, e deixar o significado de lado (Quine, 1981a, p.46)¹²⁷.

¹²⁷ Tradução a partir de: Wittgenstein has stressed that the meaning of a word is to be sought in its use. This is where the empirical semanticist looks: to verbal behavior. John Dewey was urging this point in 1925. “Meaning,” he wrote (p. 179), “. . . is primarily a property of behavior.” And just what property of behavior might meaning then be? Well, we can take the behavior, the use, and let the meaning go.

A leitura de Quine sobre associar significado ao uso é, tal como Wittgenstein, retirar o elemento alheio ao próprio comportamento, além do lexical. Hacker contrapõe-se à leitura de Quine ao afirmar que, além do uso em Wittgenstein, é “comportamento sujeito a padrões de correção”¹²⁸ (Hacker, 1996, p.11). Padrões de correção significam mais do que adequar comportamento a estímulos externos, mas a possibilidade de determinar o contexto de uma sentença conforme o jogo, via a gramática deste jogo. Peguemos o exemplo que demos do jogo de linguagem do futebol e digamos que esse jogo de futebol seja uma pelada entre amigos e que em determinado momento há uma jogada que resulta em um carrinho que acerta as pernas do jogador adversário causando uma falta, seguida pela sentença “Ei! Isso é uma pelada”. A sentença não é somente uma expressão de correção, mas uma explícita rememoração das regras, da normatividade daquele jogo, isto é, em uma pelada, o jogo é despretenso, logo, não é para haver jogadas tão agressivas que possam resultar em lesões. O modelo normativo de Wittgenstein consegue fazer correções mais específicas, porque varia conforme o jogo de linguagem, então, diferente jogo, diferentes regras. Também por ser uma atividade que envolve regras, não sobre seguir, retira a necessidade de que essas regras sejam explícitas, podendo ser derivadas da prática recorrente do jogo.

O modelo quineano estabelece nas sentenças observacionais que diferentes contextos terão diferentes valores de verdade, mas só em relação à descrição. Digamos, ‘chuva’ ou ‘está chovendo’ é uma sentença observacional, seu valor de verdade está atrelado à ocasião, mas não de contexto de uso, ‘chuva’ sempre é representacional, nunca, por exemplo, performático. As observações observacionais, apesar de estarem no mesmo sistema holístico da linguagem, se comportam dentro do modelo quineano como se fossem independentes dos outros jogos de linguagem (Kemp, 2014, p.9). Outra constatação aqui é uma redução da linguagem à descrição, não que seja ou haja outras funções a linguagem, mas as descrições ou servem de base ou de ponto de partida e, novamente, não seriam afetadas por elas.

Essas limitações parecem ocorrer pelo seu compromisso com um behaviorismo ortodoxo, representado por Skinner e Dewey, ignorando uma série de críticas a tal modelo e o desenvolvimento de novos modelos e ferramentas (Houkes, p.256-257), o que engessa a compreensão da linguagem. A principal crítica a esse behaviorismo ortodoxo é um isolamento dos elementos, digamos, pragmáticos, como parte significativa das operações da linguagem como um todo: “[...]conceptualiza estimulação em termos de receptores

¹²⁸ Tradução a partir de: “behaviour subject to standards of correctness.”

sensoriais ao invés de objetos externos e que ele usa comportamento verbal à exclusão de todo outro comportamento” (Houkes, 2002, pp.255-256)¹²⁹.

A principal decorrência é a visão do possível isolamento desses demais jogos de linguagem e o foco estrito nos jogos descritivos e o isolamento a disposições, que estabelecem uma relação causal, o que é interessa em uma linguagem descritiva para a ciência. Para Wittgenstein, em quem o principal interesse é pela própria linguagem, atuar em uma peça (IF, §23) é um jogo de linguagem e aquilo que se comunica em uma boa atuação é muito mais do que as linhas de um roteiro; uma brincadeira de pique esconde é um jogo de linguagem; comunicação não-verbal são jogos de linguagem e estão em outros, por exemplo, no jogo já citado da peça de teatro. Como “A linguagem deve falar por si mesma” (GF, §2) todas as formas da sua utilização devem ser englobadas dentro de seu modelo.

Mas quando cito as previsões como checkpoints da ciência, não vejo isso como normativo. Vejo como a definição de um jogo de linguagem específico, nas palavras de Wittgenstein: o jogo da ciência, em contraste com outros bons jogos de linguagem, como a ficção e a poesia (Quine, 1996, p.20)¹³⁰.

O problema é que a interpretação e análise da linguagem natural está sobre o enquadramento da parte que se utiliza de descrições e ignora todo o resto. “[...] como alguém que se concentra em um aspecto do uso da linguagem; ou melhor, ele deve ser entendido como alguém que divide a soma total do uso da linguagem com o conceito de sentença observacional, para render a parte mais relevante para a ciência”¹³¹ (Kemp, 2014, pp.9-10). O fato de que é um modelo que quer descrever a linguagem natural, mas restringe demais as suas capacidades.

O modelo wittgensteiniano não concatena nesses problemas referentes à linguagem natural¹³² e embarca ela como um todo. Os jogos de linguagens conseguem dar condições para todas as funções da linguagem, sejam epistêmicas ou não, descritivas ou não. O treinamento, como figura inicial da inserção em jogos de linguagem, ainda é estipulação de

¹²⁹ Tradução a partir de: “[...] he conceptualizes stimulation in terms of sensory receptors instead of external objects, and that he uses *verbal* behavior to the exclusion of all other behavior.

¹³⁰ Tradução a partir de: “But when I cite predictions as the checkpoints of science, I do not see that as normative. I see it as defining a particular language game, in Wittgenstein's phrase: the game of science, in contrast to other good language games such as fiction and poetry.”

¹³¹ Tradução a partir de: “[...] as fixating on one aspect of language-use; or better, he is to be understood as dividing through the sum total of language-use with the concept of observation sentence, to yield the part most relevant to science.”

¹³² Remarco linguagem natural porque nessa seção as questões referentes a jogos, usos epistêmicos não estão em questão no momento, somente em 3.3.

comportamento, mas mais do que condicionamento, sem, contudo, precisar do comprometimento forte de uma intersubjetividade que permite dizer que ao dizer ‘chuva’ todos naquele momento irão concordar, pois o estímulo neural é o mesmo, o que poderia gerar a interpretação de um solipsismo neural (Canfield, 1996, p.123). No treinamento, aquilo a que a linguagem se remete é às próprias regras daquele jogo de linguagem e aos jogos conseguintes em que aquele termo e sentenças aparecem.

O que é marcado pelo "deve" de "Se é vermelho, então deve ser colorido", "Se há dez Xs em cada uma das dez linhas, então deve haver cem", "Se é vermelho, então deve ser mais escuro que rosa" é o papel normativo de proposições como "Vermelho é uma cor", "Vermelho é mais escuro que rosa", " $10 \times 10 = 100$ " - elas são regras, "normas de representação" ou "normas de descrição". "Vermelho é uma cor" não "deve sua verdade" ao vermelho ser uma cor no sentido em que "Alguns cães são brancos" deve sua verdade ao fato de que alguns cães são brancos (ou a alguns cães serem brancos). Sua verdade consiste em ser uma expressão de uma regra para o uso de suas expressões constituintes "vermelho" e "cor", como a verdade da proposição "O rei do xadrez se move uma casa de cada vez" consiste em ser a expressão de uma regra do xadrez (Hacker, 1996, pp.21-22)¹³³.

Em um modelo de disposições dependente de correspondência do estímulo, podemos falar de uma sentença perdurável que consiga dizer que é consistente com a noção de que ‘Vermelho é mais escuro que rosa’, mas que é estabelecida como tal, pois conceber uma sentença que isso seja correto é muito improvável e não por viés de regra.

Como é notável no capítulo sobre Wittgenstein, o modelo dos jogos de linguagem preserva certas noções do modelo quineano, como a linguagem estar inserida nas práticas humanas e na história, portanto, essa normatividade não é arbitrária e imutável, mas receptível a mudança, enquanto salvaguarda esse posto de norma. A noção de teoria de mundo que Quine traz como pertencente à linguagem natural¹³⁴ também permanece, um pouco alterada. Por exemplo, seguindo o exemplo de Kemp, a sentença ‘Corpos tem massa’ tem um significado ao ser utilizado em uma sala de ciências ou de física, mas outro em um

¹³³ Tradução a partir de: What is marked by the ‘must’ of ‘If it is red, then it must be coloured’, ‘If there are ten Xs in each of ten rows, then there must be a hundred’, ‘If it is red, then it must be darker than pink’ is the normative role of such propositions as ‘Red is a colour’, ‘Red is darker than pink’, ‘ $10 \times 10 = 100$ ’—they are rules, ‘norms of representation’ or ‘norms of description’. ‘Red is a colour’ does not ‘owe its truth’ to red’s being a colour in the sense in which ‘Some dogs are white’ owes its truth to the fact that some dogs are white (or to some dogs’ being white). Its being true consists in its being an expression of a rule for the use of its constituent expressions ‘red’ and ‘colour’, as the truth of the proposition ‘The chess king moves one square at a time’ consists in its being the expression of a rule of chess.

¹³⁴ Aqui assumindo a distinção traçada entre teoria de mundo e sistema de mundo que determinamos no capítulo acerca de Quine. Teoria de mundo se refere as crenças acerca do mundo da linguagem natural, imprecisas e sem pretensões epistêmicas apesar de possivelmente corretas. Sistema de mundo são as linguagens desenvolvidas para falar sobre o mundo, a ciência.

jogo em um pub em que a pergunta ‘o que todos os corpos têm?’ surge. Para Quine, toda sentença da linguagem natural carrega um grau teórico. Para Wittgenstein não, a sentença ‘corpos tem massa’ não expressa um grau teórico, pois a concordância que todos teriam aqui não é por saber, mas por ter certeza¹³⁵, apesar de também ser uma sentença teórica e ser identificada como tal. Quine não tem algo como uma certeza em seu modelo e nem discute algo similar, há uma compatibilidade, que tomarei como possível pelo fato de as sentenças eternas assumirem que, apesar de revisáveis, ainda são vistas como não-revisáveis. Algo similar às certezas, certezas não são revisáveis, são descartadas, mas, enquanto certezas, a ideia de erro é impossível.

A imagem de mundo, aqui em sentido wittgensteiniano, abarca a noção de teoria de mundo de Quine no que se refere à afirmação de que a ciência afeta as noções do que assumimos como existente e influencia o modo que vemos o mundo e o funcionamento dos jogos de linguagem. Isso permite não só um pano de fundo em comum àqueles que pertencem àquela imagem de mundo e garanta que o treinamento tenha uniformidade o suficiente para comunicação, mas engloba mais do que descrições e objetos, a todos os valores e costumes daquela comunidade, determinando a maneira de viver. O que se estende aos jogos de linguagem praticados naquela imagem de mundo, que enriquecem a capacidade de compreender, não só como as mesmas proposições ou termos, podem ter uma descrição ou função similar, mas terem valores e significados distintos (DC §239).

Portanto, no que se refere à caracterização e funcionamento da linguagem natural optaremos, a partir daqui, a assumir o modelo dos jogos de linguagem. Considerações acerca do uso epistêmico serão desenvolvidas nas seções seguintes.

3.2 Normatividade e naturalismo

3.2.1 Normatividade em contextos, jogos não epistêmicos e epistêmicos

Na substituição do modelo de disposições linguísticas pelo modelo dos jogos de linguagem não haveria apenas a vantagem de retirar a correspondência entre estímulo e comportamento linguístico, vantagem que determinamos como mais interessante pelas

¹³⁵ Rever 2.3.1 para a distinção entre saber e certeza.

complicações não acarretadas dessa maneira, mas igualmente seria vantajoso em um cenário de comunicação malsucedida ou parcialmente malsucedida. Contudo, os dois modelos apresentam uma diferença considerável na sua execução. O modelo quineano se trata de um modelo causal, condicionando certos comportamentos linguísticos a partir de certos estímulos, não há a necessidade de condicionamento de cada estímulo conforme a capacidade linguística avança¹³⁶, mas ainda se trata de um modelo causal predicado no condicionamento. O modelo wittgensteiniano é normativo, desde que os jogos e suas ferramentas desempenham uma função na gramática, portanto, caso a comunicação não esteja funcionando, uma das possibilidades é a má execução de um ou mais interlocutores ou estarem em jogos de linguagem distintos ou, em casos mais extremos, imagens de mundo distintas, o que de fato não torna possível a comunicação. Contudo, não há a possibilidade da própria linguagem ser incapaz de comunicação. Os jogos de linguagem, tal como no modelo de Quine, não necessitam de um eterno retorno as regras ao utilizá-las. Compreender, saber utilizar um termo ou uma sentença é como dominar uma técnica (IF, §150) e parte de dominar uma técnica envolve não precisar rever as instruções toda vez que for executar, é uma prática que se estabelece pela repetição, pela constância, estabelecendo um costume (IF, §198). A normatividade é parte integral da linguagem, estabelecendo o critério de ação e uso, portanto, estabelecendo o significado das proposições e termos.

Em contextos epistemológicos, a normatividade desempenha um papel e é um ponto a se considerar no modelo quineano. Kim (1988) defende a posição tradicional de conhecimento como crença verdadeira justificada, uma posição de considerável dificuldade de atrelar ao modelo quineano. A princípio, pela ausência de conhecimento como termo técnico em seu modelo e sua substituição pela ciência¹³⁷ e, por consequência, pelo abandono da tripartite, pois no modelo científico as crenças de um indivíduo não são relevantes para a produção de conhecimento; por um lado, por não ser uma categoria relevante à discussão da produção científica, que se utiliza muito mais de métodos para resolução de problemas (Houkes, 2002, p.254-255). Por outro lado, a justificação é um fator relevante, mas não enquanto justificação de crenças individuais, e sim de evidências e métodos aceitos pelo programa científico específico. A reificação da normatividade¹³⁸ epistêmica à ciência não

¹³⁶ Domínio de ser é ser valor de uma variável. Rever 1.2

¹³⁷ Rever 1.3.1.

¹³⁸ A noção de normatividade aqui não é a mesma em Wittgenstein, mas isso será desenvolvido melhor adiante.

retira a normatividade, só desloca a sua determinação. Como no modelo quineano a filosofia não pode justificar a atividade científica pelo seu naturalismo, não há filosofia primeira e não há como ter uma posição alheia à teoria de mundo que assume a ciência, implicitamente ou indiretamente, portanto, a filosofia estaria em contradição, utilizando-se da ciência para justificar a ciência. O que pode haver é a análise dos compromissos ontológicos produzidos pela ciência, mas também aquilo que ele denomina de engenharia epistêmica.

Engenharia epistêmica seria a exploração do naturalismo. Como a filosofia permanece como uma peça entre outras na produção de um Sistema de Mundo, ela pode se utilizar das demais áreas para fins demonstrativos, o que incluiria os valores epistêmicos.

Uma palavra agora sobre o *status*, para mim, dos valores epistêmicos. A naturalização da epistemologia não descarta o normativo e se contenta com a descrição indiscriminada de procedimentos em andamento. Para mim, a epistemologia normativa é um ramo da engenharia. É a tecnologia da busca da verdade ou, em um termo epistemológico mais cauteloso, a previsão. Como qualquer tecnologia, ela faz uso livre de quaisquer descobertas científicas que possam servir ao seu propósito. Ela se baseia na matemática para computador o desvio padrão e o erro provável e para explorar a falácia do apostador. Ela se baseia na psicologia experimental para expor ilusões perceptivas e na psicologia cognitiva para reconhecer a vontade de crer. Ela se baseia na neurologia e na física, de forma geral, para descontar testemunhos de fontes ocultas ou parapsicológicas. Não há questão aqui de valor final, como na moral; é uma questão de eficácia para um fim ulterior, verdade ou previsão. O normativo aqui, como em outros lugares da engenharia, torna-se descritivo quando o parâmetro terminal é expresso (Quine, 1998, p.664)¹³⁹.

Em outros termos, ao analisar epistemologicamente uma teoria ou modelo, os critérios normativos a serem avaliados vem da produção científica empírica que as determina, o lado normativo é reificado para dentro da atividade científica (2004d, p.282) e, a partir disso, o parâmetro epistemológico é determinado e a epistemologia se basearia na análise e aplicação desses conceitos, ou corpos teóricos na resolução de problemas.

Há dois pontos centrais aqui: como essa passagem se conecta com o restante da obra e o que Quine estaria denominando de ‘engenharia’ e ‘tecnologia’. Uma definição para esses conceitos não é fornecida nem na passagem nem em outro artigo ou livro, Quine já sugeriu

¹³⁹ Tradução a partir de: “A word now about the status, for me, of epistemic values. Naturalization of epistemology does not jettison the normative and settle for the indiscriminate description of ongoing procedures. For me normative epistemology is a branch of engineering. It is the technology of truth-seeking, or, in a more cautiously epistemological term, prediction. Like any technology, it makes free use of whatever scientific findings may suit its purpose. It draws upon mathematics in computing standard deviation and probable error and in scouting the gambler’s fallacy. It draws upon experimental psychology in exposing perceptual illusions, and upon cognitive psychology in scouting wishful thinking. It draws upon neurology and physics, in a general way, in discounting testimony from occult or parapsychological sources. There is no question here of ultimate value, as in morals; it is a matter of efficacy for an ulterior end, truth or prediction. The normative here, as elsewhere in engineering, becomes descriptive when the terminal parameter is expressed.”

a possibilidade de metáforas, por exemplo, como um meio delimitador para aquilo que ainda não foi explorado, um modo de entrada a certas discussões, certos problemas (1982). Utilizar-se das metáforas para o projeto de uma epistemologia naturalizada nesse sentido não seria essencialmente problemático, o que há se entender então é o que entendido com esses conceitos. Sobre engenharia, sugere uma relação sobre o desenvolvimento de objetos, ferramentas ou estruturas, que

Por um lado, elas têm uma função e uma ligação com outros artefatos e objetivos humanos. [...] Por outro lado, artefatos técnicos são estruturas físicas, assim como as montanhas e os aminoácidos. Como tal, não estão intrinsecamente relacionados com as práticas humanas. Uma das principais tarefas de um engenheiro é projetar uma estrutura física que possa desempenhar determinada função, preferencialmente de forma eficiente, segura e transparente [...]. Os manuais do utilizador e outras formas de transferir regras de emprego do designer para o utilizador são formas importantes de alcançar esta transparência. [...] Dessa forma, a engenharia está relacionada a fazer regras e estabelecer normas para o uso adequado¹⁴⁰ (Houkes, 2002, p.260).

A linha de raciocínio de Houkes é no que exatamente seria essa formulação de regras¹⁴¹ e de que maneira isso entra em conflito ou não com o modelo behaviorista, com a relação entre estímulo e as condições de verdade. O que gostaríamos de seguir aqui, mais próximo da linha tradicional de Quine¹⁴², é de que essa ferramenta a ser desenvolvida não é física, mas funcional e conceitual e as funções proxy podem ser a tecnologia desenvolvida, por exemplo. Pode ser algo mais extenso, interpretativo até como um modo de abordagem a problemas, em que a epistemologia poderia funcionar de modo a operar dentro das ciências a fornecer tecnologia, ferramenta conceitual como auxílio ao invés de justificação. Uma vez adotada, ela se torna, por um lado, descritiva – essa ferramenta teve de ser descrita e o seu uso – e, por outro, normativa – sendo, por viés de regra, a sua utilização. Essa passagem se assemelha mais a algo a ser desenvolvido do que de fato a algo efetivamente feito.

¹⁴⁰ Tradução a partir de: On the one hand, they have a function and a connection to other artifacts and human goals. [...] On the other hand, technical artifacts are physical structures, just like mountains and amino acids. As such, they are not intrinsically related to human practices. One of the main tasks of an engineer is to design a physical structure that can perform a certain function, preferably in an efficient, safe, and transparent manner [...]. User manuals and other ways of transferring rules of employment from designer to user are important ways of achieving this transparency. [...] In this way, engineering is related to making rules and setting up norms for proper use.

¹⁴¹ Pensar essa engenharia epistêmica no modelo wittgensteiniano traz questões interessantes a se considerar, contudo, elas serão discutidas posteriormente em 2.2.3

¹⁴² Quine sugere na passagem uma aproximação, entre os exemplos, da neurologia e sugere uma aproximação com o estudo fisiológico do cérebro como método em *Mind and verbal dispositions*, contudo o método tradicional adotado por ele e que ele de fato se utiliza é sempre através do estudo de linguagem e lógica.

Além disso, um problema considerável aparece, ao delegar a normatividade à atividade científica, então só haveria a descrição e aplicação dessas regras/valores. À epistemologia só restaria a defesa e a exposição do *status quo* científico, por exemplo, a mudança de um modelo – uma imagem de mundo – aristotélico para um newtoniano na física, nesse caso. A epistemologia ficaria presa à defesa de um método, de valores epistêmicos e do modelo aristotélico até a consolidação da física newtoniana. Não há recorte entre esses modelos, já que Quine reconhece que a ciência moderna, enquanto método hipotético dedutivo, é desenvolvimento histórico-evolutivo de uma indução primitiva, pré-existente desde a pré-história (2004d, p.280)¹⁴³. Nesse sentido, a visão aristotélica só foi revista e não abandonada.

A normatividade dentro da proposta wittgensteiniana executa uma função central no funcionamento da linguagem¹⁴⁴, portanto, exercendo função central no funcionamento dos jogos de linguagem epistêmicos. Determinamos¹⁴⁵ que Wittgenstein faz uma diferenciação entre aquilo que configura uma certeza e aquilo que configura o conhecido, podendo se expressar sob a forma de sentenças gramaticais – aquelas que expressam regras, que podem ou não expressar uma certeza – ou de sentenças empíricas – aquelas que expressam algo passível de dúvida, que pode ou não ser um lance em um jogo de linguagem epistêmico – e “se expressam”, pois ser gramatical ou empírica é intercambiável. O que é gramatical sendo suscetível de se tornar empírico e o empírico gramatical (DC, §97).

Essa distinção determina as certezas como condição de possibilidade semântica para o funcionamento dos jogos de linguagem da qual elas fazem parte, determinando um ponto fixo para as variações semânticas e a possibilidade da dúvida (DC, §341) como panorama normativo. Tal como as regras envolvidas¹⁴⁶ na atividade da linguagem não precisam ser necessariamente proferidas e podem ser implícitas à atividade ou deduzidas, similarmente as certezas são implícitas: “a criança não aprende que existem livros, que existem poltronas etc. etc.; ela aprende a buscar livros, a sentar-se em poltronas etc.” (DC, §476), e isso não é subentendido somente para a criança, mas para o próprio adulto. Não faz sentido em primeiro explicar a existência de objetos físicos e depois objetos em específico como livros e

¹⁴³ Esse ponto retornará em 3.3

¹⁴⁴ Rever 2.2.3 para maiores detalhes

¹⁴⁵ Seção 2.3.1

¹⁴⁶ Sobre a linguagem ser uma atividade que envolve regras rever 2.2.3.

poltronas. Questionar isso ou buscar justificar isso é perder o sentido, é recair em absurdo. As certezas operam como uma mitologia, formando uma imagem de mundo¹⁴⁷ que se estende a jogos epistemológicos, igualmente como condição semântica, como força normativa.

Tratar jogos de linguagem como atividades que envolvem regras leva à ampliação daquilo que é comumente associado como atividade linguística¹⁴⁸, o que inclui: participar de um esporte, atuar no teatro, formular e testar hipóteses (IF, §23) e calcular (RFM, II-67, §67). Canfield, ao aproximar Wittgenstein de Quine, defende que ambos os autores compartilham uma estratégia, de regredir aos casos mais simples e trabalhar até as formas mais complexas (1996, p.121); no caso de Wittgenstein esse regresso tem diversas motivações, entre elas a associação da linguagem a uma extensão da ação, algo que Canfield aponta (1996, p.127) e é tão comportamental quanto aquilo associado ao instintivo (Z, §545), mas mais importante aqui pela relação do conceito de ensinar com o conceito de significado.

Jogos de linguagem podem ser mais simples ou mais complexos, mas por uma questão cronológica e didática, a introdução aos jogos mais simples parece ser o caminho mais aparente, o que não implica que alguém necessitaria conhecer uma totalidade de jogos simples para poder conhecer jogos complexos ou que haja uma relação de dependência ou de fundamento entre eles. O que há aqui, porém, é uma relação de continuidade, ao menos de uma imagem de mundo e, em outros casos, de uma semelhança de família. Em casos mais óbvios, pode ser o caso de esportes, uma criança pode ser introduzida a uma brincadeira com bola e futuramente se tornar um profissional de vôlei, digamos. Isso se estende a casos epistemológicos: ao ingressar em uma faculdade, por exemplo, uma pessoa é inserida em diversos jogos de linguagem, consideravelmente mais complexos e específicos, mas diversos dos conceitos, expressões e conjuntos teóricos completos podem e já devem aparecer de forma diluída, mais simplificada ou como similar, por semelhança de família, a diversos jogos de linguagem não epistêmicos. O *Big Bang* é parte de um corpo teórico da física, mas é vastamente conhecido, citado e utilizado em diversos jogos de linguagem. Seja uma obra de ficção científica, seja um físico formado, ambos fazem parte de uma imagem de mundo que permite que esse conceito apareça, atrelado a vários outros, tanto como possibilidade

¹⁴⁷ Rever 2.3.2

¹⁴⁸ Rever 2.2.1 e 2.2.3

normativo-semântica, como epistemológica, em que há os critérios utilizados de um corpo teórico.

Jogos de linguagem epistemológicos, por um lado, são idênticos a todos os outros, são uma técnica adquirida em uma atividade que envolve regras; por outro lado, dada a sua complexidade, são dependentes de jogos mais simples que se inserem primeiro e estabelecem, por sua vez, as certezas necessárias para o desenvolvimento posterior dos demais jogos e lances. Tal como um jogador de vôlei desenvolve técnicas com o tempo, de maneira simples a uma mais complexa, igualmente a técnica dos jogos de linguagem epistêmicos precisa ser desenvolvida.

Isso parece sugerir uma relação causal, de dependência entre esses jogos, mas esse não é o objetivo aqui, o que gostaríamos de determinar é que jogos epistemológicos teriam por característica a verofuncionalidade e a justificação de suas posições. A justificação é algo existente, como já tratamos, como parte de dominar um jogo de linguagem. Dominar um jogo de linguagem significa não somente agir de acordo com as regras, mas também justificar as ações. Pode-se argumentar que a justificação envolve uma maior complexidade ou que não se justifica uma ação, mas sim uma teoria ou argumento, obedecendo a um método; “não há, contudo, uma fronteira nítida entre proposições metodológicas e proposições no interior de um método” (DC, §318), i.e, tais proposições, enquanto lances de um jogo de linguagem, não se diferem, somente enquanto técnica envolvida. A pretensão em si é diferente, justificar um lance em um jogo de linguagem ordinário pode ser esclarecer uma ação, explicar porque é um lance válido ou demonstrar que se entende a regra e não foi um acaso. Enquanto em jogos de linguagem epistemológicos, a justificação tem uma pretensão de normatividade. As certezas garantem o que não pode ser duvidado, mas modelos epistêmicos podem ser questionados e constantemente são. O processo de justificação desses modelos/hipóteses são parte importante da evolução para progredirem de modelos para fatos e o factual tem força de norma, que podem ser eventualmente elevadas a certezas, como a de que a água ferve a 100C^{o149}.

A noção de verofuncionalidade como imperando nos jogos de linguagem que envolvem o saber, por outro lado, é mais obscura. Wittgenstein não afirma isso diretamente, mas sempre é assumida na distinção que ele realiza entre saber e certeza. Certas proposições

¹⁴⁹ A relação entre proposições empíricas e certezas é um ponto obscuro para o próprio Wittgenstein (DC, §321), mas veremos isso mais adiante.

ou acontecimentos podem ser checados, ao contrário das certezas (DC, §163), algo pode ser subjetivamente certo, factual dentro de um jogo de linguagem, mas há outras proposições em que a possibilidade de estar errado sequer é cogitada (DC, §194). Ao contrário das certezas, as proposições empíricas são, em primeira instância, uma hipótese e, portanto, o seu conteúdo semântico poderia ser distinto: ““Eu sei” relaciona-se a uma possibilidade de demonstração da verdade” (DC, §243). Ao contrário das certezas, em que não há hipótese contrária (DC, §190, §203).

Wittgenstein pode parecer sugerir, em certas passagens, que o critério de atribuição de verdade esteja relacionado à testabilidade, verificação e correspondência com dados (DC, §425, §426, §604, PI, XII, §365, §366), mas o ponto é consideravelmente mais geral. A imagem de mundo não somente determina as certezas, mas também um cenário geral daquilo que é utilizado como avaliação, portanto, jogos de linguagem epistêmicos são verofuncionais, mas como atribuir o valor de verdade é dependente dos critérios estabelecidos, tanto historicamente, quanto pela perspectiva da comunidade em específico, toda hipótese faz parte de um sistema em que outras proposições estão inseridas e ela só ganha atribuição de sentido – e valor de verdade – nesse sistema (DC, §105).

Lavoisier faz experiências com substâncias no seu laboratório e então conclui que isto e aquilo ocorrem quando há combustão. Ele não diz que noutra ocasião talvez possa acontecer algo diferente. Ele agarra-se a uma determinada imagem de mundo que ele, naturalmente, não inventou, mas aprendeu quando criança. Eu digo imagem de mundo e não hipótese, porque ela é base auto-evidente da sua pesquisa e como tal também não é proferida (DC, §167).

Wittgenstein está reforçando aqui o papel das certezas na imagem de mundo, a hipótese só é possível a partir da aceitação de algo, mas as demais proposições empíricas dele se conectam a outras, a que igualmente podem ter atribuídas falsidade futuramente e possivelmente alterar essa mesma imagem de mundo. Por exemplo,

“Mas então não há aí nenhuma verdade objetiva? Não é verdadeiro, ou então falso, que alguém esteve na Lua?” Quando pensamos dentro de nosso sistema, então é certo que nenhum homem jamais esteve na Lua. Não apenas algo do tipo nunca nos foi seriamente reportado por pessoas razoáveis, como também todo o nosso sistema da física nos proíbe de acreditar nisso. Pois ela nos exige respostas para as seguintes perguntas: “Como ele superou a força da gravidade?”, “Como ele pôde viver sem atmosfera?” e milhares de outras que não conseguiríamos responder. Mas e se, em vez de todas essas respostas, nos fosse retornado: “Não sabemos como se chega à Lua, mas aqueles que chegam lá reconhecem imediatamente que lá estão; e você também não é capaz de explicar tudo”. Nós nos sentiríamos espiritualmente muito distantes de alguém que dissesse isso (DC, §108).

Apesar da certeza à época não se fundar em critérios epistemológicos, é também pelas proposições empíricas uma impossibilidade. Ao contrário do interlocutor de

Wittgenstein nessa passagem, a certeza passa a ser outra quando de fato há uma mudança no panorama das proposições empíricas, a partir do desenvolvimento técnico. A certeza não muda com a invenção dos foguetes, mas sim com a chegada, o registro e o ensino posterior às novas gerações, e tudo isso faz parte da nossa imagem de mundo.

A presença do pensamento científico (a lei da indução, conduzir experimentos e tirar conclusões deles) é uma das principais características do que chamaríamos de ‘nossa maneira de falar’ e a distingue das outras. Isso se baseia na existência de um corpo de ensino científico e de certas práticas ou métodos de investigação (Rhees, 2003, p.12)¹⁵⁰.

Quando o cientista vai ao tribunal e diz que a água ferve a 100°C e isso é tratado como indubitavelmente verdade (DC, §604) é por uma imagem de mundo em que há essas unidades de medidas e critérios avaliativos que usamos na averiguação da informação, apesar desse caso se tratar de uma certeza.

Portanto, tanto o aparato justificativo envolto nos jogos epistemológicos quanto a verofuncionalidade desses mesmos jogos é uma espécie de regras de segunda ordem. Tanto a justificação quanto a verofuncionalidade, em contextos de jogos epistemológicos, parecem envolver uma considerável deliberação e explicitude a respeito do que é considerado critério, mas também em relação à possibilidade de revisão dos seus conjuntos e dos próprios aparatos avaliativos, ou melhor, essa parece ser a proposta. Jogos de linguagem seguem uma normatividade de ação, em que as normas não são sempre explícitas ou sequer ditas. A verofuncionalidade e a justificação funcionariam da mesma maneira, nos cenários epistêmicos, com a diferença de que essas seriam mais explícitas e revisáveis, tanto enquanto mudança de regras, quanto de revisar a aplicação delas¹⁵¹. O que temos então é as certezas trazendo uma condição de possibilidade semântica que os jogos de linguagem estabelecem com o funcionamento do jogo de linguagem sendo normativo, uma atividade que envolve regras e o mesmo pode ser estendido aos jogos de linguagem epistêmicos, pois também se trata de um jogo de linguagem, uma técnica desenvolvida e regida por regras, mas também pelas suas características distintivas; a justificação e verofuncionalidade também servem de parâmetro normativo para a execução do jogo.

¹⁵⁰ Tradução a partir de: The presence of scientific thinking (the law of induction, conducting experiments and drawing conclusions from them) is one of the principal features of what we would call ‘our way of speaking’ and it distinguishes it from others. This does rest on the existence of a body of scientific teaching and of certain practices or methods of investigation.

¹⁵¹ Isto enquanto “teoria”, pelo lado prático isso será discutido mais adiante em 3.3.

Contudo, a questão da normatividade do conhecimento e/ou da epistemologia para a filosofia não é centrada no teórico ou na constituição da atividade epistêmica, mas em uma atividade filosófica envolvida, o que haveria na proposta de Wittgenstein é o que Quine chamou de “parâmetro terminal” quando discutimos o seu modelo. A filosofia não dita o padrão normativo, mas estaria somente apontando uma normatividade produzida pelo próprio jogo de linguagem.

A leitura do papel filosófico para Wittgenstein é, à primeira vista, um tratamento a uma doença filosófica, entre elas a da ânsia de generalidade¹⁵² e, nesse sentido, a filosofia não fundamenta posições (IF, §124), não teoriza, não explica ou conclui (IF, §126), “ela deixa tudo como está” (IF, §124), de modo que as explicações dariam lugar a descrições, pois “a filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento de nosso entendimento por meio de nossa linguagem” (IF, §109). Hutchinson explica a posição wittgensteiniana:

A ideia é que quando o filósofo se depara com um problema filosófico aparentemente intransponível, esse problema pode frequentemente ser rastreado até ele estar preso a uma imagem particular de como as coisas devem ser. O domínio dessa imagem sobre o filósofo é inconsciente ou não reconhecido. A tarefa do terapeuta filosófico é quebrar o domínio que essa imagem tem sobre seu interlocutor, isto é, mostrar a ele que há outras maneiras de ver as coisas (Hutchinson, 2007, p.694)¹⁵³.

Quando Wittgenstein abre as *Investigações* com a citação de Agostinho, que é imagética, há ali no seu ataque à posição igualmente a tentativa de substituir tal imagem. Contudo, não é uma questão de substituição de modelos, de “mostrar a ele que há outras maneiras de ver as coisas”, mas sim de que o problema filosófico em questão não é um problema, ou melhor, é um problema somente no jogo de linguagem filosófico, como o idealismo que Moore tenta atacar ou privilegiar uma gramática (IF, §304) ou reduzir a linguagem a certos papéis (Z, §69). Por isso, a conclusão de Wittgenstein de que a filosofia deixa tudo como está, pois ela despreveria a função que aquele(s) termos tem na gramática na maneira em que foi usada e não em um certo modelo alheio. “Essa ideia repousa, por assim dizer, como um par de óculos sobre nosso nariz, e aquilo que vemos, vemos através dele. Absolutamente não nos ocorre o pensamento de retirá-lo” (IF, §103); a filosofia não

¹⁵² Rever 2.2.2.

¹⁵³ Traduzido a partir de: The idea is that when the philosopher is faced with a seemingly insurmountable philosophical problem, that problem can often be traced to his being in the grip of a particular picture of how things must be. This picture's hold over the philosopher is unconscious or unacknowledged. The task for the philosophical therapist is to break the grip this picture has over her interlocutor, that is, to show him there are other ways of seeing things.

substituiria uns óculos por outro, só retiraria as lentes, porque a utilização da linguagem já era correta sem a “lente” filosófica. Digamos, por exemplo, o problema mente/corpo:

A gramática responsável pela imagem envolve várias subgramáticas, como usar “mente” e “corpo” como se fossem palavras para substâncias; tomar palavras de sentimento como se fossem palavras para serem usadas para se referir a entidades mentais, sentimentos; pensar que gritar de dor sempre foi uma descrição de um sentimento aversivo, quando em muitos casos é uma expressão de sério desconforto, a queixa verbal herdando a gramática de uma expressão não verbal. A terapia gramatical consiste levar o conturbado a ver que “mente” e “corpo” não precisam ser interpretados dessa forma, e que a gramática da expressão é uma maneira melhor de entender os usos das palavras de sentimento do que a gramática da descrição (Harré, 2008, p.485)¹⁵⁴

Contudo, Harré vai além dessa leitura de Wittgenstein e defende que, em *Da certeza*, Wittgenstein altera a sua posição¹⁵⁵. Enquanto nas *Investigações*, a tarefa filosófica é de dissolução de confusões acerca da utilização em relação a gramática, em *Da certeza* isso não seria uma possibilidade, pois o que está sendo falado é das certezas. Moore de fato comete um erro gramatical ao confundir saber com certezas, seguindo o “método” das *Investigações*, mas em exemplos como ‘ninguém nunca foi a lua’ ou do rei que acredita que a Terra nasceu junto com ele ou de quem acredita que a Terra é plana, não seria uma questão de atribuição errônea da gramática de um jogo por outro, mas de imagens de mundo distintas. O jogo de linguagem deixa de funcionar, pois as certezas que permitem o jogo com critérios, justificação e verofuncionalidade se perdem. Se alguém diz que a Terra tem 4000 anos, não levaria em consideração as evidências científicas que eu possa apresentar, pois esse alguém não participa da mesma imagem de mundo, i.e, não se engaja nas mesmas práticas e certezas que eu. Seguindo a linha de pensamento de Harré (2008, p.489), a substituição da leitura de que fósseis foram colocados na Terra por Deus para testar nossa fé, pela restauração da autoridade da prática geológica, assim poder-se-ia datar os fósseis como mais antigos que 4000 anos, não é uma questão gramatical, mas sim de uma prática que reflete uma outra

¹⁵⁴ Traduzido a partir de: “The grammar responsible for the picture involves several subgrammars, such as using “mind” and “body” as if they were words for substances; taking feeling words as if they were words to be used for referring to mental entities, feelings; thinking that crying out in pain was always a description of an aversive feeling, when in many cases it is an expression of serious discomfort, the verbal complaint inheriting the grammar of a non-verbal expression. The grammatical therapy consists in bringing the troubled one to see that “mind” and “body” need not be construed that way, and that the grammar of expression is a better way of understanding the uses of feeling words than is the grammar of description.”

¹⁵⁵ Mudaria consideravelmente ao ponto de configurar uma ruptura com as *Investigações* e ser um terceiro Wittgenstein. Como será visto mais adiante, eu discordo de que sequer há de fato uma mudança de pensamento, mas uma elucidação da possibilidade e de como a gramática teria mudanças. Ainda que fosse o caso que Wittgenstein mudasse de posição em relação a filosofia, não representaria uma mudança profunda o suficiente no restante do seu modelo para falar de uma ruptura e um terceiro Wittgenstein.

imagem de mundo: “A questão é que não precisamos de defender alguma hipótese cautelosa, digamos, de que o tempo geológico é provavelmente autêntico; precisamos de nos envolver em práticas nas quais a sua autenticidade já esteja incorporada” (Harré, 2008, p.489)¹⁵⁶.

Para Harré, ao nos engajarmos em práticas em que uma outra imagem de mundo é estabelecida, uma gramática “alternativa” se torna disponível, já que as práticas são incorporadas na ação material; então, ao agir conforme esse jogo de outra imagem de mundo, já haveria a possibilidade de uma mudança gramatical. Há uma diferença entre um músico que constantemente erra notas ou acordes e outro que constantemente erra notas e acordes propositalmente, pois o segundo quer explorar alternativas musicais, algo como o que ocorreu no início da bossa nova, por exemplo.

Práticas são baseadas em não formulados saber-como. Então, para mudar alguém que adere a uma certa prática, não há sentido em produzir mais argumentos, porque esse é o movimento que alguém faria se o problema fosse um erro de “saber que”. Alguém deve demonstrar outra prática alternativa (Harré, 2008, p.490).

Assim, uma prática alternativa abriria caminho para uma gramática alternativa e possivelmente a um “saber como” distinto. Wittgenstein estaria estendendo a sua terapia gramatical de correção de aspectos “teóricos” para correção de práticas¹⁵⁷ (2008, p.491), por exemplo, como Gilbert Ryle ao substituir o fantasma na máquina cartesiano pela distinção entre *know-how* e *know-that*.

Dentro do contexto filosófico, digamos, ao invés de realizar uma crítica ao mentalismo na linguagem, o que seria feito é a formulação de um modelo em que não se utiliza desses conceitos, e que seja prática normativa e disposições linguísticas, com seus

¹⁵⁶ Tradução a partir de: “The point is, we do not need to argue for some cautious hypothesis, say, that geological time is probably authentic; we need to engage in practices in which its authenticity is already embedded.”

¹⁵⁷ Isso não configuraria uma quebra com o método terapêutico das *Investigações*. Wittgenstein dissolve a distinção entre sintaxe e semântica por compreender que dentro dos jogos de linguagem essas duas facetas operam simultaneamente e essa distinção pouco faz sentido, já que não haveria o funcionamento de ambas de forma independente. O mesmo pode ser dito de uma diferença entre verbal e não verbal, teórico e prático. Um jogo de linguagem é uma prática que envolve uma prática falada (ou não), quando Wittgenstein usa atuação em uma peça (IF, §23) como exemplo de um jogo de linguagem, isso não se restringe às páginas de roteiro, mas tudo que a envolve, como a atuação e a construção do todo que é a peça, o que inclui expressões faciais, linguagem corporal, gesticulação, o palco e a dinâmica de atores. Portanto, a terapia gramatical das investigações nada se distingue da terapia que Wittgenstein sugeriria em *Da certeza*, pois a gramática já envolve uma práxis. Contudo, a ideia de gramática “alternativa” e mudança de práticas e não argumentos teóricos, como Harré sugere, abre uma questão epistemológica que nos é interessante e é o que será desenvolvido em seguida.

princípios de funcionalidade já incorporados ao modelo¹⁵⁸. Igualmente seria válido para os demais jogos de linguagem, epistêmicos ou não.

Todavia, isso gera questões imediatas, engajar-se nessa outra atividade pode não gerar uma gramática “alternativa” ou uma maneira distinta de compreender fenômenos, mas sim quebrar o jogo de linguagem, por se tratar de imagens de mundo diferentes. Questionar uma certeza realiza isso, mas uma prática distinta pode entrar em conflito com uma certeza estabelecida. O que pode acarretar quebra do sentido, em um cenário mais brando, até a completa quebra do jogo de linguagem e o cenário do louco ou herege que Wittgenstein sugere (DC, §611). Fogelin em *The logic of deep disagreements* sugere exatamente o cenário em que o desacordo ou conflito entre duas pessoas é intransponível, pois ao se tratar de imagens de mundo e formas de vida distintas acarretaria a impossibilidade de estabelecer critérios avaliativos em comum para solucionar o problema, o debate. Estendendo-se a casos práticos, já que a prática também se estabelece a partir da imagem de mundo.

Harré defende que a proposta de Wittgenstein em *Da certeza* não seja somente uma questão gramatical, mas de método e práticas (2008, p.490), como o cenário filosófico de Ryle substituindo o cenário cartesiano; ou como o Lyell sugerindo retomar as pesquisas de William Smith sobre a datação de fósseis, substituindo o modelo teológico de Gosse. Há, porém, consideráveis diferenças entre esses dois cenários e um cenário estritamente epistemológico. No embate entre Lyell e Gosse pode haver uma distinta imagem de mundo, que não permite a conciliação entre as interpretações. Aceitar a possibilidade de seres vivos existirem há mais de 4000 anos seria entrar em conflito com a visão de mundo teológica. Em um cenário de igual conflito, entre a Igreja Católica e Galileu, a mudança interpretativa pode ser restringida por questões políticas¹⁵⁹:

A Igreja não estava no ramo da astronomia, mas das Escrituras, particularmente em Josué (10:12), que diz a Terra é estacionária e o sol se move. Como todos sabiam, havia muitas passagens na Bíblia hebraica cujo significado literal a Igreja havia deixado de lado em favor de um significado alternativo, cristão. Galileu argumentou que a Igreja deveria fazer o mesmo com as passagens astronomicamente problemáticas, levando em conta a evidência de nossos sentidos e verdades logicamente demonstradas. Mas Galileu não levou em conta a seriedade da situação em que a Igreja se encontrava. Estava sob ataque da revolução protestante contra a autoridade da Igreja Católica, um ataque que em

¹⁵⁸ Isso entra em conflito diretamente com a proposta wittgensteiniana de que a filosofia deixa tudo como está, não formula teorias. Voltarei a esse tópico em breve.

¹⁵⁹ Talvez o mesmo possa ser dito sobre Gosse, já que a datação da Terra não vem da Bíblia, que seria constituinte das certezas daquela imagem de mundo, mas do Arcebispo Usher (Harré, 2008, p.489), o que não configuraria uma certeza. Contudo, em um escopo mais geral poderia entrar em conflito com outras certezas em consequência de adotar o modelo de Lyell.

1618 irrompeu em uma guerra brutal de trinta anos na qual milhões morreram. Um princípio fundamental do protestantismo era que a Igreja Católica não era a autoridade final sobre o significado das Escrituras (Goldman, 2022, p.46)¹⁶⁰.

Para além da superfície do conflito, entre a “literalidade” das escrituras para a versão de Galileu havia fatores que não estavam diretamente envolvidos no embate, mas se a Igreja Católica aceitasse e defendesse uma interpretação distinta do que até fazia, poderia fornecer mais razões para a crítica protestante, tanto por mudança ou desrespeito ao texto sagrado, mas de credibilidade na questão interpretativa.

Essa dialética entre ponto de vistas distintos também é possível em cenários mais restritos a critérios, modelos epistemológicos. Como o experimento mental do gato de Schrödinger, que busca por analogia imagética responder a indeterminação das variáveis, ou melhor, de que as variáveis seriam nebulosas (1985, p.328) ou voltando a Galileu, com a disputa com Brahe:

*O Diálogo enganou seus leitores ao apresentar um confronto entre dois sistemas mundiais “principais”, o ptolomaico e o copernicano. Mas havia outro sistema mundial “principal” em 1632, um que era aceito pela maioria dos astrônomos europeus e que Galileu conhecia bem. [...] Esta era a teoria de Tycho Brahe. Muito antes de Galileu ver as fases de Vênus através de seu telescópio, Brahe havia proposto uma espécie de meio-termo entre Ptolomeu e Copérnico, cuja teoria ele havia rejeitado após estudo cuidadoso. No modelo dos céus de Brahe, Vênus e Mercúrio orbitam o sol, e o sol, junto com Vênus e Mercúrio, orbita a Terra, que é estacionária no centro do universo. Os planetas externos então orbitam o subsistema centrado na Terra e o sol-Vênus-Mercúrio. [...] O sistema mundial de Brahe é consistente com todas as evidências disponíveis para Galileu, incluindo todas as evidências telescópicas. Galileu sabia disso, mas não há uma única referência ao sistema de Brahe no *Diálogo*. É impossível não concluir que Galileu deliberadamente omitiu o sistema de Brahe porque ele era empiricamente indistinguível do de Copérnico. Tê-lo incluído tornaria impossível retratar o sistema de Copérnico como o sistema provado verdadeiro pela razão (Goldman, 2022, p.48)¹⁶¹.*

¹⁶⁰ Tradução a partir de: “The Church was not in the astronomy business, but Scripture, particularly in *Joshua* (10:12), states that the Earth is stationary and the sun moves. As everyone knew, there were many passages in the Hebrew Bible whose literal meaning the Church had set aside in favor of an alternative, Christian, meaning. Galileo argued that the Church should do the same with the astronomically problematic passages, taking into account the evidence of our senses and logically demonstrated truths. But Galileo did not take into account the seriousness of the situation the Church was in. It was under attack by the Protestant revolution against the authority of the Catholic Church, an attack that in 1618 erupted into a brutal thirty- year- long war in which millions died. A core principle of Protestantism was that the Catholic Church was not the final authority on the meaning of Scripture.”

¹⁶¹ Tradução a partir de: “The *Dialogue* deceived its readers by presenting a face-off between two “chief” world systems, the Ptolemaic and the Copernican. But there was another “chief” world system in 1632, one that was accepted by most European astronomers and that Galileo knew well. [...] This was the theory of Tycho Brahe. Long before Galileo saw the phases of Venus through his telescope, Brahe had proposed a kind of halfway house between Ptolemy and Copernicus, whose theory he had rejected after careful study. In Brahe’s model of the heavens, Venus and Mercury orbit the sun, and the sun, together with Venus and Mercury, orbits the Earth, which is stationary at the center of the universe. The outer planets then orbit the Earth- centered and the sun-Venus-Mercury subsystem. [...] Brahe’s world system is consistent with all the evidence available to Galileo, including all telescopic evidence. Galileo knew this, yet there is not a single

Aqui, dada a realidade tecnológica para determinar com mais clareza as observações, esse cenário se restringe a dois modelos distintos em disputa. Inclusive, com o de Brahe sendo considerado à época a posição mais científica:

A maioria dos astrônomos na época de Galileu ficou do lado de Brahe, não de Copérnico, com base no fato de que a escolha de Brahe era mais científica! Ela era apoiada por todas as evidências disponíveis, fazia as mesmas previsões das posições futuras dos planetas no céu noturno que a teoria de Copérnico, e não exigia o tipo de explicações ad hoc que a teoria copernicana exigia para explicar a ausência de qualquer evidência do movimento da Terra (Goldman, 2022, pp.48-49).

Há um compartilhamento de imagem de mundo aqui, de dados sensíveis – dentro da sua limitação –, mas modelos interpretativos distintos. O embate de Galileu e Scheiner é similar, Galileu viu manchas no sol, que ele considerou que estavam na crosta e Scheiner defendeu – usando o telescópio também, mas com calibração baseada na óptica de Kepler, ao invés do design prático de Galileu – que eram corpos sólidos, como luas que também orbitavam o Sol (Goldman, 2022, p.39). A interpretação de Harré se encaixaria consideravelmente melhor, com a defesa da interpretação A ou B na prática de novas teorias, ao invés de um constante debate sobre critérios e observações, apesar de compartilharem a mesma imagem de mundo.

Quanto ao cenário filosófico comparado a esses outros exemplos não é o mesmo que ocorre, como dizemos antes. Seguindo a linha de Wittgenstein sobre a questão do ceticismo, a suspensão de juízo acerca da existência do mundo ocorre dentro de um jogo de linguagem específico, o filosófico (DC, §24). A existência do mundo não está realmente em disputa (DC, §20), a sua certeza permanece. O que não ocorre nos demais exemplos, não é uma questão de um jogo de linguagem específico ou de algo existir ou não, Galileu e Scheiner concordam com a existência de algo, só discordam do que é. Gosse não recusa a existência de fósseis, somente discorda da datação.

O cenário de mudança da gramática, a partir de uma mudança de práticas parece ser limitado a mesma imagem de mundo ou imagens de mundo distintas que compartilham similaridades o suficiente para possibilitar tais práticas concorrentes. O ponto de Harré é que discutir *knowing-that* distintos leva a um eterno retorno de argumentos que não se concluem em uma mudança, o que deveria ser feito é uma prática alternativa. Contudo, o isolamento

reference to Brahe's system in the *Dialogue*. It is impossible not to conclude that Galileo deliberately omitted Brahe's system because it was empirically indistinguishable from Copernicus'. To have included it would have made it impossible to portray Copernicus' system as the system proven true by reason."

de uma prática é improvável, apesar de um *know-how* ser muita das vezes não-formulado, como ele aponta (2008, p.490) e estar diretamente de acordo com a afirmação de Wittgenstein de que as regras nem sempre precisam ser expressas; o que não implica que elas não sejam igualmente acompanhadas por um *know-that*. Ter o domínio da regra de um jogo de linguagem envolve poder explicar o porquê aquelas ações foram tomadas daquele jeito. Além de, seja no exemplo de Lyell e Gosse, seja no do músico, há uma nítida intenção de um modelo *know-that* que determina o tipo de *know-how* a ser executado. Restringindo somente a uma interpretação de Wittgenstein, a separação entre ação e a explicação da ação ou a prática da sua teoria pouco faz sentido, já que ambas só ganham sentido dentro do contexto do jogo de linguagem em que se encontram.

Então, como existe a alteração desses jogos ou a solução de modelos distintos em conflito? É possível pensar em uma contribuição filosófica do que Quine chamou de engenharia epistêmica? É possível a filosofia compreender uma gramática “alternativa” a um jogo como uma mudança de prática ao invés de um erro gramatical? Como se estabelece a normatividade nesses contextos alternativos?

3.2.2 Naturalismo e o papel filosófico

O naturalismo enquanto posição filosófica já tem no início do século XX autores que se intitulam como adotantes dessa posição, como Ernest Nagel, Sidney Hook, Roy Wood Sellars e ainda - exercendo influência direta no pensamento quineano - John Dewey (Papineau, 2023, p.1). Contudo, a posição naturalista em relação a epistemologia é mais comumente associada a Quine em *Epistemology naturalized* ou no pensamento quineano em geral (Crumley, 2009; Rysiew, 2016); pensamento que se expande consideravelmente, com posições mais fortes, mais radicais ou mais moderadas. A partir de uma visão epistemológica, o naturalismo tem por caracterização o afastamento de pilares da epistemologia tradicional (Rysiew, 2016; Crumley, 2009; Kitcher, 1992; Pacherie, 2002):

- (A) A priori como ferramenta para investigação e analisar tanto o conceito de conhecimento, como os seus pares formativos como justificação, evidência, crença. Através de uma posição de introspecção e não empírica se pode determinar tanto a validade dos fundamentos e dos conceitos quanto da sua aplicação.

- (B) Epistemologia como área de pensamento autônoma e independente das ciências e/ou da linguagem, cultura que fazem parte. A ciência seria incapaz de responder às questões filosóficas e, inversamente a isso, a epistemologia, que é anterior às ciências, a fundamentaria e/ou auxiliaria no seu desenvolvimento autonomamente, sem interferência de método ou conteúdo.
- (C) Epistemologia é um empreendimento normativo, i.e, não determina fatos epistemológicos ou assera valor de verdade a sentenças, mas sim é avaliativa da validade dos critérios atribuídos para a construção de sentenças epistemológicas. Além de ter, a partir da sua normatividade, um lado prescritivo, por exemplo, sobre formas de gerar mais crenças verdadeiras ou sobre um método de avaliação lógica de sentenças.
- (D) Preocupação em responder o questionamento cético. Defender e justificar a possibilidade do conhecimento, geralmente atrelada a um conjunto teórico construído com base em (A).

Quine e Wittgenstein, como determinamos nos primeiros dois capítulos, rejeitam (A), (B), (D) de maneira categórica, enquanto a (C), o papel normativo é nebuloso em Quine¹⁶², como vimos anteriormente; já em relação à posição pressuposta autônoma de ser capaz de determinar a validade dos critérios ele definitivamente a rejeita, da mesma forma que Wittgenstein, para quem a normatividade é parte determinante do funcionamento da linguagem e isso se estende ao campo epistêmico. Não obstante, igualmente a Quine, não interfere na normatividade do jogo epistêmico em questão, o que é insuficiente para determinar essa posição como naturalista, seja de caracterização do tipo de naturalismo, no caso de Quine, seja de aproximar Wittgenstein dessa linha de pensamento. Sobretudo, considerando um contexto maior que não se restrinja ao pensamento desses dois. Goldman, por exemplo, no contexto epistemológico, defende três tipos de naturalismo: meta-epistêmico, naturalismo epistêmico substantivo e naturalismo metodológico (Goldman, 1994).

O naturalismo meta-epistêmico propõe que as propriedades ou conceitos que determinam valores como justificação, garantia e racionalidade sejam relacionados a

¹⁶² Através de uma aproximação com Wittgenstein, ainda nessa seção, buscaremos dar um contorno maior a noção de engenharia epistêmica e assim tornando mais clara, não uma posição quineana, mas uma maneira possível de desenvolver o pensamento a partir da posição quineana.

propriedades “naturais”, seja pela adoção do reducionismo ou indiretamente correlacionado como superveniência; caso não sejam relacionadas, em certas posições, podem ser também eliminadas como propriedades epistêmicas, como por exemplo, eliminativismo ou *error-theory* (Goldman, 1994, p.302). O holismo de Quine rejeita o reducionismo como “dogma” do empirismo e não há a necessidade de correlação direta com *sense-data* ou demonstrabilidade empírica, logo, o modelo de Quine não é meta-epistêmico. Para Wittgenstein é ainda mais simples, filosofia não produz teoria, tão pouco detém autoridade para interferir ou para negar a aplicabilidade de certas propriedades, ou ainda a sua funcionalidade enquanto valor epistêmico dentro de jogos de linguagem.

O naturalismo epistêmico substantivo é focado estritamente nos casos de sujeito S conhece P, perspectiva epistêmica que já colocamos de lado na introdução, mas que tampouco abarcaria os nossos autores, entendendo conhecimento como uma conexão causal entre sujeito e mundo, formando um “fluxo de informação” que pode se tornar uma crença verdadeira justificada, como nos modelos do confiabilismo ou de qualquer modelo causal, contrafactual (Goldman, 1994, p.303).

Por fim, temos naturalismo metodológico, também chamado de naturalismo moderado. A proposta é simples, a “epistemologia deve consistir em ciência empírica, ou deve pelo menos ser informada e vinculada aos resultados das disciplinas científicas” (Goldman, 1994, p.305)¹⁶³. Goldman cita Quine como referência de naturalismo metodológico, como por exemplo no abarcamento da epistemologia pela psicologia. Para além desse caso específico, o modelo quineano torna impossível essa dissociação, já que a base de linguagem é a mesma e refletem uma mesma rede de crenças, então o filósofo poderia ignorar as disciplinas científicas, mas está incluído em uma imagem de mundo¹⁶⁴ que faz referência a elas. Isso se estende a Wittgenstein, não enquanto uso científico, mas da inevitável referência à ciência pela influência que ela exerce na nossa imagem de mundo.

A irredutibilidade de Wittgenstein à categorização de Goldman¹⁶⁵ não significa que não há uma aproximação do que seria o propósito filosófico do naturalismo em uma escala

¹⁶³ Tradução a partir de: “epistemology should either consist in empirical science, or should at least be informed and beholden to the results of scientific disciplines.”

¹⁶⁴ Aqui no sentido que Quine usa, não no sentido wittgensteiniano.

¹⁶⁵ A categorização de Goldman não é a única possível, mas é a mais específica e aplicável. A maior parte das distinções entre modelos naturalistas se dividem em: naturalismo científico, algo próximo das versões

mais geral de que “a questão “Como o conhecimento é possível?” deveria ser vista como uma abreviação da questão “Como o conhecimento é possível para seres como nós no mundo como ele é?””¹⁶⁶ (Pacherie, 2002, p.306); ou, para citar diretamente Quine:

O filósofo naturalista começa seu raciocínio dentro da teoria do mundo herdado como uma preocupação em andamento. Ele acredita provisoriamente em tudo isso, mas acredita também que algumas partes não identificadas estão erradas. Ele tenta melhorar, esclarecer e entender o sistema de dentro. Ele é o marinheiro ocupado à deriva no barco de Neurath (Quine, 2004f, p.306)¹⁶⁷.

Por que essa aproximação de Wittgenstein com o naturalismo? Apesar de especificar, no caso do naturalismo epistêmico substantivo, o preceito de que epistemologia é a investigação das condições e validades de aquisição de crenças de um sujeito é a posição mais comum, mesmo considerando as demais posições; i.e, ainda há uma maneira de se ver, uma imagem atrelada fortemente à forma tradicional de epistemologia, ou reduzindo as propriedades a propriedades naturais ou se alterando o método, mas o modo de se compreender o problema permanece o mesmo. Portanto, é interessante a aproximação, pois abre uma ala investigativa não só para a questão da epistemologia nos cenários epistêmicos previstos na filosofia wittgensteiniana, mas para outras questões, além de outras áreas de interesse. No que concerne a nós, além de nos dar uma perspectiva distinta e a aproximação com a filosofia de Quine, nos fornece um potencial arcabouço conceitual e metodológico que se une ao espírito naturalista, que já na introdução dizemos nos alinhar, não apenas para a resolução das questões propostas aqui, mas também futuras.

O enraizamento da linguagem na sua prática seria a evidência de uma naturalização da prática linguística. O abandono de um simples da linguagem e da ânsia de generalidade¹⁶⁸, bem como a crítica à nomeação retira da linguagem não somente preceitos metafísicos¹⁶⁹,

mais radicais, podendo vagar entre as três categorizações de Goldman ou naturalismo liberal, algo mais próximo de uma versão moderada, também podendo vagar entre as categorizações dele.

¹⁶⁶ Tradução a partir de: the question “How is knowledge possible?” should be seen as an abbreviation for the question “How is knowledge possible for beings like us in the world as it is?”.

¹⁶⁷ Tradução a partir de: The naturalistic philosopher begins his reasoning within the inherited world theory as a going concern. He tentatively believes all of it, but believes also that some unidentified portions are wrong. He tries to improve, clarify, and understand the system from within. He is the busy sailor adrift on Neurath's boat.

¹⁶⁸ Rever, respectivamente, 2.2.2, 2.2.1 e 2.2.2

¹⁶⁹ Metafísica aqui não aparece com um uso específico, mas para me utilizar de Wittgenstein para refletir a imagem da epistemologia tradicional, sobretudo ao ponto (A) da nossa caracterização. Além disso, alguns dos autores com os quais iremos dialogar sobre naturalismo em Wittgenstein, Macarthur, Snowdon e Beale, usam metafísica como adversária à filosofia da linguagem de Wittgenstein, mas também não especificam o tipo de metafísica. Snowdon cita o terceiro reino de Frege, mas somente como uma imagem do tipo de

ideias de universalidade, mas também retira a linguagem de uma posição de fora do espaço e de atemporalidade e nos lembra do seu lugar na prática ordinária, cotidiana, a linguagem refletindo o seu uso em mundo como nosso, para seres como nós. “Wittgenstein escreve: “o que nós fazemos é trazer as palavras de volta da sua metafísica para o seu uso diário”, o que estamos de fato fazendo é trazendo nós mesmos de volta do inatural para o natural” (Macarthur, 2018, p.43)¹⁷⁰.

Como Snowdon argumenta (2018, p.26), Wittgenstein não somente realiza a crítica a um modelo ou modelos com traços metafísicos, mas a construção do seu modelo de entendimento da linguagem não é de reforma, por exemplo, de reificar uma ontologia presente nos modelos tradicionais, mas de abandono, por uma que não parte dessas premissas. Seria abandonar a imagem de Agostinho que abre as *Investigações* e não a substituir por um modelo vindo da linguística que funciona da exata mesma maneira, mas empiricamente testada; pelo contrário, adota-se um modelo que compreenda a linguagem como natural enquanto prática humana.

Se a formação de conceitos pode ser explicada por fatos da natureza, não deveríamos estar interessados, não em gramática, mas sim em qual é sua base na natureza? — Estamos, de fato, também interessados na correspondência entre conceitos e fatos muito gerais da natureza. (Tais fatos que, na maioria das vezes, não nos impressionam por causa de sua generalidade.) Mas nosso interesse não é, portanto, jogado de volta para essas possíveis causas da formação de conceitos; não estamos fazendo ciência natural; nem história natural, já que também podemos inventar história natural fictícia para nossos propósitos (PI, XII, §365)¹⁷¹.

Não estou dizendo: se tais e tais fatos da natureza fossem diferentes, as pessoas teriam conceitos diferentes (no sentido de uma hipótese). Ao invés disso: se alguém acredita que certos conceitos são absolutamente os corretos, e que ter conceitos diferentes significaria não perceber algo que percebemos, então deixe-o imaginar certos fatos muito gerais da natureza como sendo diferentes do que estamos acostumados, e a formação de conceitos diferentes dos usuais se tornará inteligível para ele. (PI, XII, §366)¹⁷²

metafísica que Wittgenstein pretendia superar. Acredito que a utilização deles é similar à adotada aqui. Os usos futuros de metafísica nessa seção devem ser interpretados do mesmo jeito que definimos aqui.

¹⁷⁰ Tradução a partir de: Wittgenstein writes, “what we do is to bring words back from their metaphysical to their everyday use”, what we are in effect doing is bringing ourselves back from unnaturalness to naturalness.

¹⁷¹ Tradução a partir de: “If concept formation can be explained by facts of nature, shouldn’t we be interested, not in grammar, but rather in what is its basis in nature? — We are, indeed, also interested in the correspondence between concepts and very general facts of nature. (Such facts as mostly do not strike us because of their generality.) But our interest is not thereby thrown back on to these possible causes of concept formation; we are not doing natural science; nor yet natural history a since we can also invent fictitious natural history for our purposes.”

¹⁷² Tradução a partir de: “I am not saying: if such-and-such facts of nature were different, people would have different concepts (in the sense of a hypothesis). Rather: if anyone believes that certain concepts are absolutely the correct ones, and that having different ones would mean not realizing something that we realize a then let him imagine certain very general facts of nature to be different from what we are used to, and the formation of concepts different from the usual ones will become intelligible to him.”

Os conceitos, os critérios avaliativos são o que são por uma história natural *antropológica*, de práticas, hábitos, regras e jogos de linguagem historicamente e socialmente desenvolvidos (Glock, 1996, p.126), e é através desse desenvolvimento que as nossas práticas atuais se estabelecem¹⁷³ e certas moldam a possibilidade de fatos e critérios avaliativos, i.e, da construção dos objetos, dos conceitos de medição e avaliação que são todos advindos dessa história natural, se a história fosse outra, tal qual seriam os conceitos (OC, §608, §108). Por isso não se restringe a testabilidade empírica e não pode ser uma doutrina ou explicativa, não há para a filosofia a possibilidade de explicar ou analisar de um ponto de vista alheio a sua própria imagem de mundo, mas há a possibilidade de compreender a normatividade em jogo no presente momento¹⁷⁴.

Portanto, Wittgenstein não pode estar alinhado a um naturalismo científico, que desenvolveria teorias em conjunto com a ciência, desenvolvendo uma ontologia (em sentido de determinar o que há) em conjunto com a ciência. O modelo de Wittgenstein compreende que o papel filosófico não pode ser teórico, produtor de conhecimento, mas sim de entendimento¹⁷⁵, se estendermos o conceito do conhecimento para uma forma de *know-how* – como Beale sugere¹⁷⁶ - seria sobre dissolver problemas filosóficos acerca da linguagem e conceitos, i.e, fora da esfera teórica.

A compreensão científica é teórica: é trazida pela construção e teste de hipóteses e teorias; está sempre sujeita a mudanças por meio de desenvolvimentos em teorias trazidos por avanços feitos por meio de descobertas contínuas; envolve ganhar novos conhecimentos sobre o mundo. A compreensão filosófica, por outro lado, não é teórica: não é baseada em hipóteses ou teorias; o processo de dissolver confusão conceitual não é uma questão de hipóteses ou construção de teorias. (Beale, 2017, p.62)

Contudo, apesar de termos apontado a posição wittgensteiniana de que a filosofia deixa tudo como está e a posição da filosofia como dissolução de confusões filosóficas - tal como Beale aponta na citação - a partir da noção de ‘veja como’ que Wittgenstein apresenta na segunda parte das *Investigações* ou *Filosofia da psicologia*, a filosofia pode fornecer um outro tipo de *know-how*.

Se dizemos “uma palavra tem significado no contexto de uma proposição”, então isso significa que é somente em uma proposição que ela funciona como palavra, e

¹⁷³ Ver Hutno e Satne, 2018, p.72.

¹⁷⁴ Ver Macarthur, 2018.

¹⁷⁵ Ver Glock, 1996, p.283.

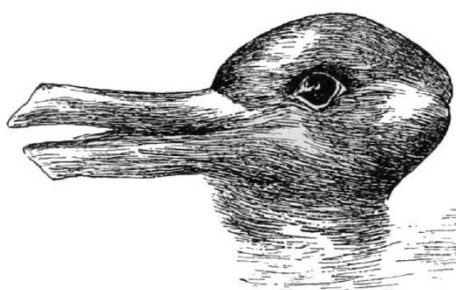
¹⁷⁶ Beale, 2017, p.62

isso não é alguma coisa que pode ser dita mais do que se pode dizer que uma poltrona só serve a seu propósito quando está no espaço. Ou, talvez, melhor: que uma roda dentada só funciona como tal quando conjugada com outras rodas dentadas (OF, §12).

Uma palavra só adquire sentido dentro de um jogo de linguagem, i.e, dentro de um sistema em que certas coisas estão definidas e as suas regras de utilização idem. Realizar o chamado experimento de pensamento é, nesse contexto, uma reflexão gramatical (OF, §1). Jogos de linguagem seguem uma normatividade para a sua funcionalidade, essas regras têm de ser rígidas para garantir a uniformidade semântica o suficiente para a comunicação, mas flexíveis o suficiente para não ficarem engessadas em diversidade contextual e de funções, seja metafórica, performática ou referencial. A implicação é de um número X de possibilidades previstas, mas um número Y de possibilidades imprevisíveis, i.e, há lances em que há uma clara regra de funcionamento e outros em que, apesar de não previstos, são determinados como possíveis, seja pela normatividade do jogo ou das certezas anteriores ao jogo, mas caso a possibilidade não seja prevista, ela sequer é considerada (IF, §52).

A reflexão gramatical na forma de experimento de pensamento ou as demais alegorias que Wittgenstein podem ter a função de nos mostrar algo que já está na nossa linguagem ou dissolver confusões acerca dela, mas trazer um novo *ver como* para um jogo de linguagem específico. Uma imagem pode servir de analogia para a utilização de um uso, melhor dizendo, pode-se criar uma imagem que exemplifica uma aplicação ou atesta a sua possibilidade ou até o seu sucesso enquanto lance ou ato (IF, §425), mas ela é funcional enquanto adentro da sua normatividade prevista, dentro da imagem de mundo que prevê o que deve¹⁷⁷ ocorrer (IF, §101).

Figura 1



Fonte: Wikimedia Commons

¹⁷⁷ Enquanto certeza ou ideal.

O pato-coelho é a imagem que Wittgenstein traz como ilustração do ver-como (PI, XI, §118); a imagem não permite ao mesmo tempo se ver coelho e pato, ou em um momento se vê um coelho ou em outro momento se vê um pato. Servindo de analogia para a normatividade dos jogos, eu posso ter uma imagem de mundo que me faz primeiro ver como um coelho, uma imagem-coelho, e posso apontar para outras imagens de coelho ou coelhos de verdade como demonstração de que o pato-coelho se trata de um coelho (PI, XI, §120). A imagem de mundo de uma comunidade ou de alguém pode reforçar a presença de “coelhos” ou ter o pato-coelho numa colagem cheia de imagem de coelhos, o que vai levar a primazia de afirmações de que se trata de uma imagem de coelho e sequer se conseguirá ver o pato (PI, XI, §125). A noção de *ver-como* como reflexão gramatical permite chamar atenção de que existe também a possibilidade de um pato, “veja agora dessa maneira”, “ao invés de olhar por aqui, olhe por ali”. Note-se como não há teoria, não há ontologia sendo desenvolvida, mas sim a utilização do mesmo de outra maneira.

Voltando a Schrödinger, o gato na caixa é uma imagem criada para, por demonstração, rejeitar o modelo de variável “borrada”, i.e, estabelece um veja-como em três passos:

(A) Estabelece o estatuto atual do modelo vigente:

Que não é de fato impossível expressar o grau e o tipo de embaçamento de todas as variáveis em um conceito perfeitamente claro decorre imediatamente do fato de que a Q.M. de fato tem e usa tal instrumento, a chamada função de onda ou função ψ , também chamada de vetor do sistema. [...] Que é uma construção matemática abstrata e não intuitiva é um escrúpulo que quase sempre surge contra novos auxílios ao pensamento e que não carrega nenhuma grande mensagem. Em todo caso, é uma entidade imaginada que imagina o embaçamento de todas as variáveis a cada momento tão clara e fielmente quanto o modelo clássico faz com seus valores numéricos nítidos. Sua equação de movimento também, a lei de sua variação temporal, desde que o sistema seja deixado sem perturbação, não fica nem um pouco atrás, em clareza e determinação, das equações de movimento do modelo clássico. Então, este último poderia ser substituído diretamente pela função ψ , desde que o embaçamento seja confinado à escala atômica, não aberto ao controle direto. Na verdade, a função forneceu ideias bastante intuitivas e convenientes, por exemplo, a “nuvem de eletricidade negativa” ao redor do núcleo, etc. (Schrödinger, 1980, p.327)¹⁷⁸

¹⁷⁸ Tradução a partir de: “That it is in fact not impossible to express the degree and kind of blurring of all variables in one perfectly clear concept follows at once from the fact that Q.M. as a matter of fact has and uses such an instrument, the so-called wave function or ψ function, also called system vector. [...] That it is an abstract, unintuitive mathematical construct is a scruple that almost always surfaces against new aids to thought and that carries no great message. At all events it is an imagined entity that images the blurring of all variables at every moment just as clearly and faithfully as the classical model does its sharp numerical values. Its equation of motion too, the law of its time variation, so long as the system is left undisturbed, lags not one

(B) Mostra-se a insuficiência do modelo em contextos distintos:

Mas sérias dúvidas surgem se alguém notar que a incerteza afeta coisas macroscopicamente tangíveis e visíveis, para as quais o termo "borrão" parece simplesmente errado. O estado de um núcleo radioativo é presumivelmente borrado em tal grau e forma que nem o instante de decaimento nem a direção em que a partícula α emitida deixa o núcleo são bem estabelecidos. Dentro do núcleo, o borrão não nos incomoda. A partícula emergente é descrita, se alguém quiser explicar intuitivamente, como uma onda esférica que emana continuamente em todas as direções do núcleo e que incide continuamente em uma tela luminescente circundante em toda a sua extensão. A tela, no entanto, não mostra um brilho de superfície uniforme mais ou menos constante, mas sim acende em um instante em um ponto - ou, para honrar a verdade, acende agora aqui, agora ali, pois é impossível fazer o experimento com apenas um único átomo radioativo. Se no lugar da tela luminescente for usado um detector espacialmente estendido, talvez um gás que é ionizado pelas partículas α , encontraremos os pares de íons dispostos ao longo de colunas retilíneas, que se projetam para trás, para o pedaço de matéria radioativa de onde vem a radiação α (Schrödinger, 1980, pp.327-328)¹⁷⁹.

(C) A proposta de ver-como em um cenário macroscópico mostra a insuficiência de compreender como nebuloso:

Um gato é encurralado em uma câmara de aço, junto com o seguinte dispositivo diabólico (que deve ser protegido contra interferência direta do gato): em um contador Geiger há um pouquinho de substância radioativa, tão pequeno, que talvez no curso de uma hora um dos átomos decaia, mas também, com igual probabilidade, talvez nenhum; se isso acontecer, o tubo do contador descarrega e, por meio de um relé, libera um martelo que quebra um pequeno frasco de ácido cianídrico. Se alguém deixasse todo esse sistema sozinho por uma hora, diria que o gato ainda vive se, nesse meio tempo, nenhum átomo decaiu. O primeiro decaimento atômico o teria envenenado. A função ψ de todo o sistema expressaria isso tendo nele o gato vivo e o morto (perdoem a expressão) misturados ou espalhados em partes iguais. (Schrödinger, 1980, p.328)¹⁸⁰

iota, in clarity and determinacy, behind the equations of motion of the classical model. So the latter could be straight-forwardly replaced by the ψ function, so long as the blurring is confined to atomic scale, not open to direct control. In fact the function has provided quite intuitive and convenient ideas, for instance the "cloud of negative electricity" around the nucleus, etc."

¹⁷⁹ Tradução a partir de: "But serious misgivings arise if one notices that the uncertainty affects macroscopically tangible and visible things, for which the term "blurring" seems simply wrong. The state of a radioactive nucleus is presumably blurred in such degree and fashion that neither the instant of decay nor the direction, in which the emitted α particle leaves the nucleus, is well-established. Inside the nucleus, blurring doesn't bother us. The emerging particle is described, if one wants to explain intuitively, as a spherical wave that continuously emanates in all directions from the nucleus and that impinges continuously on a surrounding luminescent screen over its full expanse. The screen however does not show a more or less constant uniform surface glow, but rather lights up at one instant at one spot-or, to honor the truth, it lights up now here, now there, for it is impossible to do the experiment with only a single radioactive atom. If in place of the luminescent screen one uses a spatially extended detector, perhaps a gas that is ionised by the α particles, one finds the ion pairs arranged along rectilinear columns, that project backwards on to the bit of radioactive matter from which the α radiation comes."

¹⁸⁰ Tradução a partir de: A cat is penned up in a steel chamber, along with the following diabolical device (which must be secured against direct interference by the cat): in a Geiger counter there is a tiny bit of radioactive substance, so small, that perhaps in the course of one hour one of the atoms decays, but also, with equal probability, perhaps none; if it happens, the counter tube discharges and through a relay releases a

(D) Chega-se à conclusão a partir do ver-cómo:

É típico desses casos que uma indeterminação originalmente restrita ao domínio atômico se transforme em indeterminação macroscópica, que pode então ser resolvida por observação direta. Isso nos impede de aceitar tão ingenuamente como válido um "modelo borrado" para representar a realidade. Em si mesmo, ele não incorporaria nada obscuro ou contraditório. Há uma diferença entre uma fotografia tremida ou fora de foco e um instantâneo de nuvens e bancos de neblina (Schrödinger, 1980, p.328)¹⁸¹.

O que se faz necessário é uma mudança de perspectiva em relação a um fenômeno específico, similar à analogia do pato-coelho. É igualmente interessante, e nos diz algo, quando ainda persiste problemas sobre um modelo, e não sobre cálculo ou teórico, e Schrödinger fale de "recuar à epistemologia" (1980, p.328). Filosofia, porém, não precisa ficar restrita a experimentos de pensamento, mas pode se estabelecer uma relação de continuidade. Para Quine, "A fronteira entre a filosofia naturalista e o resto da ciência é apenas uma vaga questão de grau"¹⁸² (Quine, 2004d, p.281), enquanto para Wittgenstein há essa diferença primordial de que um lado é teórico e outro sobre entendimento, contudo isso não quer dizer que não haja uma relação de continuidade enquanto ambas, como membros de uma rede de crenças, fornecem uma maneira de ver para o desenvolvimento posterior de teorias.

Cientistas não têm medo de se envolver com Wittgenstein. Na psicologia cognitiva, por exemplo, suas ideias sobre conceito sob semelhança de família inspiraram trabalhos teóricos e experimentais sobre protótipos em categorização. Na linguística computacional, sua ideia de que questões sobre o significado das palavras podem ser abordadas examinando seu uso inspirou o programa de pesquisa de semântica distribucional, com contribuições seminais do grupo de sua aluna Margaret Masterman (Fischer, 2017, p.260)¹⁸³.

hammer which shatters a small flask of hydrocyanic acid. If one has left this entire system to itself for an hour, one would say that the cat still lives if meanwhile no atom has decayed. The first atomic decay would have poisoned it. The ψ function of the entire system would express this by having in it the living and the dead cat (pardon the expression) mixed or smeared out in equal parts.

¹⁸¹ Tradução a partir de: It is typical of these cases that an indeterminacy originally restricted to the atomic domain becomes transformed into macroscopic indeterminacy, which can then be resolved by direct observation. That prevents us from so naively accepting as valid a "blurred model" for representing reality. In itself it would not embody anything unclear or contradictory. There is a difference between a shaky or out-of-focus photograph and a snapshot of clouds and fog banks.

¹⁸² Tradução a partir de: "The boundary between naturalistic philosophy and the rest of science is just a vague matter of degree."

¹⁸³ Tradução a partir de: "Scientists have not been afraid of engaging with Wittgenstein. In cognitive psychology, for example, his ideas about family resemblance concepts inspired theoretical and experimental work on prototypes in categorisation. In computational linguistics, his idea that questions about words' meaning can be addressed by examining their use inspired the research programme of distributional semantics, with seminal contributions by the group of his student Margaret Masterman."

Além disso, se seguirmos com a colocação sobre ser sobre entendimento, a noção de ver como não precisa ficar restrita ao mesmo jogo de linguagem, podendo ir até a jogos que não são compatíveis, uma vez que o ponto a ser alcançado não é a formulação teórica, mas sim a perspectiva acerca de um problema, um conceito ou uma teoria como um todo. Isso se tratando especificamente em casos epistemológicos, mas o inverso pode acontecer da mesma maneira. O que deve permanecer, porém, é a distinção entre aquilo que é conhecido e aquilo que é certeza. Beale afirma que Wittgenstein não poderia ter um modelo de filosofia naturalista, pois haveria um compromisso de que certas crenças religiosas envolvem acreditar que alegações religiosas são verdade (2017, p.82, 83); que, enquanto Wittgenstein, por exemplo, rejeitaria a ideia de rejeitar o adjetivo ‘Senhor’ a Jesus porque isso “não diz a mim” (CVa, p.33), ele ainda seria simpático à ideia de entidades sobrenaturais, uma posição antinaturalista.

Há, no entanto, um sentido em que ele não rejeita o sobrenatural. Em sua concepção de crença religiosa, que se concentra em um tipo particular de cristianismo que ele reverenciava, Wittgenstein não nega abertamente o caráter sobrenatural de conceitos como Deus ou o Juízo Final, ou a ideia de que Cristo era um ser sobrenatural. Embora houvesse, sem dúvida, formas de crença cristã que Wittgenstein via como incoerentes, ele era extremamente — sem dúvida excessivamente — simpático à crença religiosa, ou pelo menos a um tipo idiossincrático de cristianismo pelo qual ele era atraído: o do ‘pensador religioso honesto’ (Beale, 2017, p.82).

O problema dessa posição é que assumir que a crença é crença conhecida e que a verdade assumida é verdade *vero* funcional dos jogos de linguagem. Enquanto a crença religiosa é crença e verdade enquanto certeza, não enquanto conhecido. É por isso que Wittgenstein fala de “acredito” ou “não acredito” quando fala de aspectos religiosos, por exemplo

Milagre é, por assim dizer, um gesto que Deus faz. Assim como um homem se senta em silêncio e então faz um gesto impressionante, Deus deixa o mundo correr suavemente e então acompanha as palavras de um santo por uma ocorrência simbólica, um gesto da natureza. Seria um exemplo se, quando um santo falasse, as árvores ao redor dele se curvassem, como se em reverência. — Agora, eu acredito que isso acontece? Eu não acredito. (CVa, p.45)¹⁸⁴
leia: “Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo.” - E é verdade: não posso chamá-lo de Senhor; porque isso não me diz nada. Eu poderia chamá-lo de ‘o modelo’, ‘Deus’ até — ou melhor, posso entender quando ele é chamado assim; mas não posso pronunciar a palavra “Senhor” com significado. Porque não acredito que ele virá para me julgar; porque isso não me diz nada. E

¹⁸⁴ Tradução a partir de: “Miracle is, as it were, a gesture which God makes. As a man sits quietly and then makes an impressive gesture, God lets the world run on smoothly and then accompanies the words of a saint by a symbolic occurrence, a gesture of nature. It would be an instance if, when a saint has spoken, the trees around him bowed, as if in reverence. — Now, do I believe that this happens? I don’t.”

poderia me dizer algo, somente se eu vivesse de forma completamente diferente. (CVa, p.33)¹⁸⁵

Há o uso de acredito, pois é o referencial que Wittgenstein se utiliza para certezas, enquanto “eu sei” para aquilo que é conhecido ou não conhecido. Por exemplo,

Sócrates continua reduzindo o sofista ao silêncio - mas ele tem razão ao seu lado quando faz isso? Bem, é verdade que o sofista não sabe o que pensa que sabe; mas isso não é um triunfo para Sócrates. Não pode ser um caso de "Você vê! Você não sabe disso!" — nem ainda, triunfantemente, de "Então nenhum de nós sabe de nada!" (CVa, p.56)¹⁸⁶.

Peguei este poema de um “Rösselsprung” no qual, é claro, a pontuação não foi mostrada. Então, não sei se a palavra “Nebeltag” [“Dia de neblina”] é o título, ou se pertence ao primeiro verso, como eu o escrevi. E é estranho o quão trivial o poema soa se não começa com a palavra “Nebeltag”, mas com “Der graue” [“Cinza”]. Isso muda o ritmo de todo o poema (CVa, p.13)¹⁸⁷.

Além disso há indicação direta de que a posição religiosa é uma imagem de mundo, uma forma de vida que determina uma certeza e não um saber, o que também deve se ressaltar pela substituição de conhecer por acreditar.

O cristianismo não se baseia em uma verdade histórica; em vez disso, ele nos oferece uma narrativa (histórica) e diz: agora acredite! Mas não, acredite nessa narrativa com a crença apropriada a uma narrativa histórica, em vez disso: acredite, nos bons e maus momentos, o que você só pode fazer como resultado de uma vida. Aqui você tem uma narrativa, não tome a mesma atitude em relação a ela como você toma em relação a outras narrativas históricas! Crie um lugar bem diferente em sua vida para ela. — Não há nada de paradoxal nisso! (CVa, p.32)¹⁸⁸.

Parece-me que uma crença religiosa só poderia ser algo como um compromisso apaixonado com um sistema de referência. Portanto, embora seja uma crença, é realmente uma forma de vida, ou um modo de avaliar a vida. É apoderar-se apaixonadamente dessa interpretação. A instrução em uma fé religiosa, portanto, teria que tomar a forma de um retrato, uma descrição, desse sistema de referência,

¹⁸⁵ Tradução a partir de: “No man can say that Jesus is the Lord, but by the Holy Ghost.”- And it is true: I cannot call him Lord; because that says nothing to me. I could call him ‘the paragon’, ‘God’ even — or rather, I can understand it when he is called thus; but I cannot utter the word “Lord” with meaning. Because I do not believe that he will come to judge me; because that says nothing to me. And it could say something to me, only if I lived completely differently.”

¹⁸⁶ Tradução a partir de: “Socrates keeps reducing the sophist to silence, - but does he have right on his side when he does this? Well, it is true that the sophist does not know what he thinks he knows; but that is no triumph for Socrates. It can’t be a case of “You see! You don’t know it!” — nor yet, triumphantly, of “So none of us knows anything!”.”

¹⁸⁷ Tradução a partir de: “I took this poem from a “Rösselsprung”1 in which of course the punctuation was not shown. So I do not know if the word “Nebeltag” [“Foggy day”] is the title, or belongs rather to the first line, as I have written it. And it is queer how trivial the poem sounds if it does not begin with the word “Nebeltag”, but with “Der graue” [“Grey”]. This changes the rhythm of the whole poem.”

¹⁸⁸ Tradução a partir de: “Christianity is not based on a historical truth; rather, it offers us a (historical) narrative and says: now believe! But not, believe this narrative with the belief appropriate to a historical narrative, rather: believe, through thick and thin, which you can do only as the result of a life. Here you have a narrative, don't take the same attitude to it as you take to other historical narratives! Make a quite different place in your life for it. — There is nothing paradoxical about that!”

ao mesmo tempo em que seria um apelo à consciência. E essa combinação teria que resultar no próprio aluno, por sua própria vontade, apoderando-se apaixonadamente do sistema de referência. Seria como se alguém primeiro me deixasse ver a desesperança da minha situação e então me mostrasse os meios de resgate até que, por minha própria vontade, ou de forma alguma levado a isso pelo meu instrutor, eu corresse até ele e o agarrasse (CVa, p.64)¹⁸⁹.

As passagens datam de 1937 e 1947, respectivamente, consideravelmente anteriores as considerações de *Da certeza* e no caso da passagem de 1937 sequer podemos imaginar que seja uma espécie de início, já que os textos de Moore, que servem de ponto de partida, só seriam publicados em 1939, mas fica bem nítida a relação que Wittgenstein faz entre o que seria a forma de vida e a imagem de mundo (outro conceito advindo do *Da certeza*) e como isso trata de uma crença e não de algo conhecido, essas crenças não podem ser afetadas por critérios históricos (algo conhecido) e não são passivas de dúvida, mas antes que isso moldam uma interpretação do mundo, i.e, enquanto possibilidade semântica, uma certeza.

Sem dúvida – ponto que já até desenvolvemos aqui – todo o campo epistemológico é delimitado pelas certezas que lhe servem de fundo, portanto, elas têm uma inegável influência no desenvolvimento posterior, mas devem ser entendidas como certezas, uma forma de vida e não algo conhecido. Portanto, não há como haver um compromisso ativo com as certezas, porque não há a possibilidade de rejeita-las e isso é prática comum, Einstein é um exemplo conhecido de cientista com crença religiosas, como definitivamente muitos outros as tem, mas não há nenhuma doutrina religiosa na teoria da relatividade geral ou qualquer outro trabalho de pretensões científicas, pois não há espaço para tanto dentro de um jogo epistemológico que necessite de justificação e verdade funcional, algo que as certezas não tem. Para a figura do ‘pensador religioso honesto’, há a assunção de entidades, dogmas e realidades sobrenaturais como verdades, mas verdades como certezas e não um compromisso ontológico sobre algo conhecido.

De que maneira isso afeta o *ver como* como “método” filosófico é nebuloso ou como ele pode ser feito e qual o limite de analogia são questões que vão permanecer em aberto, seja pela complexidade, seja pela extensão. O que queríamos atingir é uma clareza sobre o

¹⁸⁹ Tradução a partir de: “It strikes me that a religious belief could only be something like a passionate commitment to a system of reference. Hence, although it’s belief, it’s really a way of living, or a way of assessing life. It’s passionately seizing hold of this interpretation. Instruction in a religious faith, therefore, would have to take the form of a portrayal, a description, of that system of reference, while at the same time being an appeal to conscience. And this combination would have to result in the pupil himself, of his own accord, passionately taking hold of the system of reference. It would be as though someone were first to let me see the hopelessness of my situation and then show me the means of rescue until, of my own accord, or not at any rate led to it by my instructor, I ran to it and grasped it.”

papel filosófico e sua interação com o conceito chave para nós aqui, entender a relação entre filosofia x teoria, entre conhecer x entender nos releva algo sobre ambos os conceitos. Por exemplo, Beale fala sobre como “A observação de Wittgenstein, onde ele critica a atitude generalizada de que as ciências nos ensinam novos conhecimentos, enquanto as artes apenas nos entretêm.” (Beale, 2020, p.81)¹⁹⁰, enquanto a passagem de Wittgenstein que essa observação é feita diz: “As pessoas hoje em dia pensam que os cientistas estão lá para instruí-las, os poetas, músicos etc. para entretê-las. Que estes últimos têm algo a ensiná-las; isso nunca lhes ocorre.” (CVb, p.42)¹⁹¹, o que Wittgenstein efetivamente diz é que artes tem algo a ensinar, não necessariamente algo a conhecer, no sentido de que arte igualmente não produz teoria, mas poderia produzir uma forma de ver, um ver como distinto, ensinar algo que seja para outros jogos de linguagem, sem pretensões epistêmicas ou teóricas. Assim como ‘eu sei’ se confunde com ‘eu tenho certeza’ o uso de ‘eu sei’ enquanto conhecer uma técnica, um jogo de linguagem e ‘eu sei’ de conhecimento teórico poderiam se confundir.

Voltando ao naturalismo de Quine, Susan Haack fala de duas posições distintas dentro do seu modelo – distinção que falamos em 1.1.1– de um lado, um naturalismo modesto que seria a delimitação do mundo dentro do barco de Neurath (2004d, p.281), não há uma filosofia primeira que nos dê uma perspectiva alheia a rede de crenças que nós pertencemos, portanto, a filosofia se encontra em uma relação de continuidade com as ciências e não de fundamento. Quine também apresentaria uma versão mais radical desse posicionamento, em que a epistemologia, por exemplo, seria assimilada pela psicologia ou, que ao menos, o epistemólogo se utilize do método e dos desenvolvimentos da pesquisa empírica em suas considerações:

O Naturalismo não repudia a epistemologia, mas a assimila à psicologia empírica. A própria ciência diz-nos que a nossa informação sobre o mundo está limitada às irritações das nossas superfícies, e então a questão epistemológica é, por sua vez, uma questão de dentro da ciência: a questão de como nós, animais humanos, conseguimos chegar à ciência a partir de informações tão limitadas. O nosso epistemólogo científico prossegue esta investigação e apresenta uma explicação que tem muito a ver com a aprendizagem da linguagem e com a neurologia da percepção. Ele fala de como os homens postulam corpos e partículas hipotéticas, mas não pretende sugerir que as coisas assim postuladas não existam. A evolução e a seleção natural irão sem dúvida figurar nesta explicação, e ele se sentirá livre para aplicar a física se encontrar uma solução.¹⁹² (Quine, 2004f, pp.305-306)

¹⁹⁰ Tradução a partir de: “Wittgenstein’s remark where he criticizes the widespread attitude that the sciences teach us new knowledge whereas the arts merely entertain us.”

¹⁹¹ Tradução a partir de: “People nowadays think, scientists are there to instruct them, poets, musicians etc. to entertain them. That the latter have something to teach them; that never occurs to them.”

¹⁹² Tradução a partir de: “Naturalism does not repudiate epistemology, but assimilates it to empirical psychology. Science itself tells us that our information about the world is limited to irritations of our

Considerando o lugar integrado da filosofia em relação as demais áreas da ciência e a imagem de mundo que é uma constante troca de informação do campo teórico para o do senso comum e vice-versa, não haveria razão para um isolamento da filosofia, fazer o uso do desenvolvimento teórico para as suas próprias finalidades.

A epistemologia assimilada pela psicologia empírica que Quine diz, não é aquela feita por ele mesmo ou que Wittgenstein faz ou, generalizando, tampouco a própria filosofia da mente faz. A epistemologia tradicional, recuando a filosofia moderna, criou constructos teóricos do funcionamento da mente (ou denominando por alma) e suas faculdades, funções. Determinando como há a formação de crenças, forjando conceitos para interação entre indivíduo e mundo como percepção e buscando entender de que modo a nossa mente interfere na própria concepção do espaço alheio a nós. Esse lugar, de fato, foi assimilado pela psicologia cognitiva, pelo desenvolvimento da neurociência e, parcialmente, até pela linguística. Pensando pela lógica de que há teoria de um lado, produtora de conhecimento e do outro entendimento, fortemente ligada a um senso interpretativo, há um caminho de que se pelo desenvolvimento desses modelos modernos, junto a outros fenômenos, podem ter moldado a imagem de mundo para compreender os nossos processos mentais como mentais e de que maneira eles funcionam, junto a isso o desenvolvimento técnico-científico e tecnologia nos deram a oportunidade de estudar esses processos empiricamente, saindo de um ponto de visto “especulativo” (por falta de um melhor conceito) para algo conhecido, testável, justificável e vero funcional. A filosofia da mente parece seguir uma interpretação similar, *Philosophy of mind: classical and contemporary readings* (Chambers, 2002), por exemplo, em suas discussões contemporâneas não há a formação de modelos sobre entendimento da mente, mas uma busca do entendimento melhor do que são esses conceitos são utilizados ou se eles são adequados seja se a consciência é um processo cerebral ou se a distinção físico e mental faz sentido ou se certas reduções fisicalistas acerca de conceitos aparentemente abstratos fazem jus a expressão do conceito. Essas leituras não ficam restritas a filosofia, mas voltam ao campo teórico, o modelo da cognição encarnada tem forte

surfaces, and then the epistemological question is in turn a question within science: the question how we human animals can have managed to arrive at science from such limited information. Our scientific epistemologist pursues this inquiry and comes out with an account that has a good deal to do with the learning of language and with the neurology of perception. He talks of how men posit bodies and hypothetical particles, but he does not mean to suggest that the things thus posited do not exist. Evolution and natural selection will doubtless figure in this account, and he will feel free to apply physics if he sees a way.”

influência não só de autoria contemporânea recente, mas tanto de Wittgenstein e Merleau-Ponty.

A filosofia – naturalista ou não – parece estar em uma imagem de mundo que há graus – em vocabulário quineano – ou diferenças de atividade – em vocabulário wittgensteiniano – entre filosofia e ciência, mas é inegável a influência mútua que é exercida. Wittgenstein não poderia, por uma questão de tempo, ter adotado uma posição naturalista, mas o propósito de sua filosofia de desenfeitar o filósofo da linguagem é similar ao do naturalista para com a filosofia como um todo, que ao final, é substancialmente também linguagem. Aqui, igualmente, parece ser uma questão de grau do que efetivamente diferença de posição. Enquanto a Quine, ao olharmos por essa lente, a distinção entre dois naturalismos dentro de sua filosofia não parece ter força, já que uma posição não contradiz a outra.

A distinção entre a tarefa filosófica da científica, ou melhor, teórica, do conhecimento parece ter contornos naturalistas claros, em ambas as posições e nos aproximou de entender a formação teórica. A relação de grau ainda permanece relativamente obscura e o mais importante, de fato a passagem de uma práxis para aquilo que denominamos como conhecido. Jogos de linguagem não epistêmicos e epistêmicos são jogos, isto é, atividades que envolvem regras, são capazes de justificação e atribuição de vera funcionalidade. Contudo, como apontamos, há sim uma relação, ao menos cronológica e de complexidade, de dependência e interação. Olhemos para isso agora.

3.3 Da práxis ao conhecimento

Nessa última seção teremos três pontos centrais a serem desenvolvidos: a relação entre o uso ordinário e o uso epistêmico, se há uma relação de continuidade entre esses usos. Também iremos estabelecer o lugar do conhecimento no geral da linguagem, sobre as interações e possíveis fundamentos. Por fim, o objeto do conhecimento, se é possível determinar e caracterizá-los.

3.3.1 O cotidiano e o científico, o centro e o subúrbio

Beale contrapõe a visão de Quine como contínua com a ciência - veja-se a passagem seguinte:

Admito o naturalismo e até me vanglorio dele. Isso significa banir o sonho de uma filosofia primeira e perseguir a filosofia como parte do próprio sistema do mundo, em continuidade com o restante da ciência. E por que, dentre todas as ciências naturais, continuo enfatizando a física? Simplesmente porque ela é objeto da física teórica, e de nenhum outro ramo da ciência (Quine, 1998, p.430)¹⁹³.

- com Wittgenstein, que por contraste teria uma firme distinção entre filosofia e ciência (Beale, 2020, p.77). Porém, qual é o sentido de continuidade aqui? E como isso se aplica em relação a linguagem natural, ordinária? No capítulo que discutimos o modelo quineano isso foi discutido, mas retornaremos a esse ponto agora.

A passagem de Quine é sobre fatos da matéria, como os seus estados, por isso a restrição à física, o que coincide com o que foi argumentado na última seção sobre o naturalismo retirar a filosofia daquilo que foi teoricamente desenvolvido. Contudo, nessa passagem Quine fala da filosofia como parte do Sistema de mundo que, como determinamos em 1.3.1, é a expressão utilizada para sistematicidade em casos epistêmicos.

Recuperando a nossa discussão acerca de Quine, não é somente a filosofia que está em uma relação de continuidade e gradação, mas também a própria relação entre linguagem natural, ordinária e filosofia/ciência.

A ciência não substitui o senso comum, mas sim uma extensão dele. A busca por conhecimento é, propriamente, um esforço para simplesmente ampliar e aprofundar o conhecimento que o homem comum já desfruta, com moderação, em relação às coisas comuns ao seu redor (Quine, 2004b, p.194)¹⁹⁴.

Essa continuidade ocorre em virtude da mudança estabelecida na linguagem natural e no seu processo de desenvolvimento na atividade científica. Quine estabelece a linguagem como se firmando a partir da similaridade perceptual, de maneira a intensificar as semelhanças, nos dando aquilo que denominamos por corpos, enquanto também, como fica evidente, o que há (2004c, p.235).

Mas como ele pode aprender o resto da língua, incluindo as frases teóricas da ciência? De alguma forma, ele aprende a transportar seus termos de observação para contextos teóricos, incorporados de várias maneiras. De alguma forma, ele aprende a conectar suas frases de observação com frases permanentes, frases cujos valores de verdade não dependem da ocasião em que são proferidas. É somente por meio desses movimentos, por mais mal compreendidos que sejam, que alguém

¹⁹³ Tradução a partir de: I admit to naturalism, and even glory in it. This means banishing the dream of a first philosophy and pursuing philosophy rather as part of one's system of the world, continuous with the rest of science. And why, of all natural sciences, do I keep stressing physics? Simply because it is the business of theoretical physics, and of no other branch of science.

¹⁹⁴ Tradução a partir de: Science is not a substitute for common sense, but an extension of it. The quest for knowledge is properly an effort simply to broaden and deepen the knowledge which the man in the street already enjoys, in moderation, in relation to the commonplace things around him.

domina a parte não observacional de sua língua materna. Ele pode aprender a parte observacional de maneira firme e bem compreendida, e então deve desenvolver de alguma forma, imitando o que ouve e ligando-o ténue e conjenturalmente ao que sabe, até que, por meio de tentativa e correção social, alcance um diálogo fluente com sua comunidade. [...] Podemos adotar uma abordagem genética, estudando como a linguagem teórica é aprendida. Pois a relação evidencial é virtualmente encenada, ao que parece, na aprendizagem. Essa estratégia genética é atraente porque a aprendizagem da língua ocorre no mundo e está aberta ao estudo científico. É uma estratégia para o estudo científico do método e da evidência científica. Temos aqui uma boa razão para considerar a teoria da linguagem como vital para a teoria do conhecimento (Quine, 2004e, p.294)¹⁹⁵.

Essa relação é mais do que meramente pragmática por ter uma via clara de evidência científica, mas também se encaixa dentro do holismo semântico de Quine. O enraizamento da linguagem em uma arte social desenvolvida na prática não somente retira a possibilidade de uma filosofia primeira, mas também de uma ciência que não esteja, em última instância, ligada a essa linguagem natural da qual ela parte. Logo, para se pensar uma teoria do conhecimento, inevitavelmente se faz necessário o entendimento da linguagem enquanto prática anterior à formulação teórica. A tarefa do conhecimento (Quine sempre usa ciência como termo) é de sofisticar e refinar a linguagem herdada do senso comum, do dia a dia, que, por sua vez, é influenciada e posteriormente também influenciará parte da teoria de mundo.

O modelo wittgensteiniano, de fato, propõe uma distinção nítida entre filosofia e ciência e não de graus, mas há uma fortíssima relação de continuidade entre ciência, conhecimento e linguagem ordinária para além da noção de normatividade que discutimos em 3.2.1, há uma aproximação com a posição quineana de ser uma questão gradativa.

Pergunte a si mesmo se nossa própria linguagem é completa, se era assim antes que o simbolismo da química e a notação do cálculo infinitesimal fossem incorporados a ela; pois estes são, por assim dizer, subúrbios de nossa linguagem. (E quantas casas ou ruas são necessárias para que uma cidade comece a ser uma cidade?) Nossa linguagem pode ser considerada uma cidade antiga: um labirinto de pequenas ruas e praças, de casas antigas e novas, de casas com extensões de

¹⁹⁵ Tradução a partir de: “Somehow he learns to carry his observation terms over into theoretical contexts, variously embedded. Somehow he learns to connect his observation sentences with standing sentences, sentences whose truth values do not depend on the occasion of utterance. It is only by such moves, however ill understood, that anyone masters the non-observational part of his mother tongue. He can learn the observational part in firm and well-understood ways, and then he must build out somehow, imitating what he hears and linking it tenuously and conjecturally to what he knows, until by dint of trial and social correction he achieves fluent dialogue with his community. [...] We can adopt a genetic approach, studying how theoretical language is learned. For the evidential relation is virtually enacted, it would seem, in the learning. This genetic strategy is attractive because the learning of language goes on in the world and is open to scientific study. It is a strategy for the scientific study of scientific method and evidence. We have here a good reason to regard the theory of language as vital to the theory of knowledge.”

vários períodos, e tudo isso cercado por uma multidão de novos subúrbios com ruas retas e regulares e casas uniformes (PI, §18)¹⁹⁶.

A metáfora wittgensteiniana ressalta muito bem a gradualidade da linguagem ao invés de ruptura ou total distanciamento, como se fosse algo a parte, digamos. É interessante inclusive pensar a tradução. A edição inglesa que traduzi para o português por duas vezes fala sobre subúrbios da linguagem. Já a edição em português, que já vem sendo utilizada, opta por periferia e bairros e ambos os termos falham em captar o ponto de Wittgenstein. Periferia é próximo do que Wittgenstein quer afirmar, porém periferia também pode ser utilizada não apenas como espaço, mas como alegoria. A periferia pode ser o redor geográfico das cidades, mas pode ser no centro, afastada por questões socioeconômicas. Bairros por sua vez são divisões da cidade, são parte da cidade, divisões arbitrárias ou seguindo uma lógica geográfica. Apesar de no fenômeno das megalópoles contemporâneas, com a expansão urbana, que termina por incorporar os subúrbios como sua parte integrante, os subúrbios são caracterizados por serem parte da região metropolitana, afastado do centro da grande cidade e contam com um planejamento e organização que o centro não tem. O grande centro é de crescimento orgânico, partes novas e velhas, partes demolidas e novas construídas, seguindo uma lógica de demanda pontual ou para atender as demandas de uma região específica. As regiões mais afastadas podem, tal como na linguagem, contar com uma maior organização e planejamento visando ao todo. A linguagem seguiria essa lógica. O centro urbano orgânico como a linguagem do cotidiano e o subúrbio, desenvolvido as margens da cidade, como a tentativa de organização e planejamento, constituindo o conhecimento e, possivelmente, as artes.

Contudo, seja para Quine, seja para Wittgenstein, essa continuidade é uma área nebulosa. Não há uma demarcação entre cidade e subúrbio, entre subúrbio A e B, entre bairro A ou B de maneira clara, com fronteiras nítidas. Para Wittgenstein, além da normatividade que permeia todos os jogos de linguagem, os jogos epistêmicos também têm a sua possibilidade semântica nas certezas. Para Quine, temos modelos, classes e o comprometimento com a ontologia desses mesmos modelos e classes, que podem ser

¹⁹⁶ Tradução a partir de: “ask yourself whether our own language is complete a whether it was so before the symbolism of chemistry and the notation of the infinitesimal calculus were incorporated in to it; for these are, so to speak, suburbs of our language. (And how many houses or streets does it take before a town begins to be a town?) Our language can be regarded as an ancient city: a maze of little streets and squares, of old and new houses, of houses with extensions from various periods, and all this surrounded by a multitude of new suburbs with straight and regular streets and uniform houses.”

revistos e alterados, mas independentemente das alterações, eles vêm de dentro da teoria de mundo de quem produziu esses modelos (2004c, p.246). A preocupação com delimitações e clareza referencial ou entre ser e não ser é filosófica e científica (2004c, p.236). A própria ciência, já como uma atividade separada da linguagem cotidiana, não é monolítica ou descontinuada e não se pode falar de um todo da ciência, mas deve ser entendida como áreas que se integralizam (1975, p.314). A visão de Quine de que a lógica é algo compartilhado entre ciências e a matemática por muitas pode ser uma proposição forte demais para a noção de semelhança de família de Wittgenstein, mas o ponto final é próximo o suficiente: não há algo como uma ciência unívoca e descontínua operando em uma linguagem alheia às considerações e imagem de mundo da linguagem ordinária, mas sim como um conjunto de atividades e empreitadas humanas que compartilham técnicas, normas e métodos semelhantes, além do objetivo e a pretensão de determinar os objetos e fatos do mundo.

Ainda há duas problemáticas permanentes aqui: a primeira sendo a expressão de uma ontologia na linguagem ordinária, como propõe Quine, e se isso se encaixaria na posição que adotamos em relação à filosofia wittgensteiniana acerca da linguagem. A segunda questão é da filosofia e ciência fazendo parte do sistema de mundo quineano, que é o ambiente epistemológico, e de que maneira isso se encaixa na questão anterior que tivemos sobre o papel da filosofia em Wittgenstein.

O modelo wittgensteiniano, como vimos em 2.1, tem como um pilar interpretativo a rejeição por uma interpretação unidimensional da linguagem, os jogos de linguagem como atividades normativas determinam uma funcionalidade não apenas dos termos e sentenças, mas do próprio jogo. Portanto, a posição de uma linguagem que expressa uma ontologia parece improvável, dada não só a vaguidade semântica e referencial que Wittgenstein adota, mas a ausência de referência em diversos jogos de linguagem. Contudo, isso somente se faz o caso se considerarmos uma visão específica de ontologia, como a determinação precisa e específica de objetos. Ao discutirmos as certezas, um dos pontos que estabelecemos é a natureza implícita como muitas das vezes elas são introduzidas, tal como no caso de regras não serem sempre explícitas ou sequer ditas, e as certezas serem da mesma maneira.

À vista disso, a afirmação de que “a criança não aprende que existem livros, que existem poltronas etc. etc; ela aprende a buscar livros, a sentar-se em poltronas etc” (DC, §476) Há um vago princípio de individualidade que vai sendo desenvolvido na medida em que o jogo é aprendido e desenvolvido, através da semelhança de família com outros jogos. Livros e poltronas são feitos de tamanhos diferentes, formatos diferentes, materiais

diferentes e, em um geral, são irrelevantes para execução do termo em um jogo de linguagem, portanto, não é necessário ressaltar a diferença para estabelecer esse objeto como semelhante àquele e, portanto, corresponderem ao mesmo termo. Se uma criança aprende bola com uma bola de tênis, o objeto implícito facilmente se ajusta a executar o mesmo termo ao ver uma bola de futebol, de futsal, de basquete, apesar dos formatos e materiais diferentes. Todavia, se eu introduzir uma bola de futebol americano em seguida o estranhamento será imediato, o formato é consideravelmente distinto de outras bolas, mas ainda tem o seu nome por bola por semelhança de família.

Por sua vez, há uma dimensão histórica da linguagem, em que objetos podem se alterar com o tempo, mas manter sua continuidade na linguagem. Seguindo o exemplo da bola, a bola de *rugby* por quarenta anos teve a forma esférica similar à que viria ser a bola de futebol e foi ajustada a forma oval para melhorar a sua funcionalidade para o que jogo demandava, algo fácil de carregar nas mãos e de realizar passes. A bola de futebol de americano, baseada na bola de *rugby*, ficou menos oval e mais pontiaguda, pois ao contrário do esporte de onde veio, essa bola é feita para passes para frente e a aerodinâmica é um fator importante. Os objetos mudaram, para se ajustar ao seu jogo, mas os termos permaneceram, pois o jogo que ela está inserida permaneceu o mesmo. Então, apesar de poder gerar a impressão de ausência de uma identidade, pode haver uma identidade que gradualmente se alterou ao longo do tempo, que não está mais nítida para nós.

A linguagem não expressa uma ontologia no sentido de definição de objetos com suas identidades vagas ou precisas, mas estabelece uma conexão implícita entre ambiente e falante, na medida em que se estabelece uma relação de uso e funcionalidade entre a linguagem e objetos/termos a serem utilizados no jogo¹⁹⁷.

A segunda questão remanescente é sobre o local em que se encontra a filosofia e ciência na metáfora da cidade. Quine assume que ambas se encontram no Sistema de mundo, ele não se utiliza de conhecimento como um termo técnico, mas ele parece criar assim uma distinção interessante entre o Sistema de mundo e ciência. Quine se utiliza do conceito de ciência não só de maneira a abarcar o conhecimento (não é específico em relação a isso, mas é evidente na prática dos conceitos), mas também a abarcar uma visão de técnica: toda

¹⁹⁷ Essa seção não tem pretensão em ir mais a fundo na relação entre linguagem e objeto, isso ficará para mais adiante em 3.3.3. O que se buscava aqui é pontuar que a linguagem no modelo wittgensteiniano estabelece implicitamente e contextualmente no jogo de linguagem jogado os objetos do mundo em uma relação de funcionalidade e não de referência, portanto, mantendo a semelhança de família como base operacional para os termos.

técnica é uma expressão científica, na medida em que, como consequência última, é uma expressão de uma relação hipotético-dedutiva e se assenta sobre as similaridades perceptuais¹⁹⁸. Contudo, o sistema de mundo, a parte sistematicamente desenvolvida para ser mais precisa, simples e organizada da teoria de mundo, tem não só a ciência, mas também a filosofia. A matemática e a lógica são parte da ciência, mas também fazem parte desse lugar enquanto áreas autônomas desse sistema. Esse sistema então pode ser entendido como sinônimo daquilo que denominamos, na práxis, por conhecimento? Como a parte da linguagem que é epistêmica? Como planejada, estruturada? Que tem por pretensão a definição e constituição do factual? Isso pode ser entendido dentro do modelo quineano? Qual os limites daquilo que podemos entender como sistema de mundo?

Beale, como brevemente falamos, se remete à passagem “As pessoas hoje em dia pensam que os cientistas estão lá para instruí-las; os poetas, os músicos etc. para entretê-las. Que estes últimos têm algo a lhes ensinar; isso nunca lhes ocorre” (CVb, p.42)¹⁹⁹ como uma sugestão de que Wittgenstein estaria expandindo os horizontes epistemológicos às artes. O que também argumentamos mais brevemente anteriormente é de que a visão wittgensteiniana estaria mais próxima de associar as artes ao papel do ver-como filosófico. Contudo, se estamos considerando a possibilidade de que conhecimento abrangeria a ideia de um subúrbio da linguagem na qual tanto a filosofia quanto a ciência participam enquanto empreitadas humanas em uma interpretação de mundo – que tem ou não pretensão factual²⁰⁰ - poderia então de fato haver uma expansão do horizonte epistemológico em que as artes fariam parte?

Wittgenstein retoma a questão: “Ciência: enriquecimento e empobrecimento. Um método em particular que afasta a todos os outros. Todos parecem insignificantes em comparação, estágios preliminares na melhor das hipóteses” (CVa, p.60)²⁰¹, mas enquanto método para conhecer? Para descrição de mundo ou como ver o mundo de uma certa maneira? Filosofia não faz teoria, mas pode fornecer um ver-como. Contudo, realizar uma

¹⁹⁸ Rever 1.2.

¹⁹⁹ Tradução a partir de: “People nowadays think, scientists are there to instruct them, poets, musicians etc. to entertain them. That the latter have something to teach them; that never occurs to them.”

²⁰⁰ A pretensão científica pelo factual é nítida, mas a filosófica é consideravelmente debatível.

²⁰¹ Tradução a partir de: “Science: enrichment and impoverishment. One particular method elbows all the others aside. They all seem paltry by comparison, preliminary stages at best”.

teoria e uma teoria completa, com toda metodologia, verificação, testabilidade ou qualquer critério vero funcional é igualmente uma maneira de ver, um ver-como.

Li: “Nascimento, doença, morte, loucura, catalepsia, sono, sonhos, todos causaram uma imensa impressão e, mesmo hoje em dia, apenas alguns têm o dom de ver claramente que esses fenômenos têm causas dentro de nossa constituição.” Pelo contrário, não há absolutamente nenhuma razão para se maravilhar com essas coisas, porque são ocorrências tão cotidianas. Se os homens primitivos não conseguem deixar de se maravilhar com elas, quem dirá o quão mais cães e macacos. [...] Como se os relâmpagos fossem mais comuns ou menos espantosos hoje do que há 2000 anos. O homem precisa despertar para se maravilhar — e talvez os povos também. A ciência é uma maneira de fazê-lo dormir novamente. Em outras palavras, é simplesmente falso dizer: É claro que esses povos primitivos não conseguiam deixar de se maravilhar com tudo. Embora talvez seja verdade que esses povos se maravilhassem com todas as coisas ao seu redor. — Supor que eles não conseguiam deixar de se maravilhar com elas é uma superstição primitiva. (É como supor que eles tivessem que ter medo de todas as forças da natureza, enquanto nós, é claro, não precisamos ter medo. Por outro lado, podemos aprender com a experiência que certas tribos primitivas são fortemente inclinadas a temer fenômenos naturais. — Mas não podemos excluir a possibilidade de que povos altamente civilizados se tornem sujeitos a esse mesmo medo mais uma vez; nem sua civilização nem o conhecimento científico podem protegê-los contra isso. Mesmo assim, é verdade que o espírito com que a ciência é conduzida hoje em dia não é compatível com esse tipo de medo.) [...] As coisas são colocadas bem diante de nossos olhos, não cobertas por nenhum véu. — É aqui que a religião e a arte se separam²⁰²(CVA, pp.5-6)²⁰³.

O que denominamos por científico não exerce influência sobre as certezas somente no sentido de “a água ferve a 100°C”, isto é, de determinações de objetos e relações causais entre eles e o ambiente, mas também naquilo que determinamos como objeto plausível ou

²⁰² É interessante como a questão do deslumbramento, que é visto naquele momento histórico como algo a desaparecer, é retomado pelas ciências “duras” a partir de um ver-como poético em relação as descobertas. Sobretudo na divulgação científica, o programa Cosmos que se inicia com Carl Sagan fortemente abraça essa ideia de deslumbramento pelo universo e as metáforas – não tão metáforas porque é poético, mas também se propõe a serem concretas, literais – de como seres humanos são poeiras estelares.

²⁰³ Tradução a partir de: “I read: “Birth, sickness, death, madness, catalepsy, sleep, dreams, all made an immense impression and, even nowadays, only a few have the gift of seeing clearly that these phenomena have causes within our constitution.” On the contrary there is absolutely no reason to wonder at these things,

because they are such everyday occurrences. If primitive men can’t help but wonder at them, how much more so dogs and monkeys. As though lightning were more commonplace or less astounding today than 2000 years ago. Man has to awaken to wonder — and so perhaps do peoples. Science is a way of sending him to sleep again. In other words it’s just false to say: Of course, these primitive peoples couldn’t help wondering at everything. Though perhaps it is true that these peoples did wonder at all the things around them. — To suppose they couldn’t help wondering at them is a primitive superstition. (It is like supposing that they had to be afraid of all the forces of nature, whereas we of course have no need to be afraid. On the other hand we may learn from experience that certain primitive tribes are very strongly inclined to fear natural phenomena. — But we cannot exclude the possibility that highly civilized peoples will become liable to this very same fear once again; neither their civilization nor scientific knowledge can protect them against this. All the same it’s true enough that the spirit in which science is carried on nowadays is not compatible with fear of this kind.) Things are placed right in front of our eyes, not covered by any veil. — This is where religion and art part company.”

como interpretações plausíveis: o que é concreto, o que é metafórico, o que é supersticioso e a própria leitura do nosso próprio passado como primitivo ou civilizado ou até a outros povos, vide, darwinismo social. As ciências humanas, por exemplo, têm inexoravelmente uma tarefa interpretativa que não pode ser reduzida a estabelecer relações causais calculadas matematicamente. Contudo, há um considerável avanço na utilização de métricas quantitativas. Não é do interesse artístico estabelecer o que é o objeto X, não enquanto pretensões científicas, mas há uma concretude interpretativa, de perspectiva, que tem sim pretensões em estabelecer relações com o “real”, ou melhor, a expressão artística tem no alegórico e metafórico ou, em uma narrativa mais contida, uma tentativa de interação entre jogos de linguagem. Há uma perspectiva que pode ser inovativa, mas que também pode ser de realçar, no orgânico centro da linguagem o que talvez seja imperceptível ou ignorável, mas no ambiente restrito e semanticamente pensado da arte isso pode ser possível. Semelhantemente à filosofia. Essa ação não seria teórica, o que a elimina enquanto ciência, mas ainda pode ser, por ora, pelo menos conhecimento enquanto parte maior da sistematicidade daquilo que forma a nossa maneira de compreender o mundo.

Se determinamos que aquilo que denominamos por epistêmico se encontra nos subúrbios da linguagem, precisamos entender como essas partes se interagem e que fronteira tênue ou imprecisa funciona.

3.3.2 O lugar do conhecimento na cidade

Estabelecemos uma relação de continuidade entre a linguagem em seu estado não-epistemológico para o epistemológico. Para Quine, essa relação se estabeleceria diretamente e a retroalimentação é igualmente direta e evidente. As bases referenciais da ciência se estabelecem a partir de uma linguagem cotidiana herdada e desenvolvida ao longo da história. Por todos os seres humanos compartilharem uma similaridade perceptual, a base referencial de estímulos é semelhante e com isto o desenvolvimento da linguagem é possível, sendo essa linguagem que serve de base para as funções epistemológicas. O avanço dessas formas epistemológicas altera a imagem de mundo, que por sua vez irá novamente alterar o sistema de mundo. A relação de “volta” não é explorada aqui, somente afirma-se que a ciência assimilaria a ontologia da linguagem natural, i.e, Quine estabelece que há uma retroalimentação entre elas, mas a maneira que o sistema de mundo altera a imagem de

mundo é assumida pela sua evidência na prática, mas não há uma explicação de como isso ocorre. Sobre o sistema e o seu recorte científico, Quine trata o conceito de ciência consideravelmente abrangente, como discutimos na seção anterior e em 1.3.1, comparando-o analogicamente à *techné*. Essa comparação se encerra pelo escopo, pois a funcionalidade e pretensões não só se engradem em tamanho, mas mudam completamente.

Apesar da crítica ao reducionismo da verificação, o que há aqui é o reducionismo da linguagem. Por analogia, consideremos que no documentário *A caverna dos sonhos esquecidos*, Herzog reconstrói as imagens rupestres pintadas nas cavernas em um curta, de maneira a mostrar o seu ponto: as pinturas rupestres querem mostrar movimento e assim são um proto-cinema, ou o ponto de seu nascimento²⁰⁴. Isso pode ser entendido como uso poético, metafórico ou de atribuição de importância a essas pinturas, mas também apresenta um reducionismo. Pinturas apresentam e tentam demonstram e representam movimento, o mesmo acontece com as fotografias. Essas podem ser entendidas como cinema da mesma forma? Por que não o contrário? O cinema e fotografia como formas de pintura? Cinema, fotografia, pintura também trazem uma forma narrativa, um recorte, algo a dizer e cada um tem uma forma específica, algo próprio e característico. Tal como um filme, um livro ou uma peça de teatro. A redução de uma forma narrativa a outra é perder as características que as fazem distintas e próprias.

A ideia não é de delimitar a ciência a um enquadramento específico, mas de apontar que a redutibilidade a uma ou mais características seria recair no cenário wittgensteiniano da ânsia de generalidade, haveria uma arbitrariedade em relação à seleção das características aqui. Vamos nos utilizar do exemplo dos grupos denominados “Povos indígenas das grandes planícies e pradarias canadenses” que se utilizavam da técnica da pele de lobo para caçar bisões. Bisões e lobos existiam naquele ecossistema anteriormente à chegada dos seres humanos. Bisões conviviam com os lobos, pois não eram atacados a todo momento e caso fossem caçados tinham por tática defensiva dos lobos se agrupar em grupos e se defender ativamente; essa tática não era possível contra os grupos indígenas, pois se utilizavam de

²⁰⁴ Esse recorte e atribuição de importância a um ponto em característico pode nos levar a uma discussão acerca dos limites terminológicos e a flexibilidade da semelhança de família, o que, por questões de tempo e objetivo, não faremos. Contudo, há algo interessante a se pensar acerca de disputas acerca da familiaridade de um membro do conjunto daquele termo com os demais e outros de fora. O que pode entrar e sair da “família” de um termo. Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* tem em um dos seus pontos contra a semiótica de Saussure a crítica do tratamento da linguagem como uma língua morta, como se o seu significado, o seu uso tivesse solidificado pelo fim de seu uso, em contraposição à língua “viva”, que seria uma constante dialética, disputa pelo significado de suas partes. Nesse sentido, Herzog estaria disputando o significado e o lugar da pintura rupestre, buscando realocar o seu papel na linguagem.

lanças e atacavam à distância. Então para facilitar a caça – bisões fugiam de maneira desordenada o que dificultava a perseguição, além do seu tamanho que dificultava a predação –, sendo assim os grupos indígenas passaram a vestir peles de lobo e se aproximar dos bisões. O que é representado na pintura de George Catlin de 1832:

Figura 2



Fonte: Museu de Arte Americana Smithsonian (SAAM)

Podemos traçar uma linha hipotético-dedutiva aqui:

- (1) Bisões não atacam os lobos de imediato.
- (2) Bisões não fogem dos lobos.
- (3) Bisões reconhecem seres humanos e fogem de imediato.

Com base nessas premissas, se deduz que “Se parecêssemos com os lobos, bisões não iriam fugir”. O que de fato aconteceu e foi a técnica utilizada. Contudo, apesar de ter a característica de estabelecer uma relação causal com base em uma hipótese e dedução, as similares, em geral, terminam por aí. O que temos no exemplo é um jogo de linguagem da caça, em específico, dos bisões, não há a tentativa de desenvolver uma teoria, uma descrição ou representação dos bisões e comportamento animal, por exemplo, características importantes, senão essenciais do que denominamos – por semelhança de família – de ciência.

É também importante dizer que não há a tentativa de delimitar ciência a um cenário histórico ou a imagem de mundo específico. A ciência contemporânea se utiliza, por exemplo, das contribuições matemáticas tanto de Euclides quanto de Pitágoras. Conforme discutimos acerca da concepção socrática-agostiniana, a linguagem não pode ser reduzida a

uma única dimensão, seja de funcionalidade seja de causalidade. Portanto, a redutibilidade dos jogos de linguagem distintos à categorização de ciência não é capaz de abarcar todas as funcionalidades desses jogos, mesmo que dividam características e técnicas em comum. “Nos tornamos recipientes e portadores da tradição em evolução ao longo dos tempos. Então, prosseguindo detalhadamente a nossa teoria da realidade física aceita, tiramos conclusões relativas, em particular, ao nosso próprio eu físico, e até mesmo a respeito de nós mesmos como portadores da tradição”²⁰⁵ (Quine, 2004b, p.1994), essa tradição, trazendo para uma perspectiva wittgensteiniana, é uma expressão da imagem de mundo e com a história a alterando substancialmente. Seria anacrônico denominar as utilidades e as representações de mundo anteriores com a mesma terminologia atual, apesar de deterem uma continuidade histórica. As sentenças permanentes e eternas também são um reflexo da imagem de mundo da ciência contemporânea, a sua construção atribuída de critérios epistemológicos dessa imagem de mundo, como a ausência de subjetividade e a atribuição de convencionalidades para fins de registro traz validade epistemológica nessa imagem de mundo. Todo jogo de linguagem é uma técnica, portanto, a ciência é uma técnica, mas a ciência não é única técnica e as demais não podem ser reduzidas à mesma técnica.

Em relação ao sistema de mundo, não há uma relação de fundamento. A linguagem natural funciona de ponto de partida, mas não é fundamento para algo que se estabelece em seguida, antes é o contínuo trabalho de uma tradição, que se retroalimenta. Trata-se de uma visão mais próxima a um sistema coerente, do que fundacionalista. Voltando à metáfora da cidade, o centro é o seu ponto de partida, o seu subúrbio, a ciência e o Sistema de mundo. Contudo, o crescimento e as alterações históricas nesse subúrbio afetam a cidade novamente e suas alterações mudam as relações suburbanas, o que, se por sua vez, irão se alterar e novamente afetar a cidade, *ad infinitum* ou até esse sistema for profundamente alterado por uma revolução científica. Ainda nesse cenário há impacto na linguagem natural e parte dessa revolução científica pode ser causada por eventos alheios à própria ciência, como mudanças na imagem de mundo.

Acerca de Wittgenstein, ele igualmente não tem uma caracterização do conceito de conhecimento, enquanto um jogo de linguagem. A sua distinção entre saber e certeza, que discutimos aqui, é uma retratação entre jogos de linguagem e certeza. Saber envolve

²⁰⁵ Tradução a partir de: “we constitute ourselves recipients and carriers of the evolving lore of the ages. Then, pursuing in detail our thus accepted theory of physical reality, we draw conclusions concerning, in particular, our own physical selves, and even concerning ourselves as lorebearers.”

justificação e verofuncionalidade, mas não é exclusivo de jogos de linguagem epistêmicos. Em Wittgenstein, são estruturalmente idênticas, ambas são técnicas com critérios normativos e verofuncionalidade. Ele não argumenta em relação ao aspecto teórico, i.e, dos objetivos representacionais e ontológicos da ciência, mas sim em relação ao aspecto linguístico estrito. Como ponto de partida – cronológico e não de origem – o futuro participante de um jogo de linguagem epistemológico é introduzido à normatividade desse novo jogo, seja por regras explícitas - autoconscientes em vocabulário quineano - acerca de ações específicas, seja por regras implícitas - que podem nem ser notadas - que carregam distinções a jogos de linguagens não epistêmicos ou de acordo com eles. Nesse cenário, voltando ao último capítulo, a afirmação ‘corpos tem massa’ permanece como uma certeza, mas se inserida no jogo de linguagem da física haverá a justificação, descrição e relações causais entre proposições que levam à tal formulação, ou seja, haverá uma maior sofisticação em relação ao que está sendo dito, em vocabulário quineano. O que não impede, é claro, o uso do jogo de linguagem ‘quiz no pub’ de acontecer.

Algo que fica nítido na posição wittgensteiniana, tanto em relação ao funcionamento da linguagem quanto em sua posição epistemológica, é a adoção de um perspectivismo. Analogamente à discussão contemporânea acerca do estatuto do conhecimento, tal como os epistemólogos modernos se viram na posição de abandonar o infalibilismo para a manutenção da possibilidade do conhecimento, o perspectivismo é o abandono do universalismo para a manutenção da objetividade²⁰⁶. Universalismo aqui não é por conflito de ordem cultural meramente ou de imagens de mundo, mas universalismo também em escala. Tal como a física newtoniana encontra seus limites na escala menor do atômico e subatômico, o que leva a necessidade da física quântica se formar, a escala maior do estudo cosmológico também pode evidenciar o limite da proposta universal e reforçar a máxima naturalista de que conhecimento é feito por seres humanos. Por exemplo, o paradoxo de Andrômeda: digamos que há duas pessoas, uma parada e a outra correndo e ambas olhem para a galáxia de Andrômeda – 2 milhões e meio de anos luz de distância da Terra – ao mesmo tempo quando se cruzam. Apesar de ambas as pessoas estarem ocupando basicamente o mesmo espaço, uma do lado da outra, pelo fato de o movimento alterar a

²⁰⁶ Não que Wittgenstein tenha esse objetivo em mente, o seu intuito sempre parece indicar mudar a imagem linguística da filosofia, e apenas decorreu de produzir esse efeito. Contudo, a posição perspectivista no geral parece funcionar bem na analogia.

percepção do tempo²⁰⁷, a percepção da visão que elas irão ter se alteraria, pois a percepção de quem corre é dias à frente de quem está parado. No cenário cômico que Penrose cria de uma invasão a caminho, “para uma das pessoas, a frota espacial lançada com a intenção de acabar com a vida no planeta Terra já está a caminho; enquanto para a outra, a decisão sobre lançar ou não a frota ainda não foi tomada” (Penrose, 1991, p.201)²⁰⁸, o tempo presente absoluto se perde, o que temos em tempo é relativo a um ponto referencial específico²⁰⁹. O mesmo se aplica ao Copernicanismo Temporal. A visão do universo muda drasticamente com o modelo do Big Bang, pois basicamente retira o determinismo em relação ao espaço. O universo nem sempre foi o mesmo e ele se expande. As características se alteram no tempo, por exemplo,

Enquanto em um universo em estado estacionário haveria um tempo infinito para produzir vida, o universo descrito pelo modelo do Big Bang não pode ter sido igualmente habitável em todas as épocas no passado [...] A vida requer, por exemplo, o acúmulo de elementos pesados em estrelas, e possivelmente até mesmo de moléculas prebióticas orgânicas no espaço interestelar e em discos protoplanetários. Observadores típicos deveriam, portanto, encontrar-se vivendo em uma época em que a idade do universo é da mesma ordem de magnitude do tempo de vida de uma estrela da sequência principal — uma coincidência de escalas de tempo que seria inexplicável em um modelo em estado estacionário (Balbi, Cirkovic, 2019, p.8)²¹⁰.

Isso implica que é impossível falar de um “típico” cenário ou um cenário “médio”, pois a noção de tempo não é homogênea (como seria no modelo copernicano), pois as alterações espaciais do universo podem ter afetado as características e as relações entre suas partes ao longo do tempo.

²⁰⁷ Relatividade da simultaneidade.

²⁰⁸ Tradução a partir de: “For one of the people, the space fleet launched with the intent to wipe out life on the planet Earth is already on its way; while for the other, the very decision about whether or not to launch that fleet has not yet even been made.”

²⁰⁹ O paradoxo de Andromeda é questionável do ponto de vista da física teórica, pois a ideia de momento de presente em Andrômeda é inviável – exatamente pela ideia da viagem da luz – em moldes bem kantianos, o fenômeno presente é impossível, pois a sua observação imediata é impossível pela distância, i.e, o cenário é impossível, mas a conclusão não: o presente é indeterminado, só é determinado a partir de um ponto referencial. Detalhe válido para nós: o paradoxo de Andrômeda é desenvolvido por Penrose a partir do que ficou chamado de Argumento Rietdijk–Putnam, que é similar, mas o seu objetivo é a defesa do quadridimensionalismo, a tese de Quine que apresentamos.

²¹⁰ Tradução a partir de: “... while in a steady state universe there would have been an infinite time to produce life, the universe described by the big bang model cannot have been equally habitable at all epochs in the past [...] Life requires, for example, the buildup of heavy elements in stars, and possibly even of organic prebiotic molecules in interstellar space and in protoplanetary discs. Typical observers should thus find themselves living in an epoch when the age of the universe is of the same order of magnitude of the lifetime of a main sequence star—a coincidence of time scales that would be unexplainable in a steady-state model”.

Tomemos, por exemplo, uma grandeza astrofísica simples (e, atualmente, bem definida) como a taxa de formação estelar (TSE). Em que sentido podemos definir uma TSE média ao longo do tempo? Não há como fazer isso em escalas arbitrariamente longas (por exemplo, a taxa seria exatamente 0 se calculada a média de toda a história do universo, incluindo o futuro), mas apenas em intervalos estritamente especificados (Balbi, Cirhovic, 2019, p.8)²¹¹.

Considerações acerca do universo são profundamente complicadas de se definir em larga escala, pois o nosso ponto referencial de construção conceitual e teórico é em relações muito menores, i.e, invertido ao exemplo da física newtoniana e quântica. A física, inclusive, parece ter essas questões em mente em suas divisões. Aplica-se física newtoniana em cenários X, quântica Y e assim por diante, pois há um esforço de uniformidade e sistematicidade – e há holisticamente falando –, contudo há limitações na ordem da linguagem e na imagem de mundo acerca do estatuto teórico que temos.

O que não acarreta a perda da objetividade, o modelo wittgensteiniano não torna considerações acerca de conhecimento como subjetivas ou dependentes de um ponto de vista. A objetividade dele permanece, contudo, essa objetividade tem um referencial.

Considere, por exemplo, um determinado tratamento médico que demonstrou, por meio de ensaios clínicos randomizados e bem elaborados, ser altamente eficaz para uma doença específica. Trata-se de uma questão de conhecimento objetivo; ainda assim, é relativo ao conhecimento e à tecnologia disponíveis. Em, digamos, 20 anos, ensaios clínicos randomizados e bem elaborados podem demonstrar que algum tratamento mais recente ainda é mais eficaz do que o tratamento atual (Brice, 2009, p.4)²¹².

Essa objetividade é estabelecida na imagem de mundo que permeia os jogos de linguagens epistêmicos. Contudo, essa objetividade é válida dentro daquela imagem, daquela forma de vida. Há um fenômeno contemporâneo no qual as pretensões à universalidade da ciência encontram sua evidência na adoção virtualmente global, a despeito de diferenças de imagens de mundo, o que sugeriria uma divisão entre imagem de mundo que se aplica à ordem cultural, dos costumes e um lado epistêmico universal e objetivo que é indiferente àquela. Contudo, isso ignoraria o processo de internacionalização da ciência moderna da Europa para o mundo, desde o desenvolvimento tecnológico - tanto de

²¹¹ Tradução a partir de: “Take, for example, a simple (and, at present, well defined) astrophysical quantity such as the star formation rate (SFR). In what sense can we define an average SFR in time? There is no way of doing this over arbitrarily long scales (for example, the rate would be exactly 0 if averaged over the entire history of the universe, including the future), but only on narrowly specified intervals”.

²¹² Tradução a partir de: “Consider for instance, a certain medical treatment that has shown through well designed, randomized, clinical trials to be a highly effective treatment for a particular disease. This is a matter of *objective knowledge*; still it is *relative to available knowledge and technology*. In say, 20 years, well-designed, randomized, clinical trials may show that some newer treatment is still more effective than the current treatment”.

transportes quanto da própria internet e suas ferramentas - o que permite não só uma maior velocidade, interação e sistematicidade do pensamento, mas a sua própria possibilidade, o que não ocorria antes. Mais importante do que isso, ao menos para a lógica da imagem de mundo, todo o processo colonial que assimila a cultura dos colonizados, alterando sua forma de vida a do colonizador - e isto inclui a imagem de mundo e os critérios, valores e o ver-como envolvidos nas suas práticas epistêmicas - sobretudo, na proposta moderna de ciência a partir do iluminismo que visa a construção de uma linguagem que seja a mais técnica possível, o que facilita a sua utilização a despeito de possíveis regionalidades. A esfera de influência permanece a despeito do fim, oficialmente, ao menos, do colonialismo, seja por dependência econômica, tecnológica e as ramificações de ordem econômico-política posteriores, como a Guerra Fria. O ponto aqui não é determinar que a ciência moderna teve o seu sucesso e influência por conta desses processos históricos, mas sim de que ela é parte da história e que esses eventos são parte do motivo da sua adoção, se não global, próxima disso, tal como a sua eficiência como modelo.

Analogicamente, Herculano-Houzel, em *A vantagem humana*, busca demonstrar que o cérebro humano é similar - na proporção de tamanho ou densidade em relação ao corpo - ao restante dos animais e que aquilo que determinamos como inteligência humana foi possível através da prática de cozinhar os alimentos. Enquanto herbívoros tem fácil acesso aos alimentos, mas demoram a ter acesso ao ganho calórico e os carnívoros têm fácil acesso às calorias, mas precisam gastar as mesmas calorias na caça, seres humanos - ao desenvolver o cozimento dos alimentos agrícolas - têm rápido acesso às calorias, sem o gasto para consegui-las, o que nos permite ter energia para outras atividades. Isso retira o aspecto transcendental comum das pesquisas neurocientíficas de propriedades inerentes ao cérebro humano ou não e contextualiza as características cognitivas humanas no mesmo plano evolutivo de práticas interativas entre uma espécie e seu ambiente. Paralelamente, quando investigamos as capacidades cognitivas de chimpanzés e notamos uma memória de curto prazo consideravelmente mais eficiente (Kawai, Matsuzawa, 2008), mas uma capacidade para representação abstrata praticamente inexistente (Saito et al., 2014), o que deve ser entendido é uma diferenciação produzida ao longo de anos de evolução, que é fruto de interação com o restante do ambiente, onde é modificado, mas também contribui para essa modificação. Não há estagnação, não há transcendência, não há o a-histórico.

O conhecimento não tem na imagem de mundo a sua fundação²¹³, mas tampouco é um sistema independente. Há uma garantia de coesão e objetividade, pois há uma determinação das condições semânticas e critérios válidos. Anteriormente falamos de uma normatividade de segunda ordem nos cenários epistemológicos, uma vez que esses jogos de linguagem são introduzidos posteriormente e trabalham com regras que foram mais explicitamente desenvolvidas²¹⁴, mas já se tornaram normativas, i.e, não são prescrições, são normas, muitas vezes não explícitas e a recusa afeta o funcionamento do jogo ou a sua impossibilidade. Simplicidade e o princípio de não-mutilação de Quine são demonstrativos da sua sistematicidade e formas de funcionamento que já lhe são normativas. As considerações de Ockham sobre simplicidade em um momento foram uma prescrição, uma engenharia epistêmica, contudo se tornou local comum, normativo na prática científica contemporânea. A forma de operar buscando a formulação de sentenças eternas, igualmente.

Em uma breve analogia, Kuhn, no conceito de paradigma, fala de marcos epistêmicos que servem como pontos normativos, onde as principais teorias se estabelecem, como o tipo de instrumentalização e os aspectos metafísicos, não teóricos. Por exemplo, como no *Principia* de Newton ou no *Tratado elementar de química* de Lavoisier e anteriormente na *Física* de Aristóteles (Kuhn, 2020, p.29). Pela vasta influência dessas obras em seus respectivos campos, ainda que não haja contato direto de um pesquisador com tais textos, ainda será parte da sua produção e conhecimento técnico-teórico, pois as considerações e o ver-come que essas obras estabelecem, i.e, os aspectos metateóricos de como abordar os problemas, fazem com que os fenômenos apareçam como aspectos normativos no ensino. No entendimento da gravidade enquanto fenômeno não há possibilidade contrária, somente a sua aplicação teórica ou de cálculo. A influência não se resume ao cenário epistêmico, a revolução científica no período iluminista com os demais eventos históricos respectivos da época leva a uma profunda mudança na imagem de mundo, que altera também os jogos de linguagem não epistêmicos, tanto do ponto de vista terminológico, quanto semântico.

²¹³ Há discussões sobre haver uma tese fundacionalista em Wittgenstein: Brice, 2009; Stroll, 1994. A posição de ambos os autores perpassa pela noção de que ele haveria criado um fundacionalismo em *Da certeza*, em que as certezas funcionariam de fundamento ao conhecimento. Não iremos discutir ambas as posições porque isso seria extenso demais e a escala das ramificações da posição afetam temas mais abrangentes que o discutimos aqui. É importante ressaltar que quando digo “também não é um sistema independente” é referencial a posição coerentista, que na epistemologia é a posição contrária ao fundacionalismo, mas a posição contrária para os autores seria o relativismo, o que já tratamos aqui.

²¹⁴ Importante frisar que essa é uma consideração que argumentamos aqui e não é uma posição de Wittgenstein ou de Quine, mas que não haveria conflitos aparentes.

No contexto quineano, a relação é parecida, mas mais moderada. As condições de verdade se alteram conforme a escolha da linguagem²¹⁵, tal como o compromisso ontológico das teorias. Contudo, o cenário de Quine é mais restrito, há uma limitação pela recusa do absoluto e o enquadramento do conhecimento, da ciência ao panorama humano. Não há o objeto em si mesmo, tal como uma verdade que não seja relativa aos critérios estabelecidos, seja naquela linguagem seja no Sistema de mundo. Fora do cenário de oposição ao absoluto, Quine não é muito claro, há a adoção do falibilismo – consequência direta do abandono de uma posição absoluta - o que implica em revisões, não só em revisões acerca de novas evidências, mas de possíveis melhores teorias. Melhores teorias podem ser por simplicidade ou maior sistematicidade. Tudo isso não envolve necessariamente uma mudança radical da imagem de mundo, são mudanças dentro da mesma imagem de mundo. Esse elemento não é presente, mas não contradiz a posição de Quine.

A passagem de epistemológico para parte da imagem de mundo, para o mítico, é ainda obscura. Tanto para Wittgenstein quanto para Quine isso não é só possível como é de fato realizado, mas a maneira de como isso ocorre é pouco descrito. Wittgenstein aponta sobre a passagem de proposições empíricas à normativa,

De fato, eu digo: Toda proposição empírica pode ser convertida em um postulado – e se torna, então, uma norma de apresentação. Mas até mesmo em relação a isso tenho alguma desconfiança. A formulação é demasiadamente geral. Gostaríamos quase de dizer “Toda proposição empírica pode, teoricamente, ser convertida ...”, mas o que “teoricamente” quer dizer aqui? (DC, §321).

A possibilidade é definitivamente assertiva, tanto pela evidência do uso da linguagem e mudanças históricas, quanto pela caracterização das certezas que podem se tornar empíricas e as proposições empíricas se tornarem certezas (DC, §97), mas o processo é obscuro, o que pode ter sido a razão pela qual Wittgenstein fala sobre falta de nitidez tanto para o conceito de proposição (DC, §320) quanto para as proposições da lógica que estariam na fronteira pouco nítida entre regra e proposição empírica (DC, §319).

Quine, por sua vez, aponta para uma relação de desenvolvimento histórico (2004b, p.194). A ciência, como contínua a linguagem não epistêmica, desenvolve e sofisticada a ontologia de fundo dessa linguagem (2004d, p.280), contudo, dentro de um espaço de tempo essa própria linguagem adotaria uma versão menos sofisticada dessa sofisticação realizada, que por sua vez serviria de ponto de partida para a nova geração (2004e, p.290). Contudo,

²¹⁵ Rever 1.3.4

essa influência “reversa” da ciência impactando a linguagem natural não é algo desenvolvido por Quine.

O que temos então é uma interação obscura pela também obscura distinção do aspecto epistêmico para ordinário enquanto estrutura, mas não em funcionalidade. Para Quine a noção é bem nítida pela sua noção de sofisticação ontológica e pelas sentenças eternas: ciência/conhecimento tem uma função representativa não subjetiva²¹⁶. A construção factual coletiva dos objetos e relações do mundo.

Para Wittgenstein, por outro lado, essa função e objetivo é consideravelmente mais vago. Voltando à passagem sobre a relação entre arte e ciência (CVb, p.42), o que a arte teria a ensinar é consideravelmente distinto do científico, mais próximo a um ver-como da filosofia, ainda que não o mesmo²¹⁷. Nas considerações sobre as certezas, Wittgenstein faz uma analogia de que essas formariam uma espécie de mitologia – o que argumentamos que é, na verdade, um mito ou mítico –, o que nos traz algo a se considerar aqui ao discutirmos conhecimento e o seu local na “cidade”.

Mitos não realizam uma diferença entre representação e o seu aspecto qualitativo: “Os católicos também creem que, em certas circunstâncias, uma hóstia muda completamente de natureza, contra toda a evidência. E assim, se Moore dissesse “Eu sei que isto é vinho e não sangue”, os católicos contradizê-lo-iam” (DCb, §239). A questão aqui é que a substância ‘vinho’ não precisa ser alterada para alterar a própria concepção do objeto para ‘sangue de Cristo’, não como analogia, não como metáfora, não é “como se fosse sangue de Cristo”, mas “é sangue de cristo”. A constituição material é a mesma, contudo, há uma alteração de valor, qualitativa que altera o próprio objeto. Seja nos *Ensaio* de Francis Bacon ou no espírito de cisão da construção do conhecimento do aspecto religioso do período iluminista, bem representado, por exemplo, em *Da natureza das coisas* de Lucrécio, há como projeto moderno que as representações teóricas, descritivas do funcionamento do mundo, não tenham aspectos qualitativos, ausentes – o quanto possível – de subjetividade e de aspectos valorativos. Não deve ser coincidência que as obras exemplares de paradigmas científicos

²¹⁶ Pela necessidade de adequação coletiva do método científico. Conhecimento, por ser tratar de uma empreitada humana, sempre terá essa perspectiva, mas não a perspectiva individual, e sim de um consenso coletivo.

²¹⁷ A distinção aqui não entra da nossa temática, somente que ambos se tratam de “ver-como”. Filosofia parece estar ligada à análise, enquanto a arte parece estar mais ligada a experienciar um ver-como distinto, contudo, isso escapa o nosso escopo. Igualmente válido ressaltar o uso abrangente de arte e filosofia aqui, que tem diversos jogos de linguagem, que por semelhança de família, estamos colocando sob o mesmo guarda-chuva.

de Kuhn, como o *Principia* de Newton, sejam as obras que estabelecem o ver-como ou, para usar uma expressão quineana, como o recorte da realidade será feito. Tal ver-como é estabelecido inicialmente como ponto de partida para o aspecto teórico, ganhando uma dimensão normativa posteriormente, tanto como regra quanto como certeza. ‘G’ sendo a constante de gravitação universal, costumeiramente ensinada como regra, parte da técnica do jogo de linguagem da física, isso desde as formas mais simples do ensino escolar às mais complexas do bacharel em Física, em relação ao próprio fenômeno que denominamos por gravidade, que é uma certeza.

É característico da imagem de mundo estabelecida da ciência moderna que essa cisão do qualitativo para o representacional cria uma visão objetiva universal, portanto, a representação científica é factual e todo o demais é ficcional, ao menos, parcialmente. Por isso, a afirmação “Ciência: enriquecimento e empobrecimento. Um método em particular que afasta a todos os outros. Todos parecem insignificantes em comparação, estágios preliminares na melhor das hipóteses” (CVa, p.60)²¹⁸ se refere a pressuposição de uma cultura científica como a única possibilidade, o único jogo de linguagem capaz de realizar conhecimento, entendido como tarefa descritiva, representacional. A ciência estabelece, ao menos como tentativa, que o seu objetivo é somente esse: fornecer representações, descrições da maneira mais objetiva possível (dentro do que já estabelecemos), sem pretensões a nada a mais. O objetivo mítico, por outro lado, era definir toda uma forma de vida.

Retomando a metáfora da cidade, é certo dizer que o conhecimento está em seus subúrbios, como desenvolvido posteriormente e aos redores dos centros, pela sua característica de maior clareza em sua organização. Na citação de Quine: “Cientistas e filósofos buscam um sistema abrangente do mundo, que seja orientado para fazer referência de forma ainda mais direta e completa do que a linguagem comum”²¹⁹ (Quine, 2004c, p.236) ambos estão presentes no Sistema de mundo na medida em que são explicitamente desenvolvidas e têm preocupações epistemológicas, que não estão presentes na linguagem natural, no centro da cidade, mas não referencial, pois não há a tentativa e postura de representação teórica da ciência na filosofia, até mesmo porque se houvesse não estaria mais

²¹⁸ Tradução a partir de: “Science: enrichment and impoverishment. One particular method elbows all the others aside. They all seem paltry by comparison, preliminary stages at best”.

²¹⁹ Tradução a partir de: “Scientists and philosophers seek a comprehensive system of the world, and one that is oriented to reference even more squarely and utterly than ordinary language”.

dentro do âmbito filosófico, tal como Quine mesmo argumenta nas discussões ontológicas sobre o que há, discussões recaem sobre a física e as discussões cognitivas sobre a psicologia (2004f, p.306; 1998, p.430; 1969c). “A fronteira entre a filosofia naturalista e o resto da ciência é apenas uma vaga questão de grau”²²⁰ (Quine, 2004d, p.281), de modo que a diferença de grau então deve ser entendida entre o limite de um ver-como e seu estabelecimento dentro de um corpo teórico e não de objetivo, propósito. Newton estabelece inteiramente um novo ver-como para a física no *Principia*, mas pela sua transformação em aspecto normativo esse ver-como se transforma em fato, certeza. Chomsky estabelece um ver-como para a abordagem para a linguística com a gramática gerativa, que ganha contorno normativo pela sua adoção na linguística, o que inclui creditar Chomsky não somente como filósofo, mas também como linguista. O ver-como só se estabelece como parte constituinte do conhecimento quando se desenvolve uma teoria correspondente, que então deixa de configurar como ver-como e sim como base normativa para o seu funcionamento.

3.3.3 Jogos de linguagem epistêmicos: os jogos dos objetos

Estabelecemos um panorama para os jogos de linguagem epistêmicos e não-epistêmicos, como propósito, objetivo e funcionamento no geral. Há um aspecto que permaneceu relativamente intocado até aqui: o aspecto das descrições nos jogos epistêmicos. Jogos descritivos estão incluídos na análise de Wittgenstein como jogos possíveis, com suas próprias normatividades, portanto, significados próprios. Dizer ‘tenho uma dor no pulso’ tem um significado diferente se me dirijo a um médico ou a qualquer outra pessoa e, o mais importante, o jogo de linguagem executado (IF, §626). O médico irá examinar, pois aqui há uma descrição que terá de ser associada à gramática do jogo da medicina, com a técnica aprendida indo do entendimento de descrições acerca do corpo humano à compreensão da tarefa de realizar um diagnóstico dada as evidências e a como realiza as correlações necessárias. Por exemplo, assumir as doenças mais comuns, considerar a idade e as doenças mais prováveis, considerar que a localização geográfica traz doenças mais comuns do que

²²⁰ Tradução a partir de: “The boundary between naturalistic philosophy and the rest of science is just a vague matter of degree”.

outras, etc. Contudo, há uma dimensão de jogos de linguagens em que há a construção dessas descrições que o médico, entre outras coisas, utiliza²²¹.

Quando Wittgenstein defende que filosofia não faz teoria, não fala sobre o mundo, mas há jogos que sim, os jogos associados à ciência²²². Como não há causalidade, ‘vermelho é uma cor’ segue significativa por viés de regra, da sua gramática. O desenvolvimento dos jogos descritivos possibilita especificar, por exemplo, que o vermelho e todas as outras cores são ondas e posso explicar o processo neurológico de como o vermelho é percebido, por meio de uma interação entre o jogo da física e o da psicologia. Contudo, o jogo anterior permanece intacto, ‘vermelho é uma cor’ é por viés normativo e não por compreender essas descrições.

Jogos epistêmicos – como vimos – afetam a semântica dos jogos não epistêmicos. Jogos casuais usam ‘gravidade’ ou ‘corpos tem massa’, exemplos que têm um certo nível de entendimento teórico, tal como Quine sugere, por influência, digamos, da introdução à física no ensino médio. Essa interação entre o jogo epistêmico e o não epistêmico ainda permanecerá nebulosa, o ponto de se retirar aqui é que, apesar da influência na semântica, o significado ainda é atrelado à normatividade do jogo e não há relação causal das descrições de outros jogos.

A passagem dos jogos de linguagem não epistêmicos para epistêmicos é consideravelmente mais complicada. A estrutura semântica dos jogos de linguagem é similar ao modelo de Quine, no sentido de não ser referencial e não assumir a existência de objetos, é ontologicamente neutra, a maneira de como isso acontece é diferente, porém. A base da linguagem não é referencial, pois a linguagem sequer possui base, não há o básico, o simples. Podemos falar de ponto de partida, mas esse ponto pode ser de uma diversa quantidade de jogos de linguagem, não há especificação de um jogo. Não é referencial também porque a linguagem é normativo-funcional.

Defendemos anteriormente que na aquisição da linguagem há uma ontologia implícita, em que há livros e poltronas, mas não são objetos assumidos. A utilização da

²²¹ Ao longo da seção será notável que farei uma associação recorrente entre fazer descrições e tarefa científica. Não estou assumindo que a ciência se reduz a descrições, mas estou inicialmente direcionando a atenção às descrições. Ao final da seção ficará claro que as descrições são partes do jogo de linguagem da ciência, não todo o jogo.

²²² Podemos assumir a possibilidade de jogos de linguagem que fazem descrições e têm referências, mas não estão associados à ciência. Como, porém, estamos assumindo jogos que estejam no subúrbio da linguagem, estamos **nos** limitando aos jogos associados à atividade científica ou à atividade que esteja dentro do parâmetro que determina as relações factuais da representação, objetos.

linguagem, em que se busca livros, estabelece uma interação entre a criança e o mundo, em que o termo ‘livro’ aparece em diferentes jogos de linguagem e na interação entre eles permite o desenvolvimento de uma noção geral daquilo que pode ser atribuído ao termo e o que pode ser buscado ao pedirem por um livro, ou seja, tudo aquilo que é semelhante por familiaridade. O resultado seria a ontologia do homem comum quineano, uma ontologia vaga, imprecisa, pois simplesmente não há função para ser diferente. Isto é, delimitações espaço-temporais, princípios de individuação não podem ser fornecido na maioria dos jogos de linguagem, porque não são da gramática desses jogos e não são lances no jogo dada a falta de utilidade. Jogos epistêmicos, porém, tem o seu ponto de partida nesse conjunto de jogos de linguagem interagindo entre si e na imagem de mundo gerada por eles

As palavras — incluindo as palavras holofrásticas do domínio inicial da linguagem — têm uma variedade de funções correspondentes à variedade de [...] jogos de linguagem e suas extensões subsequentes. A marcha da infância para a linguagem adulta envolve uma progressiva complicação, extensão e entrelaçamento dos primeiros jogos de linguagem [...]. A ciência deve ser concebida como um desenvolvimento gradual desse conjunto enriquecido de jogos de linguagem. Ela tem suas raízes na tecnologia e nunca as supera. Não é uma coisa só, mas uma coleção de diferentes jogos de linguagem unidos, na melhor das hipóteses, por semelhança de família.²²³ (Canfield, 1996, pp.132-133).

A ciência então tem a sua perspectiva descritiva, suas delimitações e especificidades advindas da linguagem natural são assimiladas, revisadas e construídas seguindo os padrões normativos desses jogos e das possibilidades semânticas da imagem de mundo. Paralelamente a Quine, há um elemento de construção desses objetos e aparatos e se há a visão de artificialidade, ela deve ser aceita pelo avanço desses próprios jogos. Podemos ir além aqui, adotando a visão naturalista, entendendo todas as considerações acerca de jogos de linguagem e imagem de mundo, em que não há a distinção de jogos naturais e artificiais. Tal como Quine argumenta, não há objeto como ele realmente é, são referentes aos jogos de linguagem – e suas teorias – exercendo uma função normativa neles, seja descritiva ou causal em relação a outros aspectos da teoria. A ciência, como todo jogo de linguagem, atende a uma demanda linguística enraizada em uma prática.

No contexto dos jogos naturais não há compromisso ontológico, seu “compromisso” é com a normatividade das funções linguísticas de seu determinado jogo. Os jogos

²²³ Tradução a partir de: “Words - including the holophrastic words of early language mastery - have a variety of functions corresponding to the variety of [...] language-games and their subsequent extensions. The march from childhood to adult language involves a progressive complication, extension and intertwining of the earliest [...] language games. Science must be conceived as growing piecemeal out of that enriched set of language-games. It has its roots in technology, and it never outgrows them. It is not one thing, but a collection of different language-games joined at best by family resemblance”.

epistemológicos são igualmente normativos, mas a normatividade de seus jogos exige o compromisso ontológico – aqui em sentido quineano – de assumir a existência de objetos pela sua própria característica descritiva, representacional. Inclusive, por sua categorização sistemática dos objetos derivados das descrições, de jogos mais gerais como o da física e biologia, mas também de jogos menores, como o da taxonomia dentro da biologia. É através da construção desses objetos, dessas descrições que esses jogos de linguagem se fazem possíveis. Essa não é uma posição de Wittgenstein, mas é possível concluir isso, sobretudo, quando há jogos teóricos e teoria é falar sobre o mundo.

Podemos adaptar o estruturalismo²²⁴ de Quine a nosso favor ao falar dos jogos de linguagem epistêmicos. Ainda que haja descrições e objetos, a referência funciona em papel secundário, “o que é empiricamente significativo em uma ontologia é apenas a sua contribuição de nós neutros para a estrutura da teoria” (Quine, 1996, p.33); portanto a primazia é da maneira que avaliamos holisticamente a estrutura, i.e, o jogo de linguagem. Os critérios avaliativos de verdade inclusos, o cenário da tradução de Quine se encerrando na aceitação da objetividade do sistema de mundo é aqui ainda mais forte, uma vez que é a normatividade dos jogos, mas sobretudo, da imagem de mundo. É possível, se entendermos o barco Neurath como igual ou menor que a imagem de mundo – o que parece ser o caso – que haveria a possibilidade de regresso ao infinito retornar, caso haja diferenças de imagem de mundo. Contudo, aqui é importante frisar novamente o cenário dos desacordos profundos de Fogelin²²⁵, nesse caso ainda não haveria retorno ao infinito pela impossibilidade da tradução, são cenários de certezas distintos. Cenários de ver-como distintos também não acarretariam regresso ao infinito, não são traduzíveis entre si, pois são modelos concorrentes.

Entendendo que os jogos de linguagem são estruturas de linguagem e entendendo que os objetos são o papel a desempenhar nessa linguagem, podemos manter intacto o papel empírico, mas da maneira que Quine determinou. O status empírico advém das sentenças observacionais, que contém uma relação com estímulos empíricos intersubjetivos; para Wittgenstein essa relação é inexistente, a linguagem é uma atividade normativa. Não cairíamos em um convencionalismo sem respaldo empírico, pois a normatividade determina que as descrições sejam com base observacional e o trabalho coletivo de assentimento de cientistas para chegarmos à determinação de uma sentença como sentença

²²⁴ Rever 1.3.4.

²²⁵ Rever 3.2.1

epistemologicamente correta. O trabalho de desenvolvimento dessas descrições nos permite toda “teoria da descoberta”, o trabalho do epistemólogo naturalista de Quine, que nos permite dizer que temos as mesmas capacidades cognitivas, perceptivas. Também não reduz o compromisso com a existência dos objetos desenvolvidos nesses jogos, sobretudo se colocados sobre ótica da imagem de mundo.

A estrutura dos jogos de linguagem também permite a utilização de variáveis para entendimento dos nomes e daquilo que eles querem descrever. É possível um exemplo prático da biologia: biólogos podem falar de asas tanto em um sentido geral – atrelado ao entendimento dos jogos de linguagem não epistêmicos entrelaçados, no sentido de Canfield – e ir se tornando mais preciso o quão for necessário, enquanto fenótipo – caracterizando o desenvolvimento da característica geneticamente –; quanto evolutivamente, a asa de uma Harpia, por exemplo, é uma asa tal como a de um morcego. Contudo se trata de uma homoplasia, isto é, dois animais diferentes sem ancestrais em comum que desenvolvem a mesma característica, ou seja, não há grau de parentesco, ao menos evolutivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa dissertação buscamos uma mudança de panorama acerca do conceito de conhecimento da epistemologia tradicional, como um empreendimento individual de correspondência de crenças, para um que entendesse as dimensões coletivas envolvidas na nossa prática do termo. Como pressuposição adotamos uma posição naturalista, no sentido de não adotar critérios de filosofia primeira, tanto conceitualmente, quanto no aspecto prático, i.e, com a proposta de um isolamento da filosofia enquanto área de estudo e a possibilidade de se utilizar das demais áreas de conhecimento para evidenciar, demonstrar e justificar as nossas posições. Quine e Wittgenstein seriam os autores a nos fornecer o arcabouço teórico para tanto, por ambos defender a linguagem como uma atividade, pública e seu significado como emergindo dessas características, ou seja, do uso.

Podemos falar então de três conjuntos: pontos de convergência, em que a similaridade é completa ou em grande parte; pontos de divergência, nos quais a compatibilidade é intangível; e pontos de aproximação, em que há uma similaridade que não é aparente ou que, apesar de certas diferenças, há uma compatibilidade que trouxe ganhos à dissertação.

Sobre os pontos de convergência, há cinco pontos centrais:

(A) A linguagem é uma arte social, uma prática pública. Ambos os autores defendem uma concepção pública de linguagem que se estabelece como uma prática intransponível, sem a possibilidade de uma semântica analítica, em sentido epistemológico, desconectada dessa prática, das variações do uso e do seu contexto histórico.

(B) Essa visão em relação à linguagem a coloca em uma sistematicidade, com o seu significado sendo determinado dentro do seu jogo de linguagem ou do seu contexto de uso. Não somente isso, mas a semântica é dependente desse todo; portanto, a análise conceitual, seja de termos ou de sentenças, é dependente do sistema, da linguagem sendo utilizada. Isto é, o holismo semântico se estende tanto a Wittgenstein quanto a Quine.

(C) Outra convergência é a rejeição de pilares da epistemologia tradicional, como o recurso ao *a priori* como fundamento; a autonomia da filosofia em relação às ciências – que se estende à possibilidade de uma filosofia primeira. Toda linguagem, toda

atividade está inserida dentro do mesmo pano de fundo, tanto para Quine quanto para Wittgenstein, o que impossibilita tais pilares.

(D) Rejeição da questão cética. A crítica à filosofia primeira também leva a questão ao patamar de pseudoproblema, uma vez que, para o questionamento ser de fato uma questão empírica – igualmente a resposta –, deveria ser capaz de ser feita em um sistema de mundo, em que a possibilidade seja real, ou de uma posição autônoma, e ambas não são o caso.

(E) A linguagem epistêmica não se desenvolve isoladamente, mas está inserida no contexto maior da imagem de mundo e tem por pano de fundo o funcionamento da linguagem natural, de maneira cronológica e não de fundamento. Há uma influência direta, porém, em que os desenvolvimentos da linguagem epistêmica alteram a imagem de mundo e o uso de jogos de linguagem não epistêmicos.

Houve, contudo, diferenças irreconciliáveis, a saber: acerca do funcionamento da linguagem e do escopo geral dela. A discordância principal reside na concepção da linguagem, opondo uma visão normativa a uma visão causal-descritiva (3.1; 3.2.1). Para Wittgenstein, a linguagem é uma atividade normativa. As suas regras constituem a gramática dos jogos de linguagem, estabelecendo internamente – e não causalmente – os critérios de correção de um lance. Esta normatividade é constitutiva do significado. Para Quine, o modelo é behaviorista: a "correção" de uma sentença observacional é definida pela sua relação causal com um estímulo sensorial e pelo seu assentimento intersubjetivo.

Isso gera uma total dissonância na visão das operações da linguagem natural – como foi discutido em 3.1 – e, conseqüentemente, nas operações de linguagem em seu contexto epistêmico. O modelo de Quine, no que se refere ao uso geral da linguagem, mas mais especificamente na linguagem natural, apresentou severas limitações para abarcar os usos que não são descritivos ou relacionados aos usos epistêmicos. Quine especifica e argumenta uma distinção do uso epistêmico para o uso cotidiano e inclusive cita a noção de jogo de linguagem (1996, p. 20), mas o seu modelo, quando aplicado à linguagem natural, não demonstrou a eficiência e aplicabilidade do modelo wittgensteiniano. Portanto, adotamos uma posição mais alinhada a Wittgenstein. Seguindo a leitura de Harré, de uma gramática alternativa, o modelo behaviorista busca contornar o problema do mentalismo, enquanto o modelo dos jogos não o contorna, porque não é um problema; a linguagem sendo uma atividade normativa, não há questão mentalista em jogo.

Podemos também apontar quatro pontos centrais de aproximação, em que a similaridade não era aparente ou em que construímos uma correlação.

(A) Buscamos aproximar a noção de teoria de mundo – dentro do recorte quineano – com a noção de imagem de mundo. O conceito de teoria de mundo de Quine não é bem definido, como vimos, mas tem um papel claro: são as crenças daquela comunidade linguística, que são adquiridas da linguagem e não são precisas ou epistemicamente definidas, servem de pano de fundo e ponto de partida cronológico aos que ingressarão e estudarão o Sistema de mundo – a parte epistêmica da linguagem. A imagem de mundo é adquirida implicitamente, mas forma a condição de possibilidade semântica para todos os jogos, epistêmicos ou não. São as crenças básicas, estabelece os critérios válidos de uso. A aproximação aqui é de complementação; o uso quineano da teoria de mundo e a sua relação com o Sistema de mundo é fortalecido pelo conceito de imagem de mundo, que traz o caráter de raiz e enquadramento das crenças intentado pela noção de teoria de mundo.

(B) Buscamos também aproximar a noção de Sistema de mundo com a alegoria da cidade de Wittgenstein, presente em IF §18. A alegoria da cidade de Wittgenstein é sobre uma distinção de um uso organizado e pensado da linguagem, mas que não é necessariamente orgânico, do uso cotidiano da linguagem, porém mais afastado, no seu subúrbio. O centro, então, sendo o uso cotidiano, que não tem uma divisão clara, pois angaria diversas funcionalidades. A distinção entre teoria de mundo e sistema de mundo em Quine é similar, com o sistema de mundo se desenvolvendo a partir da teoria de mundo, de maneira mais organizada, com pretensões de refinamento e sofisticação.

(C) A aproximação das noções em (B) nos permite também falar de uma noção de continuidade entre o uso cotidiano e o uso epistêmico em Wittgenstein, ainda que de maneira não igual à de Quine. A continuidade em Quine se estabelece pelo refinamento da ontologia e das crenças vagas do senso comum e pela sua eventual mudança por influência do desenvolvimento científico, que por sua vez vai fornecer o pano de fundo para o uso científico futuro. Enquanto isso, buscamos estabelecer uma relação de continuidade através das noções de normatividade e do fim de uma filosofia primeira; logo, é possível afirmar uma relação pelo ensino, pela historicidade e pela ausência da possibilidade de um isolamento semântico.

(D) O estruturalismo quineano, com a noção de compromisso ontológico, se aproxima da noção de jogos de linguagem e explica a ramificação de descrições e como jogos científicos podem ter diferentes arcabouços referenciais, mas mantendo a sua continuidade e precisão.

De maneira geral, jogos de linguagem nos fornecem uma interpretação da linguagem enraizada na sua prática, não só como ponto de partida ao seu funcionamento, mas também como seu início, meio e fim. O conhecimento, os nossos jogos de linguagem epistêmicos, ao menos na nossa imagem de mundo, são construídos, feitos, nos “subúrbios” da linguagem, isto é, uma prática que tem por objetivo nos fornecer uma complexa rede de descrições, relações causais e uma maneira de entender o que há, os porquês e os como. Defende-se a perspectiva de que o conhecimento é uma atividade humana e que sempre haverá falhas, revisões e completas revoluções acerca da maneira em que vemos e entendemos o mundo e os próprios jogos de linguagem que, pela nossa imagem de mundo, fornecem os fatos.

A dimensão não é uma dimensão somente de espécie, mas também de tempo; a linguagem, sendo uma prática humana, é histórica, condicionada pelas múltiplas imagens de mundo que se foram, são e virão a ser. Isso se estende tanto ao conhecimento e à filosofia, ambos jogos de linguagem que estão, como todos os outros jogos de linguagem, dentro do barco de Neurath e a expansão, revisão e completa reestruturação é feita de dentro.

Podemos, em linhas gerais e não como definição socrática, caracterizar o conhecimento como os jogos de linguagem que, por semelhança de família, buscam fornecer um arcabouço de descrições e relações na linguagem, visando, através dos critérios da nossa imagem de mundo, construir fatos.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de: Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.
- BAKER, G.P; HACKER, P.M.S. **Wittgenstein: understanding and meaning: Volume 1** Part I: essays of an analytical commentary on the philosophical investigations. Oxford: Wiley-Blackwell, 2005.
- BAKER, G.P; HACKER, P.M.S. **Wittgenstein: rules, grammar and necessity**. Volume 2 of an analytical commentary on the philosophical investigations. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- BALBI, Amedeo; CIRKOVIC, Milan M. SETI and Temporal Copernicanism. In: **The Search for ExtraTerrestrial Intelligence** pp.7-12. Editado por: Stelio Montebugnoli, Andrea Melis e Nicolò Antonietti. Springer, 2019.
- BEALE, Jonathan. Wittgenstein's grammatical naturalism. In: **Wittgensteinian** (adj.), pp.67-90. Editado por: Shyam Wuppuluri e Newton da Costa. Cham: Springer, 2020.
- BEALE, Jonathan. Wittgenstein's anti-scientistic worldview. In: **Wittgenstein and scientism**. Editado por: Jonathan Beale e Ian James Kidd. Oxford: 2017, p. 59-80.
- BRICE, Robert Greenleaf. Recognizing targets: Wittgenstein's exploration of a new kind of foundationalism in *On Certainty*. In: **Philosophical Investigations** 32 (1):1-22, January, 2009.
- CANFIELD, John V. The passage into language: Wittgenstein versus quine. In: **Wittgenstein and Quine**, pp.118-143. Editado por: Robert L. Arrington e Hans-Johann Glock. Londres: Routledge, 1996.
- CHAMBERS, David J. **Philosophy of mind: classical and contemporary readings**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- CHOMSKY, Noam. Quine's empirical assumptions. In: **Synthese** 19 (1-2): 53 – 68, 1968.
- COLIVA, Annalisa. **Moore and Wittgenstein: Scepticism, certainty and common sense**. Londres: Palgrave Macmillan, 2010.
- FISCHER, Eugen. Wittgensteinian 'Therapy', Experimental Philosophy, and Metaphilosophical Naturalism. In: **Wittgenstein and scientism**, pp.260-286. Editado por: Jonathan Beale e Ian James Kidd. Oxford: 2017.
- FOGELIN, Robert J. **Wittgenstein**. New York: Routledge, 1995.
- FREGE, Gottlob. Sobre o sentido e a referência. In: **Lógica e filosofia da linguagem**, pp.59-86. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FUMERTON, Richard. **Epistemologia**. Traduzido por: Sofia Inês Albornoz Stein e Ramon Felipe Wagner. Petropolis: Vozes, 2014.
- GOLDMAN, Alvin. Naturalistic epistemology and reliabilism. In: **Midwest studies in philosophy**. Vol XIX, 1994, pp.301-320.

- GOLDMAN, Steven L. **Science wars: the battle over knowledge and reality**. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- GLOCK, Hans-Johann. **A wittgenstein dictionary**. Oxford: Riley-Blackwell, 1996.
- GRICE, Paul. Logic and Conversation. In: **Studies in the Way of Words**, pp.22-40. Cambridge: Harvard University Press, 1991a.
- GRICE, Paul. Meaning. In: **Studies in the Way of Words**, pp.213-223. Cambridge: Harvard University Press, 1991b.
- GRICE, Paul; STRAWSON, P.F. In defense of a Dogma. In: **Studies in the Way of Words**, pp.196-212. Cambridge: Harvard University Press, 1991c.
- HACKER, P.M.S. Wittgenstein and quine: proximity at great distance. In: **Wittgenstein and Quine**, pp.1-38. Editado por: Robert L. Arrington e Hans-Johann Glock. Londres: Routledge, 1996.
- HARRÉ, Rom. **Grammatical therapy and the third wittgenstein**. *Metaphilosophy* 39 (4-5):484-491, 2008..
- HEBECHE, Luiz. **A filosofia sub specie grammaticae**. Florianópolis: EditoraUFSC, 2016.
- HINTIKKA, Merrill B; HINTIKKA, Jaako. **Investigating wittgenstein**. Oxford: Basil Blackwell, 1986.
- HOUKES, Wybo. Normativity in Quine's naturalism: The technology of truth-seeking? In: **Journal for General Philosophy of Science / Zeitschrift für Allgemeine Wissenschaftstheorie** 33 (2):251-267, 2002.
- HUTCHINSON, Philip. What's the point of elucidation? **Metaphilosophy** 38 (5):691-713, 2007.
- HUTNO, Daniel D., SATNE Glenda. Naturalism in the Goldilocks Zone: Wittgenstein's Delicate Balancing Act. In: **Wittgenstein and naturalism**, pp.56-76. Editado por: Kevin M. Cahill e Thomas Raleigh. New York: Routledge, 2018.
- HYLTON, Peter. **Quine**. New York: Routledge, 2007.
- HYLTON, Peter. Quine on reference and ontology. In: **Cambridge Companion to Quine**, pp.115-150. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- HYLTON, Peter. Reference, ontological relativity and realism. In: **Aristotelian Society Supplementary**, Volume 74 (1):281–299, 2000.
- KAWAI, Noboyuki; MATSUZAWA, Tetsuro. Reproductive memory processes in chimpanzees: homologous approaches to research on human working memory. In: **Primate Origins of Human Cognition and Behavior**, pp.226-234. Editado por: Tetsuro Matsuzawa. Tokyo: Springer, 2008.
- KIM, Jaegwon. Philosophical Perspectives, Vol. 2, **Epistemology** (1988), pp. 381-405.
- KITCHER, Phillip. The naturalists return. In: **The philosophical review**, Vol.101, No.1, Philosophy in Review: essays on Contemporary Philosophy (Jan. 1992), pp.53-114.

KEMP, Gary. Pushing Wittgenstein and quine closer together. In: **Journal for the History of Analytical Philosophy** 2 (10), pp.1-18, 2014.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2020.

LEWIS, David. **Convention**. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

MACARTHUR, David. Wittgenstein's liberal naturalism of human nature. In: **Wittgenstein and naturalism**, pp.33-55. Editado por: Kevin M. Cahill e Thomas Raleigh. New York: Routledge, 2018.,

MOORE, George Edward. Uma defesa do senso comum. In: Escritos filosóficos. **Coleção Os pensadores: Moore**. Tradução de: Luiz João Baraúna e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1980

PACHERIE, Elizabeth. Naturalistic epistemology and normativity. In: **Croatian journal of Philosophy**, issue 6, 2002, pp.299-317.

PAPINEAU, David. Naturalism. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Fall 2023). Ed: Edward N. Zalta. URL: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2023/entries/naturalism/>

PENROSE, Roger. **The emperor's new mind**: concerning computers, minds, and the laws of physics. New York: Penguin Books, 1991.

PETTERSEN, Bruno Batista. **A naturalização da epistemologia**: empirismo, ciência e semântica em Quine. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PUTNAM, Hilary. 'Two Dogmas' revisited. In: **Realism and Reason, Philosophical Papers** Vol. III, pp.87-97. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

QUINE, W.O. **Word and object**. Cambridge: The M.I.T Press, 1960.

QUINE, W.O. **Palavra e objeto**. Tradução de Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis: Vozes, 2010.

QUINE, W.O. Truth by convention. In: **The ways of paradox and other essays**, pp.70-99. New York: Random House, 1966a.

QUINE, W.O. On simple theories of a complex world. In: **The ways of paradox and other essays**, pp.242-245. New York: Random House, 1966b.

QUINE, W.O. Speaking of objects. In: **Ontological Relativity and other essays**, pp. 1-25. New York: Columbia University Press, 1969a.

QUINE, W.O. Ontological relativity. In: **Ontological Relativity and other essays**, pp. 26-68. New York: Columbia University Press, 1969b.

QUINE, W.O. Epistemology naturalized. In: **Ontological Relativity and other essays**, pp.69-90. New York: Columbia University Press, 1969c.

QUINE, W.O. Natural Kinds. In: **Ontological Relativity and other essays**, pp.114-138. New York: Columbia University Press, 1969d.

QUINE, W.O. Methodological Reflections on Current Linguistic Theory. In: **Synthese** (October 1970), 21(3-4) & 22(1-2): 386-398.

- QUINE, W.O. On Empirically Equivalent Systems of the World. In: **Erkenntnis** (November 1975), 9: 313-328.
- QUINE, W.O. Two Dogmas of empiricism. In: **From a logical point of view**, pp.20-46. Cambridge: Harvard university press, 1980.
- QUINE, W.O. Use and its place in meaning. In: **Theories and Things**, pp. 43-54. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 1981a.
- QUINE, W.O. Reply to stroud. In: **Midwestern Studies in Philosophy: the Foundations of Analytic Philosophy** 6: 473 – 475, 1981b.
- QUINE, W.O. Postscript on metaphor. In: **Theories and Things**, pp.187-189. Cambridge: The Belknap Press, 1982.
- QUINE, W.O. Relativism and absolutism. **The Monist**, Vol. 67, No. 3, Is Relativism Defensible? (July,1984), pp. 293-296.
- QUINE, W.O. **The roots of reference**. La Salle: Open Court, 1990.
- QUINE, W.O. Structure and nature. In: **The Journal of Philosophy**, Vol. 89, No. 1 (Jan., 1992), pp. 5-9.
- QUINE, W.O. **Pursuit of truth**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- QUINE, W.O. Reply to Putnam. In: **The Philosophy of W. V. Quine**: expanded edition, pp.427-431. Editado por: Lewis Edwin Hahm e Paul Arthur Schilpp. Chicago: OpenCourt Publishing Company, 1998.
- QUINE, W.O. Reply to Paul A. Roth. In: **The Philosophy of W. V. Quine**: expanded edition, pp.459-461. Editado por: Lewis Edwin Hahm e Paul Arthur Schilpp. Chicago: OpenCourt Publishing Company, 1998b.
- QUINE, W.O. Two dogmas in retrospect. In: **Quintessence**, pp. 54-63. Edited by: Roger F. Gibson Jr. Cambridge: Belknap Press, 2004a.
- QUINE, W.O. The scope and language of science. In: **Quintessence** pp. 193-210. Edited by: Roger F. Gibson Jr. Cambridge: Belknap Press, 2004b.
- QUINE, W.O. Things and their place in theories. In: **Quintessence**, pp. 229-248. Edited by: Roger F. Gibson Jr. Cambridge: Belknap Press, 2004c.
- QUINE, W.O. Naturalism; or, living within one's means. In: **Quintessence**, pp.275-286. Cambridge: Belknap Press, 2004d.
- QUINE, W.O. The nature of natural knowledge. In: **Quintessence**, pp.287-300. Cambridge: Belknap Press, 2004e.
- QUINE, W.O. Five milestones of empiricism. In: **Quintessence** pp. 301-307. Edited by: Roger F. Gibson Jr. Cambridge: Belknap Press, 2004f.
- QUINE, W.O. Mind and verbal dispositions. In: **Quintessence** pp. 313-325. Edited by: Roger F. Gibson Jr. Cambridge: Belknap Press, 2004g.
- QUINE, W.O. Sobre o que há. In: **De um ponto de vista lógico**, pp.11-36. Tradução de Antonio Ianni Segatto. São Paulo: Unesp, 2011.

REA, Michael C. Four-dimensionalism. In: **The oxford handbook of metaphysics**. Editado por: Michael J. Loux e Dean W. Zimmermann, pp.246-280. New York: Oxford University Press, 2003.

RHEES, Rush. **Wittgenstein's on certainty**: there – like our life. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

RYSIEW, Patrick. Naturalism in epistemology. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy** (spring 2017). Ed: Edward N. Zalta. URL: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2017/entries/epistemology-naturalized/>

SAITO, Aya; HAYASHI, Misato; TAKESHITA, Hideko; MATSUZAWA, Tetsuro. The Origin of Representational Drawing: A Comparison of Human Children and Chimpanzees. In: **Child Development**, xxxx 2014, Volume 00, Number 0, Pages 1–15.

SIDER, Theodore. Four dimensionalism. In: **Philosophical Review** 1997, nº106, páginas 197-231

SCHIFFER, Stephen. **Meaning**. Clarendon Press. Oxford: 1972.

SCHRÖDINGER, Erwin. **The Present Situation in Quantum Mechanics**: A Translation of Schrödinger's "Cat Paradox" Paper. Traduzido por: John D. Trimmer. Proceedings of the American Philosophical Society , Oct. 10, 1980, Vol. 124, No. 5, pp. 323-338.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance**: communication and cognition. Cambridge: Blackwell, 1996.

STROLL, A. **Moore and Wittgenstein on Certainty**. New York: Oxford University Press, 1994.

SNOWDON, Paul F. Wittgenstein and naturalism. In: **Wittgenstein and naturalism**, pp.15-32. Editado por: Kevin M. Cahill e Thomas Raleigh. New York: Routledge, 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **The blue and brown books**. New York: Harper Torchbooks, 1958. (BB).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Culture and value**. Editado por: G.H Von Wright. Traduzido por: Peter Winch. Chicago: The University of Chicago Press, 1980. (CVa)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Culture and value**: revised edition. Editado por: G.H Von Wright. Traduzido por: Peter Winch. Oxford: Blackwell Publishing, 1998. (CVb)

WITTGENSTEIN, Ludwig. O livro azul. Tradução de: Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2008. (LA).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Fichas (Zettel)**. Tradução de: Ana Berham da Costa. Lisboa: Edições 70, 1989. (Z)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de: Giovane Rodrigues e Tiago Trajan. São Paulo: Fósforo, 2022. (IF)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical investigations**. Tradução de: G.E.M Anscombe, P.M.S Hacker e Joaquim Schulte. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. (PI)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical investigations**. Tradução de: G.E.M Anscombe. Oxford: Basil-Blackwell, 1986. (PIb)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Sobre a certeza**. Tradução de: Giovane Rodrigues e Tiago Trajan. São Paulo: Fósforo, 2023. (DC)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da Certeza**. Tradução de: Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 2012. (DCb)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Gramática filosófica**. Tradução de: Luís Carlos Borges a partir da tradução inglesa. São Paulo: Loyola, 2003. (GF)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Observações filosóficas**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves a partir da tradução inglesa. São Paulo: Loyola, 2005. (OF)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Remarks on the foundations of mathematics**. Tradução do alemão para o inglês de: G.E.M Anscombe. Connecticut: Martino Publishing Mansfield Center, 2014. (RFM).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Remarks on the philosophy of psychology: part I**. Editado por: G.H von Wright e Heikki Nyman. Traduzido para inglês por: C. G. Luckhardt e M.A.E. QUE. Chicago: The university of chicago press, 1988. (RFP)